

“MAJESTOSO, ABSOLUTAMENTE IRRESISTÍVEL.”
The Independent



JOJO MOYES

Autora de
Como eu era antes de você

UMA MAIS UMA

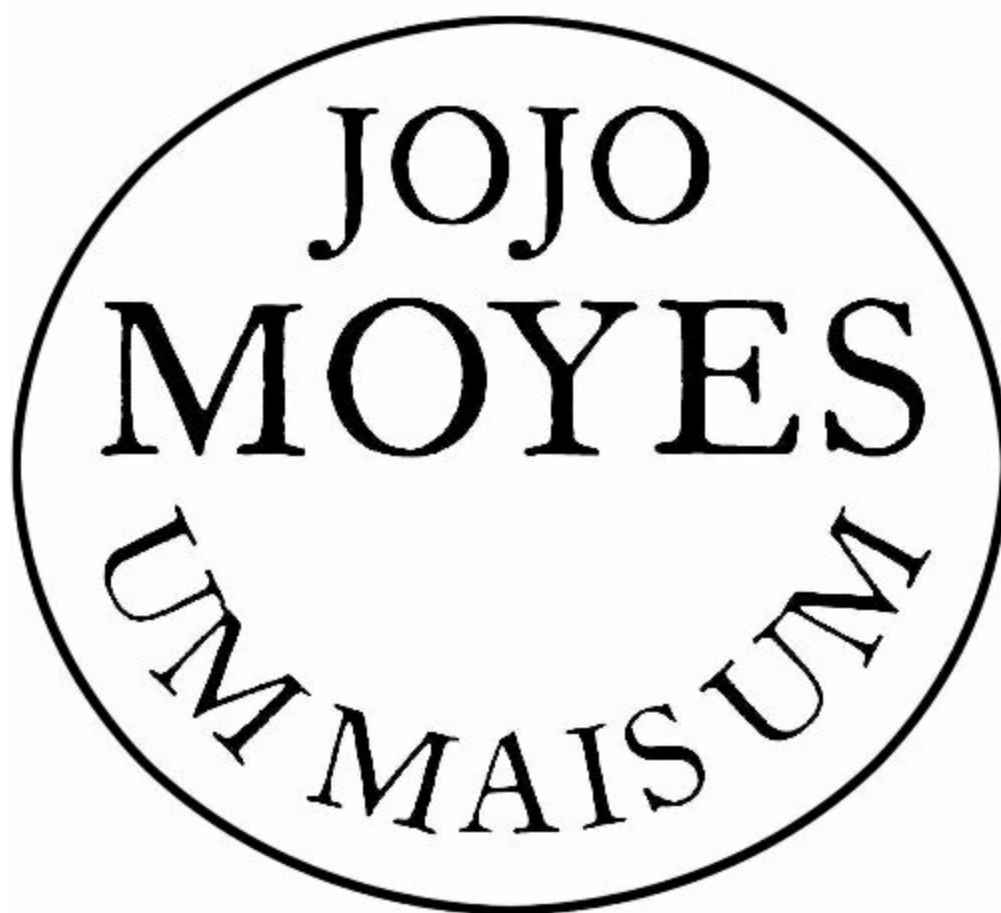




JOJO MOVES



UM
MAIS
UM



Tradução de Adalgisa Campos da Silva Copyright

© Jojo's Mojo Limited, 2014

TÍTULO ORIGINAL

The One Plus One

PREPARAÇÃO

Valéria Prest

REVISÃO

Milena Vargas Luiz Felipe Fonseca

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

© Rebecca Gibbon

ADAPTAÇÃO DE CAPA Julio Moreira

REVISÃO DE EPUB

Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-655-9

Edição digital: 2015

*Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA INTRÍNSECA
LTDA.*

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar 22451-041 – Gávea Rio de
Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Agradecimentos

Agradeço como sempre às minhas incríveis equipes da Penguin de ambos os lados do Atlântico. Na Penguin do Reino Unido, sou particularmente grata a Louise Moore, Clare Bowron, Francesca Russel e Elizabeth Smith, e também a Mari Evans e Viviane Basset.

Nos Estados Unidos, agradeço a Pamela Dorman, Kiki Koroshetz, Louise Braverman, Rebecca Lang, Annie Harris e Carolyn Coleburn. Sou grata também a todos os assistentes de mídia — Cindy Hamel Sellers, Carolyn Kretzer, Debb Flynn Hanrahan, Esther Levine, Larry Lewis e Mary Gielow —, que dedicaram um tempo considerável a mim em 2014. Na Alemanha, meus agradecimentos vão para Katharina Dornhofer, Marcus Gaertner e Grusche Junker e toda a equipe da Rowohlt, por seu trabalho maravilhoso.

Na Cutis Brown, agradeço, mais uma vez, à minha incansável agente Sheila Crowley e a Rebecca Ritchie, Katie McGowan, Sophie Harris, Rachel Clements e Alice Lutyens, assim como a Jessica Cooper, Kat Buckle, Sven van Damme e, é claro, a Jonny Geller.

Agradeço a Robin Oliver e a Jane Foran por conselhos sobre a legislação que trata de informações privilegiadas.

Como precisei distorcer ligeiramente o processo legal para adequá-lo à trama, quaisquer erros ou irregularidades são inteiramente meus.

De modo geral, agradeço a Pia Printz, Damian Barr, Alex Heminsley, Polly Samson, David Gilmour, Cathy Runciman, Jess Ruston e Emma Freud, bem como à turma na Writersblock, pelas excelentes pausas narrativas. E também pelo extraordinário nível da ajuda, dos conselhos e da amabilidade, Ol Parker e Jonathan Harvey: obrigada.

Mais perto de casa, meus agradecimentos a Jackie Tearne, Chris Luckley, Claire Roweth, Vanessa Hollis e Sue Donovan, sem as quais eu não teria sido capaz de escrever este livro.

Agradeço a Kieron e Sharon Smith e sua filha Tanzie, cujo nome dei à personagem principal deste livro por prezar seu generoso lance num leilão de caridade em benefício do Stepping Stones Down Syndrome Support Group.

E agradeço a meus pais, Jim Moyes, Lizzie e Brian Sanders — e, principalmente, a Charles, Saskia, Harry e Lockie, por serem o cerne de tudo.

Prólogo

ED

Ed Nicholls estava na sala de criação tomando café com Ronan quando Sidney entrou. Em pé atrás dele, havia um homem que Ed reconheceu vagamente, mais um dos Ternos.

— Estávamos à sua procura — disse Sidney.

— Bem, nos acharam — afirmou Ed.

— Não de Ronan, de você.

Ed observou-os por um instante, depois jogou uma bola vermelha de espuma no teto e pegou-a. Olhou de soslaio para Ronan. A Investacorp comprara metade das ações da empresa havia dezoito meses, mas Ed e Ronan ainda chamavam eles de os Ternos. Era um dos apelidos mais gentis que usavam para se referir a eles quando estavam sozinhos.

— Conhece uma mulher chamada Deanna Lewis?

— Por quê?

— Você deu a ela alguma informação sobre o lançamento do novo software?

— O quê?

— É uma pergunta simples.

Ed olhou de um Terno para outro. O clima estava estranhamente pesado. Seu estômago, que mais parecia um elevador lotado, iniciou uma descida lenta rumo a seus pés.

— Talvez a gente tenha conversado sobre trabalho. Que eu me lembre, nada específico.

— Deanna Lewis? — perguntou Ronan.

— Você precisa ser claro sobre isso, Ed. Deu a ela alguma informação sobre o lançamento do SFAX?

— Não. Talvez. O que está havendo?

— A polícia está lá embaixo revistando a sua sala, com dois caras da Autoridade de Serviços Financeiros. O irmão de Deanna foi preso por uso indevido de informações privilegiadas.

Com base na informação que você deu aos dois sobre o lançamento do software.

— Deanna Lewis? A *nossa* Deanna Lewis?

Ronan começou a limpar os óculos, algo que fazia quando estava ansioso.

— O fundo *hedge* do irmão dela ganhou dois milhões e seiscentos mil dólares no primeiro dia de negociação.

Deanna, sozinha, teve um lucro líquido de cento e noventa mil em sua conta pessoal.

— O fundo *hedge* do irmão dela?

— Não estou entendendo — disse Ronan.

— Vou explicar com todas as letras.

Existe a gravação de uma conversa de Deanna Lewis com o irmão sobre o lançamento do SFAX. Ela diz que o Ed aqui contou que ia ser grandioso. E adivinhe só? Dois dias depois, o fundo do irmão dela está entre os maiores compradores das ações. O que exatamente você disse a ela, Ed?

Ronan olhou para o amigo. Ed se esforçou para organizar seus pensamentos. O ruído que fez ao engolir foi vergonhosamente audível. Do outro lado da sala, a equipe de desenvolvimento espiava por cima das divisórias dos seus cubículos.

— Não contei nada. — Ele piscou. — Não sei. Pode ser que eu tenha dito alguma coisa. Isso não era segredo de Estado.

— *Era* segredo de Estado, porra, Ed — retrucou Sidney. — Isso se chama uso de informações privilegiadas. Ela contou ao irmão que você tinha lhe fornecido datas, horas. Você disse a Deanna que a empresa ganharia uma fortuna.

— Então ela está mentindo! Falando demais. Nós estávamos apenas... a fim um do outro.

— Você queria comer a garota e por isso deu com a língua nos dentes para impressioná-la?

— Não foi assim.

— Você transou com Deanna Lewis?

— perguntou Ronan, e Ed pôde sentir o olhar míope do amigo queimando-o até as entranhas.

Sidney ergueu as mãos.

— Você precisa ligar para o seu advogado.

— Como posso estar encrencado? — perguntou Ed. — Não me beneficiei em nada com isso. Nem sabia que o irmão dela tinha um fundo *hedge*.

Sidney olhou para além de Ed. Os rostos das outras pessoas de repente encontraram algo interessante para olhar em suas mesas. Ele baixou o tom de voz: — Você tem que ir agora. Querem interrogá-lo na delegacia.

— O quê? Isso é loucura. Tenho uma reunião de software em vinte minutos.

Não vou a delegacia alguma.

— E obviamente vamos afastá-lo até chegarmos à raiz disto.

Ed deu uma risadinha.

— Está de brincadeira? Você não pode me afastar. É a minha empresa. — Ele jogou a bola de espuma no ar e pegou-a, dando-lhes as costas. Ninguém se mexeu. — Não vou. Essa empresa é nossa. Diga a eles, Ronan.

Ele olhou para Ronan, mas este mantinha o olhar fixo no chão. Ed encarou Sidney, que balançava a cabeça.

Por fim, olhou para os dois homens uniformizados que haviam surgido atrás de Sidney, para sua secretária, que tapava a boca com a mão, para o caminho de carpete entre ele e a porta, e a bola de espuma caiu silenciosamente entre seus pés.

JESS

Jess Thomas e Nathalie Benson afundaram no assento da van delas, estacionada longe o bastante da casa de Nathalie para que não pudessem ser vistas lá de dentro. Nathalie estava fumando. Ela havia parado de fumar pela quarta vez seis semanas antes.

— Oitenta libras por semana, garantido. E férias remuneradas. — Nathalie deu um grito. — Caramba!

Quero muito encontrar a puta que deixou aquele brinco e dar uma surra nela por nos fazer perder nosso melhor trabalho.

— Vai ver ela não sabia que ele era casado.

— Ah, ela sabia. — Antes de conhecer Dean, Nathalie se relacionara por dois anos com um homem que tinha não apenas uma, mas duas famílias do outro lado de Southampton. — Nenhum homem solteiro tem almofadas decorativas de cores combinando na cama.

— Neil Brewster tem — disse Jess.

— A coleção de música de Neil Brewster é sessenta, setenta por cento Judy Garland, trinta por cento Pet Shop Boys.

Elas faziam faxina juntas todos os dias úteis havia quatro anos, desde a época em que o Parque de Veraneio Beachfront era parte paraíso, parte canteiro de obras. Desde que os empresários do ramo imobiliário prometeram às famílias locais acesso à piscina e garantiram a todos que um grande empreendimento voltado para a classe A geraria benefícios para aquela cidadezinha costeira em vez de sugar o que restava de sua vida. O nome desbotado, FAXINA BENSON & THOMAS, fora pintado com estêncil na lateral da van branca. Nathalie acrescentara embaixo:

“MEIO SUJO?

PODEMOS AJUDAR?”, até Jess salientar que, durante dois meses inteiros, metade das ligações que elas haviam recebido não tinha nada a ver com faxina.

Praticamente todos os trabalhos delas agora eram no empreendimento imobiliário Beachfront. Quase ninguém na cidade tinha dinheiro — ou disposição — para contratar uma faxineira, exceto os médicos, o advogado e

um ou outro cliente ocasional, como a Sra. Humphrey, cuja artrite a impedia de fazer ela mesma a limpeza. Por um lado, era um bom trabalho. Era possível ser autônoma, organizar o próprio horário e quase sempre escolher os clientes. A desvantagem, por incrível que parecesse, não eram os clientes nojentos (e sempre havia pelo menos um cliente nojento), nem o fato de que limpar a privada de alguém deixava a pessoa com a sensação de estar longe de onde planejava chegar. Jess não se incomodava em tirar chumaços de cabelo do ralo dos outros nem com o fato de que, em sua maioria, as pessoas que alugavam casas de veraneio pareciam se sentir na obrigação de passar uma semana vivendo como porcos.

O que a desagradava era acabar descobrindo muito mais do que queria sobre a vida alheia.

Jess poderia contar sobre o hábito de compras secreto da Sra. Eldridge: as notas fiscais de sapatos de grife com as quais ela enchia a lixeira do banheiro, e as sacolas com roupas que nunca haviam sido usadas, mantidas no guarda-roupa ainda com as etiquetas. Ela poderia contar que Lena Thompson vinha tentando engravidar havia quatro anos, e fazia dois testes de gravidez por mês (os boatos eram de que ela não tirava as calças). Poderia contar que o Sr. Mitchell, morador da mansão atrás da igreja, ganhava um salário de seis dígitos (ele deixava os contracheques na mesa do hall de entrada; Nathalie jurava que ele fazia isso de propósito) e que a filha dele fumava escondido no banheiro.

Se quisesse, Jess poderia nomear quais mulheres saíam com uma aparência imaculada — cabelo impecável, unhas feitas, levemente perfumadas com fragrâncias caras —, mas que não achavam nada demais deixar calcinhas sujas à vista no chão.

Ou quais adolescentes largavam toalhas duras que ela não se arriscaria a pegar sem uma pinça. Havia os casais que dormiam em camas separadas todas as noites, as esposas repetindo com animação que andam tendo uma “quantidade incrível de visitas ultimamente” ao lhe pedirem que trocassem a roupa de cama do quarto de hóspedes, além dos banheiros que requeriam uma máscara de gás e um alerta contra substâncias nocivas.

E, então, de vez em quando, arranjava-se uma boa cliente como Lisa Ritter e chegava-se para passar aspirador na casa dela e ia-se embora com um brinco de brilhante e uma carga completa de conhecimento que realmente não teria feito falta.

— Deve ser da minha filha, da última vez que ela veio aqui em casa —

disse Lisa Ritter, a voz tremendo ligeiramente com o esforço enquanto segurava o brinco. — Ela tem um par igualzinho a esse.

— É claro — concordou Jess. — Deve ter sido chutado para dentro do quarto da senhora. Ou carregado pelo sapato de alguém. A gente sabia que seria alguma coisa assim. Desculpe. Se soubesse que não era seu, nunca a teria incomodado com isso.

E percebeu naquele mesmo instante, quando a Sra. Ritter se afastou dela, que aquilo seria o fim. As pessoas não agradecem por lhes trazer más notícias.

No fim da rua, uma criancinha com roupas acolchoadas caiu suavemente no chão como uma árvore abatida e após um breve silêncio começou a chorar. A mãe, com ambos os braços carregados de sacolas de compras perfeitamente equilibradas, ficou parada, olhando muda e consternada.

— Olhe, você ouviu o que ela disse na semana passada: Lisa Ritter se livraria da própria cabeleireira antes de se livrar de nós.

Nathalie fez a expressão que queria dizer que Jess poderia ver o lado bom de um apocalipse nuclear.

— Antes de se livrar das “faxineiras”.

É diferente. Ela não vai ligar se somos nós ou o pessoal da Speedicleanz ou da Maids with Mops. — Nathalie balançou a cabeça. — Não. Para ela, de agora em diante, seremos sempre as faxineiras que sabem que o marido a trai. Isso importa para mulheres como Lisa Ritter. As aparências são tudo para elas, não são?

A mãe acomodou as sacolas no chão e parou para pegar a criança. Jess apoiou os pés descalços no painel e deixou o rosto pender nas mãos.

— Droga. Como vamos recuperar esse dinheiro, Nat?

— Aquela casa era impecável. Era basicamente um trabalho de polimento duas vezes por semana.

Nathalie olhou pela janela.

— E ela sempre pagava na hora.

Jess não parava de olhar para o brinco de brilhante. Por que elas não fingiram que não o tinham visto? Na verdade, teria sido melhor se uma delas simplesmente o tivesse roubado.

— Tudo bem, então, ela vai cancelar nosso serviço. Vamos mudar de assunto, Nat. Não posso me dar ao luxo de chorar antes do meu expediente no pub.

— E aí, Marty ligou essa semana?

— Eu não quero mudar para esse assunto.

— Bem, ele ligou?

Jess suspirou.

— Sim.

— Ele disse por que não ligou na semana passada?

Nathalie empurrou os pés de Jess para longe do painel.

— Não. — Jess conseguia sentir o olhar dela. — E não, ele não mandou dinheiro algum.

— Ah, espere *aí*. Você tem que botar a justiça atrás dele. Não pode continuar tocando as coisas assim. Ele tem que mandar dinheiro para os filhos.

Aquela era uma discussão antiga.

— Ele... ele ainda não está bem — disse Jess. — Não posso pressioná-lo mais. Marty continua desempregado.

— Bem, agora você vai precisar desse dinheiro. Até arranjarmos outro serviço como o de Lisa Ritter. Como vai Nicky?

— Fui à casa do Jason Fisher falar com a mãe dele.

— Está brincando. Aquela mulher me assusta. Ela disse que ia mandar ele deixar Nicky em paz?

— Algo assim.

Nathalie manteve os olhos fixos em Jess e baixou um pouco o queixo.

— Ela me disse que se eu pusesse os pés mais uma vez na casa dela, me daria uma surra daquelas. Em mim e nos meus... o que ela falou mesmo? ... em mim e nos meus “filhos anormais”. — Jess abaixou o espelho do carona e deu uma olhada no cabelo, puxando-o para trás num rabo de cavalo. — Ah, e depois me disse que o Jason querido dela não faria mal nem a uma mosca.

— Típico.

— Tudo bem. Eu estava com Norman.

E, bendito seja, ele fez um cocô enorme ao lado do Toyota deles, e, de alguma forma, me esqueci de que tinha uma sacola plástica no bolso.

Jess tornou a colocar os pés para cima.

Nathalie empurrou-os mais uma vez para baixo e limpou o painel com um pano úmido.

— Mas falando sério, Jess. Faz quanto tempo que Marty saiu de casa? Dois anos? Você é jovem. Não pode ficar esperando que ele dê um jeito na vida.

Tem que tomar as rédeas de novo — disse Nathalie, fazendo uma careta.

— Tomar as rédeas de novo. Legal.
— Liam Stubbs gosta de você. Poderia muito bem tomar as rédeas dele.
— Qualquer par comprovado de cromossomos X poderia tomar as rédeas de Liam Stubbs.

Jess fechou o vidro.

— Estou melhor lendo um livro. Além do mais, acho que as crianças já tiveram muita perturbação na vida sem brincar de “vou apresentar um novo tio”. Certo?

— Ela ergueu os olhos e torceu o nariz para o céu. — Tenho que preparar o chá e depois preciso me arrumar para o pub.

Vou dar uns telefonemas antes de ir, ver se algum cliente quer um trabalho extra.

E, nunca se sabe, ela pode não cancelar nosso serviço.

Nathalie baixou o vidro e soltou uma longa baforada de fumaça.

— Com certeza, Dorothy. E nosso próximo trabalho será fazer faxina na Cidade Esmeralda no fim da Estrada de Tijolos Amarelos.

O número quatorze da Seacole Avenue estava tomado pelo barulho de explosões.

Tanzie calculara recentemente que, desde que Nicky completara dezesseis anos, ele passara oitenta e oito por cento de seu tempo livre no quarto. Mas Jess não podia culpá-lo.

Ela largou a caixa com o material de faxina no hall, pendurou a jaqueta, subiu a escada sentindo o leve desalento habitual com o estado surrado do carpete, e empurrou a porta do quarto do menino. Ele estava usando fones de ouvido e atirando em alguém. O cheiro de maconha era forte, o suficiente para deixá-la tonta.

— Nicky — disse ela, e alguém explodiu com uma saraivada de balas.

— Nicky. — Jess foi até ele, puxou-lhe os fones de ouvido e o garoto se virou com uma expressão confusa, como a de uma pessoa que é acordada de repente.

— Dando duro, não é?

— Intervalo no estudo.

Ela pegou um cinzeiro e estendeu-o para ele.

— Pensei que já tivesse lhe pedido.

— É da noite passada. Não consegui dormir.

— Dentro de casa não, Nicky.

De nada adiantava proibir completamente. Todos eles faziam aquilo na região. Jess dizia a si mesma que tinha sorte por ele só ter começado aos quinze anos.

— Tanzie já voltou?

Ela parou para catar meias e canecas jogadas no chão.

— Não. Ah, ligaram da escola depois do almoço.

— Para quê?

Nicky digitou alguma coisa no computador e depois se virou de frente para ela.

— Não sei. Alguma coisa sobre a escola.

Ela levantou uma mecha daquele cabelo preto tingido, e lá estava: uma nova marca na maçã do rosto. Nicky se esquivou.

— Você está bem?

Ele deu de ombros e desviou os olhos dela.

— Vieram de novo atrás de você?

— Estou bem.

— Por que não me ligou?

— Meu celular está sem crédito.

O menino se recostou e disparou uma granada virtual. A tela explodiu numa bola de fogo. Ele recolocou os fones de ouvido e voltou-se para a tela.

Nicky fora morar em tempo integral com Jess havia oito anos. Era filho de Marty com Della, uma mulher com quem seu ex-marido teve um breve relacionamento na adolescência. O garoto chegara calado e desconfiado, pernas e braços finos e compridos, um apetite voraz. Sua mãe começara a andar com uma nova turma até por fim desaparecer em algum lugar na região de Midlands com um homem chamado Big Al, que nunca olhava ninguém nos olhos e segurava uma indefectível lata de cerveja Tennent's Extra no punho avantajado.

Nicky fora encontrado dormindo no vestiário da escola, e quando as assistentes sociais voltaram a ligar, Jess disse que o menino podia ir morar com eles.

— É justamente do que você precisa — observou Nathalie. — Mais uma

boca para alimentar.

— Ele é meu enteado.

— Você o viu duas vezes em quatro anos. E você ainda nem tem vinte.

— Bem, as famílias são assim hoje em dia.

Ela às vezes se perguntava se aquilo fora a gota d'água. O motivo que fizera Marty abdicar completamente da responsabilidade em relação à família.

Mas Nicky era um bom garoto por baixo de todo aquele cabelo preto brilhoso e do delineador. Era amável com Tanzie, e nos dias bons falava, ria e permitia a Jess um ou outro abraço sem jeito, e ela estava satisfeita com ele, mesmo que às vezes parecesse que, basicamente, tinha arranjado mais uma pessoa para deixá-

la ansiosa.

Ela saiu para o jardim com o telefone e respirou fundo.

— Hum, alô? Aqui é Jessica Thomas.

Recebi o recado para retornar a ligação.

— Uma pausa. — Tanzie está...? Está...
está tudo bem?

— Está tudo bem. Desculpe. Eu devia ter dito. Sou o Sr. Tsvangarai, professor de matemática da Tanzie.

— Ah.

Ela o visualizou: um homem alto de terno cinza. Cara de diretor de funeral.

— Eu queria falar com a senhora porque algumas semanas atrás tive uma conversa muito interessante com um antigo colega que trabalha na St. Anne's.

— Na St. Anne's? — Jess franziu o cenho. — Aquela escola particular?

— É. Eles têm um programa para crianças superdotadas em matemática.

E, como a senhora sabe, já tínhamos identificado Tanzie como dotada e talentosa.

— Porque ela é boa em matemática.

— Mais do que boa. Bem, na semana passada lhe passamos a prova de qualificação. Não sei se ela mencionou isso. Mandeí uma carta para sua casa, mas não sei se a senhora a viu.

Jess apertou os olhos para uma gaivota no céu. Alguns jardins adiante, Terry Blackstone começara a cantar acompanhando o rádio. Ele era conhecido por imitar o Rod Stewart se achasse que não havia ninguém

olhando.

— Recebemos os resultados hoje de manhã. E ela se saiu bem. Muitíssimo bem. Sra. Thomas, se estiver de acordo, eles gostariam de entrevistar sua filha para uma vaga subsidiada.

Ela se viu arremedando-o.

— Uma vaga subsidiada?

— Para certas crianças de habilidade excepcional, a St. Anne's abre mão de uma parte significativa dos pagamentos escolares. Isso quer dizer que Tanzie receberia uma educação de alto nível.

Ela tem um talento para números extraordinário, Sra. Thomas. Realmente acho que essa poderia ser uma grande oportunidade para a sua filha.

— A St. Anne's? Mas... ela teria que atravessar a cidade de ônibus.

Precisaria dos uniformes e de todo o material. Ela... ela não conheceria ninguém.

— Ela faria amizades. Mas esses são apenas detalhes, Sra. Thomas. Vamos esperar e ver o que a escola oferece.

Tanzie é uma menina talentosa. — Ele fez uma pausa. Como ela não disse nada, ele baixou a voz: — Ensino matemática há quase vinte e dois anos, Sra. Thomas.

E nunca conheci uma criança que entendesse conceitos matemáticos tão bem quanto ela. Na verdade, acho que Tanzie está passando do ponto em que eu teria algo a lhe ensinar. Algoritmos, talvez, números primos...

— Tudo bem. É aí que o senhor me deixa confusa, Sr. Tsvangarai.

Ele riu.

— Vou manter contato.

Ela desligou o telefone e sentou-se pesadamente na cadeira de jardim de plástico branca, na qual crescera uma fina pátina de musgo cor de esmeralda.

Fitou o nada. Pela janela viu as cortinas que Marty sempre considerara muito claras, o triciclo vermelho de plástico do qual nunca conseguira se livrar, as guimbas de cigarro da porta ao lado salpicadas como confete na entrada da casa, as tábuas podres da cerca por entre as quais o cachorro insistia em enfiar a cabeça. E apesar do que Nathalie classificava como seu otimismo francamente desorientado, Jess percebeu que seus olhos tinham ficado inesperadamente cheios d'água.

Havia um monte de coisas horríveis associadas ao fato de o pai dos seus filhos ter ido embora: os problemas financeiros, a raiva reprimida em nome

das crianças, o modo como a maioria de suas amigas casadas agora a tratava como se ela fosse uma espécie de ladra de maridos em potencial. Pior do que isso, porém, pior do que a luta interminável e exaustiva que minava as finanças e as energias, era que ser chefe de família sozinha quando se estava totalmente despreparada para isso era, de fato, a posição mais solitária da terra.

TANZIE

Havia vinte e seis carros no estacionamento da St. Anne's. Duas fileiras de treze reluzentes quatro por quatro um na frente do outro, entrando nas vagas e saindo delas em um ângulo médio de quarenta e um graus antes que o próximo da fila avançasse.

Tanzie os observava enquanto atravessava a rua com a mãe, vindas do ponto de ônibus, os motoristas falando ilegalmente nos telefones ou

conversando com os bebês louros de olhos esbugalhados nos bancos traseiros. A mãe ergueu o queixo e balançou as chaves de casa na mão livre, como se na verdade fossem as chaves de seu carro e ela e Tanzie tivessem acabado de estacionar ali perto. A mãe ficava olhando para trás.

Tanzie achou que ela estava com medo de esbarrar em uma de suas clientes da faxina, que lhe perguntaria o que ela estava fazendo naquele lugar.

Tanzie nunca entrara na St. Anne's, embora tivesse passado por ali de ônibus pelo menos umas dez vezes, porque o dentista do Serviço Nacional de Saúde ficava naquela rua. Do lado de fora, havia apenas uma sebe interminável podada exatamente a noventa graus (ela se perguntou se o jardineiro usava um transferidor) e árvores grandes com galhos baixos propagando-se pelos pátios de recreação como se estivessem ali para abrigar as crianças.

As crianças da St. Anne's não batiam com as bolsas nas cabeças umas das outras nem imprensavam colegas na parede para roubar o dinheiro do almoço. Não havia professores com vozes cansadas conduzindo adolescentes para as salas de aula. As meninas não enrolavam seis vezes o cóis das saias.

Não havia uma única pessoa sequer fumando. A mãe apertou de leve sua mão. Tanzie desejou que ela não parecesse tão nervosa.

— É legal, não é, mamãe?

Jess assentiu.

— É. — A palavra saiu como um guincho.

— O Sr. Tsvangarai me contou que todos os alunos dos dois últimos anos do ensino médio da St. Anne's que fizeram matemática tiraram A ou A mais. Isso é bom, não é?

— Incrível.

Tanzie puxou um pouco a mão da mãe para que pudessem chegar mais depressa ao gabinete do diretor.

— Você acha que Norman vai sentir minha falta nos dias prolongados?

— Dias prolongados?

— As aulas na St. Anne's só terminam às seis. E tem clube de matemática às terças e quintas. Eu definitivamente vou querer participar.

A mãe olhou para ela. Parecia muito cansada. Vivia cansada ultimamente.

Deu um daqueles sorrisos amarelos que de sorriso não tinha nada, e elas entraram.

— Olá, Sra. Thomas. Olá, Costanza. É

muito bom conhecê-las. Sentem-se.

A sala do diretor tinha um pé-direito alto com florões de gesso branco a cada vinte centímetros, intercalados com botõezinhos de rosa exatamente no meio.

Era abarrotada de móveis velhos e, através de uma grande janela na sacada, via-se um homem montado num cortador de grama indo para cima e para baixo num campo de *cricket*. Numa mesinha, fora colocada uma bandeja com café e biscoitos. Dava para notar que eram caseiros. A mãe fazia uns do mesmo tipo antes de o pai ter saído de casa.

Tanzie sentou-se na beira do sofá e olhou para os dois homens à sua frente.

O de bigode sorria como uma enfermeira antes de lhe aplicar uma injeção. A mãe acomodara a bolsa no colo, e Tanzie conseguiu vê-la esconder com a mão o canto que Norman havia roído. Suas pernas tremiam.

— Este é o Sr. Cruikshank. Ele é o coordenador de matemática. Sou o Sr. Daly. Faz dois anos que sou diretor desta escola.

Tanzie ergueu os olhos do biscoito.

— Vocês ensinam cordas?

— Ensinamos — respondeu o Sr. Cruikshank.

— E probabilidade?

— Isso também.

O Sr. Cruikshank inclinou-se à frente.

— Vimos os resultados do seu teste e achamos, Costanza, que você deveria prestar o exame para obter o Certificado Geral de Educação Secundária de matemática no ano que vem e terminar isso logo. Porque acho que você iria gostar bastante das questões do Nível A.

Tanzie olhou para ele.

— O senhor tem provas de verdade?

— Tenho algumas na outra sala.

Gostaria de vê-las?

Ela não conseguia acreditar que ele estava mesmo oferecendo. Pensou por um instante em dizer “Bem, dâ”, como Nicky. Mas limitou-se a concordar com a cabeça.

Sr. Daly serviu um café a Jess.

— Não vou fazer rodeios, Sra. Thomas. Sabe muito bem que sua filha tem uma habilidade excepcional. Só vimos notas iguais às dela uma vez e eram de um aluno que acabou se tornando professor titular da Trinity College.

Ele falou tanto que Tanzie se distraiu um pouco.

— ...para um grupo muito seletivo de alunos que têm uma habilidade excepcional visível, criamos uma nova bolsa de estudos de acesso igualitário.

— *Blá-blá-blá*. — Isso ofereceria a uma criança, que, de outra maneira, não poderia desfrutar das vantagens de uma escola como esta, a oportunidade de realizar o seu potencial em... — *Blá-*

blá-blá... — Embora estejamos muito interessados em ver até que ponto Costanza poderia avançar no campo da matemática, também queremos garantir que ela seja bem preparada em outras áreas da sua vida acadêmica. Temos um currículo esportivo e musical completo.

— *Blá-blá-blá*... — Crianças com um conhecimento básico de aritmética também são, muitas vezes, competentes em línguas... — *Blá-blá-blá* — ... e teatro, o que costuma ser muito popular entre garotas da idade dela.

— Só gosto mesmo de matemática — disse a menina. — E de cachorro.

— Bem, não temos nada relacionado a cachorros, mas certamente lhe ofereceríamos muitas oportunidades de se aprofundar na matemática. Mas acho que pode se surpreender com a quantidade de outras coisas de que gosta. Toca algum instrumento?

Ela negou com a cabeça.

— Fala algum idioma?

A sala ficou meio silenciosa.

— Tem outros interesses?

— Vamos nadar às sextas-feiras — disse a mãe.

— Desde que o papai saiu de casa a gente não foi mais.

A mãe sorriu, mas o sorriso saiu meio torto.

— Fomos, sim, Tanzie.

— Uma vez. Em treze de maio. Mas agora você trabalha às sextas-feiras.

O Sr. Cruikshank saiu da sala e voltou logo depois com as provas. Tanzie enfiou o último biscoito na boca, depois se levantou e foi se sentar ao seu lado.

Ele tinha uma pilha de provas. Coisas que ela ainda nem tinha aprendido!

Tanzie começou a dar uma olhada nas páginas com ele, mostrando-lhe o que conhecia e o que não conhecia e, ao fundo, ouvia as vozes em surdina da mãe e do diretor.

Parecia que estava correndo tudo bem, e Tanzie concentrou a atenção no que estava na página.

— Sim — dizia o Sr. Cruikshank calmamente, apontando para a página —, mas o curioso sobre os processos de renovação é que, se aguardarmos determinado tempo e depois observarmos quão grande é o intervalo de renovação que contém um processo, devemos esperar que ele seja normalmente maior do que um intervalo de renovação de tamanho médio.

Ela sabia disso!

— Então, os macacos levariam mais tempo para digitar Macbeth?

— Isso mesmo. — Ele sorriu. — Eu não tinha certeza se você já tinha estudado alguma teoria da renovação.

— Na verdade, não estudei. Mas o Sr. Tsvangarai me falou sobre isso uma vez e eu pesquisei na internet. Gostei de toda a parte do macaco.

Ela folheou as provas. Os números cantavam para ela. Sentia o cérebro zumbir e sabia que tinha que ir para aquela escola.

— Mamãe — disse Tanzie.

Normalmente ela não interrompia, porém estava muito empolgada e esqueceu os bons modos. — Acha que poderíamos conseguir alguns destes problemas?

O Sr. Daly olhou para elas. Parecia não ter se incomodado com a falta de modos.

— Sr. Cruikshank, temos algumas cópias?

— Pode ficar com estas.

Ele as entregou! Simples assim! Um sinal tocou lá fora, e ela ouviu as crianças passando pela janela do gabinete, os sapatos rangendo no cascalho.

— Então... o que acontece em seguida? — perguntou a mãe.

— Bem, gostaríamos de oferecer a Costanza... Tanzie... uma bolsa de estudos.

O Sr. Daly ergueu uma pasta brilhosa da mesa.

— Aqui estão nossos prospectos e a documentação relevante. A bolsa cobre noventa por cento dos custos escolares.

É a bolsa mais generosa que esta escola já ofereceu. Em geral, cinquenta por cento é o nosso máximo, dada a extensa lista de espera de alunos que desejam vir para cá.

Ele estendeu a bandeja para Tanzie.

De alguma forma, ela havia sido reabastecida com mais biscoitos.

Aquela realmente era a melhor escola de todos os tempos.

— Noventa por cento — disse a mãe.

Ela colocou o biscoito de volta no pires.

— Estou ciente, sim, de que ainda há um

compromisso financeiro considerável envolvido. E também haveria custos com uniforme e transporte, além de quaisquer extras que ela possa querer, como música ou viagens escolares. Mas eu gostaria de ressaltar que esta é uma oportunidade incrível. — Ele se inclinou para a frente. — Adoraríamos tê-la aqui, Tanzie. Seu professor de matemática diz que é uma alegria trabalhar com você.

— Gosto da escola — disse ela, pegando outro biscoito. — Sei que muitos dos meus amigos acham a escola chata. Mas prefiro a escola à minha casa.

Todos riram sem jeito.

— Não por sua causa, mamãe — ressaltou ela, e se serviu de outro biscoito. — Mas minha mãe tem que trabalhar muito.

Eles ficaram calados.

— Todos temos, hoje em dia — disse o Sr. Cruikshank.

— Bem — começou o Sr. Daly —, vocês têm muita coisa sobre o que pensar. E tenho certeza de que têm outras perguntas para nos fazer. Mas por que não terminam o café, e depois eu peço para um dos nossos alunos as levarem para conhecer o resto da escola? Aí poderão discutir isso entre vocês.

Tanzie estava no jardim jogando uma bola para Norman. Acreditava que um dia ele a pegaria e a traria de volta. Lera em algum lugar que a repetição aumentava em quatro vezes a probabilidade de um animal aprender a fazer alguma coisa. Mas não tinha certeza se Norman sabia contar.

Eles tinham pegado o cachorro no abrigo de animais depois que o pai saiu de casa e a mãe passou onze noites seguidas em claro receando que a família fosse assassinada enquanto dormia assim que todos soubessem que o pai havia ido embora. Brilhante com crianças, um cão de guarda fantástico, foram as garantias do centro de resgate.

A mãe ficava dizendo: — Mas ele é muito grande.

— Um elemento de dissuasão ainda maior — disseram, com sorrisos alegres. — E já mencionamos que ele é brilhante com crianças?

Dois anos depois, a mãe dizia que Norman era basicamente uma máquina enorme de comer e fazer cocô. Ele babava nas almofadas e uivava dormindo, andava vagarosamente pela casa soltando pelo e deixando cheiros horríveis. A mãe disse que o centro de resgate tinha razão: ninguém entraria na casa por medo de morrer asfixiado com os gases de Norman.

Ela desistira de tentar proibi-lo de entrar no quarto de Tanzie. Quando a menina acordava de manhã, ele sempre estava estendido quase que em toda a cama, pernas peludas atravessadas no lençol, deixando-a tiritando embaixo de um cantinho do edredom. A mãe costumava reclamar de pelos e higiene, mas Tanzie não se importava.

Eles trouxeram Nicky quando ela estava com dois anos. Uma noite, Tanzie foi se deitar e, quando acordou, o garoto estava no quarto de hóspedes, e a mãe limitou-se a dizer que ele ficaria ali e que era seu irmão. Tanzie uma vez lhe perguntou que material genético ele achava que compartilhava com ela, e Nicky respondeu: “O bizarro gene do fracasso.” Ela achou que ele podia estar brincando, mas não sabia o suficiente de genética para verificar.

Tanzie estava lavando as mãos na torneira do lado de fora quando os ouviu conversando. A janela de Nicky estava aberta e dava para escutá-los do jardim.

— Você pagou aquela conta de água?

— perguntou Nicky.

— Não, não tive tempo de ir ao correio.

— Ali diz que é o aviso final.

— Eu sei que é o aviso final.

A mãe estava irritada como sempre ficava ao falar de dinheiro. Houve uma pausa. Norman pegou a bola e deixou-a cair ao lado dos pés dela. A bola ficou ali, viscosa e nojenta.

— Desculpe, Nicky. Eu... só preciso tirar essa conversa da cabeça. Vou resolver isso amanhã de manhã.

Prometo. Quer falar com o seu pai?

Tanzie sabia qual seria a resposta.

Nicky nunca mais quis falar com o pai.

— Oi.

Tanzie se posicionou bem embaixo da janela e ficou parada. Dava para ouvir a voz do pai no Skype, tensa.

— Está tudo bem?

Ela se perguntou se ele achava que tinha acontecido alguma coisa ruim.

Talvez, se imaginasse que Tanzie tinha leucemia, poderia voltar. Certa vez, ela vira na televisão um filme em que os pais da menina se divorciaram, mas depois reataram porque a filha teve leucemia. Tanzie, na verdade, não queria ter leucemia porque agulhas a faziam desmaiar e ela tinha um cabelo muito bonito.

— Tudo bem — respondeu a mãe.

Ela não lhe contou sobre a surra que Nicky levou.

— O que houve?

Uma pausa.

— A sua mãe deu uma repaginada na casa? — perguntou Jess.

— O quê?

— Papel de parede novo.

— Ah, isso.

A casa da avó tinha um papel de parede novo? Tanzie se sentiu estranha.

O pai e a avó moravam numa casa que ela talvez não reconhecesse mais. Fazia trezentos e quarenta e oito dias que não via o pai. Fazia quatrocentos e trinta e três dias que não via a avó.

— Preciso falar com você sobre a educação da Tanzie.

— Por quê? O que ela fez?

— Nada nesse sentido, Marty.

Ofereceram a ela uma bolsa de estudos na St. Anne's.

— Na St. Anne's?

— Aham que ela é excepcional em matemática.

— St. Anne's — disse isso como se não conseguisse acreditar. — Quer dizer, eu sabia que ela era brilhante, mas...

Ele parecia muito satisfeito. Tanzie se encostou na parede e ficou na ponta dos pés para ouvir melhor. Talvez ele voltasse se ela fosse para a St. Anne's.

— Nossa menininha na escola grã-

fina, hein? — Sua voz se encheu de orgulho. Tanzie já podia imaginá-lo planejando o que iria contar aos amigos no pub. Só que ele não podia ir ao pub.

Porque sempre dizia à mamãe que não tinha dinheiro para se divertir. — Então, qual é o problema?

— Bem... é uma bolsa de estudos considerável. Mas não cobre tudo.

— Isso significa o quê?

— Significa que ainda temos que conseguir quinhentas libras por semestre. E o uniforme. E a taxa de matrícula de quinhentas libras.

O silêncio se prolongou tanto que Tanzie se perguntou se o computador havia parado de funcionar.

— Disseram que, depois de um ano lá, podemos nos candidatar à isenção. A uma bolsa ou a alguma coisa que, se a pessoa merecer, pode ser ampliada.

Mas, basicamente, precisamos arranjar quase duas mil libras para que ela possa cursar o primeiro ano.

E aí, o pai riu. Riu para valer.

— Você está brincando, certo?

— Não, não estou brincando.

— Como vou arranjar duas mil libras, Jess?

— Só achei que eu...

— Nem tenho um emprego decente ainda. Não aparece nada por aqui.

Estou... estou começando a me acertar.

Sinto muito, querida, mas não tem jeito.

— Será que a sua mãe não pode ajudar? Talvez ela tenha algum dinheiro guardado. Posso falar com ela?

— Não. Ela... não está. E não quero você perturbando minha mãe por causa de dinheiro. Ela já tem bastante coisa com o que se preocupar.

— Não vou perturbá-la por causa de dinheiro, Marty. Achei que talvez

ela quisesse ajudar os únicos netos.

— Eles não são mais os únicos netos dela. Elena teve um menino.

Tanzie ficou totalmente imóvel.

— Eu nem sabia que Elena estava grávida.

— É, eu pretendia contar a você.

Tanzie tinha um priminho. E nem sabia.

Norman deixou-se cair a seus pés.

Olhou para ela com seus grandes olhos castanhos, depois rolou devagarinho com um gemido, como se deitar no chão fosse realmente muito difícil.

— Bem... e se vendermos o Rolls-Royce?

— Não posso vender o Rolls. Vou recomendar o negócio de casamentos.

— Ele está enferrujando na garagem há mais de dois anos.

— Eu sei. Vou aí buscá-lo. É que não tenho lugar para guardá-lo com segurança aqui.

As vozes agora tinham aquela aspereza. As conversas dos dois costumavam terminar desse jeito. Ela ouviu a mãe respirar fundo.

— Você pode, pelo menos, pensar a respeito, Marty? Tanzie quer muito ir para essa escola. Quer muito, muito ir.

Quando o professor de matemática falou com a nossa filha, o rosto dela se iluminou de uma forma que eu não via desde...

— Desde que eu saí de casa.

— Não quis dizer isso.

— Então, é tudo culpa minha.

— Não, não é tudo culpa sua, Marty.

Mas não vou ficar aqui sentada e fingir que a sua saída foi a coisa mais divertida do mundo para eles. Tanzie não entende por que você não faz uma visita para ela. Não entende por que quase não vê mais o pai.

— Não posso arcar com as passagens, Jess. Você sabe disso. Não adianta ficar me criticando. Ando doente.

— Eu sei que você anda doente.

— Ela pode vir me ver a qualquer hora. Eu já lhe disse isso. Mande os dois nas férias do fim do período.

— Não posso. Eles são muito jovens para fazer essa viagem sozinhos. E não tenho como arcar com passagens para todos nós.

— E acho que isso também é culpa minha.

— Ah, pelo amor de Deus.

Tanzie cravou as unhas nas partes macias das mãos. Norman continuava olhando para ela, aguardando.

— Não estou a fim de discutir com você, Marty — continuou Jess, com a voz baixa e cautelosa, feito a de um professor que está tentando explicar algo que você já deveria saber. — Só quero que pense se existe algum modo de você contribuir com isso. Mudaria a vida da Tanzie. Significaria que ela nunca teria que batalhar do jeito que...

nós batalhamos.

— Você não pode afirmar isso.

— Como assim?

— Você não assiste ao noticiário, Jess? Todas as pessoas formadas estão desempregadas. Não importa a educação que se tenha. Ela ainda terá que dar duro. — Ele fez uma pausa. — Não.

Não adianta nos endividarmos mais só por isso. É claro que essas escolas vão lhe dizer que é tudo especial, que ela é especial, e que terá oportunidades incríveis na vida se estudar lá *etc.* É o que esses lugares fazem.

A mãe não disse nada.

— Não, se ela for inteligente como dizem que é, vai trilhar o próprio caminho. Terá que ir para a McArthur como todo mundo.

— Como os pequenos filhos da mãe que passam o tempo todo planejando como quebrar a cara do Nicky. E as garotas que usam quilos de maquiagem e não fazem educação física quando quebram uma unha. Ela não vai se adaptar lá, Marty. Simplesmente não vai.

— Agora você está falando como uma esnobe.

— Não, estou falando como alguém que aceita que a filha é um pouquinho diferente. E talvez precise de uma escola que invista nessa qualidade.

— Não posso fazer isso, Jess. Sinto muito. — Agora ele parecia distraído, como se tivesse ouvido algo a distância.

— Olhe, tenho que ir. Mande Tanzie me ligar pelo Skype no domingo.

Houve um longo silêncio.

Tanzie contou até quatorze.

Ouviu a porta se abrir e a voz de Nicky: — A conversa correu bem, então.

Tanzie se debruçou e finalmente esfregou a barriga de Norman. Fechou os olhos para não ver a lágrima que caiu no cachorro.

— Compramos algum bilhete de loteria nos últimos tempos?

— Não.

Aquele silêncio durou nove segundos.

Depois a voz da mãe ecoou no ar parado: — Bem, acho que talvez seja melhor começar.

3

ED

Deanna Lewis. Talvez não fosse a garota mais bonita, mas definitivamente foi a que conquistou a maior nota no sistema de pontos instituído por Ed e Ronan para avaliar, em todo o campus, as “Garotas com quem você daria uma sem ter que beber antes uma quarta cerveja”. Como se ela fosse olhar para algum dos dois.

Deanna praticamente não notou a existência de Ed durante os três anos de faculdade, à exceção daquela vez em que chovia e ela estava no ponto de ônibus, portanto lhe pediu uma carona no Mini dele até o alojamento dos estudantes. A língua de Ed ficou tão presa enquanto Deanna estava no banco do carona que ele mal conseguiu dizer uma palavra, a não ser um “sem problema” engasgado quando a deixou em seu destino. E aquelas duas palavras, de alguma forma, conseguiram cobrir três oitavas. Ela se abaixou para tirar o saco de batata frita vazio da sola da bota, jogando-o delicadamente de volta no chão do carro antes de fechar a porta.

Se Ed estava apaixonado, Ronan estava mais ainda. Seu amor o oprimia como um halter de desenho animado. Ele escrevia poesia, mandava flores anônimas no Dia dos Namorados, sorria para ela na fila do jantar e tentava não ficar com uma expressão arrasada quando Deanna não notava. E depois que eles se formaram, montaram a própria empresa e desviaram o foco das mulheres para o software — até o software virar a coisa em que eles de fato preferiam pensar —, Deanna Lewis se transformou suavemente numa reminiscência da faculdade. “Ah...

Deanna Lewis”, diziam um para o outro, os olhos distantes, como se pudessem vê-la flutuando em câmera lenta acima da cabeça dos outros clientes no pub.

E então, há três meses, uns seis meses depois de Lara o deixar, levando com ela o apartamento em Roma, metade do conteúdo da sua carteira de ações e o que restava do apetite de Ed para relacionamentos, Deanna Lewis ficou sua amiga no Facebook. Ela havia morado em Nova York por dois anos, mas estava voltando e queria retomar o contato com alguns dos velhos amigos da faculdade. Será que ele se lembrava de Reena? E de Sam? Será que estava a fim de sair para beber alguma coisa?

Em seguida, ele ficou envergonhado de não ter contado a Ronan. O amigo estava ocupado com o upgrade do novo software, disse a si mesmo. Levava anos para tirar Deanna da cabeça. Estava dando os primeiros passos para sair com aquela garota daquele lugar que servia sopa para os pobres. Mas a verdade era que Ed não saía com ninguém havia uma eternidade, e uma parte dele queria que Deanna Lewis visse o que ele se tornara após a venda da empresa um ano antes.

Porque o dinheiro, no fim das contas, comprara alguém para cuidar de suas roupas, sua pele, seu cabelo, seu corpo.

E Ed Nicholls já não parecia o bocó de língua presa no Mini. Não tinha nenhum sinal exterior de riqueza, mas sabia que, aos trinta e três anos, carregava-a como uma fragrância invisível que o envolvia.

Eles se encontraram num bar no Soho.

Ela se desculpou por Reena ter lhes dado o bolo no último minuto. Tinha um bebê. Deanna disse isso erguendo uma sobrancelha ao fazer uma leve expressão de zombaria. Sam, ele se deu conta muito tempo depois, nunca apareceu. Ela não perguntou sobre Ronan.

Ele não conseguia parar de olhar para ela. Estava igualzinha, porém melhor.

Tinha um cabelo escuro que balançava nos ombros como em um anúncio de xampu. Estava mais simpática do que ele se lembrava, mais humana. Talvez até as garotas populares voltassem um pouco a ter os pés no chão quando saíam dos limites da faculdade. Ela riu de todas as piadas dele. Ed conseguiu perceber a surpresa de Deanna ao ver que ele não era a pessoa de quem ela se recordava. E isso o fez sentir-se bem.

Eles se separaram umas duas horas mais tarde. Ed não esperava vê-la de novo, mas ela ligou dois dias depois.

Dessa vez, foram a uma boate. Ele dançou com Deanna, e, quando ela ergueu as mãos acima da cabeça, Ed teve que se concentrar muito para não imaginá-la presa a uma cama. Ela havia terminado recentemente um

relacionamento, explicou por volta do terceiro ou quarto drinque. O rompimento fora horrível. Ela não tinha certeza se queria se envolver em nada sério. Ed respondia adequadamente à situação. Contou-lhe sobre Lara, sua ex-mulher, e sobre como ela lhe dissera que ele sempre amaria o trabalho mais do que tudo e que precisava deixá-lo para preservar sua sanidade.

— Meio melodramático — comentou Deanna.

— Ela é italiana. E atriz. Tudo com ela é melodramático.

— Era — Deanna o corrigiu.

Manteve os olhos nos dele ao dizer isso. Observava sua boca enquanto ele falava, e isso, estranhamente, o distraía.

Ele lhe contou sobre a empresa: as primeiras versões experimentais que ele e Ronan haviam criado em seu quarto, as pequenas falhas do programa, as reuniões com um magnata da mídia que os levara ao Texas em seu jato particular e os xingara quando eles recusaram a sua oferta de aquisição do controle acionário.

Contou-lhe sobre o dia em que abriram o capital, quando ele se sentou na beirada da banheira acompanhando no celular o preço das ações subirem, subirem, e começou a tremer quando percebeu quanto toda a sua vida estava prestes a mudar.

— Você está rico assim?

— Vivo bem. — Sabia que estava perto de soar como um idiota. — Quer dizer... vivia melhor antes de me divorciar, obviamente... Mas vivo bem.

Sabe, não estou muito interessado no dinheiro. — Deu de ombros. — Apenas gosto do que faço. Gosto da empresa.

Gosto de ter ideias e transformá-las em coisas que de fato são úteis para as pessoas.

— Mas você vendeu a empresa?

— Estava crescendo muito, e me disseram que, se vendêssemos, os caras de terno poderiam cuidar de toda a parte financeira. Nunca me interessei por esse lado das coisas. Apenas tenho várias ações. — Ele olhou para ela. — Você tem um cabelo muito bonito.

Não sabia por que dissera aquilo.

Ela o beijou no táxi. Deanna Lewis virou devagarinho o rosto dele para o dela com a mão delicada, submetida a um perfeito trabalho de manicure, e o beijou. Embora fizesse mais de doze anos que tinham saído da faculdade — e que nesse período Ed Nicholls tenha até mesmo passado um breve tempo casado com uma modelo/atriz/o que for —, uma vizinha em sua cabeça dizia: Deanna Lewis está me beijando. E ela não se limitou a beijá-lo: levantou a saia e deslizou uma perna esguia sobre a dele — aparentemente alheia ao motorista do táxi —, pressionou seu corpo no dele e deslizou suavemente as mãos por sua camisa até ele não conseguir falar nem raciocinar. E quando chegaram ao apartamento de Ed, suas palavras saíram pastosas e idiotas, e ele não só não esperou o troco como também não

conferiu o que estava no bolo de notas que entregou ao motorista.

O sexo era maravilhoso. Nossa, era bom. Deanna se movimentava como em um filme pornô, caramba. Com Lara, nos últimos meses, o sexo dava a sensação de que ela estava lhe fazendo um favor, o qual dependia de algum conjunto de regras que só ela parecia entender: se ele lhe dera atenção suficiente, se havia passado tempo bastante com ela, se a levava para jantar ou entendera como a tinha magoado.

Quando Deanna Lewis olhou para ele nu, seus olhos pareceram se acender com uma espécie de fome. Nossa.

Deanna Lewis.

Ela apareceu de novo na sexta-feira à noite. Usava aquelas calcinhas malucas com fitas nas laterais, que podiam ser puxadas e desamarradas, de modo que deslizassem lentamente coxas abaixo como uma ondulação na água. Depois, ela enrolou um baseado, e ele não costumava fumar, mas sentiu a cabeça girar prazerosamente, pousou os dedos em seu cabelo sedoso e, pela primeira vez desde que Lara fora embora, sentiu que a vida era mesmo muito boa.

Então ela disse: — Contei a meus pais sobre nós.

Ele teve dificuldade em se concentrar.

— Seus pais?

— Você não se importa, não é? É só que tem sido tão bom... ter a sensação de que... me encaixo em alguma coisa de novo, sabe?

Ed se viu olhando para um ponto no teto. *Tudo bem*, disse a si mesmo. *Muita gente conta várias coisas aos pais.*

Mesmo depois de apenas duas semanas.

— Eu andava muito deprimida. E agora simplesmente estou... — ela ria para ele — feliz. Tipo loucamente feliz.

Tipo eu acordo e estou pensando em você. Tipo vai dar tudo certo.

Ele ficou com a boca estranhamente seca. Não tinha certeza se era o baseado.

— Deprimida?

— Agora estou bem. Quer dizer, meus pais são muito bons. Depois da última crise, eles me levaram ao médico e me fizeram tomar a medicação certa. Os remédios aparentemente diminuem, sim, as nossas inibições, mas não posso dizer que alguém reclamou! Hahaha!

Ele lhe entregou o baseado.

— Simplesmente sinto as coisas muito intensamente, sabe? Meu

psiquiatra diz que sou excepcionalmente sensível.

Algumas pessoas só passam pela vida.

Mas eu não sou uma delas. Às vezes leio sobre um animal morrendo ou uma criança sendo assassinada em algum lugar em outro país e passo o dia chorando. Literalmente. Eu também era assim na faculdade. Não se lembra?

— Não.

Deanna colocou a mão no pau dele. De repente Ed teve quase certeza de que o bendito não ia subir.

Ela olhou para ele. O cabelo tapava metade do rosto, e ela o soprou.

— É muito chato perder o emprego e a casa. Você não tem ideia de como é estar sem dinheiro. — Ela o fitou como se estivesse avaliando quanto lhe contar.

— Quero dizer sem dinheiro nenhum mesmo.

— Como... como assim?

— Bem, tipo, devo um dinheirão ao meu ex, mas já disse a ele que não posso pagar. Estou com o cartão de crédito estourado. E ele fica me ligando, tocando no assunto sem parar. É muito estressante. Ele não entende como isso me estressa.

— De quanto você está falando?

Ela lhe contou. E quando o queixo dele caiu, ela continuou: — E não se ofereça para me emprestar essa quantia. Eu não aceitaria dinheiro do meu namorado. Mas é um pesadelo.

Ed tentou não pensar no significado do uso que ela fazia da palavra “namorado”.

Olhou para ela e viu seu lábio inferior tremer. Engoliu em seco.

— Hã... você está bem?

O sorriso dela foi muito rápido, muito largo.

— Estou bem! Graças a você, estou ótima agora. — Ela correu um dedo por seu peito. — Enfim, tem sido um sonho ir a bons restaurantes sem me perguntar como vou conseguir arcar com isso.

Ela beijou os mamilos de Ed.

Naquela noite, Deanna dormiu com o braço estendido sobre ele. Ed ficou acordado, desejando poder ligar para Ronan.

Ela voltou na sexta-feira seguinte e na outra. Não entendia as indiretas de Ed sobre coisas que ele tinha que fazer no fim de semana. O pai lhe dera um

dinheiro para eles comerem alguma coisa.

— Meu pai diz que é um tremendo alívio me ver feliz de novo.

Ele estava resfriado, avisou, quando ela atravessou a rua saltitando ao vir da estação de metrô. Provavelmente era melhor não beijá-lo.

— Não me importo. O que é seu é meu — disse ela, e ficou grudada no rosto dele por vinte segundos.

Eles comeram na pizzaria local. Ed começara a sentir um pânico vago e reflexivo quando a via. Deanna tinha “sentimentos” em relação a várias coisas o tempo todo. Ver um ônibus vermelho a deixava feliz, ver uma planta murcha na janela de um café a deixava vagamente chorosa. Ela não tinha medida para nada. Às vezes ocupava-se tanto em falar que se esquecia de comer de boca fechada. No apartamento dele, fazia xixi com a porta do banheiro aberta. Parecia um cavalo se aliviando.

Ele não estava preparado para aquilo.

Ed queria ficar sozinho no próprio apartamento. Queria o silêncio, a ordem de sua rotina normal. Não conseguia acreditar que já se sentira solitário.

Naquela noite, disse a ela que não queria transar.

— Estou muito cansado.

— Tenho certeza de que eu conseguiria acordar você...

Ela começou a se aninhar embaixo do edredom. Seguiu-se uma luta que poderia ter sido engraçada em outras circunstâncias: a boca de Deanna posicionada para se plugar à genitália dele, enquanto ele a puxava desesperadamente pelas axilas.

— De verdade. Deanna. Não... Agora não.

— Podemos ficar agarradinhos, então.

Agora sei que você não me quer só por causa do meu corpo!

Puxou os braços dele ao redor do corpo dela e emitiu um pequeno gemido de prazer, como um bichinho.

Ed Nicholls ficou deitado ali, de olhos arregalados, no escuro. Inspirou e expirou o ar.

— Sabe... Deanna... hã... no fim de semana que vem, tenho uma viagem de negócios.

— Para algum lugar legal?

Ela correu o dedo especulativamente por sua coxa.

— Hã... Genebra.

— Ah, legal! Eu posso me esconder na sua mala? Ficaria esperando por você no quarto do hotel. Ajudaria a relaxar essa cabecinha preocupada.

Ela passou o dedo na testa dele. Não estremecer foi tudo o que Ed conseguiu fazer.

— É mesmo? Que bom. Mas não é esse tipo de viagem.

— Você é muito sortudo. Adoro viajar.

Se eu não estivesse tão dura, estaria de novo dentro de um avião num instante.

— Estaria?

— É a minha paixão. Adoro ser um espírito livre, ir aonde me dá na telha.

Ela se debruçou, tirou um cigarro do maço que estava na mesinha de cabeceira e o acendeu.

Ele ficou ali deitado por um tempo, pensando.

— Você tem ações?

Ela rolou para o lado e ficou deitada no travesseiro.

— Nem adianta sugerir que eu aposte na bolsa, Ed. Não me sobra dinheiro suficiente para isso.

A frase saiu antes que ele percebesse o que dizia.

— Não é uma aposta.

— Não é?

— Vamos lançar algo. Em duas semanas. Vai mudar o jogo.

— O quê?

— Não posso contar muita coisa. Mas estamos trabalhando nisso há algum tempo. Vai jogar nossas ações lá para cima. Nossos executivos estão se dedicando.

Deanna permaneceu em silêncio ao lado dele, e Ed continuou: — Quer dizer, sei que não falamos muito de trabalho, mas isso vai gerar uma quantidade de dinheiro respeitável.

Ela não pareceu convencida.

— Você está me pedindo para apostar as minhas últimas poucas libras numa coisa que nem o nome eu sei?

— Não precisa saber o nome. Basta comprar algumas ações da minha empresa. — Ele se virou de lado. — Olhe, você levanta algumas mil libras, e eu garanto que vai ter o suficiente para pagar ao seu ex-namorado em duas semanas. E depois estará livre! E poderá fazer o que quiser! Sair viajando pelo mundo!

Houve um longo silêncio.

— É assim que você ganha dinheiro, Ed Nicholls? Você leva mulheres para a cama e depois faz com que elas comprem milhares de libras das suas ações?

— Não, isso é...

Deanna se virou, e ele viu que ela estava brincando. Ela passou o dedo pela lateral do rosto dele.

— Você é um amor comigo. E essa é uma ideia encantadora. Mas agora não tenho milhares de libras dando sopa por aí.

As palavras saíram da sua boca antes mesmo que ele soubesse o que estava dizendo.

— Eu empresto. Se ganhar dinheiro, você me paga. Se não, a culpa será minha por ter lhe dado um conselho ruim.

Ela começou a rir e parou quando viu que ele não estava brincando.

— Faria isso por mim?

Ed deu de ombros.

— Sinceramente? Cinco mil não fazem grande diferença para mim agora.

E eu pagaria dez vezes esse valor se isso significasse que você iria embora.

Os olhos dela se arregalaram.

— Uau! Essa é a coisa mais gentil que alguém já fez por mim.

— Ah... duvido.

Antes de Deanna ir embora na manhã seguinte, ele lhe fez um cheque. Ela estava prendendo o cabelo com uma fivela, fazendo caretas para si mesma no espelho do hall. Cheirava vagamente a maçã.

— Deixe ao portador — disse ela, quando viu o que Ed estava fazendo. — Vou mandar o meu irmão comprar para mim. Ele é bom nesse negócio de ações.

O que estou comprando mesmo?

— Sêrio?

— É mais forte do que eu. Não consigo pensar direito quando estou perto de você. — Ela deslizou a mão por sua cueca samba-canção. — Vou lhe pagar assim que puder. Prometo.

— Tudo bem. Só... só não diga nada a ninguém sobre isso, está bem?

Sua falsa animação repercutiu nas paredes do apartamento, abafando a voz de alerta em sua cabeça.

Ed respondeu a quase todos os e-mails de Deanna depois. Disse que tinha sido bom ter passado um tempo com alguém que entendia quão estranho era ter acabado de sair de um relacionamento sério, quão importante era passar um tempo sozinho. As respostas dela eram curtas, vagas. Estranhamente, ela não dizia nada de específico sobre o lançamento do produto nem que a ação subira horrores. Ela devia ter ganhado mais de cem mil libras. Talvez tivesse perdido o cheque. Ou estivesse fazendo um mochilão em Guadalupe. Toda vez que ele pensava no que lhe contara, sentia o estômago embrulhar. Por isso, tentava tirar o assunto da cabeça.

Trocou o número do celular, dizendo a si mesmo que fora por acaso que se esquecera de informá-la. Por fim, os e-mails dela pararam de chegar. Dois meses se passaram. Ele e Ronan saíram e queixaram-se dos Ternos. Ed escutou-o enquanto ele pesava os prós e os contras da garota da sopa e achou que aprendera uma lição valiosa. Ou se livrara de uma fria. Não sabia ao certo qual das duas coisas.

Então, duas semanas após o lançamento do SFAX, ele estava deitado na sala de criação, jogando, preguiçosamente, uma bola de espuma no teto e escutando Ronan falar sobre a melhor maneira de resolver um probleminha no programa de pagamento quando Sidney, o diretor financeiro, entrou, e Ed de repente percebeu que uma pessoa podia criar problemas muito piores para si mesma do que arranjar namoradas excessivamente grudentas.

— Ed?

— O quê?

Uma breve pausa.

— É assim que você atende uma ligação? É sério? Com que idade exatamente vai adquirir traquejo social?

— Oi, Gemma.

Ed suspirou, passou a perna por cima da cama para se sentar.

— Você disse que ia ligar. Há uma semana. Por isso, pensei, sabe, que talvez você tivesse ficado preso embaixo de um móvel bem grande.

Ele deu uma olhada ao redor do quarto. No paletó que estava pendurado na cadeira. No relógio, que lhe avisava que eram sete e quinze. Esfregou a

nuca.

— É, bem. Aconteceram algumas coisas.

— Liguei para o seu trabalho mais cedo. Disseram que você estava em casa. Ficou doente?

— Não, não fiquei doente... só estou trabalhando numa coisa.

— Isso quer dizer então que você vai ter um tempinho para vir ver o papai?

Ele fechou os olhos.

— Estou meio ocupado agora.

O silêncio dela pesava. Ele visualizou a irmã do outro lado da linha, a mandíbula cerrada.

— Ele está perguntando por você.

Anda perguntando por você há séculos.

— Eu vou, Gem. É só que... estou...

tenho umas coisas para resolver.

— Todo mundo tem coisas para resolver. Ligue para ele, está bem?

Mesmo que você não consiga entrar em um dos seus dezoito carros de luxo para fazer uma visita. Ligue para o papai. Ele foi transferido para a enfermaria Victoria. Vão passar a ligação para ele se você telefonar.

— Dois carros. Mas tudo bem.

Pensou que a irmã fosse desligar, mas ela não fez isso. Ele ouviu um leve suspiro.

— Estou muito cansada, Ed. Meus supervisores não estão muito dispostos a me deixar tirar folgas. Por isso tenho que ir lá todo fim de semana. Mamãe está quase desmoronando. Estou realmente precisando de um pouquinho de apoio aqui.

Ele sentiu uma pontada de culpa. Sua irmã não era de reclamar.

— Já disse que vou tentar ir.

— Você falou isso na semana passada.

Consegue chegar lá de carro em quatro horas.

— Não estou em Londres.

— Onde você está?

Ele olhou pela janela para o céu que escurecia.

— Na costa sul.

— Está de férias?

— Não são férias. É complicado.

— Não pode ser tão complicado assim. Você não tem compromissos.

— É. Obrigado por me lembrar.

— Ah, fala sério! É a sua empresa.

Você tem que fazer as regras, certo?

Basta conceder a si mesmo férias extras de duas semanas.

Outro longo silêncio.

— Você está estranho.

Ed respirou fundo antes de responder: — Vou dar um jeito. Prometo.

— E ligue para a mamãe.

— Vou ligar.

Houve um clique e a ligação foi encerrada.

Ed encarou o aparelho por um instante, depois telefonou para o escritório do seu advogado. A ligação caiu direto na secretária eletrônica.

Os investigadores haviam aberto todas as gavetas do seu apartamento. Não jogaram tudo para fora como fazem nos filmes, mas realizaram um exame metódico, usando luvas, verificando entre as dobras das camisetas, esquadrinhando cada arquivo. Seus dois laptops foram recolhidos, assim como os cartões de memória e seus dois telefones. Ele teve que assinar o recibo pelo material apreendido, como se aquilo tivesse sido feito para seu próprio bem.

— Saia da cidade, Ed — aconselhou o advogado. — Vá embora e tente não pensar muito. Eu telefono se precisar que você volte.

Tinham revistado aquela casa também, pelo visto. Mas havia tão pouca coisa ali que levaram menos de uma hora.

Ed olhou ao redor do quarto da casa de veraneio, para o edredom de linho belga engomado que as faxineiras haviam colocado de manhã nas gavetas que compunham um guarda-roupa de emergência com jeans, calças, meias e camisetas.

Sidney também lhe dissera para ir embora.

— Se isso for divulgado, você vai foder com o preço das nossas ações.

Ronan não falava com ele desde o dia em que a polícia aparecera no escritório.

Ele olhou para o telefone. Além de Gemma, não havia ninguém com quem pudesse conversar sem ter que explicar o que acontecera. Todos que conhecia eram da área de tecnologia, afinal; e, com exceção de Ronan, ele não sabia ao certo quantas daquelas pessoas poderiam ser qualificadas como amigos verdadeiros. Olhou para a parede.

Pensou no fato de que na semana anterior dirigira até Londres quatro

vezes e voltara só porque, sem trabalho, não sabia o que fazer da vida. Pensou na noite anterior, quando estava tão irritado — com Deanna Lewis, com Sidney, com a merda que acontecera com a sua vida — que espatifou uma garrafa de vinho branco ao jogá-la na parede. Pensou na probabilidade de aquilo acontecer de novo se o deixassem sozinho.

Não havia nada que pudesse fazer.

Vestiu o paletó, pegou um molho de chaves no armário trancado ao lado da porta dos fundos e andou até o carro.

JESS

Sempre houve algo meio diferente em Tanzie. Com um ano, ela enfileirava os cubos ou os organizava em padrões, e depois afastava alguns deles, criando novas formas. Quando tinha dois anos, era obcecada por números. Antes mesmo de começar a frequentar a escola, já tinha lido toda a coleção de livros de exercícios de matemática para alunos de dois, três, quatro e cinco anos da livraria local. Dizia a Jess que a multiplicação era “só mais uma forma de somar”. Aos seis anos, sabia explicar o significado de “tessela”.

Marty não gostava daquilo. Fazia com que ele se sentisse desconfortável. Mas tudo o que não era “normal” o deixava desconfortável. No entanto, era o que fazia Tanzie feliz, apenas ficar ali sentada, trabalhando em problemas que nenhum deles conseguiria nem sequer começar a entender. A mãe de Marty, em suas raras visitas, chamava Tanzie de CDF. Dizia isso como se essa não fosse uma qualidade muito boa para uma pessoa.

— Então, o que você vai fazer?

— Não há nada que eu possa fazer agora.

— Não seria esquisito ela se misturar com aquelas crianças de escola particular?

— Não sei. Sim. Mas isso seria problema nosso. Não dela.

— E se ela se afastar de você? E se ela se envolver com uma turma de grã-

finos e passar a ter vergonha das próprias origens? Só estou dizendo...

Acho que você poderia deixá-la confusa. Acho que Tanzie poderia perder de vista o lugar de onde ela vem.

Jess examinou Nathalie, que estava dirigindo.

— Tanzie vem do Estado de Merda do Destino Cruel, Nat. Eu ficaria muito feliz se ela perdesse isso de vista.

Algo estranho acontecera desde que Jess contara a Nathalie sobre a entrevista. Era como se ela tivesse se ofendido com aquilo. Passara a manhã

toda falando sobre como os seus filhos eram felizes na escola local, sobre quanto ela se sentia feliz por eles serem “normais”, sobre como não era bom para uma criança ser “diferente”.

Tanzie, enquanto isso, havia meses que não ficava tão animada. Suas notas mais altas haviam sido cem por cento em matemática e noventa e nove por cento em raciocínio não verbal. (Ela estava verdadeiramente aborrecida por ter sido descontada em um por cento.) O Sr. Tsvangarai, ao telefonar para Jess contando-lhe isso, disse que poderiam existir outras fontes de financiamento.

Detalhes, dizia ele. Jess não pôde deixar de pensar que quem considerava dinheiro um “detalhe” era o tipo de pessoa que nunca tivera que se preocupar muito com isso.

— E você sabe que ela teria que usar aquele uniforme cheio de frescura — comentou Nathalie ao estacionarem no Beachfront.

— Ela não vai usar um uniforme cheio de frescura — respondeu Jess, irritada.

— Então vão implicar com ela por não ser igual aos outros alunos.

— Ela não vai usar um uniforme cheio de frescura porque não vai para lá. Não tenho esperança alguma de mandá-la para lá, Nathalie. Está bem?

Jess saltou do carro, bateu a porta e seguiu em frente para não ter que escutar mais nada.

Apenas o pessoal local chamava o Beachfront de “parque de veraneio”. Os empreendedores imobiliários chamavam-no de “resort de férias”.

Porque aquele não era um parque de veraneio como o parque de trailers Sea Bright no alto da colina, uma confusão caótica de casas móveis castigadas pelo vento e barracas de meia-água sazonais.

Aquele era um conjunto impecável de “espaços vivos” projetados por arquitetos e inseridos em meio a caminhos bem-cuidados. Havia um clube de esporte, um spa, quadras de tênis, um enorme complexo de piscinas, um punhado de butiques excessivamente caras e um pequeno armazém para os moradores não terem que se aventurar nos confins mais desorganizados da cidade.

Às terças, quintas e sextas, a Benson & Thomas fazia faxina nas duas propriedades de três quartos para aluguel que davam para a sede do clube,

depois seguiam até as propriedades mais novas: seis casas modernistas de fachada de vidro localizadas no penhasco de calcário acima do mar.

O Sr. Nicholls mantinha na entrada da garagem um Audi impecável que elas jamais tinham visto sair do lugar. A irmã dele estivera lá uma vez com duas crianças pequenas e um marido de cabelo grisalho (deixaram a casa limpíssima). O próprio Sr. Nicholls raramente ia lá, e, desde que elas começaram a fazer faxina na casa, já havia um ano, nunca usara a cozinha nem a lavanderia. Jess ganhava um dinheirinho extra cuidando de sua roupa de cama e banho, lavando e passando tudo semanalmente para hóspedes que nunca apareciam.

Era uma casa ampla. O piso de ardósia ecoava, as acomodações eram revestidas de grandes extensões de carpetes de sisal, e havia um caro sistema de som embutido nas paredes.

As fachadas de vidro davam para o amplo arco azul do horizonte. Mas não havia fotografias nas paredes nem qualquer indício de vida real. Nathalie sempre dizia que, mesmo quando o Sr. Nicholls vinha, era como se estivesse acampando ali. Devia ter havido mulheres, pois Nathalie encontrou uma vez um batom no banheiro, e, no ano anterior, elas acharam uma calcinha de renda (La Perla) embaixo da cama e a parte de cima de um biquíni —, porém havia pouco para sugerir qualquer outra coisa a respeito dele.

— Ele está aqui — murmurou Nathalie.

Quando elas fecharam a porta da frente, uma voz masculina ecoou no corredor, alta e irritada. Nathalie fez uma careta.

— Faxina — gritou ela.

Ele não respondeu.

A discussão continuou durante todo o tempo que elas levaram para limpar a cozinha. Ele usara uma caneca e havia duas embalagens de comida para viagem vazias na lixeira. Havia vidro quebrado no canto da geladeira, caquinhos verdes, como se a pessoa tivesse catado os cacos maiores, mas não se importasse com os restantes. E tinha vinho pelas paredes. Jess lavou-as cuidadosamente.

Ela e Nathalie trabalharam em silêncio, falando baixinho, tentando fingir que não conseguiam ouvi-lo.

Jess seguiu para a sala de jantar, tirou o pó das molduras com uma flanela macia, inclinando um ou dois centímetros a que era diferente para mostrar que todas haviam sido limpas.

Lá fora, no deque, havia uma garrafa vazia de Jack Daniel's com um

copo.

Ela os recolheu e os levou para dentro.

Pensou em Nicky, que voltara da escola na véspera com um corte na orelha, os joelhos da calça sujos de terra. Ele descartou qualquer tentativa de falar sobre aquele assunto. Sua vida preferida agora consistia nas pessoas do outro lado da tela. Garotos que Jess não conhecia nem nunca conheceria, pessoas que ele chamava de SK8RBOI e TERMINATOR, que se alvejavam e se estripavam mutuamente por diversão.

Quem poderia censurá-lo? Sua vida real parecia ser um verdadeiro campo de batalha.

Desde a entrevista, Jess passava as noites em claro, fazendo cálculos de cabeça, somando e subtraindo de um jeito que fazia Tanzie rir. Ela vendia mentalmente seus pertences, repassava listas que continham cada pessoa a quem podia pedir um empréstimo. Mas as únicas com probabilidade de lhe oferecer dinheiro eram os tubarões que rondavam o bairro com suas taxas de juros embutidas de quatro dígitos. Ela vira vizinhos pegarem empréstimos daqueles representantes comerciais simpáticos que, de repente, se tornaram inflexíveis. E acabava sempre voltando às palavras de Marty. Será que a McArthur era mesmo tão ruim assim?

Algumas crianças se davam bem lá. Não havia por que Tanzie não ser uma delas se ficasse longe dos encrenqueiros.

A dura verdade estava ali feito uma parede de tijolos. Jess teria que contar à filha que não conseguiria fazer a conta fechar. Jess Thomas, a mulher que sempre dava um jeito, que passava a vida dizendo às crianças que “ia dar tudo certo”, não estava conseguindo fazer aquilo dar certo.

Ela arrastou o aspirador pelo corredor, estremecendo quando o aparelho esbarrava em sua canela, e bateu na porta para ver se o Sr. Nicholls queria que o escritório fosse limpo. Não houve resposta e, quando ela bateu de novo, ele gritou de repente: — Sim, estou ciente disso, Sidney.

Você já falou umas quinze vezes, o que não quer dizer...

Era tarde demais: ela já empurrara um pouquinho a porta. Jess começou a se desculpar, mas, com apenas uma olhadela, o homem ergueu a palma da mão, como se ela fosse um cachorrinho — *pare* —, depois se inclinou à frente e bateu a porta na cara dela. O barulho ecoou pela casa.

Jess permaneceu ali sem conseguir se mexer com o susto, tão encabulada que sentiu a pele formigando.

— Eu falei — afirmou Nathalie, alguns minutos depois, enquanto

esfregava furiosamente o banheiro de hóspedes. — Essas escolas particulares não ensinam modos a eles.

Quarenta minutos depois, Jess recolheu as toalhas e os lençóis brancos imaculados do Sr. Nicholls e enfiou-os em sua mala com mais força do que era estritamente necessário. Desceu para o andar de baixo e acomodou a bolsa ao lado da caixa com o material de faxina no hall. Nathalie estava lustrando as maçanetas das portas. Essa era uma de suas manias. Não suportava impressões digitais em torneiras e maçanetas.

— Sr. Nicholls, estamos indo embora.

Ele estava de pé na cozinha, limitando-se a olhar para o mar pela janela, com uma das mãos no topo da cabeça como se tivesse esquecido que a mão estava ali. Tinha cabelo escuro e usava aqueles óculos que supostamente estavam na moda, mas que só fazem a pessoa parecer fantasiada de Woody Allen. Embora fosse esguio e atlético, usava um terno como se fosse um garoto de doze anos obrigado a ir a um batizado.

— Sr. Nicholls.

Ele balançou ligeiramente a cabeça de um lado para outro, depois suspirou e andou pelo corredor.

— Está bem — respondeu ele, distraído. Não tirou os olhos da tela do celular. — Obrigado.

Elas esperaram.

— Hum, gostaríamos do nosso dinheiro, por favor — disse Jess.

Nathalie terminou de polir, então dobrou e desdobrou a flanela. Odiava conversas sobre dinheiro.

—

Achei que a empresa administradora lhes pagava.

— Eles não nos pagam há três semanas. E nunca tem ninguém no escritório. Se o senhor quiser que a gente continue, precisamos receber os atrasados.

Ele revirou os bolsos e sacou a carteira.

— Certo. Quanto lhes devo?

— Trinta multiplicado por três semanas. E três semanas de lavagem de roupa.

Ele ergueu o olhar com uma sobrancelha levantada.

— Deixamos uma mensagem no telefone do senhor na semana passada.
Ele fez um gesto de cabeça, como se não se pudesse esperar que ele se lembrasse dessas coisas.

— Quanto é isso?

— Cento e trinta e cinco libras no total.

Ele folheou as notas.

— Não tenho esse dinheiro todo.

Olhem, vou lhes dar sessenta agora e mandar enviarem para vocês um cheque com o valor restante, está bem?

Em outra ocasião, Jess teria concordado. Em outra ocasião, teria deixado passar. Não era como se ele fosse roubá-las, afinal de contas. Mas de repente ela se cansou das pessoas ricas que nunca pagavam em dia, que presumiam que, pelo fato de setenta e cinco libras não ser nada para elas, não devia ser nada para Jess também. Estava cansada dos clientes que a consideravam tão insignificante que podiam bater a porta na sua cara e nem sequer pedir desculpas.

— Não — disse ela, e sua voz estava estranhamente clara. — Preciso do dinheiro agora, por favor.

Ele a olhou nos olhos pela primeira vez. Atrás dela, Nathalie esfregava loucamente uma maçaneta.

— Tenho contas para pagar, e quem manda essas contas não vai me deixar adiar o pagamento semana após semana.

Ele tirou os óculos e franziu o cenho para Jess, como se ela estivesse sendo particularmente difícil. Isso a fez antipatizar com ele ainda mais.

— Vou ter que olhar lá em cima — disse ele, desaparecendo.

Elas ficaram paradas num silêncio desagradável ouvindo gavetas sendo fechadas com vigor, cabides se chocando dentro de um armário. Por fim, ele voltou com um punhado de notas.

Separou algumas sem olhar para Jess e entregou-as. Ela estava prestes a dizer alguma coisa... alguma coisa sobre como ele não tinha que agir feito um babaca completo, sobre como a vida ficava um pouquinho melhor quando as pessoas se tratavam mutuamente como seres humanos, algo que, sem dúvida, faria Nathalie destruir metade da maçaneta de tanto esfregá-la de ansiedade. Mas quando ela abriu a boca para falar, o telefone dele tocou. Sem uma palavra, Sr. Nicholls deu-lhe as costas e saiu andando pelo corredor para atender.

— O que é aquilo na cesta do Norman?

— Nada.

Jess estava guardando as compras, tirando os itens das sacolas de olho no relógio. Tinha um expediente de três horas no Feathers e só uma hora para preparar o chá e se trocar. Enfiou duas latas no fundo das prateleiras, escondendo-as atrás das embalagens de cereal. Estava farta da etiqueta “marca própria” do supermercado.

Nicky se agachou e puxou um pedaço de pano, e o cachorro se pôs de pé com relutância.

— É uma toalha branca. Jess, é uma toalha cara. Está cheia de pelo do Norman. E toda babada.

Ele segurou a toalha entre dois dedos.

— Depois eu lavo — disse ela, sem olhar para ele.

— É do papai?

— Não, não é do seu pai.

— Não estou entendendo...

— A toalha só está me deixando menos chateada, está bem? Pode guardar aquelas coisas ali no freezer?

Ele se encostou na bancada da cozinha.

— Shona Bryant estava zoando a Tanzie no ponto de ônibus. Por causa das roupas dela.

— O que têm as roupas da Tanzie?

Jess virou-se para Nicky com uma lata de molho de tomate na mão.

— Porque são feitas por você. Com todas aquelas lantejoulas que você coloca nelas.

— Tanzie gosta de brilho. Enfim, como essa menina sabe que sou eu que faço as roupas?

— Ela perguntou de onde elas eram e Tanzie contou. Você sabe como ela é. — Nicky pegou um cereal matinal das mãos de Jess e o guardou na prateleira. — Shona Bryant é aquela que disse que nossa casa é estranha porque temos livros demais.

— Bem, Shona Bryant é uma idiota — observou Jess.

Ele se abaixou para afagar Norman.

— Ah! E a gente recebeu um aviso da companhia de energia elétrica.

Jess deu um pequeno suspiro.

— Quanto?

Ele foi até a pilha de papéis no aparador e deu uma olhada.

— Dá mais de duzentas libras no total.

Ela sacou um pacote de cereais.

— Vou resolver isso.

Nicky abriu a porta da geladeira.

— Você devia vender o carro.

— Não posso. É o único bem do seu pai. — Às vezes Jess não sabia direito por que continuava defendendo o marido. — Ele vai resolver isso quando estiver bem de novo. Agora vá lá para cima. Tem uma pessoa chegando.

Ela conseguia ver a pessoa subindo a entrada dos fundos.

— Estamos comprando coisas da Aileen Trent?

Nicky observou a mulher abrir o portão e fechá-lo cuidadosamente ao passar.

Jess não conseguiu esconder o rubor do rosto.

— Só desta vez.

Ele olhou para ela.

— Você disse que a gente não tinha dinheiro.

— Olhe, é para fazer Tanzie não ficar pensando no problema da escola quando eu tiver que contar a ela.

Jess tomara a decisão a caminho de casa. A ideia como um todo era absurda.

Eles mal conseguiam se manter do jeito que estavam. Não adiantava nem tentar considerar aquilo.

Ele continuou olhando para ela.

— Mas Aileen Trent. Você disse...

— E foi você quem me contou que Tanzie estava sofrendo bullying por causa das roupas que usa. Às vezes, Nicky... — Jess ergueu as mãos. — Às vezes os fins justificam os meios.

O olhar dele foi demorado a ponto de não deixá-la mais inteiramente à vontade. E aí, ele subiu.

— Pois bem, eu trouxe uma linda seleção de coisas para a garota inteligente. Você sabe que todas elas adoram grifes. E tomei a liberdade de trazer algumas peças com paetê, pois sei que a sua Tanzie gosta de brilho.

A voz “de loja” de Aileen era formal, com uma dicção excessivamente precisa. Era bem estranha, emergindo daquele jeito de uma pessoa que Jess sempre via ser expulsa à força do pub King’s Arm. Ela se sentou com as pernas cruzadas no chão, procurou dentro da mala preta, sacou uma seleção de roupas e estendeu-as cuidadosamente no carpete.

— Tem uma blusa da Hollister aqui.

Todas as garotas adoram a Hollister. É caríssima nas lojas. Tenho mais coisas de grife na outra bolsa, embora você tenha dito que não exigia sofisticação.

Ah, e duas calças jeans da Sugar, caso você queira uma.

Aileen fazia uma ronda semanal no bairro. Jess sempre dizia um firme “Obrigada, mas, não, obrigada”. Todo mundo sabia onde Aileen conseguia as suas pechinchas ainda com as etiquetas de preço.

Mas isso foi antes.

Jess pegou as blusas, que tinham camadas — uma delas com listras brilhantes, a outra, de um tom rosa-pálido. Já conseguia visualizar Tanzie vestindo elas.

— Quanto?

— Dez pela blusa, cinco pela camiseta e vinte pelo tênis. Você pode ver pela etiqueta que o preço dele nas lojas é oitenta e cinco. É um belo desconto.

— Não posso pagar por tudo isso.

— Bem, como você é uma cliente nova, posso lhe dar um bônus inicial.

Aileen pegou o caderno, apertando os olhos para os números.

— Se levar as três peças eu deixo você ficar com a calça jeans também.

Para agradar a cliente. — Ela sorriu, a pele cerosa. — Trinta e cinco libras por um look completo, com calçados. E só este mês estou incluindo uma pulseirinha. Você não consegue esses preços na T. J. Maxx.

Jess olhou para as roupas estendidas no chão. Queria ver Tanzie sorrindo.

Queria que ela sentisse que a vida tinha potencial para boas surpresas. Queria que a filha tivesse algo que a deixasse contente quando lhe desse a notícia.

— Espere aí.

Atravessou a cozinha, pegou a lata de chocolate em pó do armário onde guardava o dinheiro da conta de luz.

Contou as moedas e deixou-as cair na palma da mão pegajosa de Aileen antes que pudesse pensar no que estava fazendo.

— Foi um prazer fazer negócio com você — disse a vendedora, dobrando as roupas que restaram e colocando-as cuidadosamente em um saco de lixo. — Volto em duas semanas. Qualquer coisa que quiser nesse meio-tempo, você sabe onde me encontrar.

— Acho que vai ser só isso, obrigada.

Ela lançou um olhar sugestivo para Jess. *Todas dizem isso, querida*, pensou.

Nicky manteve os olhos fixos no computador quando Jess entrou.

— Nathalie vai trazer Tanzie para casa depois do clube de matemática. Você vai ficar bem aqui sozinho?

— Claro.

— Nada de fumar.

— Hum.

— Vai estudar um pouco?

— Claro.

Às vezes Jess fantasiava sobre o tipo de mãe que poderia ser se não estivesse sempre trabalhando. Faria bolos, sorriria mais, vigiaria os filhos enquanto eles estivessem fazendo o dever de casa.

Faria as coisas que eles queriam que ela fizesse em vez de responder sempre: “Desculpe, meu bem, tenho que preparar o jantar.”

“Depois que eu tiver lavado esta roupa.”

“Preciso desligar, meu amor. Me conte quando eu voltar do trabalho.”

Ela olhou para ele, que tinha uma expressão indecifrável, e teve um pressentimento esquisito.

— Não se esqueça de levar Norman para passear. Mas não chegue perto da loja de bebidas.

— Como se eu fosse lá.

— E não passe a noite toda no computador. — Ela deu um puxão no cóis da calça jeans do garoto. — E suspenda a calça antes que eu não me contenha e dê um cuecão em você.

Nicky se virou e ela viu seu breve sorriso. Ao sair do quarto, Jess se deu conta de que não se lembrava da última vez em que vira um.

5

NICKY

Meu pai é um tremendo babaca.

JESS

O pub Feathers ficava entre a biblioteca (fechada desde janeiro) e o Happy Plaice, que vendia peixe com fritas, e lá dentro era possível acreditar que ainda estávamos em 1989. Des, o proprietário, nunca tinha sido visto em outros trajes que não camiseta desbotada de banda, calça jeans e, se estivesse frio, uma jaqueta de couro curta. Numa noite tranquila, se você estivesse sem sorte, ele explicaria nos mínimos detalhes as vantagens de uma guitarra Fender-Stratocaster em relação a uma Rickenbacker 330 ou recitaria, com a reverência de um poeta, a letra inteira de “Money for Nothing”.

O Feathers não era elegante da forma como os bares do Beachfront eram. Não servia frutos do mar frescos nem vinhos finos, e não trabalhava com cardápios direcionados a famílias para satisfazer crianças aos berros. Servia vários tipos de animais mortos com batatas fritas e caçoava da palavra “salada”. Lá não havia nada mais inovador do que Tom Pet y no jukebox e um alvo de dardos na parede.

Mas era uma fórmula que funcionava.

O Feathers era aquele tipo de lugar raro numa cidade de praia: movimentado o ano inteiro.

— Roxanne está aqui?

Jess começou a pegar os sacos de batata frita quando Des chegou, vindo da adega, onde andara amarrando um barril novo de cerveja puro malte.

— Não. Foi a algum lugar com a mãe.

— Ele pensou por um minuto. — De cura. Não, de adivinhar a sorte. Um psiquiatra. Psicólogo.

— Espiritualista?

— Aquele que lhe diz coisas que você já sabe, mas você deve parecer impressionado.

— Vidente.

— Trinta libras a entrada, é o que estão pagando, para se sentar ali com um copo de vinho branco barato e gritar “Sim!” quando alguém perguntar se uma pessoa da plateia tem um parente com um nome que começa com *J*. — Ele parou, batendo a porta da adega com um grunhido. — Eu poderia prever algumas coisas, Jess. E não cobraria trinta libras por isso. Prevejo que o falso

espiritualista está sentado em casa agora esfregando as mãos e pensando: *Que bando de fantoches.*

Jess tirou a bandeja de copos do lava-louça e começou a guardá-los nas prateleiras acima do balcão do bar.

— Você acredita nessas bobagens todas?

— Não.

— É claro que não. Você é uma garota sensata. Às vezes não sei o que dizer a Roxanne. A mãe dela é a pior. Acredita que tem um anjo da guarda pessoal. Um anjo. — Ele a imitou, olhando para o próprio ombro e dando tapinhas nele. — Acredita que esse anjo a protege. Mas não a impediu de gastar todo o dinheiro de sua rescisão nos canais de compras, não é mesmo? Seria de se esperar que o tal anjo dissesse alguma coisa. “Olhe, Maureen, você não quer realmente esta luxuosa capa de tábua de passar com a estampa de um cachorro, quer? De verdade, querida. Em vez disso deposite um pouco no seu fundo de aposentadoria.”

Por mais infeliz que estivesse, Jess não pôde deixar de rir.

— Você chegou cedo.

Des olhou ostensivamente para o relógio.

— Emergência de sapato. — Chelsea pendurou a bolsa embaixo do balcão do bar e depois ajeitou o cabelo. — Fiquei conversando na internet com um dos caras que estou a fim — disse ela a Jess, como se Des não estivesse ali. — Ele é absolutamente deslumbrante.

Todos os homens com quem Chelsea se relacionava pela internet eram maravilhosos. Até ela os conhecer pessoalmente.

— David é o nome dele. Está procurando alguém que goste de cozinhar, fazer faxina e passar roupa. E dar uma saidinha de vez em quando.

— Para o supermercado? — perguntou Des.

Chelsea o ignorou. Pegou um pano de prato e começou a secar copos.

— Você precisa se enturmar lá, Jess.

Sair um pouco em vez de apodrecer aqui com estes velhos caídos.

— Ei, pegue leve com “velhos” — disse Des.

Na televisão passava um programa sobre futebol, o que significava que Des estava servindo batatas fritas e queijo em cubinhos de graça e, se estivesse se sentindo especialmente generoso, enroladinhos de salsicha. Com a permissão de Des, Jess costumava levar para casa os cubinhos que sobravam para fazer macarrão com queijo, até Nathalie lhe dar a estatística de quantos homens lavavam as mãos depois de ir ao banheiro.

O bar encheu, o jogo começou e a noite transcorreu sem nada digno de nota. Ela serviu canecas de cerveja nos intervalos dos comentários e pensou, de novo, em dinheiro. No fim de junho, dissera a escola. Se ela não fizesse a matrícula naquela data, nada feito.

Estava tão absorta em seus pensamentos que quase não ouviu Des até ele deixar uma tigela de bolinhos de batata ao seu lado no balcão.

— Eu pretendia contar a você. Na semana que vem, vai chegar uma nova caixa registradora. É uma dessas que basta tocar na tela.

Ela se afastou dos dosadores.

— Uma nova caixa registradora? Por quê?

— Esta aí é mais velha do que eu. E nem todas as atendentes do bar sabem somar tão bem quanto você, Jess. Na última vez em que Chelsea ficou sozinha, fechei o caixa e faltavam onze paus. Peça a ela que some um gim duplo, uma garrafa de Webster's e um pacote de salgadinhos, e ela fica perdida.

Temos que acompanhar os novos tempos. — Ele correu a mão por uma tela imaginária. — Precisão digital.

Você vai adorar. Não precisará usar o cérebro. Igualzinho a Chelsea.

— Será que não posso ficar com esta?

Sou um

caso perdido com computadores.

— Vamos fazer um treinamento de equipe. Durante metade de um dia. Não remunerado, infelizmente. Já arrumei um cara.

— Não remunerado?

— É só tocar numa tela. Vai ser como no *Minority Report*. Mas sem os carecas. Lembre-se, ainda temos Pete.

Pete!

Liam Stubbs chegou às nove e quinze.

Jess estava de costas para o balcão e ele se debruçou e murmurou no ouvido dela: — Oi, gostosa.

Ela não se virou.

— Ah, você de novo.

— Isso que são boas-vindas. Uma Stella, por favor, Jess. — Ele deu uma olhada no bar, depois disse: — E o que mais vocês tiverem a oferecer.

- Temos amendoins torrinhos muito bons.
- Eu estava pensando em alguma coisa mais... molhadinha.
- Vou trazer a cerveja, então.
- Ainda bancando a difícil, hein?

Ela conhecia Liam desde os tempos de escola. Era um daqueles caras que partiriam o seu coração em pedacinhos se você deixasse. O tipo de rapaz de olhos azuis, falante, que ignora a garota durante todo o ensino médio e a leva para a cama quando ela tira o aparelho e deixa o cabelo crescer, e depois disso nunca mais lhe dá nada além de um aceno animado e uma piscadela. Ele tinha cabelo castanho, maçãs do rosto salientes e ligeiramente bronzeadas.

Dirigia um táxi à noite e tinha uma barraca de flores na feira às sextas-feiras e, sempre que Jess passava, ele sussurrava: “Você. Eu. Atrás das dalias, agora”, com seriedade suficiente para fazê-la errar o passo. A esposa o deixara mais ou menos na mesma época em que Marty saíra de casa. (“Um probleminha de infidelidade em série.

Algumas mulheres são muito exigentes.”) Seis meses atrás, ao fim de uma das apresentações especiais de Des após o horário oficial de fechamento do pub, eles acabaram no banheiro das mulheres com as mãos dele embaixo da blusa dela, e Jess passou dias com um sorriso amarelo.

Ela estava levando as caixas de papelão vazias de batata frita para as lixeiras quando Liam apareceu no portão dos fundos. Ele foi andando em sua direção e Jess teve que se encostar no muro do jardim do pub. O corpo inteiro de Liam estava a apenas alguns centímetros do seu, e ele disse baixinho: — Não consigo parar de pensar em você.

Mantinha a mão com o cigarro bem longe de Jess. Era esse tipo de cavalheiro.

— Aposto que você diz isso a todas as garotas.

— Gosto de ver você circular por aquele bar. Passo metade do tempo assistindo ao futebol e a outra metade imaginando que estou lhe dando uns amassos.

— Quem disse que o romantismo morreu?

Nossa, ele era cheiroso... Jess se remexeu um pouco, tentando se livrar do peso do corpo daquele homem antes que fizesse algo de que se arrependesse.

Estar perto de Liam Stubbs reavivava partes dela de cuja existência já havia se esquecido.

— Então, deixe eu lhe mostrar o meu romantismo. Deixe eu levar você para sair. Só nós dois. Um programa de verdade. Vamos, Jess. Vamos tornar isso real.

Ela recuou para longe de Liam.

— O quê?

— Você escutou.

Ela o encarou.

— Você quer que a gente tenha um relacionamento?

— Você fala isso como se fosse um palavrão.

Jess se desvencilhou, olhando para a porta dos fundos.

— Tenho que voltar para o bar, Liam.

— Por que não sai comigo? — Ele se aproximou um passo. — Você sabe que seria ótimo... — A voz dele virara um sussurro.

— E também sei que tenho dois filhos e dois empregos, enquanto você passa a vida toda no seu carro. Levaria só umas três semanas para estarmos brigando num sofá sobre de quem seria a vez de levar o lixo para fora. — Ela sorriu docemente para ele. — E, com isso, perderíamos para sempre o romantismo de diálogos extremamente emocionantes como este.

Ele pegou uma mecha do cabelo dela e deixou-a deslizar por seus dedos. Sua voz era um grunhido bem baixo.

— Tão cínica... Você vai partir meu coração, Jess Thomas.

— E você vai me fazer ser despedida.

— Acho que isso quer dizer que uma rapidinha está fora de cogitação, não é?

Ela escapuliu e se encaminhou para a porta dos fundos, tentando fazer o rubor do rosto diminuir. Depois parou.

— Ei, Liam.

Ele ergueu o olhar do cigarro que apagava.

— Você não quer me emprestar quinhentos paus, quer?

— Se eu tivesse, amor, você poderia ficar com esse dinheiro.

Ele soprou um beijo enquanto ela entrava.

Jess estava circulando pelo bar para catar os recipientes vazios, as bochechas ainda coradas quando o viu.

Ela, de fato, olhou duas vezes. Ele estava sentado sozinho num canto, e

havia três canecas de cerveja vazias à sua frente.

Ele usava tênis Converse, calça jeans e uma camiseta. Estava sentado olhando para o celular, mexendo na tela e, volta e meia, erguia os olhos quando todos ali comemoravam um gol. Enquanto Jess observava, ele ergueu uma cerveja e virou-a num único e sedento gole.

Provavelmente achava que, de calça jeans, se integrava ao ambiente, mas a palavra “forasteiro” estava estampada nele todo. Muito dinheiro. O tipo de desleixo estudado que só se obtém com um alto custo. Quando ele olhou para o balcão, Jess virou de costas depressa, sentindo seu humor se anuviar.

— Vou dar um pulo lá embaixo para pegar mais salgadinhos — avisou ela a Chelsea, e se encaminhou para a adega.

— Eca — murmurou entre os dentes. — Eca. Eca. Eca.

Quando Jess voltou, ele tinha tomado outra caneca de cerveja e mal ergueu os olhos do telefone.

A noite se estendeu. Chelsea conversou sobre as opções que tinha na internet, Sr. Nicholls bebeu mais umas canecas de cerveja e Jess desapareceu todas as vezes em que ele foi até o balcão e evitou o olhar de Liam. Às dez para as onze, só havia uns poucos gatos pingados no pub... os vagabundos de sempre, como Des os chamava. Chelsea vestiu o casaco.

— Aonde você vai?

Chelsea abaixou-se para passar batom olhando-se no espelho atrás dos dosadores.

— Des disse que eu podia sair um pouquinho mais cedo. — Ela contraiu os lábios. — Tenho um encontro.

— Encontro? Quem marca um encontro a esta hora da noite?

— É na casa do David. Não tem nada de mais — ressaltou, quando Jess olhou para ela. — Minha irmã vai também. Ele disse que seria legal irmos os três.

— Chels, você já ouviu falar de telefonema para marcar sexo?

— O quê?

Jess olhou para ela por um instante.

— Nada. Só... divirta-se.

Ela estava enchendo o lava-louça quando ele apareceu no balcão. Tinha os olhos semicerrados e cambaleava suavemente, como se estivesse prestes a embarcar numa dança de estilo livre.

— Cerveja, por favor.

Ela enfiou mais dois copos na parte de trás da bandeja do lava-louça.

— Não estamos mais servindo. Já deu onze horas.

Ele olhou para o relógio. Sua voz estava pastosa.

— Falta um minuto.

— Você já bebeu o suficiente.

Ele piscou devagar e olhou para ela. O cabelo escuro e curto do homem estava ligeiramente arrepiado de um lado.

— Quem é você para me dizer que já bebi o suficiente?

— A pessoa que serve as bebidas.

Normalmente é assim que funciona. — Jess sustentou o olhar dele. — Você nem me reconhece, não é mesmo?

— E deveria?

Ela o encarou por mais um tempo.

— Espere aí.

Jess saiu de trás do balcão, andou até a porta vaivém e, enquanto ele continuou ali parado, desconcertado, ela abriu a porta e deixou-a voltar na direção do seu rosto, levantando a mão e abrindo a boca como se fosse dizer algo. Abriu a porta de novo e parou diante dele.

— Agora me reconhece?

Ele piscou.

— Você é a... eu a vi ontem?

— A faxineira. Sim.

Ele correu a mão pelo cabelo.

— Ah, o negócio da porta. Eu estava...

tendo uma conversa complicada.

— “Agora não, obrigado” em geral funciona igualmente bem, eu acho.

— Entendo o que quer dizer.

Ele se debruçou no balcão. Jess tentou manter uma expressão impassível quando o cotovelo dele escorregou.

— Isto é um pedido de desculpas, é?

Ele a fitou com um olhar sonolento.

— Me desculpe. Sinto muito, muito, muito. Muitíssimo, Ó Senhora do Bar.

Agora posso beber?

— Não. Já passou das onze.

— Só porque você me deixou falando.

— Não tenho tempo de ficar aqui esperando você degustar mais uma cerveja.

— Sirva uma dose, então. Por favor.

Preciso de mais uma bebida. Uma dose de vodca. Aqui. Pode ficar com o troco.

— Ele bateu com uma nota de vinte no balcão. O impacto reverberou pelo resto de seu corpo, e a sua cabeça chicoteou ligeiramente para trás. — Só uma. Na verdade, sirva uma dose dupla. Vou levar dois segundos para engolir. Um segundo.

— Não. Você já bebeu muito.

Ela ouviu a voz de Des vindo da cozinha.

— Ai, pelo amor de Deus, Jess, dê uma bebida para ele.

Ela ficou parada por um instante, a mandíbula rígida, depois se virou e serviu duas doses num copo. Lançou o dinheiro na caixa registradora e, em seguida, colocou silenciosamente o troco dele no balcão. O homem virou a vodca de uma só vez, engolindo ruidosamente enquanto pousava o copo, e se afastou, cambaleando um pouco.

— Esqueceu o troco.

— Pode ficar com ele.

— Não quero.

— Então coloque na sua caixa de caridade.

Ela pegou o dinheiro e enfiou-o na mão dele.

— A caixa de caridade preferida de Des chama-se “Fundo para as férias de Des Harris em Memphis” — disse ela.

— É sério. Pegue o seu dinheiro.

O homem piscou para Jess e deu dois passos trôpegos para o lado quando ela abriu a porta para ele. Naquele momento ela percebeu o que ele acabara de tirar do bolso. E o Audi super-reluzente no estacionamento.

— Você não vai voltar para casa dirigindo.

— Estou bem. — Ele rechaçou o protesto dela, abaixando as chaves. — Não tem nenhum carro por aí à noite, afinal de contas.

— Você não pode dirigir.

— Estamos no meio do nada, caso não tenha notado. — Ele apontou para o céu.

— Estou a quilômetros de tudo, e preso aqui, no meio do nada, porra. — Inclinou-se à frente, e o seu bafo era uma lufada de álcool. — Vou bem, bem devagarinho.

Ele estava tão bêbado que tirar as chaves de suas mãos foi constrangedoramente fácil.

— Não — disse ela, voltando para o bar. — Não vou ser responsável por você se envolver em um acidente. Volte lá para dentro e eu chamo um táxi.

— Me dê as minhas chaves.

— Não.

— Você está roubando as minhas chaves.

— Eu o estou salvando de perder a carteira de motorista.

Ela segurou as chaves no alto e voltou para o bar.

— Ah, pelo amor de Deus! — reclamou ele, com um tom que fez Jess parecer o último item de uma longa lista de coisas irritantes.

Isso a deixou com vontade de lhe dar um chute.

— Vou arranjar um táxi para você.

Fique... fique sentado aí. Devolvo as suas chaves quando você estiver em segurança dentro do táxi.

No corredor dos fundos, ela mandou uma mensagem de texto para Liam do seu telefone.

Isso significa que estou com sorte?, respondeu ele.

Se você gostar de gente peluda. E do sexo masculino.

Jess voltou para a rua e o Sr. Nicholls tinha sumido. Seu carro continuava ali.

Ela o chamou duas vezes, se perguntando se ele tinha ido fazer xixi atrás de uma moita, depois deu uma olhada mais abaixo e lá estava ele, dormindo profundamente no banco da rua.

Por um instante passou-lhe pela cabeça deixá-lo ali. Mas estava frio, os nevoeiros do mar eram imprevisíveis, e o Sr. Nicholls provavelmente acordaria sem a carteira.

— Não vou levar isto — disse Liam pela janela do motorista quando seu táxi parou no estacionamento.

— Ele está bem. Só está dormindo.

Posso lhe dizer para onde deve levá-lo.

— Não, não. O último dorminhoco que levei acordou e vomitou em todo o estofamento novo do meu carro. Depois, não sei como, arranjou energia para sair correndo.

— Ele mora no Beachfront. Não vai sair correndo. — Ela olhou para o

relógio. — Ah, qual é, Liam? Está tarde.

Só quero ir para casa.

— Então deixe-o aí. Desculpe, Jess.

— Tudo bem. E se eu ficar no carro enquanto você o leva? Se ele passar mal, eu limpo. Depois você pode me deixar em casa. Ele pode pagar. — Ela pegou o troco do Sr. Nicholls de onde ele o deixara cair ao lado do banco e separou-o. — Treze libras devem dar, não é?

Ele fez uma careta.

— Ah, Jess. Não dificulte as coisas para mim.

— Por favor, Liam. — Ela sorriu.

Pousou a mão no braço dele. — Estou pedindo, por favor.

Ele olhou para a rua.

— Está bem.

Ela baixou a cabeça até o rosto adormecido do Sr. Nicholls, depois se endireitou e fez um gesto de cabeça positivo.

— Disse que por ele tudo bem.

Liam balançou negativamente a cabeça. O ar de flerte de antes tinha evaporado.

— Ah, por favor, Liam. Me ajude a colocá-lo no carro. Preciso ir para casa.

O Sr. Nicholls se deitou com a cabeça no colo de Jess como uma criança doente. Ela não sabia onde pôr as mãos.

Colocou-as sobre as costas do banco traseiro e durante todo o percurso rezou para que o homem não passasse mal.

Toda vez que ele gemia ou se mexia, ela baixava o vidro ou se inclinava para ver o rosto dele. *Não ouse*, disse-lhe em silêncio. *Simplesmente não ouse*. Eles estavam a dois minutos do parque de veraneio quando o telefone de Jess tocou. Era Belinda, sua vizinha. Ela apertou os olhos para a tela iluminada.

Garotos andaram perseguindo seu Nicky de novo. Pegaram ele na frente da loja de peixe com fritas. Nigel o levou para o hospital.

Ela sentiu um aperto no peito. *Estou a caminho*, digitou.

Nigel disse que vai ficar com ele até você chegar lá. Vou ficar aqui com Tanzie.

Obrigada, Belinda. Irei o mais rápido possível.

Sr. Nicholls se mexeu e deu um longo ronco. Ela olhou para ele, para o seu corte de cabelo caro e sua calça jeans muito azul, e de repente ficou

furiosa. Já devia estar em casa àquela hora se não fosse por causa dele. Teria sido ela a levar o cachorro para passear, não Nicky.

— Chegamos.

Jess orientou-o em direção à casa do Sr. Nicholls, e os dois arrastaram-no para dentro, os braços dele pendurados nos ombros de Jess e de Liam, as pernas dela bambeando um pouco sob o surpreendente peso do homem. Ele se agitou de leve quando chegaram à porta da frente, e ela manuseou desajeitadamente as chaves, tentando encontrar a certa, antes de decidir que seria mais fácil usar a dela própria.

— Onde você quer deixá-lo? — perguntou Liam, bufando.

— No sofá. Não vou carregá-lo lá para cima.

Ela o colocou rapidamente de lado.

Tirou seus óculos, jogou sobre ele um paletó que estava por perto e deixou as chaves na mesa lateral que ela mesma havia lustrado mais cedo naquele dia.

Depois se sentiu apta a dizer: — Liam, você pode me deixar no hospital? Houve um acidente com Nicky.

O carro atravessava depressa e em silêncio as pistas desertas. Sua mente estava a mil. Ela temia o que poderia encontrar. Quão gravemente Nicky estaria ferido? Será que Tanzie vira alguma coisa? E depois, sob o medo, havia as preocupações idiotas, mundanas, como: será que vou ficar horas no hospital? Um táxi dali custaria pelo menos quinze libras.

— Quer que eu espere? — perguntou Liam, ao estacionar na área de Acidentes e Emergência.

Jess já corria atravessando a pista antes mesmo de ele parar o carro.

O garoto estava num cubículo lateral.

Quando a enfermeira afastou a cortina para que Jess passasse, Nigel se levantou da cadeira de plástico, seu rosto bondoso e pálido tenso de ansiedade. Nicky estava virado para o outro lado, um curativo na bochecha e o início de um hematoma se espalhando do olho para o restante do rosto. Havia uma atadura temporária em volta da linha do seu couro cabeludo.

Não deixar escapar um soluço foi tudo o que ela conseguiu fazer.

— Vão suturar. Mas querem mantê-lo internado. Verificar fraturas e coisas assim. — Nigel parecia sem jeito. — Ele não quis que eu chamasse a

polícia.

— Apontou na direção da rua. — Se você estiver bem, vou voltar para Belinda. Está tarde...

Jess murmurou um agradecimento e foi até Nicky. Pousou a mão no cobertor, onde estava seu ombro.

— Tanzie está bem — murmurou ele, sem olhar para ela.

— Eu sei, querido. — Ela se sentou na cadeira de plástico ao lado da cama. — O que aconteceu?

Ele fez um leve movimento de ombros.

Nicky nunca queria tocar naquele assunto. De que adiantava, afinal? Todo mundo sabia o resultado. Quem tinha aparência esquisita apanhava. Quem continuava tendo uma aparência esquisita continuava sendo perseguido.

Essa era a lógica demolidora e inflexível da cidade pequena.

E, pela primeira vez, ela não soube o que falar para o menino. Não podia lhe dizer que estava tudo bem, pois não estava. Não podia lhe dizer que a polícia ia pegar os Fisher, porque isso nunca acontecia. Não podia lhe dizer que as coisas mudariam antes que ele se desse conta, pois um adolescente só consegue imaginar sua vida até duas semanas adiante, e ambos sabiam que a vida de Nicky não melhoraria nesse prazo. Nem provavelmente em nenhum momento pouco depois disso.

— Ele está bem? — perguntou Liam, enquanto ela voltava lentamente para o carro.

A descarga de adrenalina já passara, e os ombros de Jess estavam caídos de exaustão. Ela abriu a porta de trás para pegar a jaqueta e a bolsa, e os olhos dele, no retrovisor, perceberam tudo.

— Ele vai sair dessa — respondeu ela.

— Escrotinhos. Eu estava justamente conversando com o seu vizinho. Alguém tem que fazer alguma coisa. — Ele ajustou o espelho. — Eu lhes daria uma lição pessoalmente se não tivesse que me preocupar com a minha carteira de motorista. Isso é tédio. Eles não sabem mais o que fazer da vida a não ser atormentar os outros. Vê se pega todas as suas coisas, Jess.

Ela teve que enfiar parte do corpo no carro para alcançar o casaco, e, ao fazer isso, sentiu algo sob o pé. Meio mole, cilíndrico. Ela moveu o pé, tateou

o chão do carro e encontrou um rolo gordo de dinheiro. Ficou olhando para aquilo na semiescuridão, depois para o que caíra ao lado. Um crachá plastificado, do tipo que se usa em escritórios. As duas coisas provavelmente caíram do bolso do Sr. Nicholls quando ele estava adormecido no banco de trás. Antes que pudesse pensar no assunto, ela enfiou as coisas que encontrou na bolsa.

— Aqui — disse ela, fazendo um movimento em direção à bolsa, mas Liam levantou a mão.

— Não. É por minha conta. Você já tem muitas responsabilidades. — Deu-lhe uma piscadela. — Ligue para um de nós quando precisar de condução. Será por conta da casa. Dan já autorizou.

— Mas...

— Nada de mas. Agora vá, Jess. Vá cuidar para que o seu garoto fique bem.

Vejo você no pub.

Ela quase chorou de gratidão. Ficou ali parada, com uma mão erguida, enquanto ele dava a volta no estacionamento e gritava pela janela: — Mas você devia dizer a ele que, se tentasse ter uma aparência um pouco mais normal, talvez não arrebatassem a cara dele com tanta frequência.

JESS

Ela cochilou durante toda a madrugada na cadeira de plástico do hospital, acordando de vez em quando por causa do desconforto e do barulho das tragédias distantes na enfermaria do outro lado da cortina. Observava o recém-suturado Nicky quando ele finalmente dormiu, e se perguntava de que modo poderia protegê-lo. Queria saber o que se passava na cabeça do garoto. Perguntava-se, com um embrulho no estômago que parecia que nunca iria passar, o que aconteceria em seguida.

Às sete, uma enfermeira projetou a cabeça pela abertura da cortina e disse que prepararia um chá com torradas para ela. Aquele pequeno ato de bondade levou-a a conter lágrimas encabuladas. O especialista foi até lá pouco depois das oito e explicou que Nicky provavelmente precisaria permanecer mais uma noite no hospital, para que pudessem confirmar que não havia hemorragia interna. Fora identificada uma sombra na radiografia, mas eles não tinham conseguido determinar sua origem e queriam se certificar. A melhor coisa que Jess poderia fazer era ir para casa descansar um pouco. Nathalie telefonou dizendo que havia levado Tanzie para a escola com seus filhos e que estava tudo bem.

Estava tudo bem.

Ela saltou do ônibus dois pontos antes de sua casa, foi até onde Leanne Fisher morava, bateu na porta e, com toda a educação que conseguiu reunir, disse-lhe que, se Jason chegasse perto de Nicky de novo, ela mandaria a polícia ir atrás dele. Ao ouvir isso, Leanne Fisher cuspiu em Jess e disse que, se ela não desse o fora imediatamente, jogaria um tijolo na porra da janela dela. Ouviu-se uma gargalhada vindo de dentro da casa enquanto Jess se afastava.

Era justamente a resposta que ela esperava.

Jess entrou em sua casa vazia. Pagou a conta de água com o que teria sido o dinheiro do aluguel. Pagou a conta de luz com o dinheiro da faxina. Tomou banho, trocou de roupa e foi para o turno do almoço no pub, tão absorta em seus pensamentos que Stewart Pringle manteve a mão na sua bunda por dez segundos inteiros antes que ela notasse.

Ela derramou devagarinho a caneca de Best Bitter do sujeito em cima

dos sapatos dele.

— Por que você fez isso? — gritou Des quando Stewart reclamou.

— Se você não se incomoda, pode ficar aí parado e deixar ele botar a mão na sua bunda — respondeu ela, voltando a limpar os copos.

— Ela tem razão — disse Des.

Jess passou aspirador de pó na casa inteira antes de Tanzie voltar da escola.

Sentia-se tão cansada que devia estar em coma, mas, na verdade, estava tão irritada que talvez tenha feito tudo com o dobro da velocidade. Não conseguia se conter. Limpou, dobrou e arrumou porque, se não fizesse isso, tiraria a velha marreta de Marty dos dois ganchos na garagem bolorenta, iria até a casa dos Fisher e faria uma coisa que acabaria completamente com todos eles.

Ela limpava porque, se não fizesse isso, ficaria parada em seu quintalzinho cheio de mato, levantaria o rosto para o céu e gritaria, gritaria, gritaria, e não tinha certeza se seria capaz de parar.

Quando Jess ouviu o barulho de passos do lado de fora, a casa flutuava numa nuvem tóxica de lustra-móveis e detergente. Ela respirou fundo duas vezes, tossiu um pouco, depois se obrigou a respirar mais uma vez antes de abrir a porta, um sorriso tranquilizador colado no rosto. Nathalie estava parada no caminho que dava acesso à casa, as mãos nos ombros de Tanzie. A menina andou até a mãe, passou os braços em volta de sua cintura e abraçou-a com força, os olhos fechados.

— Ele está bem, querida — disse Jess, afagando o cabelo da menina. — Está tudo certo. É só uma briga boba de garotos.

Nathalie tocou no braço de Jess e fez um pequeno aceno de cabeça.

— Cuidem-se — disse ela, e saiu.

Jess fez um sanduíche para Tanzie, observou-a caminhar até a parte sombria do jardim para fazer algoritmos e disse a si mesma que lhe contaria sobre a St. Anne's no dia seguinte. Definitivamente, lhe contaria no dia seguinte.

Depois foi para o banheiro e desenrolou o dinheiro que achara no táxi, o qual pertencia ao Sr. Nicholls.

Quatrocentas e oitenta libras. Ela arrumou as notas em pilhas perfeitas no chão, mantendo a porta trancada.

Jess sabia o que deveria fazer. É

evidente que sabia. O dinheiro não era seu. Essa era uma lição que ela

martelava para as crianças: não roubem.

Não peguem o que não lhes pertence.

Façam a coisa certa e serão recompensados no fim.

Façam a coisa certa.

No entanto, uma nova voz, mais sinistra, começara a zumbir baixinho em seu ouvido. Por que você deveria devolver isso? Ele não sentirá falta.

Estava desmaiado no estacionamento, no táxi, na casa dele. O dinheiro poderia ter caído em qualquer lugar. Foi pura sorte você ter encontrado, afinal de contas. E se outra pessoa daqui o tivesse pego?

Acha que teria devolvido?

O crachá dizia que o nome de sua empresa era Mayfly. Ele se chamava Ed.

Ela devolveria o dinheiro para o Sr. Nicholls. Seu cérebro rodava no ritmo da secadora de roupas.

Ainda assim, ela não fez isso.

Antes, Jess não costumava pensar em dinheiro. Marty trabalhava cinco dias por semana numa empresa de táxi local, cuidava das finanças, e eles tinham o suficiente para irem ao pub umas duas noites por semana e ainda dava para ela sair uma ou outra noite com Nathalie.

Tiravam férias de vez em quando. Em alguns anos, viviam melhor do que em outros, mas sempre davam um jeito.

Foi então que Marty ficou farto de se contentar com o que tinham. Uma vez foram acampar no País de Gales e choveu oito dias sem parar. Assim, ele começou a ficar cada vez mais insatisfeito, como se o clima fosse algo a ser levado para o lado pessoal.

— Por que não podemos ir à Espanha ou a algum lugar quente? — resmungava ele, olhando através das bordas da barraca encharcada. — Isto é uma bosta. Não são férias, droga.

Ele ficou de saco cheio do trabalho e encontrava cada vez mais coisas de que se queixar. Os outros motoristas ficaram contra ele. O supervisor o passava para trás. Os passageiros eram poucos.

Àquela altura ele começou com os projetos. As camisetas falsificadas de uma banda que saiu das listas de mais tocadas tão depressa quanto entrou. O esquema em pirâmide, no qual eles entraram duas semanas atrasados.

Importação e exportação era uma coisa certa, disse Marty, confiante, certa noite ao chegar em casa do pub.

Conhecera um cara que conseguia eletrodomésticos baratos da Índia, e eles poderiam revendê-los por meio de uma pessoa indicada pelo tal sujeito.

Mas — que surpresa —, a pessoa que faria as revendas acabou não sendo tão garantida quanto haviam prometido a Marty. E os poucos que compraram os aparelhos reclamaram que eles explodiam os seus quadros de distribuição elétrica, e o resto dos produtos enferrujou, mesmo na garagem.

Com isso, suas magras poupanças viraram uma pilha de eletrodomésticos inúteis que tinham que ser colocados, quatorze por semana, no carro de Marty e levados para o depósito de lixo.

Depois disso, veio o Rolls-Royce.

Pelo menos, Jess conseguia ver sentido naquele projeto. Marty poderia pintá-lo com spray cinza-metálico no carro e depois o alugaria com seus serviços de motorista para casamentos e funerais.

Comprou-o no eBay de um homem de Midlands e conseguiu descer metade da autoestrada M6 antes que o carro pifasse. Tinha algo a ver com o motor de arranque, explicou o mecânico, olhando embaixo do capô. Mas quanto mais examinava aquilo, mais parecia haver algo de errado com o carro. No primeiro inverno em que ficou na garagem, o estofamento foi roído por camundongos, e, por isso, eles precisaram de dinheiro para substituir os bancos de trás antes de poderem alugá-lo. Mais tarde, ficaram sabendo que bancos estofados de reposição para um Rolls-Royce eram praticamente a única coisa que não se conseguia comprar no eBay. Assim, o carro permaneceu na garagem como um lembrete de como eles nunca conseguiam ir para a frente com nada.

Ela assumiu a responsabilidade financeira quando Marty passou a ficar quase o dia inteiro na cama. Depressão era uma doença, era o que todo mundo dizia. Embora, pelos comentários dos seus amigos, ele não parecesse sofrer disso nas duas noites em que ainda conseguia se arrastar para o pub.

Quando tirou todos os extratos bancários dos envelopes e pegou o comprovante da caderneta de poupança na escrivaninha, Jess finalmente viu com os próprios olhos a encrenca em que haviam se metido. Tentou conversar com Marty umas duas vezes, mas ele se limitou a cobrir a cabeça com o edredom e dizer que não conseguia enfrentar a situação. Foi mais ou menos àquela altura que ele sugeriu que poderia passar um tempinho na casa da mãe. Se fosse sincera, Jess admitiria estar aliviada por vê-lo ir embora. Já

era suficientemente difícil lidar com Nicky — que ainda era um fantasma calado e magro —, Tanzie e dois empregos.

— Pode ir — disse ela, afagando seu cabelo. Lembrava-se de ter pensado quanto tempo fazia que não tocava nele.

— Fique lá por umas duas semanas.

Você vai se sentir melhor dando um tempinho.

Marty olhou para ela em silêncio, os olhos vermelhos, e apertou sua mão.

Isso acontecera dois anos antes.

Nenhum deles jamais aventara a possibilidade de Marty voltar.

Jess tentou manter tudo normal até Tanzie ir se deitar, perguntando-lhe o que comeria na casa de Nathalie, contando-lhe o que Norman fizera enquanto ela estava fora. Penteou o cabelo da filha, depois se sentou em sua cama e leu um livro antigo do Harry Potter, como se ela fosse uma criança bem mais nova, e, pela primeira vez, Tanzie não lhe disse que, na verdade, preferia fazer cálculos.

Quando teve certeza de que Tanzie estava dormindo, Jess ligou para o hospital. A enfermeira disse que Nicky estava tranquilo: as radiografias não mostravam qualquer evidência de perfuração nos pulmões. A pequena fratura facial se curaria sozinha.

Ela ligou para Marty, que ouviu em silêncio, depois perguntou: — Ele ainda usa aquelas coisas no rosto?

— Ele usa um pouco de rímel, sim.

Houve um longo silêncio.

— Não diga isso, Marty. Não se atreva a dizer isso.

Desligou o telefone antes que ele pudesse falar. A polícia ligou às quinze para as dez e disse que Jason Fisher negara saber de qualquer coisa.

— Havia quatorze testemunhas — afirmou ela, a voz rouca, resultado do esforço para não gritar —, inclusive o homem que gerencia a loja de peixe com fritas. Eles atacaram o meu filho. Eram quatro garotos.

— Sim, mas testemunhas só têm alguma serventia para nós quando conseguem identificar os autores, senhora. E o Sr. Brent disse que não ficou claro quem estava realmente envolvido na briga. — Ele suspirou como se ela devesse saber como os adolescentes eram. — Tenho que lhe dizer, senhora,

que os Fisher afirmam que o seu filho começou a briga.

— A probabilidade de ele começar uma briga é a mesma do infeliz do Dalai Lama fazer isso. Estamos falando de um garoto que não consegue colocar um edredom dentro da capa sem se preocupar com o fato de que isso possa ferir alguém.

— Só podemos agir com base em provas, senhora.

Os Fisher. Com a fama deles, Jess teria sorte se uma única pessoa “se lembrasse” do que tinha visto.

Por um momento, ela deixou a cabeça pender nas mãos. Eles nunca dariam trégua. E a próxima seria Tanzie, logo que começasse o ensino médio. Ela seria um ótimo alvo por causa do seu amor pela matemática, da sua esquisitice e da sua total falta de malícia. Jess ficou gelada. Pensou na marreta de Marty na garagem, e em como seria ir até a casa dos Fisher e...

O telefone tocou. Ela atendeu.

— Agora o quê? Vai me dizer que ele deu uma surra em si mesmo, também? É isso?

— Sra. Thomas?

Ela piscou.

— Sra. Thomas? É o Sr. Tsvangarai.

— Ah, Sr. Tsvangarai, me desculpe.

Essa... essa não é uma hora muito boa.

Ela estendeu a mão à frente. Tremia.

— Sinto muito por ligar tão tarde, mas é uma questão um tanto urgente.

Descobri algo interessante. Chama-se Olimpíada de Matemática — explicou, pronunciando as palavras com cautela.

— O quê?

— É uma novidade que surgiu na Escócia para alunos superdotados. Uma competição de matemática. E ainda temos tempo de inscrever Tanzie.

— Uma competição de matemática? — Jess fechou os olhos. — Sabe, Sr. Tsvangarai, isso é muito legal, mas há várias coisas acontecendo aqui agora, e não acho...

— Sra. Thomas, os prêmios são quinhentas libras, mil libras e cinco mil libras. Cinco mil libras. Se ela ganhar, pelo menos as despesas do primeiro ano da St. Anne's estariam quitadas para a senhora.

— Diga isso de novo. — Jess sentou-se na cadeira enquanto ele explicava melhor. — Isso existe?

— Existe.

— E acha mesmo que ela conseguiria?

— Há uma categoria destinada especialmente para a faixa etária dela. Não vejo como Tanzie poderia falhar.

Cinco mil libras, cantou uma voz em sua cabeça. O suficiente para a menina cursar os dois primeiros anos.

— Qual é a pegadinha?

— Não há nenhuma pegadinha. Bem, a pessoa tem que saber matemática avançada, é óbvio. Mas não vejo como isso poderia ser um problema para Tanzie.

Ela se levantou e tornou a se sentar.

— E, naturalmente, a senhora teria que ir à Escócia.

— Detalhes, Sr. Tsvangarai. Detalhes.

— Sua cabeça girava. — Isso é para valer, certo? Não é uma piada?

— Não sou homem de fazer graça, Sra. Thomas.

— Porra. *Porra!* Sr. Tsvangarai, o senhor é uma beleza. — Jess pôde ouvir a risada constrangida dele. — Então... o que fazemos agora?

— Bem, dispensaram a prova de qualificação depois que mandei alguns exemplos do trabalho da Tanzie.

Percebo que eles têm muita vontade de admitir crianças de escolas menos favorecidas. E cá entre nós, obviamente, é uma vantagem enorme ela ser menina.

Mas temos que decidir depressa. Sabe, faltam apenas cinco dias para a Olimpíada deste ano.

Cinco dias. O prazo para a matrícula na St. Anne's ia até o dia seguinte.

Ela ficou parada no meio da sala, pensando. Depois subiu a escada correndo, tirou o dinheiro do Sr. Nicholls daquele ninho entre suas meias-calças e, quando se deu conta, já tinha enfiado tudo em um envelope, rabiscado um bilhete e escrito o endereço em letras caprichadas na frente, junto a ST. ANNE'S, GABINETE DE ADMISSÃO, e calculado que poderia passar lá no dia seguinte a caminho da faxina.

Devolveria o dinheiro. Cada centavo.

Mas, naquele momento, não tinha escolha.

Naquela noite, Jess sentou-se na cozinha e esboçou um plano. Procurou o horário dos trens para Edimburgo, riu de um jeito meio histérico, depois pesquisou o custo de três passagens na classe econômica (cento e oitenta e

sete libras, incluindo as treze libras necessárias para o transporte até a estação) e o custo de deixar Norman uma semana num canil (noventa e quatro libras). Pousou as mãos sobre os olhos e deixou-as um pouco ali. E, então, quando Tanzie estava dormindo, pegou as chaves do Rolls-Royce, foi para fora, limpou os cocôs de rato do banco do motorista e testou a ignição.

O motor ligou na terceira tentativa.

Jess ficou sentada na garagem que sempre cheirava a umidade, cercada de uma velha mobília de jardim, peças de carro e baldes de plástico, e deixou o motor funcionar. Depois se inclinou para a frente e puxou o desbotado selo do imposto único de circulação. Estava quase dois anos vencido. E ela não tinha seguro.

Desligou o carro e permaneceu sentada no escuro enquanto o cheiro de óleo sumia gradualmente e, pela centésima vez, pensou: *Faça a coisa certa.*

ED

Ed.Nicholls@mayfly.com: Não se esqueça do que eu lhe disse. Posso lembrá-la de detalhes se você perder o cartão.

Deanna1@yahoo.com: Não vou esquecer. A noite inteira ficou gravada na minha memória. ;-) *Ed.Nicholls@mayfly.com: Fez o que eu lhe disse?*

Deanna1@yahoo.com: Estou resolvendo agora.

Ed.Nicholls@mayfly.com: Me conte se conseguir bons resultados!

Deanna1@yahoo.com: Bem, baseando-se no seu último desempenho, eu ficaria surpresa se fosse qualquer coisa diferente disso! ;-o

Deanna1@yahoo.com: Ninguém nunca fez por mim o que você fez.

Ed.Nicholls@mayfly.com: Imagine.

Não foi nada.

Deanna1@yahoo.com: Quer sair de novo, no fim de semana que vem?

Ed.Nicholls@mayfly.com: Estou meio ocupado agora. Mas informo você.

Deanna1@yahoo.com: Acho que foi bom para nós dois. ;-) O detetive deixou-o terminar de ler as duas folhas de papel, depois as deslizou para Paul Wilkes, o advogado de Ed.

— Tem algum comentário a fazer sobre isso, Sr. Nicholls?

Era meio torturante ver e-mails particulares expostos num documento oficial: a ânsia de suas primeiras respostas, os duplos sentidos vagamente dissimulados, as carinhas (Quantos anos ele tinha? Quatorze?).

— Você não precisa dizer nada — instruiu Paul.

— Todo este diálogo pode ter sido sobre qualquer coisa. — Ed empurrou os documentos para longe de si. — “Me conte se conseguir bons resultados.” Eu poderia estar dizendo a ela para fazer algo sexual. Poderia ser, tipo, sexo por e-mail.

— Às onze e quinze da manhã?

— E daí?

— Num escritório sem baias?

— Sou desinibido.

O detetive tirou os óculos e lançou-lhe um olhar severo.

— Sexo por e-mail? Jura? Era o que o senhor estava fazendo aqui?

— Bem, não. Não nesse caso. Mas a questão não é essa.

— Suponho que a questão seja inteiramente essa, Sr. Nicholls. Há vários desses exemplos. O senhor fala em manter contato — ele folheou os papéis — “para ver se posso ajudá-la um pouco mais”.

— Mas não é o que parece. Ela estava deprimida, com dificuldade de se livrar do ex. Só quis... facilitar um pouco as coisas para ela. Estou lhe dizendo.

— Só mais algumas perguntas.

Eles tinham perguntas, tudo bem.

Queriam saber com que frequência ele se encontrava com Deanna. Aonde iam.

Qual era a natureza exata do relacionamento dos dois.

Não acreditaram quando Ed disse que não sabia muito sobre a vida dela. E nada sobre o seu irmão.

— Ah, qual é! — protestou Ed. — O senhor nunca teve um relacionamento que era só sexo?

— A Srta. Lewis não diz que era só sexo. Ela afirma que vocês dois estavam envolvidos numa relação “íntima e intensa”, que se conheciam desde a época da faculdade e que o senhor estava determinado a fazê-la ir adiante com o negócio, que insistiu para que ela fizesse aquilo. Alega ignorar que, seguindo o seu conselho, estivesse fazendo algo ilegal.

— Mas ela... ela está dando a impressão de que tínhamos uma relação muito mais séria do que era. E eu não a forcei a fazer nada.

— Então admite que lhe deu a informação.

— Não estou dizendo isso! Só estou falando...

— Acho que o meu cliente está dizendo que não pode ser responsabilizado por quaisquer ideias equivocadas que a Srta. Lewis possa ter tido sobre o relacionamento deles — interrompeu Paul. — Nem pelas informações que ela possa ter passado ao irmão.

— E não tínhamos um relacionamento.

Não esse tipo de relacionamento.

O detetive deu de ombros.

— Sabe de uma coisa? Não me interessa muito qual era a natureza da relação de vocês. Não me interessa se o senhor a comeu pela metade do tempo que falta até quarta-feira. O que me interessa, Sr. Nicholls, é que o senhor deu a essa jovem uma informação e, no dia vinte e oito de fevereiro, ela disse a um amigo que isso ia “nos trazer um lucro respeitável”. E as

contas bancárias dela e as do irmão mostram que, de fato, lhes trouxe um “lucro respeitável”.

Uma hora depois, liberado sob fiança por quinze dias, Ed estava sentado no escritório de Paul. O advogado serviu um uísque a ambos. Ed estava ficando estranhamente acostumado ao sabor de bebidas alcoólicas fortes enquanto ainda era dia claro.

— Não posso ser responsabilizado pelo que ela disse ao irmão. Não tenho como sair por aí verificando se toda parceira em potencial tem um irmão que trabalha com finanças. Só estava tentando ajudar a moça.

— Bem, você certamente fez isso. Mas organizações investigativas da área financeira no Reino Unido, como a SFA e a SOCA, não vão querer saber quais eram os seus motivos, Ed. Deanna e o irmão ganharam rios de dinheiro, e fizeram isso ilegalmente com base em informações que você deu a ela.

— Podemos parar de citar siglas? Não sei do que você está falando.

— Bem, tente imaginar todas as organizações de combate a crimes e a crimes graves relacionados a finanças. É basicamente quem está investigando você no momento.

— Do jeito que você fala, parece que realmente vou ser acusado.

Ed deixou o uísque na mesa ao lado.

— Acho que a probabilidade é enorme, sim. E talvez estejamos nos tribunais em pouquíssimo tempo. Eles estão tentando agilizar esses casos.

Ed olhou para o advogado. Depois afundou a cabeça nas mãos.

— Isto é um pesadelo. Eu só... só queria que ela fosse embora, Paul. Só isso.

— Bem, o melhor que podemos esperar no momento é conseguir convencê-los de que você é apenas um *geek* que não estava conseguindo sair de uma situação que não conseguia dominar.

— Ótimo.

— Tem alguma ideia melhor?

Ed negou com a cabeça.

— Então, basta esperar.

— Preciso fazer alguma coisa, Paul.

Tenho que voltar a trabalhar. Não sei o que fazer quando não estou trabalhando.

Vou enlouquecer naquele fim de mundo.

— Bem, se eu fosse você, não me mexeria por enquanto. A SFA pode muito bem deixar que isso seja divulgado, e aí a merda vai mesmo bater no ventilador. A mídia toda ficará em cima de você. A melhor coisa a fazer é continuar escondido naquele “fim de mundo” por mais uma ou duas semanas.

Paul rabiscou uma anotação no seu bloco.

Ed olhou a inscrição de cabeça para baixo.

— Acha mesmo que isso chegará aos jornais?

— Não sei. É provável. Talvez seja uma boa ideia falar com a sua família, só para deixá-los preparados para qualquer publicidade negativa.

Ed pousou as mãos nos joelhos.

— Não posso.

— Não pode o quê?

— Contar ao meu pai sobre essa situação. Ele está doente. Isso iria...

Ele balançou a cabeça. Quando, por fim, ergueu o olhar, Paul o observava fixamente.

— Bem, a decisão tem que ser sua.

Mas, como falei, acho que seria uma atitude sábia você ficar em algum lugar fora de alcance para o caso de tudo isso estourar. A Mayfly, obviamente, não o quer perto de seus escritórios até tudo se resolver. Há muito dinheiro dependendo do resultado do SFAX. Portanto, você tem que manter distância de qualquer pessoa associada à empresa. Nada de telefonemas. Nada de e-mails. E se alguém, por acaso, conseguir localizá-

lo, pelo amor de Deus, não diga nada. A ninguém.

Ele bateu a caneta, indicando que a conversa chegara ao fim.

— Então, devo me esconder no meio do nada, ficar calado e tamborilar os dedos na mesa até me mandarem para a prisão.

Paul se levantou, fechou a pasta em cima da mesa.

— Bem, a nossa melhor equipe está participando desse caso. E vamos fazer tudo que pudermos para garantir que isso não aconteça.

Ed ficou parado, piscando, nos degraus do escritório de Paul, rodeado de prédios com vitrais, mensageiros puxando capacetes de cabeças suadas, mulheres de pernas de fora rindo a caminho do parque onde iriam comer seus sanduíches, e sentiu uma saudade profunda da antiga vida. Aquela com a máquina de Nespresso na sua sala, com sua secretária dando uma saidinha

para buscar sushi, com seu apartamento que tinha vista para a cidade; uma vida em que a pior coisa era a perspectiva de ter que ficar deitado no sofá da sala de criação escutando os

Ternos discorrerem em tom monótono sobre lucros e perdas. Ele nunca comparara sua vida à de ninguém, porém agora sentia uma inveja doentia das pessoas à sua volta com suas preocupações do dia a dia, suas famílias, sua habilidade de pegar o metrô de volta para casa. O que ele tinha? Semanas preso numa casa vazia sem ter com quem conversar, a perspectiva de um processo iminente.

Sentia mais falta do trabalho do que jamais sentira da esposa. Sentia falta como se fosse uma amante. Sentia falta de ter uma rotina. Lembrou-se da semana anterior, de ter acordado no sofá do Beachfront sem ter noção de como chegara lá, a boca seca como se estivesse cheia de algodão, os óculos cuidadosamente dobrados na mesa de centro. Foi a terceira vez em três semanas em que ficara tão bêbado que não conseguia se recordar de como fora parar em casa, a primeira vez que acordara com os bolsos vazios.

Verificou o telefone (novo, apenas três contatos importados). Havia duas mensagens de Gemma na caixa postal.

Ninguém mais ligara. Ele suspirou e apertou Deletar, depois saiu pela calçada aquecida pelo sol em direção ao estacionamento. Não era um beberrão.

Lara sempre insistira que álcool dava barriga e reclamava de que ele roncava quando tomava mais de duas doses. Mas Ed queria uma bebida naquele momento como raramente quisera qualquer coisa.

Ele ficou sentado por um tempo em seu apartamento vazio, comprou alguma coisa para comer numa pizzaria, tornou a se sentar no apartamento e depois pegou o carro e foi para o litoral.

Deanna Lewis não saía de sua cabeça enquanto ele deixava Londres.

Como ele pôde ter sido tão burro? Por que não pensara na possibilidade de ela contar a outra pessoa? Ou será que ele não percebera algo mais sinistro ali?

Será que ela e o irmão planejaram aquilo? Será que foi alguma estratégia de vingança psicótica por ele a ter deixado?

A cada quilômetro, Ed ficava mais furioso. Ele poderia ter lhe dado a chave de seu apartamento, os detalhes de sua conta bancária — como dera à ex-mulher — e deixado Deanna fazer a limpa. Isso, na verdade, teria sido melhor. Pelo menos, ele teria mantido o trabalho, os amigos. Pouco antes da saída para Godalming, já possesso, Ed parou no acostamento e digitou o número do celular de Deanna. A polícia levava o seu celular antigo, com toda a sua agenda de contatos, como prova.

Mas ele achava que se lembrava do número dela. E já sabia com que frase começar: “Que diabo você achou que estava fazendo?”

Mas o número estava desligado.

Ed ficou sentado no acostamento, o telefone na mão, deixando a raiva se dissipar lentamente. Hesitou, depois ligou para o número de Ronan. Era um dos pouquíssimos que sabia de cor.

Ronan só atendeu após vários toques.

— Ronan...

— Não estou autorizado a falar com você, Ed.

Ele parecia cansado.

— É. Eu sei. Só... eu só queria dizer...

— Dizer o quê? O que você quer dizer, Ed? — Ed perdeu a fala diante da súbita fúria na voz de Ronan. — Sabe de uma coisa? Na verdade, não estou muito interessado nesse negócio de uso de informações privilegiadas. Embora, obviamente, isso seja um tremendo desastre para a empresa. Mas você era meu chapa. Meu amigo mais antigo. Eu nunca teria feito isso com você.

Um clique, e a ligação foi encerrada.

Ed ficou ali sentado e deixou a cabeça cair e ficar apoiada no volante por uns minutos. Esperou até o zumbido em sua mente desaparecer e depois sinalizou, retornando devagar para a estrada e rumando para o Beachfront.

— O que você quer, Lara?

— Oi, meu bem. Como vai?

— Hã... mais ou menos.

— Ah, não! Qual é o problema?

Ed nunca sabia se era uma característica italiana, mas Lara, sua ex-mulher, conseguia fazê-lo se sentir melhor. Ela envolvia a sua cabeça com as

mãos, corria os dedos pelo seu cabelo, lhe dava toda a atenção, fazia sons maternos. No fim, isso o deixava irritado, mas naquele momento, na estrada deserta a altas horas da noite, sentiu falta daqueles gestos.

— É... uma coisa de trabalho.

— Ah. Uma coisa de trabalho.

Aquela alteração instintiva em sua voz.

— Como você está, Lara?

— Minha mãe está me deixando louca.

E há um problema com o teto do apartamento.

— Algum trabalho?

Ela fez um muxoxo.

— Fui chamada para um espetáculo no West End e depois disseram que eu pareço muito velha. Muito velha!

— Você não parece muito velha.

— Eu sei! Posso aparentar dezesseis anos! Meu bem, preciso falar com você sobre o teto do apartamento.

— Lara, a casa é sua. Você foi beneficiada por um acordo financeiro.

— Mas eles dizem que vai custar muito dinheiro. Muito dinheiro. Não tenho nada.

— O que aconteceu com o que você recebeu no acordo? — Ele mantinha a voz firme.

— Não sobrou nada. Meu irmão precisou de dinheiro para o negócio dele, e você sabe que a saúde do papai não está boa. E aí eu tinha uns cartões de crédito...

— Acabou tudo?

— Não tenho o suficiente para o teto.

Disseram que vai dar goteira neste inverno. Eduardo...

— Bem, você pode vender a gravura que levou da minha casa em dezembro.

Seu advogado insinuara que a culpa era dele por não ter trocado as fechaduras das portas. Todo mundo fazia isso, aparentemente.

— Eu estava triste, Eduardo. Sinto falta de você. Só queria uma lembrança sua.

— Certo. Do homem para quem não aguentava nem mais olhar, como você disse.

— Eu estava com raiva quando disse isso.

Ela falava com sotaque italiano. No final, ficava sempre com raiva. Ed

esfregou os olhos, acionou a seta para sinalizar que ia sair para a estrada litorânea.

— Eu queria apenas umas lembranças de quando éramos felizes.

— Sabe, talvez da próxima vez em que sentir minha falta, você possa levar, quem sabe, uma foto emoldurada de nós dois, não uma serigrafia de Mao Tsé-tung de edição limitada no valor de quatorze mil libras.

— Você não liga para o fato de eu não ter ninguém a quem recorrer?

Sua voz se tornou um sussurro, quase insuportavelmente íntimo. O que fez seus testículos se contraírem em resposta. E ela sabia que provocaria isso.

Ed olhou no retrovisor.

— Bem, por que você não pede ao Jim Leonards?

— O quê?

— A mulher dele me ligou.

Curiosamente, ela não está muito contente.

— Foi só uma vez! Saí com ele só uma vez. E não é da conta de ninguém com quem eu saio! — Ed conseguia visualizá-la, a mão com as unhas impecavelmente bem-cuidadas levantada, os dedos abertos num gesto de frustração por ter que lidar com o “homem mais irritante da terra”. — Você me deixou! Espera que eu leve para sempre uma vida de freira?

— Foi você que me deixou, Lara. No dia vinte e sete de maio, voltando de Paris. Lembra?

— Detalhes! Você sempre distorce as minhas palavras com detalhes. Foi exatamente por isso que tive que deixar você!

— Pensei que fosse porque eu só gostava do meu trabalho e não entendia as emoções humanas.

— Eu o deixei porque você tem um pau pequeno!

Um

pau bem pequenininho! Como um camarão!

— Camarão?!

— *Camarão, lagostim*, qualquer coisa que seja miudinha! *Minúscula!*

— Acho que você, na verdade, quer dizer pitu. Sabe, como você simplesmente saiu de casa com uma serigrafia de edição limitada, acho que poderia, pelo menos, ter me concedido “lagosta”. Mas, tudo bem. O que você preferir.

Ele ainda se perguntava o que aqueles xingamentos italianos realmente queriam dizer. Percorreu vários quilômetros que mais tarde não se lembraria de ter percorrido. Depois suspirou, ligou o rádio e fixou o olhar na estrada,

que parecia interminável à frente.

Gemma ligou no exato momento em que ele estava fazendo a curva para pegar a estrada litorânea. Ed atendeu antes de ter tempo de pensar por que não deveria fazer isso.

— Não me diga. Você está muito ocupado.

— Estou dirigindo.

— E você tem um viva-voz. A mamãe quer saber se você irá ao almoço de aniversário de casamento deles.

— Que almoço de aniversário de casamento?

— Ah, qual é, Ed. Falei disso com você há meses.

— Sinto muito. Estou sem acesso à minha agenda no momento.

Gemma respirou fundo.

— Mamãe vai fazer um almoço especial em casa para eles. Papai vai sair do hospital só para isso. Ela queria que nós fôssemos. Você disse que poderia ir.

— Ah. Sim.

— Sim o quê? Você se lembra ou você vai?

Ele tamborilou os dedos no volante.

— Não sei.

— Olhe, papai ficou perguntando por você ontem. Eu disse que você estava enrolado com um projeto, mas ele está muito frágil, Ed. Isso é importantíssimo para ele. Para os dois.

— Gemma. Já lhe disse...

A voz dela explodiu no carro: — Sim, sei que você está muito ocupado. Já me disse que há coisas acontecendo.

— Há coisas acontecendo, sim! Você não tem noção!

— Ah, não. Eu não conseguiria entender, não é? Sou apenas uma assistente social burra que não ganha a porra de um salário de seis dígitos. É o seu pai, Ed. É o homem que sacrificou tudo para pagar sua educação, porra, que acha que você é um deus. E ele não vai durar muito. Você precisa ir lá, dar as caras e dizer as coisas que os filhos devem dizer aos pais que estão morrendo, entendeu?

— Ele não está morrendo.

— Como você poderia saber? Faz meses que não vai visitá-lo!

— Olhe, eu vou. É só que tenho que...

— Pare de besteira. Você é um homem de negócios. Faz as coisas acontecerem.

Faça isso acontecer. Ou juro que...

— Não estou ouvindo você, Gem.

Desculpe, a ligação está muito picotada aqui. Eu...

Ele começou a fazer chiados.

— Um almoço — disse ela, colocando sua voz de assistente social em ação, inteiramente calma e conciliatória. — Um almocinho, Ed.

Ele viu um carro da polícia logo à frente e conferiu o velocímetro. Um Rolls-Royce imundo, com um farol apagado e duas rodas no acostamento, estava estacionado embaixo do clarão laranja da lâmpada de vapor de sódio.

Havia uma garotinha parada ao lado do carro segurando um cão enorme numa coleira. Ela virou lentamente a cabeça quando ele passou.

— E, sim, compreendo, sim, que você tem seus compromissos e que seu trabalho é muito importante. Todos nós entendemos isso, Sr. Grande Tecnobabaca Farrista. Mas será que é pedir demais que você vá a um único inconveniente almoço de família?

— Espere aí, Gem. Houve um acidente logo à frente.

Ao lado da garotinha havia um adolescente fantasmagórico — menino? menina? — com uma cabeleira preta, ombros caídos.

E afastando-se rapidamente de um policial, que escrevia algo, havia outra criança...

não, uma mulher baixinha, o cabelo preso num rabo de cavalo malfeito.

Exasperada, ela erguia as mãos. Esse gesto lhe lembrou Lara. *Você é tão irritante!*

Ele já tinha avançado mais uns cem metros quando se deu conta de que conhecia aquela mulher. Puxou pela memória: bar? Parque de veraneio? De repente, veio-lhe à mente uma imagem da mulher pegando a chave do seu carro, depois outra dela retirando seus óculos na casa dele. O que estaria fazendo ali com crianças àquela hora da noite? Ele estacionou e olhou pelo retrovisor, observando.

Dava para ver perfeitamente o grupo. A garotinha se sentara no acostamento escuro. O cachorro era uma imensa massa negra ao seu lado.

— Ed? Você está bem? — A voz de Gemma rompeu o silêncio.

Mais tarde, ele não teve plena certeza do que o fizera parar. Talvez tenha sido uma tentativa de retardar a sua chegada àquela casa vazia. Talvez, numa

vida que saíra tanto dos trilhos, participar de tal cena já não parecesse algo estranho a se fazer. Ou pode ser que tenha sido apenas porque queria se convencer, contra todas as evidências disponíveis, de que não era um babaca completo.

— Gem, vou ter que ligar para você depois. É uma pessoa que conheço.

Ele parou no acostamento e fez uma manobra, voltando lentamente pela estrada pouco iluminada até alcançar o carro da polícia. Estacionou do outro lado da pista.

— Olá — disse Ed, abaixando o vidro. — Posso ajudar?

TANZIE

A alegria de Tanzie desapareceu assim que ela viu o rosto inchado de Nicky.

Não parecia realmente ele, e a menina teve que forçar os olhos a fitarem com muita firmeza os do irmão quando o que queria era fixá-los em outro lugar, até mesmo naquela imagem idiota, na parede em frente, de cavalos galopando, que nem mesmo pareciam cavalos.

Queria lhe contar da competição de matemática e que havia se matriculado na St. Anne's, porém não conseguiu...

não com o cheiro de hospital no nariz e o olho de Nicky todo deformado. Tanzie se viu pensando: “Os Fisher fizeram isso, os Fisher fizeram isso.” E ficou um pouco assustada porque não conseguia acreditar que alguém que conheciam faria isso a troco de nada.

Quando Nicky se levantou para ir em direção ao corredor, ela colocou a mão delicadamente em cima da dele, e embora o corriqueiro fosse o garoto dizer à irmã “Chispa, Pinguinho”, daquela vez ele apenas apertou de leve os dedos dela.

A mãe precisou ter todas as discussões de praxe com o pessoal do hospital sobre o fato de que, não, ela não era a mãe verdadeira do garoto, mas era como se fosse. E, não, ele não tinha uma assistente social. E isso sempre fazia Tanzie se sentir meio estranha, como se Nicky na realidade não fizesse parte da sua família, embora fizesse.

Ele saiu bem devagar do quarto e se lembrou de agradecer à enfermeira.

— Bom menino, não é? — observou ela. — Educado.

A mãe estava recolhendo as coisas dele.

— Isso é que é o pior — disse ela. — Ele só quer que o deixem em paz.

— Isso não adianta muito por aqui, não é? — A enfermeira sorriu para Tanzie. — Cuide do seu irmão, está bem?

Enquanto se encaminhava para a entrada principal atrás dele, Tanzie se perguntou como as pessoas viam a sua família, uma vez que toda conversa que tinham agora parecia terminar com um olhar engraçado e a recomendação: “Cuidem-se.”

A mãe preparou o jantar e deu a Nicky três pílulas de cores diferentes, e ele e a irmã ficaram vendo televisão sentados juntos no sofá. Era *Total Wipeout*, o que normalmente fazia Nicky quase se mijar de rir, no entanto ele mal falara desde que haviam chegado em casa, e Tanzie não achava que era porque sua mandíbula doía. A mãe estava ocupada lá em cima. Tanzie a ouvia arrastando gavetas e andando de um lado para outro no patamar da escada. Ela estava tão ocupada que nem reparou que já passava da hora de dormir.

Tanzie cutucou Nicky bem de leve com o dedo.

— Dói?

— Dói o quê?

— O seu rosto.

— Como assim?

— Bem... Está com um formato engraçado.

— O seu também. Isso dói?

— Rá, rá.

— Estou bem, Pinguinho. Deixe isso para lá. — Depois, quando ela olhou para ele, continuou: — De verdade.

Só... esquece. Estou bem.

A mãe entrou e colocou a coleira em Norman. Ele estava deitado no sofá e não queria se levantar, e ela precisou de umas quatro tentativas para arrastá-lo porta afora. Tanzie ia lhe perguntar se ela ia levá-lo para passear, mas então começou a parte em que a roda joga os concorrentes para fora dos pequenos pedestais fazendo-os cair na água e Tanzie se esqueceu. Depois a mãe voltou.

— Muito bem, crianças. Peguem seus casacos.

— Casacos? Por quê?

— Porque estamos indo embora. Para a Escócia.

Falou como se aquilo fosse absolutamente normal.

Nicky não desviou os olhos da televisão.

— Vamos para a Escócia?

— É. De carro.

— Mas não temos carro.

— Vamos pegar o Rolls-Royce.

Nicky olhou para Tanzie, depois de novo para a mãe.

— Mas você não tem seguro.

— Dirijo desde os doze anos. E nunca sofri um acidente. Olhe, vamos

pelas estradas secundárias e a maior parte da viagem vai ser feita à noite. Desde que a polícia não nos pare, ficaremos bem.

Os dois olharam para ela.

— Mas você disse...

— Sei o que eu disse. Acontece que às vezes os fins justificam os meios.

— O que isso significa?

A mãe estendeu as mãos para cima.

— Nicky, há uma competição de matemática que pode mudar as nossas vidas e é na Escócia. No momento, não temos dinheiro para as passagens. A verdade é essa. Sei que o ideal não é ir de carro, e não estou dizendo que esteja certo. Porém, a não ser que vocês dois tenham uma ideia melhor, vamos entrar no Rolls-Royce e seguir em frente.

— Hã, não precisamos arrumar nossas coisas para a viagem?

— Está tudo no carro.

Tanzie sabia que Nicky estava pensando a mesma coisa que ela: que a mãe finalmente enlouquecera. Mas tinha lido em algum lugar que pessoas loucas eram iguais a sonâmbulos e era melhor não perturbá-las. Então, assentiu com a cabeça muito devagar, como se aquilo tudo estivesse fazendo sentido. Pegou o casaco, e os três saíram pela porta dos fundos e entraram na garagem, onde encontraram Norman sentado no banco de trás do veículo olhando-os com uma cara que dizia: “É. Eu também.” O carro cheirava um pouco a mofo, e ela não queria mesmo colocar a mão nos assentos porque também lera em algum lugar que os ratos fazem xixi o tempo todo, assim, sem parar, e xixi de rato pode transmitir umas oitocentas doenças.

— Posso ir correndo buscar minhas luvas? — perguntou.

A mãe olhou para Tanzie como se a louca fosse a filha, no entanto concordou com a cabeça e a menina correu, vestiu as luvas e achou que estava se sentindo um pouquinho melhor.

Nicky acomodou-se com cuidado no banco da frente e limpou a poeira do painel com os dedos.

A mãe abriu o portão da garagem, ligou o motor e saiu com cuidado de ré para a entrada dos carros. Depois saltou, fechou a porta e trancou a garagem. Então, sentou-se e pensou por um instante.

— Tanzie, você tem caneta e papel?

Ela procurou na bolsa e entregou-lhe uma caneta. A mãe não queria que ela visse o que estava escrevendo, mas a menina espiou por entre os bancos.

FISHER, SEU INUTILZINHO, JÁ FALEI PARA A POLÍCIA QUE SE

ALGUÉM ARROMBAR A CASA SERÁ VOCÊ, E ELES ESTÃO DE OLHO

Ela saiu do carro e prendeu o aviso na parte de baixo da porta, onde não seria visível da rua. Depois, sentou-se de novo no assento meio roído do motorista, e, com um ronronar baixo, o Rolls-Royce partiu para a noite.

Levaram uns dez minutos para entender que a mãe não sabia mais dirigir. As coisas que até Tanzie sabia — espelho, seta, manobra —, ela fazia sempre na ordem errada e dirigia debruçada sobre o volante, segurando-o como as vovozinhas que guiavam a vinte quilômetros por hora pelo centro da cidade e arranhavam as portas nos pilares do estacionamento municipal.

Eles passaram pelo Rose and Crown, o bairro industrial com o lava a jato e o armazém de tapetes. Tanzie pressionava o nariz na janela. Estavam oficialmente saindo da cidade. A última vez que ela deixara a cidade fora durante a excursão da escola a Durdle Door, quando Melanie Abbott vomitou em cima dela no ônibus, o que deu início a uma reação em cadeia de vômitos em toda a turma.

— Calma — murmurou a mãe para si mesma. — Calminha.

— Você não parece calma — disse Nicky.

Ele estava jogando Nintendo e seus polegares formavam uma imagem indistinta de cada lado da telinha luminosa.

— Nicky, preciso que você leia o mapa. Nada de jogar Nintendo agora.

— Bem, com certeza basta irmos para o Norte.

— Mas onde fica o Norte? Não dirijo por aqui há anos. Preciso que você me diga para onde devo ir.

Ele olhou para a placa de sinalização.

— A gente quer a autoestrada M3?

— Não sei. Estou perguntando para você! — disse a mãe.

— Deixe-me ver. — Tanzie esticou o braço do banco de trás e pegou o mapa das mãos de Nicky. — Que lado eu seguro para cima?

Eles passaram duas vezes pela rotunda enquanto ela brigava com o mapa, e então foram parar na estrada fora da cidade. Tanzie se lembrava vagamente daquela estrada: certa vez eles foram naquela direção quando sua mãe e seu pai estavam tentando vender os aparelhos de ar-condicionado.

— Dá para acender a luz de trás, mãe?

— perguntou a menina. — Não consigo ler nada.

A mãe se virou para trás.

— O interruptor deve estar acima da sua cabeça.

Tanzie esticou o braço e acendeu-o com o polegar. Poderia ter tirado as luvas, pensou. Ratos não andam de cabeça para baixo. Não são como as aranhas.

— Não está funcionando.

— Nicky, você vai ter que ler o mapa.

— Ela olhou para ele, exasperada. — Nicky.

— Está bem. Eu leio. Só preciso pegar estas estrelas douradas. São cinco mil pontos.

Tanzie dobrou o mapa como pôde e passou-o por entre os bancos da frente.

Nicky mantinha a cabeça baixa sobre o jogo, totalmente concentrado. Justiça seja feita, estrelas douradas eram mesmo muito difíceis de conseguir.

— Quer largar isso?!

Ele suspirou e fechou o jogo. Estavam passando por um pub que Tanzie não reconhecia, e então passaram por um hotel novo. A mãe disse que eles estavam procurando a autoestrada M3, mas Tanzie não via nenhuma placa indicando a M3 havia séculos. Ao seu lado, Norman começou a resmungar baixinho e ela calculou que faltavam uns trinta e oito segundos para sua mãe dizer que aquilo estava lhe dando nos nervos.

Foram vinte e sete.

— Tanzie, por favor, faça o cachorro parar. Assim fica impossível me concentrar. Nicky, realmente preciso que você leia o mapa.

— Ele está babando em tudo. Acho que precisa sair.

Tanzie chegou para o lado.

Nicky apertou os olhos para as placas à frente.

— Se você seguir por esta estrada, acho que vamos parar em Southampton.

— Mas essa não é a direção certa.

— Foi o que eu disse.

O cheiro de óleo estava fortíssimo.

Tanzie se perguntou se havia algo vazando. Tapou o nariz com a luva.

— Acho que a gente devia voltar para onde estava e recomeçar — observou Nicky.

Com um grunhido, a mãe pegou a próxima saída. Todos tentaram fingir não ter ouvido o chiado quando ela virou o volante para a direita e retornou para o outro lado da estrada de mão dupla.

— Tanzie, por favor, faça alguma coisa com o cachorro. Por favor. — O pedal da embreagem estava tão duro que Jess quase tinha que ficar em pé em cima dele para mudar a marcha. Ela ergueu o olhar e embicou na direção da saída para a cidade. — O que estou fazendo, Nicky? Saindo daqui?

— Ai, nossa! Ele peidou. Mãe, estou sufocando.

— Nicky, por favor, dá para você ler o mapa?

Tanzie se lembrava agora de que a mãe odiava dirigir. Ela não era boa em processar informações com rapidez suficiente. Sempre dizia que não tinha as sinapses certas. E, justiça seja feita, o cheiro que tomava conta do carro era tão ruim que ficava difícil pensar direito.

Tanzie começou a ter ânsias.

— Estou morrendo!

Norman virou seu cabeção velho para olhar para ela, os olhos tristonhos como se ela estivesse sendo muito má.

— Há duas saídas. Pego esta ou a próxima?

— Com certeza, a próxima. Ah, não, desculpe, esta aqui.

— O quê?

A mãe deu uma guinada na estrada, tirando um fino do acostamento de grama, e pegou a saída. O carro sacudiu quando eles bateram no meio-fio, e Tanzie teve que tirar a mão do nariz para segurar a coleira de Norman.

— Pelo amor de Deus, não dá para você...

— Eu quis dizer a próxima. Esta nos deixa quilômetros mais longe do nosso caminho.

— Pegamos a estrada há quase meia hora e estamos mais longe do que quando começamos. Nossa, Nicky, eu...

Foi naquele instante que Tanzie viu a luz azul piscante. Ela desejou com todas as forças que o carro da polícia passasse direto. Em vez disso, ele foi se aproximando cada vez mais até as luzes azuis preencherem o Rolls-Royce.

Nicky se virou penosamente no assento.

— Hum, Jess, acho que eles querem que você encoste.

— Merda. Merda, merda, merda.

Tanzie, você não ouviu isso.

A mãe respirou fundo, ajustou as mãos no volante enquanto começava a diminuir a velocidade. Nicky afundou um pouco mais no assento.

— Hum, Jess?

— Agora não, Nicky.

O carro da polícia estava encostando também. As mãos de Tanzie tinham começado a suar. *Vai dar tudo certo*, pensava ela.

— Acho que agora não é hora de dizer que eu trouxe a minha parada comigo.

JESS

Assim, lá estava ela, parada no acostamento de uma autoestrada às onze e quarenta da noite com dois policiais que agiam não como se ela fosse uma grande criminosa, o que seria mais ou menos o que Jess esperaria, mas pior: como se ela fosse simplesmente muito, muito idiota. Tudo o que eles diziam tinha um tom de condescendência arrogante: então, a senhora tem o hábito de levar a sua família para passear de carro tarde da noite, madame? E com apenas um farol funcionando? A senhora não estava ciente, madame, de que o seu selo do imposto de circulação venceu há dois anos? Os policiais ainda nem haviam, de fato, entrado na questão da falta de seguro. Portanto, ainda havia isso para aguardar ansiosamente.

Nicky suava, esperando os homens encontrarem a sua parada. Tanzie era um fantasma pálido, calado, a alguns metros dali. Sua jaqueta de paetê faiscava sob as luzes enquanto ela abraçava o pescoço de Norman para se tranquilizar.

Jess só tinha a si mesma para culpar.

Pior do que estava não podia ficar.

Foi quando o Sr. Nicholls apareceu.

Ela sentiu as cores remanescentes escaparem do seu rosto enquanto o vidro da janela dele baixava. E um milhão de pensamentos passaram pela sua cabeça, como: quem cuidaria das crianças quando ela fosse para a cadeia? E se fosse Marty, será que ele se lembraria de coisas como o fato de que os pés de Tanzie às vezes cresciam e será que ele compraria sapatos novos para ela em vez de esperar que as unhas da menina se dobrassem sobre os dedos? E quem tomaria conta de Norman? E por que cargas d'água ela não fizera o que devia ter feito em primeiro lugar e simplesmente devolvido a Ed Nicholls aquele rolo idiota de dinheiro? E será que Ed estava prestes a dizer à polícia que ela era uma ladra, ainda por cima?

Mas ele não fez isso. Perguntou se podia ajudar.

O policial número um virou-se lentamente para examinar Ed. O número um era um homem robusto, de porte empinado, o tipo que se levava a sério e se enfurecia se as pessoas não faziam o mesmo.

— E o senhor é...?

— Edward Nicholls. Conheço esta mulher. Do que se trata? Problema com o carro?

Ele olhou para o Rolls-Royce como se não conseguisse acreditar que aquilo estivesse mesmo na estrada.

— Podemos dizer que sim — respondeu o policial número dois.

— Selo do imposto de circulação vencido — murmurou Jess, tentando ignorar o martelar em seu peito. — Eu estava tentando levar as crianças para um lugar. E agora imagino que tenha que levar o carro de novo para casa.

— A senhora não vai a lugar algum de carro — disse o policial número um. — Seu carro está apreendido agora. O reboque está a caminho. Dirigir em via pública sem um selo de imposto válido é uma infração prevista no Artigo Trinta e três da legislação referente ao Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores. O que também significa que o seu seguro será invalidado.

— Não tenho seguro.

Ambos se viraram para ela.

— O carro não está no seguro. Não tenho seguro.

Ela conseguiu perceber o olhar fixo do Sr. Nicholls. Que se dane. Na hora em que registrassem os detalhes eles acabariam vendo isso, afinal.

— Tivemos uns probleminhas. Essa foi a única maneira que encontrei de levar as crianças de um lugar a outro.

— A senhora está ciente de que dirigir sem imposto nem seguro é crime, não está? E pode dar cadeia.

— E o carro não é meu. — Jess chutou uma pedra na grama. — É a próxima coisa que vão descobrir quando pesquisarem toda a base de dados de vocês.

— Roubou o veículo, madame?

— Não, não roubei o veículo. Ele está parado na minha garagem há dois anos.

— Isso não responde à minha pergunta.

— O carro é do meu ex-marido.

— Ele sabe que a senhora o pegou?

— Ele não saberia se eu tivesse mudado de sexo e passado a me chamar Sid. Ele está no norte de Yorkshire há...

— Sabe, talvez você queira parar de falar agora — interrompeu o Sr. Nicholls, passando a mão no topo da cabeça.

— Quem é o senhor? O advogado dela?

— Ela precisa de um advogado?

— Dirigir sem selo de imposto e sem seguro é uma infração prevista no Artigo Trinta e três...

— Sim. O senhor já explicou. Bem, acho que talvez você queira uma orientação antes de dizer mais alguma coisa... é...

— Jess — completou ela.

— Jess. — Ed olhou para o policial.

— Senhores guardas, esta mulher tem mesmo que ir para a delegacia? Porque ela, obviamente, sente muitíssimo. E dado o avançado da hora, acho que as crianças precisam ir para casa.

— Ela será autuada por dirigir sem imposto nem seguro. Seu nome e endereço, madame.

Jess deu as informações ao policial número um.

— O carro está registrado neste endereço, sim. Mas está registrado com uma rubrica que significa Baixa de Veículo Fora de Circulação...

— Que não poderia ser dirigido em via pública. Eu sei.

— Pena que a senhora não pensou nisso antes de sair, não é?

Ele lançou para ela o tipo de olhar que os professores reservam a uma criança de oito anos para fazê-la sentir-se menor. E algo naquele olhar levou Jess a perder as estribeiras.

— Sabe de uma coisa? — argumentou ela. — Sinceramente, o senhor acha que eu teria levado meus filhos a qualquer lugar às onze da noite se não fosse absolutamente necessário? Acha mesmo que eu estava sentada na minha casinha e pensei: já sei, vou pegar meus filhos e meu maldito cachorro e enfiar a gente numa encenca danada e...

— Não é da minha conta o que a senhora estava pensando, madame. Meu problema é a senhora levar para uma via pública um carro sem seguro e, possivelmente, sem segurança.

— Eu estava desesperada, está bem? E o senhor não vai me encontrar na sua maldita base de dados porque nunca fiz nada de errado...

— Ou apenas nunca foi pega.

Os dois policiais olharam fixamente para ela. No acostamento, Norman desabou com um grande suspiro. Tanzie observava tudo em silêncio, os olhos fundos. *Ai, meu Deus*, pensou Jess. E resmungou um pedido de desculpas.

— A senhora será autuada por dirigir sem a documentação adequada, Sra. Thomas — informou o policial número um, entregando-lhe um pequeno pedaço de papel. — Tenho que avisá-la de que receberá uma intimação

judicial e poderá ser multada em até cinco mil libras.

— Cinco mil?

Jess começou a rir.

— E terá que pagar para retirar isto — ele não conseguia dizer “carro” — do depósito da polícia. Devo lhe dizer que haverá uma multa diária de quinze libras pelo tempo que o veículo permanecer lá.

— Perfeito. E como devo retirar o carro do depósito se não estou autorizada a dirigi-lo?

— Aconselho a senhora a retirar todos os seus pertences antes que o reboque chegue. Quando sair daqui, não poderemos nos responsabilizar pelo que estiver no interior do veículo.

— É claro, porque, obviamente, seria esperar demais que um carro estivesse em segurança num depósito da polícia — murmurou ela.

— Mas, mãe, como vamos chegar em casa?

— Dou uma carona para vocês — disse Sr. Nicholls.

Jess se afastou dele.

— Ah. Não. Não, obrigada. Estamos bem. Vamos a pé. Não é longe.

Tanzie semicerrou os olhos para a mãe como se tentasse avaliar se ela estava falando sério e depois se levantou, demonstrando cansaço. Jess lembrou-se de que, por baixo do casaco, Tanzie estava de pijama. O Sr. Nicholls olhou para as crianças.

— Vou para aquele lado. — Apontou com a cabeça na direção da cidade. — Você sabe onde eu moro.

Tanzie e Nicky não falaram nada, mas Jess viu Nicky mancar em direção ao carro e começar a tirar as malas. Ela não podia fazê-lo carregar tudo aquilo para casa. Eram quase quatro quilômetros.

— Obrigada — disse com rigidez. — É muita gentileza sua.

Ela não conseguia olhá-lo nos olhos.

— O que aconteceu com o seu garoto?

— perguntou o policial número dois.

— Procure na sua base de dados — respondeu ela, secamente, e se encaminhou para as bolsas empilhadas.

Em silêncio, eles se afastaram da polícia. Jess estava no banco do carona do carro impecável do Sr. Nicholls, olhando diretamente para a estrada à frente. Não lembrava de algum dia ter se sentido tão constrangida. Podia sentir,

embora não visse, o silêncio atônito das crianças diante da reviravolta dos acontecimentos da noite. Havia decepcionado os filhos. Observou as sebes virarem cercas e depois muros de tijolo, e as pistas escuras tornarem-se ruas iluminadas. Não conseguia acreditar que só tivessem saído havia uma hora e meia. Parecia uma vida. Uma multa de cinco mil libras. Uma suspensão do direito de dirigir quase certa. E um processo judicial. Marty ficaria louco. E ela acabara de estragar a última chance de Tanzie ir para a St.

Anne's.

Jess sentiu um nó na garganta.

— Você está bem? — perguntou ele.

— Ótima.

Ela mantinha o rosto virado para o lado oposto ao do Sr. Nicholls. Ele não sabia. Era evidente que não sabia. Por um breve momento apavorante após ter concordado em entrar em seu carro, Jess se perguntou se aquilo era uma pegadinha. Ele esperaria até a polícia ir embora, depois faria algo terrível para se vingar dela.

Mas era pior. Ele só estava tentando ser prestativo.

— Hã, pode virar à esquerda aqui?

Moramos mais à frente. Vá até o fim, vire à esquerda e depois pegue a segunda esquina à direita.

A parte pitoresca da cidade desaparecera havia seiscentos metros.

Ali em Danehall, as árvores eram esqueléticas mesmo no verão, e havia carros incendiados parados sobre montes de tijolos como esculturas cívicas em pequenos pedestais. As casas surgiam em três estilos de épocas distintas, dependendo da rua: as geminadas, as revestidas de pedrinhas e as pequeninas de tijolos marrons aparentes com janelas de PVC. Ele fez a curva à esquerda e entrou na Seacole Avenue, diminuindo a velocidade quando Jess apontou para a sua casa.

Ela olhou para o banco de trás e viu que, durante a pequena viagem, Tanzie adormecera, a boca ligeiramente aberta, a cabeça apoiada em Norman, que estava quase todo encostado em Nicky.

O menino olhava impassível pela janela.

— Então, para onde você estava tentando ir?

— Para a Escócia. — Ela esfregou o nariz. — É uma longa história.

Ele esperou.

A perna de Jess começou a balançar involuntariamente.

— Preciso levar minha filha a uma Olimpíada de Matemática. As passagens estavam caras. Embora não tão caras quanto ser parada pela polícia, no fim das contas.

— Uma Olimpíada de Matemática?

— Eu sei. Também nunca tinha ouvido falar nisso até uma semana atrás. Como eu disse, é uma longa história.

— Então, o que você vai fazer?

Jess olhou para o banco de trás, para Tanzie, que ressonava suavemente. Deu de ombros. Não conseguia dizer as palavras.

O Sr. Nicholls de repente viu o rosto de Nicky. Ficou encarando como se o estivesse vendo pela primeira vez.

— É. Esta é outra história.

— Você tem um monte de histórias.

Jess não conseguia decidir se ele estava absorvido nos próprios pensamentos ou apenas esperando que ela saltasse do carro.

— Obrigada. Pela carona. Foi muita gentileza sua.

— Bem, eu lhe devo uma. Tenho quase certeza de que foi você que me levou para casa na saída do pub numa noite dessas. Acordei no sofá de casa com o meu carro em segurança no estacionamento do pub e a pior ressaca do mundo. — Ele fez uma pausa. — Também tenho uma vaga lembrança de ter sido um babaca. Possivelmente, pela segunda vez.

— Tudo bem — disse ela, enquanto sentia as orelhas ficarem quentes. — De verdade.

Nicky havia aberto a porta do carro, fazendo Tanzie se mexer. Ela esfregou os olhos e piscou para Jess. Depois olhou lentamente em volta no carro, os acontecimentos da noite se registrando em seu rosto.

— Isso quer dizer que não vamos mais?

Jess juntou as bolsas aos seus pés.

Aquela não era uma conversa para se ter diante de uma plateia.

— Vamos entrar, Tanzie. Está tarde.

— Isso quer dizer que não vamos para a Escócia?

Jess sorriu sem jeito para o Sr. Nicholls.

— Mais uma vez, obrigada.

Ela arrastou as bolsas para a calçada.

O ar estava surpreendentemente frio.

Nicky ficou parado do lado de fora do portão, aguardando.

Tanzie explodiu: — Quer dizer que não vou para a St.

Anne's?

Jess tentou sorrir.

— Não vamos falar disso agora, minha querida.

— Mas o que vamos fazer? — perguntou o garoto.

— Agora não, Nicky. Vamos entrar.

— Agora você deve cinco mil à polícia. Como vamos chegar à Escócia?

— Crianças? Por favor? Será que podemos simplesmente entrar em casa?

Com um gemido, Norman levantou-se pesadamente do banco de trás e saiu do carro.

— Você não disse que a gente vai dar um jeito. — A voz de Tanzie estava tomada pelo pânico. — Você sempre diz que vamos dar um jeito.

— Vamos dar um jeito — confirmou Jess, tirando os edredons do porta-malas do carro.

— Este não é o tom de voz que você usa quando a gente vai mesmo dar um jeito.

Tanzie começou a chorar.

O choro foi tão inesperado que, a princípio, Jess não conseguiu fazer nada além de ficar ali parada em estado de choque.

— Pegue aí. — Ela jogou os edredons para Nicky e inclinou-se para dentro do carro, tentando convencer a filha a saltar. — Tanzie... meu amor. Saia daí.

Está tarde. Vamos conversar sobre isso.

— Conversar sobre eu não ir para a St. Anne's?

O Sr. Nicholls olhava para o volante do carro. Jess suspeitava que aquilo era demais para ele, então começou a se desculpar baixinho.

— Ela está cansada — disse, tentando passar o braço em volta da menina.

Tanzie se esquivou. — Me desculpe mesmo.

Naquele momento o telefone do Sr. Nicholls tocou.

— Gemma — disse ele, cansado, como se já estivesse esperando o telefonema.

Jess pôde ouvir um zumbido raivoso, como se houvesse uma vespa presa no aparelho.

— Eu sei — disse ele, baixinho.

— Só quero ir para a St. Anne's — gritou Tanzie. Seus óculos haviam caído.

Jess não tivera tempo de levá-la à ótica para apertá-los, e ela tapava os olhos com a mão. — Deixa eu ir, por favor.

Por favor, mamãe. Eu vou ser muito boa.

Deixa eu ir para lá.

— *Shhh*.

Jess sentiu um nó na garganta. Tanzie nunca pedia nada.

— Tanzie...

Na calçada, Nicky virou as costas.

O Sr. Nicholls disse algo no telefone que ela não conseguiu entender. Tanzie começara a soluçar. Era um peso morto.

— Vamos, querida — disse Jess, puxando-a.

Tanzie se escorara na porta.

— Por favor, mãe. Por favor. Por favor.

— Tanzie, você não pode ficar no carro.

— Por favor...

— Saia. Vamos, querida.

— Eu levo vocês de carro — disse o Sr. Nicholls.

A cabeça de Jess bateu na moldura da porta.

— O quê?

— Eu levo vocês de carro à Escócia.

— Ele pousara o telefone e continuava olhando para o volante. — Acontece que vou ter que ir a Northumberland. A Escócia não é muito longe de lá. Posso deixar vocês.

Todo mundo se calou. Ouviu-se uma gargalhada e a porta de um carro batendo no fim da rua. Jess endireitou o rabo de cavalo que estava torto.

— Olhe, é muita bondade sua oferecer, mas não podemos aceitar uma carona sua.

— Podemos — disse Nicky, inclinando-se à frente. — Podemos, sim, Jess. — Ele olhou para Tanzie. — De verdade. Podemos.

— Mas nem conhecemos você. Não posso lhe pedir que...

— É só uma carona. Não é nada tão importante — argumentou o Sr. Nicholls sem olhar para Jess.

Tanzie fungou e esfregou os olhos.

— Por favor? Mãe?

Jess olhou para ela e para o rosto machucado de Nicky, depois de volta para o Sr. Nicholls. Nunca quisera tanto sair correndo de um carro.

— Não posso lhe oferecer nada — disse ela, e sua voz se embargou um

pouco. — Absolutamente nada.

Ele ergueu uma sobrancelha e virou a cabeça na direção do cachorro.

— Nem mesmo passar aspirador no banco de trás do meu carro depois?

O suspiro que saiu do peito de Jess pareceu ligeiramente mais aliviado do que seria de bom tom.

— Bem... está certo, isso eu posso fazer.

— Ok — disse ele. — Então, sugiro irmos todos dormir por algumas horas e amanhã bem cedinho eu busco vocês.

ED

Edward Nicholls levou uns quinze minutos após ter saído de Danehall para se perguntar que diabo havia acabado de fazer. Simplesmente concordara em transportar a sua faxineira enfezadinha, seus dois filhos esquisitos e um cachorro enorme e fedorento até a Escócia. No que estava pensando, afinal? Ele podia até ouvir a voz de Gemma, o ceticismo com que ela havia repetido seu comentário: “Você vai levar uma garotinha que não conhece e a família dela para a outra ponta do país, e isso é uma ‘emergência’. Certo.” Ele podia ouvir as aspas. Uma pausa.

“Bonitinha, é?”

— O quê?

— A mãe. Peito grande? Cílios longos? Uma donzela em apuros?

— Não é isso. Hã...

Ed não conseguia dizer nada com eles no carro.

— Vou considerar sua resposta para as duas coisas como um sim, então.

— Ela suspirou fundo. — Pelo amor de Deus, Ed. Na manhã seguinte, ele passaria lá, pediria desculpas e explicaria que tinha surgido um problema. Ela entenderia.

Provavelmente, também se sentia mal em dividir um carro com uma pessoa quase estranha. Ela não aceitara a oferta exatamente de imediato.

Ele doaria algum valor para a passagem de trem da menina. Não era culpa sua se a mulher — Jess? — decidira dirigir um carro sem o imposto e o seguro pagos, afinal de contas. Se víssemos aquilo no jornal — os policiais, as crianças esquisitas, o passeio maluco de carro à noite —, saberíamos que significava encrenca. E Ed Nicholls não precisava de mais encrenca em sua vida.

Com esses pensamentos, ele tomou banho, escovou os dentes e conseguiu ter o primeiro sono decente em semanas.

Estacionou em frente ao portão pouco depois das nove da manhã. Sua intenção era chegar lá mais cedo, mas não conseguiu se lembrar de onde

ficava a casa, e, como aquela área de moradias populares, construídas pela administração pública e alugadas a valores mais baixos era uma vasta sequência de ruas idênticas, ele passara quase meia hora dirigindo às cegas para cima e para baixo até reconhecer a Seacole Avenue.

Era uma manhã úmida, sem vento, o ar carregado. A rua estava deserta, exceto por um gato alaranjado que andava pela calçada, o rabo formando um ponto de interrogação. Danehall parecia um pouquinho menos hostil de dia, mesmo assim ele se viu conferindo duas vezes se trancara o carro quando saltou.

Olhou para as janelas. Em um dos quartos do andar de cima havia bandeirinhas rosa e brancas penduradas e, na varanda, dois vasos suspensos de plantas balançavam fracamente. Havia um carro embaixo de uma lona na entrada da garagem ao lado. E depois ele viu aquele cachorro. Nossa! O tamanho do animal. Ed imaginou-o refestelado no banco de trás do seu carro na noite anterior. Ao entrar no Audi naquela manhã ainda sentira um resquício do seu cheiro.

Abriu o ferrolho do portão com cautela, para o caso de o cachorro o atacar, porém o animal apenas virou sua enorme cabeça com uma leve indiferença, foi para a sombra de uma árvore tomada por ervas daninhas e tombou de lado, erguendo uma pata dianteira preguiçosamente, como se tivesse uma vaga esperança de que pudessem coçar sua barriga.

— Vou passar, obrigado — disse Ed.

Subiu o caminho e parou à porta. Tinha um pequeno discurso todo preparado.

Oi, sinto muito mesmo, mas surgiu algo muito importante de trabalho e acho que não vou poder tirar os próximos dias de folga. No entanto, ficaria feliz em contribuir com alguma coisa para o custo da Olimpíada da sua filha. Acho maravilhoso ela estar se empenhando com tanto afinco nos estudos. Por isso, aqui está a passagem de trem dela.

Se agora soava um pouco menos convincente do que na noite anterior, bem, não havia nada a fazer. Ele estava prestes a bater quando viu pregado na porta com uma tachinha o bilhete rasgado balançando ao vento.

FISHER, SEU INUTILZINHO, JÁ FALEI PARA A POLÍCIA

Quando ele se endireitou, a porta se abriu. A garotinha estava parada ali.

— Estamos com tudo pronto — disse ela, apertando os olhos, a cabeça inclinada para um lado. — Minha mãe disse que você não vinha, mas eu sabia que vinha e falei que não ia deixar ela desfazer as malas antes das dez horas. E você chegou cinquenta e três minutos adiantado. O que, na verdade, são trinta e três minutos antes do que eu tinha calculado.

Ed piscou.

— Mãe!

Ela empurrou a porta para abrir. Jess estava em pé no corredor como se tivesse sido interrompida no meio do caminho. Usava um short jeans, feito de uma calça velha cortada, e uma camisa com as mangas arregaçadas. Tinha o cabelo preso. Seu aspecto não era o de alguém que se preparava para viajar até o outro extremo do país.

— Oi — disse Ed, sorrindo sem jeito.

— Ah. Está bem. — Jess balançou a cabeça. E ele viu que a menina dissera a verdade: a mãe realmente não esperava que ele aparecesse. — Eu lhe ofereceria um café, mas joguei fora o resto do leite antes de sairmos ontem à noite.

O garoto passou curvado, esfregando os olhos. O rosto ainda estava inchado, e agora colorido com uma paleta impressionista de roxos e amarelos. Ele olhou para o monte de malas e sacos de lixo no corredor e disse: — Quais destes vamos levar?

— Todos — respondeu a garotinha. — E guardei o cobertor do Norman.

Jess olhou para Ed com cautela.

Parecia que ia abrir a boca, mas não saiu nada. Dos dois lados das paredes, de um extremo ao outro do corredor, havia fileiras de livros surrados em brochura.

— Dá para o senhor pegar esta bolsa, Sr. Nicholls? — A garotinha empurrou a bolsa para ele. — Tentei levantar ela mais cedo porque Nicky não está podendo carregar peso, mas não aguentei.

— É claro.

Ele se viu se abaixando, mas parou por um instante antes de levantá-la.

Como ia fazer aquilo?

— Olhe, Sr. Nicholls. — Jess estava à sua frente. Tinha uma expressão tão desconfortável quanto a dele. — Sobre essa viagem...

E então a porta da frente se abriu. Uma mulher estava parada ali, de calça de moletom e camiseta, um taco de beisebol na mão.

— *Largue isto!* — rugiu ela.

Ele ficou paralisado.

— *Mãos ao alto!*

— Nat! — gritou Jess. — Não bata nele!

Ele levantou as bolsas devagar, virando-se para encará-la.

— Mas o que... — A mulher olhou para além de Ed e viu a amiga. — Jess?

Ai, meu Deus. Pensei que tivesse alguém na sua casa.

— Alguém na minha casa. Eu.

A mulher largou o taco, depois olhou horrorizada para ele.

— Ai, meu Deus. É... ai, meu Deus, ai, meu Deus. Sinto muito. Vi a porta da frente e sinceramente pensei que o senhor fosse um ladrão. Pensei que fosse... — Ela riu de nervoso e em seguida fez uma expressão agoniada para Jess, como se Ed não pudesse vê-

la. — Você sabe quem.

Ed suspirou. A mulher acomodou o taco às suas costas e tentou sorrir.

— Sabe como é por aqui...

Ele deu um passo para trás e fez um breve aceno de cabeça.

— É, bem... só preciso pegar meu telefone. Deixei no carro — disse.

Ed passou de fininho por ela com as mãos erguidas e foi para a rua. Abriu e fechou a porta do carro, depois tornou a trancá-la só para ter o que fazer, tentando pensar com clareza, desconsiderando o tilintar nos ouvidos.

Vá embora, dizia uma vizinha. Vá logo.

Você nunca terá que vê-la de novo. Não precisa disso neste momento.

Ed gostava de ordem. Gostava de saber o que iria acontecer. Tudo naquela mulher sugeria o tipo de... *ausência de limites* que o deixava nervoso.

Estava no meio do caminho quando os ouviu falando atrás da porta entreaberta, as vozes atravessando o pequeno jardim.

— Eu vou dizer não a ele.

— Você não pode, Jess. — Era a voz do garoto. — Por que faria isso?

— Porque é muito complicado.

Trabalho para ele.

— Você faz faxina na casa dele. Não é a mesma coisa.

— Pois é, não o conhecemos. Como posso dizer à Tanzie que ela não deve entrar em carros de estranhos e depois fazer exatamente isso?

— Ele usa óculos. Dificilmente é um serial killer.

— Diga isso para as vítimas de Dennis Nilsen. E de Harold Shipman.

— Você conhece muitos serial killers.

A gente manda Norman partir para cima do cara se ele fizer alguma coisa ruim.

— A voz do garoto de novo.

— É. Porque Norman já foi muito útil protegendo esta família no passado.

— O Sr. Nicholls não sabe disso, sabe?

— Olhe. Ele é um cara como qualquer outro. Provavelmente se viu envolvido no drama ontem à noite. É óbvio que não quer fazer isso. Vamos... vamos apenas nos ater a desapontar Tanzie com delicadeza.

Tanzie. Ed a observou correndo pelo quintal, o cabelo esvoaçando. Olhou para o cachorro, que bamboleava de volta em direção à porta, metade cachorro, metade iaque, deixando um rastro irregular e serpeante de baba ao passar.

— Estou cansando Norman para ele dormir durante a maior parte da viagem.

Ela apareceu diante dele, ofegante.

— Certo.

— Sou muito boa em matemática.

Vamos a uma Olimpíada para eu poder ganhar dinheiro e ir para uma escola onde eu possa cursar o Nível A de matemática. Sabe como é meu nome convertido no código binário?

Ele olhou para a menina.

— Tanzie é seu nome inteiro?

— Não. Mas é o que eu uso.

Ele parou para pensar.

— Hum. Está bem. 01010100

01100001

01101110

01111010

01101001 01100101.

— Você disse 1010 no final ou 0101?

— 0101. Dã.

Ele costumava jogar aquele jogo com Ronan.

— Uau. Você soletrou direitinho. — Ela passou por ele e empurrou a porta.

— Nunca fui à Escócia. Nicky fica tentando me convencer de que lá tem

rebanhos de carneiros selvagens. Mas é mentira, não é?

— Até onde eu sei, atualmente são todos criados em cativeiro.

Tanzie olhou para ele. Depois sorriu de orelha a orelha e grunhiu ao mesmo tempo.

E Ed se deu conta de que estava indo para a Escócia.

As duas mulheres se calaram quando ele abriu a porta. Olharam para as bolsas que ele pegou em cada mão.

— Preciso buscar umas coisas antes de irmos — disse ele, deixando a porta balançar ao passar. — E você se esqueceu de Gary Ridgway. O assassino de Green River. Mas você se saiu bem.

Só que eles eram todos míopes, e eu tenho hipermetropia.

Sair da cidade levou meia hora. As luzes estavam apagadas no alto do morro e isso, combinado com o trânsito do feriado de Páscoa, fez com que a fila de carros fosse se deslocando cada vez mais lentamente até se tornar um rastejar irritante. Jess ia ao lado de Ed no carro, calada e constrangida, as mãos unidas entre os joelhos.

Ele ligara o ar-condicionado, mas isso não disfarçou o cheiro do cachorro, então Ed o desligou e eles seguiram com os quatro vidros abertos. Tanzie mantinha a conversa fluindo sem parar.

— Você já esteve na Escócia?

“De onde você é?”

“Você tem uma casa lá?”

“Por que está aqui, então?”

Ele disse que tinha um trabalho para resolver. Isso era mais fácil do que “Estou aguardando um possível processo e uma pena de até uns sete anos de cadeia”.

— Você é casado?

— Não sou mais.

— Você foi infiel?

— Tanzie — disse Jess.

Ele piscou. Olhou para o retrovisor.

— Não.

— No programa do Jeremy Kyle, a pessoa geralmente é infiel. Às vezes ela tem outro filho e precisa fazer um teste de DNA e quase sempre, quando

dá certo, a mulher parece que quer bater em alguém. Mas normalmente elas só começam a chorar. — Tanzie olhou de soslaio pela janela. — São meio malucas essas mulheres, a maioria.

Porque todos os homens tiveram um filho com outra pessoa. Ou tiveram várias namoradas.

Assim, estatisticamente, eles tendem a fazer isso de novo. Mas nenhuma das mulheres nunca parece pensar nas estatísticas.

— Não assisto muito ao programa do Jeremy Kyle — disse ele, olhando para o GPS.

— Nem eu. Só quando fico na casa da Nathalie porque mamãe está trabalhando. Ela deixa o programa gravando enquanto faz faxina para poder assistir à noite. Tem quarenta e sete episódios no disco rígido.

— Tanzie — disse Jess. — Acho que o Sr. Nicholls deve estar querendo se concentrar.

— Não tem problema.

Jess estava torcendo uma mecha do cabelo. Colocara o pé em cima do banco. Ed odiava muito quem colocava os pés nos bancos. Ainda que a pessoa tivesse tirado os sapatos.

— E então, por que a sua mulher o deixou?

— Tanzie.

— Estou sendo educada. Você disse que era bom puxar papo com os outros.

— Desculpe — disse Jess.

— De verdade. Não tem problema. — Ele se dirigiu a Tanzie pelo retrovisor.

— Ela achava que eu trabalhava muito.

— Elas nunca dizem isso no Jeremy Kyle.

O tráfego fluiu e eles saíram na autoestrada de mão dupla. Era um dia lindo, e ele ficou tentado a pegar a estrada litorânea, porém não queria se arriscar a acabar preso no engarrafamento de novo. O cachorro gania, o garoto jogava Nintendo com a cabeça baixa em profunda concentração, e Tanzie ficou mais calada. Ele ligou o rádio — em uma estação que tocava os sucessos do momento — e, por um ou dois minutos, começou a pensar que aquilo poderia ser bom. Era apenas um dia de sua vida, se não houvesse muito trânsito. E era melhor do que estar preso em casa.

— O GPS está calculando umas oito horas, se não pegarmos nenhum engarrafamento — avisou ele.

— Pela autoestrada?

— Bem, sim. — Ed olhou para o lado esquerdo. — Nem mesmo um Audi topo de linha tem asas.

Ele tentou sorrir, para mostrar que estava brincando, mas Jess continuou séria.

— Hã... tem um probleminha — disse ela.

— Um problema — observou ele.

— Tanzie enjoa se andamos depressa.

— Como assim “depressa”? Cento e vinte? Cento e quarenta?

— Hã... na verdade, oitenta. Está bem, talvez sessenta e cinco.

Ed deu uma olhada no retrovisor. Seria imaginação sua ou a menina tinha ficado um pouquinho mais pálida? Ela olhava pela janela, a mão pousada na cabeça do cachorro.

— Sessenta e cinco? — Ele diminuiu a velocidade. — Está brincando, não é?

Está dizendo que temos que ir para a Escócia por estradas secundárias?

— Não. Bem, talvez. Olhe, pode ser que ela já tenha passado dessa fase. Mas Tanzie não viaja muito de carro, e costumávamos ter muitos problemas com isso e... só não quero estragar o seu carro bonito.

Ed tornou a olhar para o retrovisor.

— Não podemos ir pelas estradas secundárias...

Isso é

ridículo.

Levaríamos dias para chegar lá. Enfim, ela vai ficar bem. Este carro é novinho em folha. Tem suspensão premiada.

Ninguém enjoa nele.

Jess olhava diretamente à frente.

— Você não tem filhos, tem?

— Por que está perguntando isso?

— Por nada.

Levaram vinte e cinco minutos para desinfetar e lavar o banco de trás, e, mesmo assim, toda vez que enfiava a cabeça dentro do carro, Ed sentia um leve cheiro de vômito. Jess pegou um balde emprestado em um posto de gasolina e usou o xampu que colocara na mala de uma das crianças. Nicky sentou-se no acostamento ao lado de uma garagem, escondido atrás dos

óculos enormes, e Tanzie ficou sentada com o cachorro, segurando um lenço de papel amassado junto da boca, como uma tísica.

— Sinto muito. — Jess ficava repetindo, as mangas arregaçadas, a expressão séria e concentrada.

— Não tem problema. É você que está limpando a sujeira.

— Depois eu pago uma limpeza para o seu carro.

Ed ergueu uma sobrancelha para ela.

Jess estava estendendo um saco de lixo no banco para que as crianças não se molhassem quando voltassem a se sentar ali e continuou: — Tudo bem, então, eu mesma farei a limpeza. De qualquer forma, o cheiro vai melhorar.

Um tempo depois, eles entraram no carro. Ninguém comentou nada sobre o cheiro. Ele se certificou de que havia abaixado a janela o máximo possível e começou a reprogramar o GPS.

— Então — disse ele. — Escócia aí vamos nós. Via estradas secundárias. — Apertou o botão “destino”. — Glasgow ou Edimburgo?

— Aberdeen.

Ele olhou para Jess.

— Aberdeen. É claro. — Virou-se para trás, tentando não deixar o desespero transparecer na voz. — Está todo mundo feliz? Água? Saco plástico no banco? Sacos para enjoo no lugar?

Ótimo. Vamos.

Ed ouviu a voz da irmã ao voltar para a estrada: “Ha, ha, Ed. Se deu mal.”

Começou a chover pouco depois de Portsmouth. Ed seguiu pelas estradas secundárias, mantendo uma velocidade constante de sessenta por hora, sentindo os respingos da chuva pela frestinha da janela, que não conseguiu fechar.

Entendeu que tinha que permanecer concentrado em não pisar fundo no acelerador. Era uma frustração constante dirigir naquela velocidade pachorrenta, como quem está com uma coceira que não pode coçar. Por fim, acionou o cruise control.

Com aquele ritmo instaurado, Ed tinha tempo de estudar Jess

dissimuladamente.

Ela permanecia calada, a cabeça quase sempre virada para o lado contrário ao dele, como se ele tivesse feito algo para irritá-la. Ed se lembrou de quando a viu no corredor de sua casa, pedindo dinheiro, o queixo empinado... Era bem baixinha.

Ela ainda parecia considerá-lo um babaca. *Vamos*, disse a si mesmo. *Dois, três dias no máximo. E você nunca mais precisará ver essas pessoas.*

Vamos agir de modo amável.

— Então... você faz faxina em muitas casas?

Ela franziu um pouco o cenho.

— Faço.

— Tem muitos clientes regulares?

— É um parque de veraneio.

— Você... Isso era uma coisa que você queria fazer?

— Se cresci querendo limpar casas?

— Jess ergueu uma sobrançelha como se estivesse verificando se ele havia feito aquela pergunta a sério. — Hum, não.

Eu queria ser mergulhadora profissional.

Mas tive Tanzie e não consegui descobrir como fazer o carrinho de bebê flutuar.

— Tudo bem, foi uma pergunta idiota.

Ela esfregou o nariz.

— Não é o trabalho dos meus sonhos, não. Mas é bom. Posso trabalhar perto das crianças e gosto de quase todas as pessoas para quem faço faxina.

Quase todas.

— Dá para viver disso?

Ela virou a cabeça na direção dele.

— O que está querendo dizer?

— Exatamente o que perguntei. Dá para viver disso? É lucrativo?

Ela desviou o olhar.

— A gente sobrevive.

— Não, não sobrevive — retrucou Tanzie lá atrás.

— Tanzie.

— Você vive dizendo que não temos dinheiro suficiente.

— É só uma figura de linguagem.

Jess corou.

— E o que você faz, Sr. Nicholls? — perguntou Tanzie.

— Trabalho numa empresa que cria softwares. Sabe o que é isso?

— É claro.

Nicky ergueu os olhos. Pelo retrovisor, Ed o observou retirar os fones de ouvido. Quando o garoto notou que ele observava, desviou o olhar.

— Você cria jogos?

— Não. Jogos, não — respondeu Ed.

— O quê, então?

— Bem, nos últimos anos temos trabalhado num programa que, esperamos, nos aproximará de uma sociedade sem dinheiro em espécie.

— Como isso funcionaria?

— Ao fazer uma compra ou pagar uma conta, a pessoa agita o telefone, que tem algo mais ou menos parecido com um código de barras, e, para cada transação, ela paga um valor ínfimo, como zero vírgula zero um centavo.

— A pessoa pagaria para pagar? — perguntou Jess. — Ninguém vai querer isso.

— É nesse ponto que você se engana.

Os bancos adoram. Os comerciantes gostam porque isso lhes fornece um único sistema uniforme em vez de cartões, dinheiro, cheques... e a pessoa paga menos por transação do que num cartão de crédito. Assim, funciona para ambos os lados.

— Algumas pessoas só usam cartão de crédito quando estão desesperadas.

— Nesse caso, o programa estaria simplesmente ligado à sua conta bancária. Você não precisaria fazer nada.

— Então, se todo banco e todo comerciante adotar o programa, não teremos escolha.

— Isso está muito longe de acontecer.

Houve um breve silêncio. Jess puxou os joelhos até o queixo e os abraçou.

— Então basicamente os ricos ficam mais ricos. Assim como os bancos e os comerciantes. E os pobres, mais pobres — concluiu ela.

— Bem, em tese, talvez. Mas essa é a maravilha do programa. É uma quantia tão ínfima que a pessoa não vai perceber. E será muito conveniente.

Jess murmurou algo que ele não captou.

— Quanto é mesmo? — perguntou Tanzie.

— Zero vírgula zero um por transação.

Um pouco menos do que um centavo.

— Quantas transações por dia?
— Vinte? Cinquenta? Depende de quanto você faz.
— Portanto, são cinquenta centavos por dia.
— Exatamente. Nada.
— Três libras e cinquenta centavos por semana — calculou Jess.
— Cento e oitenta e duas libras por ano — observou Tanzie. —
Dependendo de quanto a tarifa seja próxima de um centavo. E se é ano
bissexto.

Ed ergueu a mão do volante.

— No máximo. Nem você pode dizer que isso é muito.

Jess se virou no banco.

— O que fazemos com cento e oitenta e duas libras, Tanzie?

— Duas calças, quatro blusas, um par de sapatos. Um conjunto de
ginástica e um pacote de cinco meias brancas. Isso se comprarmos no
supermercado. E aí dá oitenta e cinco libras e noventa e sete centavos. As
cem libras dão exatamente nove vírgula dois dias de alimentos, dependendo
se vai alguém lá em casa e se a mamãe compra uma garrafa de vinho, que
seria da marca do supermercado. — Tanzie fez uma pausa.

— Ou um mês de imposto predial de uma propriedade do Grupo D. A
gente é do Grupo D, não é, mãe?

— É. A menos que sejamos recadastrados.

— Ou três dias fora de temporada no vilarejo turístico em Kent. Cento e
setenta e cinco libras, incluindo a taxa de valor agregado, a VAT. — Ela se
inclinou para a frente. — Foi para onde fomos no ano passado. Ganhamos
uma noite extra porque a mamãe consertou as cortinas do homem. E eles
tinham um toboágua.

Houve um breve silêncio.

Ed estava prestes a falar quando a cabeça de Tanzie surgiu entre os dois
bancos da frente.

— Ou um mês inteiro de faxina de uma casa de quatro quartos, com
lavagem de roupa de cama e de banho incluída, aos preços atuais que a
mamãe cobra.

Seriam três horas de faxina, um vírgula três horas de lavagem de roupa.

Ela tornou a se encostar no banco, aparentemente satisfeita.

Eles seguiram por cerca de cinco quilômetros, viraram à direita em um
entroncamento e saíram em uma pista estreita. Ed queria dizer alguma coisa,
mas ficara temporariamente sem voz.

Atrás dele, Nicky recolocou os fones de ouvido e virou-se para o lado. O sol se escondeu brevemente atrás de uma nuvem.

— Mesmo assim — disse Jess, colocando os pés descalços no painel e se inclinando à frente para aumentar o som —, vamos torcer para você se dar muito bem com esse programa, está bem?

JESS

A avó de Jess costumava dizer que o segredo para uma vida feliz era uma memória curta. É verdade que isso foi antes de ela sofrer de demência e passar a se esquecer de onde morava, mas Jess entendia o sentido de suas palavras.

Precisava tirar aquele dinheiro da cabeça. Ela jamais sobreviveria presa num carro com o Sr. Nicholls se ficasse pensando muito no que fizera. Marty costumava lhe dizer que ela era péssima em disfarçar as emoções: seus sentimentos flutuavam em suas feições como reflexos num lago parado. Ela acabaria confessando em poucas horas.

Ou enlouqueceria de tensão e começaria a puxar pedacinhos do estofamento com as unhas.

Sentada no carro ouvindo Tanzie conversar, disse a si mesma que encontraria um jeito de devolver todo o dinheiro antes que ele descobrisse o que ela havia feito. Tiraria dos prêmios de Tanzie. Daria um jeito de resolver aquilo. Convenceu-se de que ele era apenas um homem que lhes oferecera uma carona e com quem ela devia conversar educadamente algumas horas por dia.

E, de tempos em tempos, olhava para as duas crianças lá atrás e pensava:
O

que mais eu poderia ter feito?

Não deveria ter sido difícil se recostar no banco e aproveitar a viagem. As estradas do interior eram margeadas por flores silvestres e, quando a chuva passava, as nuvens revelavam céus de um azul de cartão-postal dos anos 1950.

Tanzie não voltou a enjoar, e ela sentiu seus ombros relaxando cada vez mais ao longo da viagem. Percebeu naquele momento que fazia meses desde que se sentira remotamente tranquila. Em sua vida atual havia um rufar constante e latente de preocupação: qual seria a próxima dos Fisher? O que se passava na cabeça de Nicky? O que ela deveria fazer com Tanzie? E a batida triste do surdo sob tudo aquilo: dinheiro.

Dinheiro. Dinheiro.

— Você está bem? — perguntou o Sr. Nicholls.

Tendo sido arrastada daquelas lucubrações, Jess murmurou: — Ótima. Obrigada.

E eles fizeram um desajeitado aceno de cabeça um para o outro. Ed não havia relaxado. Isso estava óbvio nas contrações intermitentes da sua mandíbula, na brancura dos nós de seus dedos segurando o volante. Jess não sabia ao certo o que afinal estava por trás da sua decisão de lhes oferecer uma carona, mas tinha certeza de que ele se arrependera desde então.

— Hum, existe alguma chance de você parar de batucar?

— Batucar?

— Seus pés. No painel.

Ela olhou para os pés.

— Isso distrai muito.

— Quer que eu pare de bater os pés.

Ele olhou fixo para a frente pelo vidro.

— Sim, por favor.

Ela deixou os pés escorregarem para baixo, mas ficou desconfortável e, pouco depois, tornou a levantá-los e sentar-se sobre eles no banco. Encostou a cabeça na janela.

— A sua mão.

— O quê?

— A sua mão. Você está batendo no joelho agora.

Ela vinha fazendo aquilo distraidamente.

— Quer que eu fique paradinha enquanto você dirige.

— Não estou dizendo isso. Mas a batucada está dificultando a minha concentração.

— Você não consegue dirigir se eu estiver mexendo qualquer parte do corpo?

— Não é isso.

— O que é, então?

— É o batuque. Acho... batucar... irritante.

Jess respirou fundo.

— Crianças, ninguém deve se mexer, está bem? Não queremos irritar o Sr. Nicholls.

— As crianças não estão fazendo isso — disse ele suavemente. — Só você.

— Você se mexe muito, mamãe.

— Obrigada, Tanzie.

Jess entrelaçou as mãos à frente.

Sentou-se, cerrou os dentes e concentrou-se em ficar quieta. Fechou os olhos e parou de pensar no dinheiro, no carro idiota de Marty, nas suas preocupações com as crianças, deixando todas essas aflições irem embora com os quilômetros. E, enquanto a brisa que entrava pela janela acariciava seu rosto e a música enchia seus ouvidos, só por um breve momento ela se sentiu uma mulher com um tipo de vida completamente diferente.

Eles pararam para almoçar num pub nas imediações de Oxford. Saíram do carro esticando o corpo e dando pequenos suspiros de alívio ao estalarem as juntas e alongarem as pernas e os braços contraídos. O Sr. Nicholls desapareceu pub adentro, e Jess sentou-se do lado de fora a uma mesa de piquenique e desempacotou os sanduíches que fizera às pressas naquela manhã quando ficou confirmado que, sim, eles pegariam uma carona.

— Você trouxe sanduíche vegetariano — observou Nicky, ao chegar e separar duas fatias de pão.

— Eu estava com pressa — justificou Jess.

— Tem alguma outra coisa? — perguntou ele.

— Geleia.

Ele suspirou e enfiou a mão na sacola.

Tanzie estava sentada na ponta do banco, já com a atenção voltada para trabalhos de matemática. Não podia lê-los no carro porque isso a deixava enjoada, então ela queria aproveitar toda oportunidade para trabalhar. Jess observou-a rabiscando equações algébricas no caderno de exercícios, totalmente concentrada, e se perguntou pela centésima vez de onde ela viera.

— Aqui — disse o Sr. Nicholls, chegando com uma bandeja. — Achei que todos nós iríamos querer algo para beber. — Empurrou duas garrafas de refrigerante na direção das crianças. — Como não sabia o que vocês queriam, trouxe uma variedade de coisas.

Ele havia comprado uma garrafa de cerveja italiana, o que parecia ser meia garrafa de sidra, uma taça de vinho branco, outro refrigerante, uma limonada e uma garrafa de suco de laranja. Tomou uma água mineral. Uma pequena montanha de pacotes de batatas fritas de diversos sabores erguia-se no centro da bandeja.

— Você comprou tudo isso?

— Tinha fila. Não podia me dar o trabalho de vir aqui fora perguntar.

— Eu... eu não tenho todo esse dinheiro.

— São só bebidas. Não estou comprando uma casa para vocês.

Então o telefone dele tocou. Ed o pegou e saiu atravessando a passos largos o estacionamento, a mão apertando a nuca, já falando enquanto andava.

— Será que devo perguntar se ele quer um dos nossos sanduíches? — perguntou Tanzie.

Jess o observou, a mão enfiada no bolso, até ele sumir de vista.

— Agora não — respondeu.

Nicky não falou nada. Quando Jess lhe perguntou que parte do seu corpo doía mais, ele se limitou a resmungar que estava ótimo.

— Vai ficar mais fácil — disse Jess, esticando a mão. — De verdade. Vamos ter esses dias de folga, resolver o caso da Tanzie e descobrir o que fazer. Às vezes a gente precisa ficar um tempo afastado para entender as coisas na nossa cabeça. Isso deixa tudo mais claro.

— Não acho que o que está na minha cabeça seja o problema.

Ela lhe deu os analgésicos e observou-o tomá-los com refrigerante.

Todo encurvado e arrastando os pés, Nicky levou o cachorro para dar uma volta. Ela se perguntou se ele tinha cigarros. O garoto estava chateado porque acabara a bateria do seu Nintendo uns trinta quilômetros atrás.

Jess não tinha certeza se ele sabia o que fazer quando não estava cirurgicamente ligado a um videogame.

Elas o observaram ir em silêncio.

Jess pensou em como seus raros sorrisos foram gradualmente ficando cada vez mais raros, em como ele estava sempre alerta, em como parecia um peixe fora d'água, pálido e vulnerável, nas poucas horas que passava fora do quarto. Pensou em seu rosto resignado, inexpressivo, naquele hospital. Já disseram que ninguém pode ser mais feliz do que o seu filho mais infeliz.

Tanzie se debruçou sobre os trabalhos.

— Acho que vou morar em outro lugar quando for adolescente.

Jess olhou para ela.

— O quê?

— Acho que talvez eu more numa universidade. Não quero crescer perto dos Fisher. — Ela escreveu um número no caderno, depois apagou um dígito, substituindo-o por um quatro. — Eles me assustam um pouco — confessou

ela baixinho.

— Os Fisher?

— Tive um pesadelo com eles.

Jess engoliu em seco.

— Você não precisa ter medo deles — disse ela. — São só uns idiotas. O que fizeram é o que covardes fazem. Eles não são nada.

— Eles não parecem ser nada.

— Tanzie, vou resolver o que fazer com eles e vamos dar um jeito nisso, está bem? Você não precisa ter pesadelos. Vou resolver isso.

Elas ficaram sentadas sem falar nada.

A estrada estava silenciosa, exceto pelo barulho de um trator ao longe. Pássaros voavam em círculos no azul infinito. O Sr. Nicholls voltava devagar. Ele endireitara a postura, como se tivesse resolvido alguma coisa, e segurava frouxamente o telefone na mão. Jess esfregou os olhos.

— Acho que terminei as equações complexas. Quer ver?

Tanzie ergueu uma página com números. Jess olhou para o rosto puro e encantador da filha. Esticou o braço e endireitou os óculos no nariz da menina.

— Quero — disse ela, o sorriso alegre. — Adoraria ver umas equações complexas.

Levaram duas horas e meia para percorrer o trecho seguinte da viagem. O Sr. Nicholls recebeu duas ligações durante o percurso: a de uma mulher chamada Gemma (sua ex-esposa?), que ele interrompeu, e outra que, visivelmente, tinha a ver com seus negócios. Uma mulher com sotaque italiano ligou logo depois que eles pararam num posto de gasolina, e ao ouvir as palavras “Eduardo, meu bem”, o Sr. Nicholls arrancou o telefone do viva-voz, saltou do carro e ficou ao lado da bomba de combustível.

— Não, Lara — disse, afastando-se deles. — Já discutimos isso... Bem, o seu advogado está errado... Não, me chamar de lagosta não fará diferença alguma.

Nicky dormiu por uma hora, o cabelo preto-azulado caindo na maçã do rosto inchada, o semblante tranquilo durante o sono. Tanzie cantava baixinho e afagava o cachorro. Norman dormiu, peidou alto várias vezes e, lentamente, infundiu seu odor no carro. Ninguém reclamou.

Aquele odor, na verdade, mascarava o que restava do cheiro de vômito.

— Será que as crianças precisam comer alguma coisa? — perguntou o Sr. Nicholls quando eles finalmente entraram na periferia de uma cidade grande.

Prédios comerciais enormes e reluzentes pontuavam cada oitocentos metros, as fachadas ostentando nomes baseados em gestão ou tecnologia dos quais Jess nunca ouvira falar: Accsys, Technologica, Avanta. Estacionamentos intermináveis surgiam em ambos os lados das ruas. Não havia ninguém a pé.

— Podíamos procurar um McDonald's — sugeriu ele. — Deve ter uma porção deles por aqui.

— Não comemos no McDonald's — avisou ela.

— Vocês não comem no McDonald's?

— Não. Posso repetir, se quiser. Não comemos no McDonald's.

— São vegetarianos?

— Não. Na verdade, será que podíamos procurar um supermercado?

Farei sanduíches.

— McDonald's provavelmente seria mais barato. Se é por causa de dinheiro.

— Não é por causa de dinheiro.

Jess não podia lhe dizer, mas, como mãe que criava os filhos sozinha, havia certas coisas que ela não podia fazer.

Que era basicamente o que todo mundo esperava que uma mãe solteira fizesse: reivindicar benefícios, fumar, morar em casas da administração municipal, alimentar os filhos com comida do McDonald's. Algumas dessas coisas ela não podia evitar, mas outras, sim.

Ele soltou um leve suspiro, o olhar fixo à frente.

— Certo, bem, podemos encontrar um lugar para ficar e depois ver se há um restaurante por perto.

— Eu meio que já tinha planejado dormir no carro — confessou Jess.

Sr. Nicholls encostou o Audi na beira da estrada e virou-se para ela.

— Dormir no carro?

O constrangimento a deixou irritada.

— Temos Norman. Nenhum hotel vai aceitá-lo. Aqui dentro ficaremos bem.

Ele pegou o celular e começou a tocar na tela.

— Vou encontrar um lugar que aceite cachorro. Deve haver um em

algum canto, mesmo que seja preciso rodar mais um pouco.

Jess sentiu o rosto corar.

— Na verdade, eu preferiria que não fizesse isso. — Ele continuou tocando na tela. — Realmente. Nós... nós não temos dinheiro para dormir num hotel.

O dedo do Sr. Nicholls no telefone ficou imóvel.

— Isso é maluquice. Vocês não podem dormir no meu carro.

— É só por duas noites. Ficaremos bem. Teríamos dormido no Rolls-Royce.

Por isso comprei os edredons.

Tanzie observava do banco de trás.

Jess prosseguiu: — Tenho um orçamento diário. E gostaria de me ater a ele. Se não se importa. Doze libras por dia para gastar com comida. No máximo.

Ele olhou para ela como se a mulher fosse louca.

— Não o estou impedindo de arranjar um hotel — acrescentou ela. Não queria lhe dizer que, na verdade, preferia que ele arranjasse um.

— Isso é loucura — disse ele por fim.

Eles prosseguiram por mais alguns quilômetros em silêncio. Sr. Nicholls tinha o ar de um homem que, no fundo, estava danado da vida. Estranhamente, Jess preferia assim. E se Tanzie se saísse tão bem quanto todo mundo parecia achar que ela se sairia na Olimpíada, eles poderiam torrar um pouco do prêmio dela em passagens de trem. A ideia de descartar Sr. Nicholls a fez sentir-se tão melhor que ela não disse nada quando ele parou no hotel Travel Inn.

— Já volto — avisou ele, e atravessou o estacionamento.

Levou as chaves, chacoalhando-as com impaciência na mão.

— Vamos ficar aqui? — perguntou Tanzie, esfregando os olhos e olhando em volta.

— O Sr. Nicholls vai. Nós ficaremos no carro. Vai ser uma aventura! — exclamou Jess.

Houve um breve silêncio.

— Oba — disse Nicky.

Jess sabia que ele estava desconfortável com aquilo. Mas o que mais ela podia fazer?

— Você pode se esticar aí atrás.

Tanzie e eu dormiremos na frente. Vai ser bom.

O Sr. Nicholls voltou, protegendo os olhos do sol do fim de tarde. Ela percebeu que ele estava usando a mesma roupa que o vira usar no pub naquela noite.

— Eles têm um quarto vago. De duas camas. Vocês podem ficar com ele. Vou ver se há algum outro lugar aqui perto.

— Ah, não — retrucou Jess. — Eu lhe disse. Não posso aceitar mais nada de você.

— Não estou fazendo isso por você.

Estou fazendo pelos seus filhos.

— Não — insistiu ela, tentando soar um pouco mais diplomática. — É muita gentileza sua, mas ficaremos bem aqui.

Ele passou a mão no cabelo.

— Quer saber de uma coisa? Não posso dormir num quarto de hotel sabendo que tem um garoto que acabou de sair do hospital dormindo no banco de trás de um carro a seis metros de mim. Nicky pode ficar com a outra cama.

— Não — disse Jess, de imediato.

— Por quê?

Ela não conseguiu responder.

A expressão de Ed se anuviou.

— Não sou um perverso.

— Não disse que era.

— Então, por que não deixa seu filho dividir um quarto comigo? Ele é da minha altura, pelo amor de Deus.

Jess corou.

— Ele passou por momentos difíceis recentemente. Só preciso ficar de olho nele.

— O que é um perverso? — perguntou Tanzie.

— Eu poderia carregar meu Nintendo — disse Nicky do banco de trás.

— Quer saber? Essa é uma discussão ridícula. Estou com fome. Preciso arranjar alguma coisa para comer. — O Sr. Nicholls enfiou a cabeça no carro.

— Nicky, você quer dormir no carro ou no quarto do hotel?

Nicky olhou de rabo de olho para Jess.

— No quarto do hotel. E eu também não sou um perverso.

— Eu sou uma perversa? — perguntou Tanzie.

— Está bem — disse o Sr. Nicholls.

— O trato é o seguinte: Nicky e Tanzie dormem no quarto do hotel. Você pode dormir no chão com eles.

— Mas não posso deixá-lo pagar um quarto de hotel para nós e fazê-lo dormir no carro. Além do mais, o cachorro vai uivar a noite inteira. Ele não conhece você.

O Sr. Nicholls revirou os olhos.

Estava visivelmente perdendo a paciência.

— Tudo bem, então. As crianças dormem no quarto do hotel. Você e eu dormimos no carro com o cachorro.

Todo mundo fica feliz.

Ele não parecia feliz.

— Nunca dormi num hotel. Eu já dormi num hotel, mãe?

Houve um breve silêncio. Jess podia sentir a situação fugindo do seu controle.

— Tomo conta da Tanzie — disse Nicky. Parecia esperançoso. Seu rosto, onde não estava machucado, tinha cor de massa de vidraceiro. — Um banho seria bom.

— Você leria uma história para mim?

— Só se for de zumbis.

Jess observou Nicky dar um sorrisinho para Tanzie.

— Está bem — consentiu ela.

E tentou conter a onda de náusea diante daquilo com que acabara de concordar.

O minimercado ocupava um espaço próximo a uma empresa de distribuição de alimentos, as janelas reluzentes com pontos de exclamação e ofertas de bolinhos de peixe crocantes e refrigerantes. Jess comprou pãezinhos, queijo e batata frita, além de maçãs caríssimas, e fez um piquenique para as crianças, que comeram na encosta gramada em volta do estacionamento.

Do outro lado, o tráfego para o Sul passava com estrépito numa névoa púrpura. Ela ofereceu ao Sr. Nicholls um pouco da refeição deles, mas ele deu uma olhada no conteúdo da sacola, agradeceu e disse que comeria no

restaurante.

Quando ele sumiu de vista, Jess relaxou. Instalou as crianças no quarto, sentindo-se melancólica por não poder ficar ali com elas. O quarto era no térreo, de frente para o estacionamento.

Ela pediu ao Sr. Nicholls que estacionasse o mais próximo possível da janela, e Tanzie a fez sair três vezes, apenas para poder acenar para a mãe através das cortinas e amassar o nariz de lado no vidro.

Nicky passou meia hora enfurnado no banheiro, as torneiras abertas. Saiu, ligou a televisão e se deitou na cama, com uma expressão ao mesmo tempo exausta e aliviada.

Jess organizou os comprimidos do garoto, fez Tanzie tomar banho e vestir o pijama, e recomendou aos dois que não ficassem acordados até muito tarde.

— E nada de fumar — disse a Nick.

— É sério.

— Como eu poderia? — perguntou ele. — Você pegou a minha parada.

Tanzie estava deitada de lado estudando os cadernos de matemática.

Jess alimentou o cachorro e deu uma volta com ele. Depois sentou-se no banco do carona com a porta aberta, comeu um pão com queijo e esperou o Sr. Nicholls terminar sua refeição.

Eram nove e quinze, e ela se esforçava para ler um jornal sob a luz precária quando ele apareceu. Segurava o celular como se tivesse acabado de encerrar mais uma ligação, e pareceu tão feliz em vê-la quanto ela estava em vê-lo. Ele abriu a porta e fechou-a depois de entrar.

— Já pedi na Recepção que me liguem se alguém cancelar uma reserva. — Ele olhava à frente para o para-brisa. — Obviamente, não lhes disse que estaria esperando no estacionamento do hotel.

Norman estava deitado no asfalto, como se tivesse caído de uma grande altura. Jess se perguntou se devia trazê-

lo para dentro do carro. Sem as crianças no banco de trás e com a noite avançando, parecia ainda mais estranho estar num carro ao lado do Sr. Nicholls.

— As crianças estão bem?

— Estão muito felizes. Obrigada.

— Seu garoto parece bastante machucado.

— Ele vai ficar bem.

Houve um longo silêncio. Ele olhou para Jess, depois pousou as mãos

no volante e se recostou no banco. Esfregou os olhos com a parte inferior das palmas das mãos e virou-se para ela.

— Então... fiz mais alguma coisa que aborreceu você?

— O quê?

— Você agiu o dia inteiro como se eu a estivesse incomodando. Pedi desculpas por aquilo no pub na outra noite. Tenho feito o que posso para ajudá-la aqui. Só que ainda sinto que fiz algo errado.

— Você... você não fez nada de errado — gaguejou ela.

Ele a estudou por um instante.

— Isso é, tipo, o “está tudo bem” das mulheres, quando, de fato, o que quer dizer é que cometi uma atrocidade e, na verdade, é para eu adivinhar o que fiz?

E aí você fica uma fera se eu não adivinhar?

— Não.

— Está vendo, agora eu não sei.

Porque esse “não” pode fazer parte do “está tudo bem” das mulheres.

— Não estou falando em código. Está tudo bem.

— Então será que poderíamos diminuir um pouco a tensão quando estamos perto um do outro? Você me deixa bem desconfortável.

—

Estou deixando você desconfortável? — Jess viu Ed virar a cabeça devagarinho na direção dela. — Desde que entramos no carro, você parece ter se arrependido de ter nos oferecido esta carona. Na verdade, desde antes de entrarmos. — *Cale a boca*, pensou. *Cale a boca. Cale a boca.*

Cale a boca. — Nem sei por que ofereceu.

— O quê?

— Nada — disse ela, virando-se para o outro lado. — Esquece.

Ele olhou para a frente pelo para-brisa. De repente pareceu estar muito, muito cansado.

— Aliás, você podia simplesmente nos deixar numa estação amanhã de manhã. Assim não o incomodáramos mais.

— É isso que você quer? — perguntou ele.

Ela levou os joelhos até o peito.

— Talvez seja melhor.

O céu ficou um breu em volta deles.

Por duas vezes Jess abriu a boca para falar, mas não saiu nada. O Sr. Nicholls olhava pelo para-brisa para as cortinas fechadas do quarto do hotel,

aparentemente perdido em pensamentos.

Ela pensou em Nicky e Tanzie, que dormiam tranquilamente do outro lado, e desejou estar com eles. Sentia-se mal.

Por que não podia simplesmente ter fingido? Por que não podia ter sido mais simpática? Ela era uma idiota. Estragara tudo de novo.

Esfriara. Por fim, ela puxou o edredom de Nicky do banco de trás e empurrou-o para Ed.

— Aqui — disse.

— Ah. — Ele olhou para a enorme estampa do Super Mario. — Obrigado.

Jess chamou o cachorro para entrar, reclinou seu banco o suficiente para não encostar no do Sr. Nicholls e depois se cobriu com o edredom de Tanzie.

— Boa noite.

Ela olhava para o estofamento luxuoso, a centímetros do seu nariz, enquanto respirava o cheiro de carro novo, a cabeça confusa. A que distância estava da estação? Quanto custaria a passagem? Eles teriam que pagar por mais um dia de hospedagem numa pensão em algum lugar, pelo menos. E o que ela faria com o cachorro? Ouviu o leve ressonar de Norman e pensou com amargura no trabalhão que teria se tivesse que passar aspirador naquele banco de trás novamente.

— São nove e meia. — A voz do Sr. Nicholls quebrou o silêncio.

Jess ficou bem quietinha.

— Nove. E. Meia. — Ele suspirou profundamente. — Nunca pensei que diria essa frase, mas isto é mesmo pior do que ser casado.

— O que foi? Estou respirando muito alto? — perguntou Jess.

Ele abriu a porta bruscamente.

— Ah, pelo amor de Deus! — exclamou e começou a atravessar o estacionamento.

Jess se endireitou no banco e observou-o andar depressa para o minimercado, desaparecendo naquele interior iluminado com lâmpadas fluorescentes. Voltou pouco depois com uma garrafa de vinho e um pacote de taças de plástico.

— Deve ser horrível — disse ele, sentando-se de volta no banco do motorista. — Mas não estou me importando nem um pouco.

Ela olhou para a garrafa.

— Trégua, Jessica Thomas? Foi um dia longo. E uma semana de merda. E apesar de espaçoso, este carro não é grande o suficiente para duas pessoas

que não estão se falando.

Ele olhou para ela. Tinha os olhos exaustos e a barba já começava a despontar no queixo. Isso o deixava curiosamente vulnerável.

Ela pegou uma taça de sua mão.

— Desculpe. Não estou acostumada a receber ajuda de alguém. Isso me deixa...

— Desconfiada? Irritada?

— Eu ia dizer que me faz pensar que eu devia sair mais.

Ele suspirou.

— Certo. — Olhou para a garrafa. — Então, vamos... ah, caramba!

— O que foi?

— Pensei que fosse tampa de rosca.

— Ele olhou para a garrafa como se aquilo fosse só mais uma coisa destinada a irritá-lo. — Ótimo. Acho que você não tem um saca-rolhas, não é?

— Não.

— Acha que vão trocar o vinho?

— Você pegou a nota?

Ele suspirou fundo, e Jess o interrompeu.

— Não precisa — disse ela, pegando a garrafa de sua mão.

Abriu a porta e saltou. A cabeça de Norman se ergueu de repente.

— Você não vai quebrar isto no meu para-brisa, vai?

Ela retirou o lacre da garrafa.

— Tire o sapato.

— O quê?

— Tire o sapato. Não vai funcionar com sandália de dedo.

— Por favor, não use o sapato como copo. Minha ex fez isso uma vez com um salto agulha, e foi realmente muito difícil fingir que champanhe cheirando a chulé era uma experiência erótica.

Ela estendeu a mão. Por fim, ele tirou o sapato e o entregou. Ficou olhando enquanto Jess acomodou a base da garrafa de vinho dentro do calçado, posicionou-se ao lado do hotel e, segurando cuidadosamente os dois juntos, bateu-os com força na parede.

— Acho que não adianta eu lhe perguntar o que está fazendo.

— Me dê um minutinho — pediu ela, falando entre os dentes, e tornou a bater.

O Sr. Nicholls fez um lento gesto negativo com a cabeça.

Jess se endireitou e fuzilou-o com os olhos.

— Sinta-se à vontade para arrancar a rolha com a boca, se preferir.

Ele ergueu a mão.

— Não, não. Vá em frente. Caco de vidro nos pés é exatamente o que eu desejava para terminar esta noite.

Jess verificou a rolha e deu outra pancada. E funcionou. Um centímetro da rolha ultrapassou a boca da garrafa.

Mais uma pancada. Outro centímetro.

Ela segurou a garrafa com cuidado, tornou a bater na parede e pronto: puxou delicadamente o restante da rolha do gargalo e entregou-a a ele.

Sr. Nicholls olhou para aquilo, e depois para Jess. Ela lhe devolveu o sapato.

— Nossa. Você é uma mulher útil de se conhecer.

— Também sei montar estantes, substituir tábuas de assoalho podres e fazer a correia da ventoinha com uma meia-calça amarrada.

— É mesmo?

— A correia da ventoinha, não. — Ela entrou no carro e aceitou a taça de vinho de plástico. — Uma vez eu tentei, e a meia arrebentou quando ainda não tínhamos rodado nem trinta metros pela rua. Um desperdício total das meias opacas da Marks & Spencer. — Ela tomou um gole. — E o carro passou semanas fedendo a meia-calça queimada.

Atrás deles, Norman gania dormindo.

— Trégua — disse o Sr. Nicholls, erguendo a taça.

— Trégua. Você não vai dirigir depois, vai? — perguntou Jess, erguendo a sua.

— Se você não vai, eu não vou.

— Ah, muito engraçado.

E, de repente, a noite ficou mais fácil.

ED

Foram estas coisas que Ed descobriu sobre Jessica Thomas depois que ela tomou uma ou duas taças (na verdade, quatro ou cinco) e parou de ser hostil: a primeira delas, o garoto não era seu filho de verdade. Era filho do seu ex e da ex do seu ex, e, dado que os dois o haviam de fato “abandonado”, ela era basicamente a única pessoa que lhe restara.

— Bondade sua — disse Ed.

— Nem tanto. Nicky é como se fosse meu filho. Ele está comigo desde que tem oito anos. Toma conta da Tanzie.

Além do mais, as famílias agora têm uma formação diferente, não têm?

O tom defensivo com que Jess se expressou levou Ed a pensar que ela já tivera aquela conversa muitas vezes.

A segunda descoberta: a menina tinha dez anos. Ele fez uma conta mental, que Jess interrompeu antes que ele pudesse dizer qualquer palavra.

— Dezesete.

— É... cedo.

— Eu era uma garota rebelde. Sabia tudo. Na verdade, não sabia nada. Marty apareceu, larguei a escola e engravidei.

Eu não ia ser faxineira, sabe? Minha mãe era professora.

Seu olhar deslizou até ele, como se ela soubesse que esse fato chocaria.

— Tudo bem.

— Está aposentada agora. Ela mora na Cornualha. Não nos damos muito bem.

Ela não concorda com o que chama de minhas escolhas de vida. Nunca consegui explicar que, quando se tem um filho aos dezesete anos, não há escolhas.

— Nem mesmo agora?

— Não. — Ela torceu uma mecha de cabelo entre os dedos. — Porque nós nunca estamos na mesma fase em que os outros estão. Nossos amigos estão na faculdade, nós estamos em casa com um bebezinho. Não dá nem tempo de pensar em que ambições poderíamos ter.

Nossos amigos estão iniciando uma carreira, nós estamos no departamento de habitação tentando encontrar um lugar para morar. Nossos

amigos estão comprando o primeiro carro e a primeira casa, nós estamos tentando arranjar um emprego que dê para conciliar com a creche. E todos os empregos que podemos conciliar com o horário escolar pagam muito pouco. E isso foi antes de a economia despencar.

Ah, não me entenda mal. Não me arrependo de ter tido Tanzie, nem por um minuto. E não me arrependo de ter assumido Nicky. Mas, se voltasse no tempo, é claro que eu teria os dois depois de ter feito alguma coisa da vida.

Seria bom poder dar a eles... algo melhor.

Ela não se dera o trabalho de levantar de volta o encosto do banco enquanto lhe contava isso. Estava deitada, apoiada no cotovelo, virada de frente para ele, embaixo do edredom e com os pés descalços apoiados no painel. Ed percebeu que não se importava tanto assim com aquilo.

— Você ainda poderia ter uma carreira — observou ele. — É jovem. Quer dizer... poderia conseguir uma babá para o horário depois da escola ou algo assim?

Ela riu para valer. Solto um grito parecido com o de uma foca: — Rá!

Sua risada foi forte, abrupta e esquisita, destoando de seu tamanho e de sua silhueta. Sentou-se empertigada e tomou um gole do vinho.

— Sim. Certo, Sr. Nicholls. É claro que eu poderia.

A terceira descoberta: ela gostava de fazer consertos. Às vezes se perguntava se poderia ter seguido uma carreira nesse ramo. Fazia bicos no bairro, desde mudar a fiação de tomadas até colocar azulejos nos banheiros de outras pessoas.

— Eu fazia tudo na casa. Sou habilidosa. Sei até xilogravar papel de parede.

— Você faz o seu próprio papel de parede?

— Não olhe para mim desse jeito.

Está no quarto da Tanzie. Eu fazia as roupas dela também, até pouco tempo atrás.

— Você na verdade veio da Segunda Guerra Mundial? Guarda vidros de geleia e barbantes também?

— E você, o que queria ser?

— O que fui — respondeu ele.

E então percebeu que não queria falar sobre aquilo e mudou de assunto.

A quarta descoberta: seus pés eram muito pequenos. Comprava sapatos de criança. (Aparentemente eram mais baratos.) Depois que ela lhe contou isso, Ed teve que se conter para não ficar olhando furtivamente para os pés

dela que nem um anormal.

A quinta: antes de ter filhos, ela conseguia tomar quatro vodcas duplas seguidas e ainda andar em linha reta.

— É, eu era forte para bebida.

Obviamente não ficava bem o bastante para me lembrar de evitar filhos.

E ela quase nunca bebia em casa.

— Quando estou trabalhando no pub e alguém me oferece um drinque, limito-me a aceitar o dinheiro. E quando estou em casa, fico achando que pode acontecer alguma coisa com as crianças e vou precisar estar sóbria. — Jess olhou pela janela. — Estou pensando agora que esta é a coisa mais próxima de uma noitada que já tive em... cinco meses.

— Um homem que fechou a porta na sua cara, duas garrafas de vinho ruim e um estacionamento.

— Não estou reclamando.

Ela não explicou o que a fazia se preocupar tanto com as crianças. Ele pensou no rosto de Nicky e decidiu não perguntar.

A sexta descoberta: Jess tinha uma cicatriz embaixo do queixo de quando caíra de uma bicicleta. O acidente a deixara por duas semanas com um pedacinho de cascalho alojado na carne.

Tentou mostrar a ele, mas a luz dentro do carro não era suficientemente forte.

Também tinha uma tatuagem na base da coluna.

— Uma verdadeira tatuagem de vadia, segundo Marty. Quando fiz, ele ficou sem falar comigo por dois dias. — Fez uma pausa. — Acho que eu devo ter feito por isso.

A sétima: seu nome do meio era Rae.

Precisava soletrá-lo toda santa vez.

A oitava: ela não se importava de fazer faxina, mas odiava muito, muito mesmo, que as pessoas a tratassem como se ela fosse “só” uma faxineira. (Ele teve a elegância de corar um pouco nesse momento.) A nona: ela não saía com ninguém desde que o ex a deixara, dois anos antes.

— Você não faz sexo há dois anos e meio?

— Eu disse que ele me deixou há dois anos.

— É um cálculo razoável.

Ela se aprumou no banco e lhe lançou um olhar de soslaio.

— Três e meio, na verdade. Se estivermos contando. Com exceção de um, hã, episódio no ano passado. E você não precisa ficar tão chocado.

— Não estou chocada — retrucou ele, tentando mudar a expressão. Deu de ombros. — Três anos e meio. Quero dizer, é apenas... o quê? Um quarto da sua vida adulta? Não é nada.

— É. Obrigada por isso.

Ele não tinha certeza do que acontecera, mas alguma coisa no clima mudou. Jess murmurou algo que Ed não conseguiu entender, fez outro rabo de cavalo — ela prendia o cabelo sem motivo algum quando ficava nervosa, percebeu ele, como se sentisse necessidade de fazer alguma coisa — e disse que talvez estivesse mesmo na hora de irem dormir.

Ed achou que ficaria acordado por séculos. Havia algo estranhamente perturbador em estar num carro escuro a um braço de distância de uma mulher atraente com quem havia acabado de dividir duas garrafas de vinho. Ainda que ela estivesse encolhida embaixo de um edredom do Bob Esponja.

Pelo teto solar, ele olhou para as estrelas, ouviu o ronco dos caminhões seguindo para Londres e pensou que a sua vida real — aquela com sua empresa, sua sala e a ressaca sem fim de Deanna Lewis — estava agora a quilômetros de distância.

— Ainda acordado?

Ele virou a cabeça, perguntando a si mesmo se ela o estivera vigiando.

— Não.

— Tudo bem — murmurou ela do banco do carona. — Jogo da verdade.

Ele ergueu os olhos para o teto.

— Vá em frente, então.

— Primeiro você.

Ele não conseguiu ter nenhuma ideia.

— Você tem que ser capaz de pensar em alguma coisa.

— Tudo bem, por que você está usando sandália de dedo?

— Essa é a sua pergunta?

— Está congelando lá fora. É a primavera mais fria e chuvosa de que se tem registro. E você está de sandália de dedo.

— Isso o incomoda tanto assim?

— Só não consigo entender. Você obviamente está com frio.

Ela apontou para o dedo do pé.

— É primavera.

— E daí?

— E daí que é primavera. Portanto, o tempo vai melhorar.

— Você está usando sandália de dedo como uma expressão de fé.

— Se você quiser definir assim...

Ele não conseguiu pensar em uma resposta para isso.

— Tudo bem, minha vez.

Ele esperou.

— Você pensou em ir embora e nos deixar hoje de manhã?

— Não.

— Mentiroso.

— Está bem. Talvez um pouco. Sua vizinha queria quebrar minha cabeça com um taco de beisebol e seu cachorro é muito fedorento.

— Puxa. Qualquer desculpa serve.

Ele ouviu-a se mexer no banco. Seus pés desapareceram embaixo do edredom. Seu cabelo cheirava a coco.

— Então por que não foi? — indagou Jess.

Ele pensou por um instante antes de responder.

Talvez porque não conseguisse ver seu rosto. Talvez a bebida e o avançado da hora tivessem baixado suas defesas, pois, normalmente, ele não teria dado esta resposta: — Porque fiz umas burrices há bem pouco tempo. E talvez uma parte de mim apenas desejasse fazer algo que me deixasse satisfeito.

Ed achou que ela fosse dizer algo. De certa forma, torceu para que dissesse, mas isso não aconteceu.

Ele ficou ali deitado por uns minutos, olhando para a luz artificial das lâmpadas e ouvindo a respiração de Jessica Rae Thomas e pensou em como sentia falta de simplesmente dormir ao lado de alguém. Quase todo dia, sentia-se o homem mais solitário do planeta.

Pensou naqueles pés miudinhos e naquelas unhas pintadas e se deu conta de que, provavelmente, bebera demais.

Não seja um idiota, Nicholls, disse a si mesmo, e virou-se de costas para ela.

Então, deve ter caído no sono, porque de repente estava frio e cinzento lá fora.

Ele tinha o braço dormente e sentia-se tão grogue que levou dois minutos inteiros para entender que as pancadas que ouvia eram do segurança batendo na janela do lado do motorista para lhes dizer que não podiam dormir ali.

TANZIE

Havia quatro tipos de pães doces no bufê do café da manhã e três tipos de suco de fruta, além de uma prateleira inteira daqueles pacotinhos individuais de cereal que sua mãe dizia que eram pouco econômicos e nunca compraria.

Ela havia batido na janela às oito e quinze para lhes dizer que deviam vestir a jaqueta para ir tomar café e enfiar tudo que pudessem nos bolsos. Tinha o cabelo achatado de um lado e estava sem maquiagem. Tanzie achou que o carro não fora uma aventura tão bacana, afinal.

— Nada de manteiga nem geleia. Ou do que precisa de talher. Pãezinhos, muffins, esse tipo de coisa. E não sejam pegos no flagra. — Ela olhou para trás em direção ao local onde o Sr. Nicholls parecia estar discutindo com um segurança. — E maçãs. Maçã é saudável. E quem sabe algumas fatias de presunto para Norman.

— Onde devo colocar o presunto?

— Ou uma salsicha. Embrulhe em um guardanapo.

— Isso não é roubar?

— Não.

— Mas...

— É só pegar um pouquinho mais do que você provavelmente comeria naquele exato momento. Você só está...

Imagine que você é um hóspede com disfunção hormonal e isso lhe dá muita fome.

— Não tenho disfunção hormonal.

— Mas poderia ter. A questão é essa.

Você é essa doente faminta, Tanzie.

Pagou pelo seu café, mas precisa comer muito. Mais do que comeria normalmente.

Tanzie cruzou os braços.

— Você disse que era errado roubar.

— Isso não é roubar. É só receber pelo que pagou.

— Mas não pagamos por isso. Foi o Sr. Nicholls.

— Tanzie, só faça como estou dizendo, por favor. Olhe, o Sr. Nicholls e

eu vamos ter que deixar o estacionamento por meia hora. Faça isso, depois volte para o quarto e esteja pronta para sair às nove. Está bem? — Jess se debruçou na janela e deu um beijo em Tanzie, depois foi andando para o carro, embrulhada na jaqueta. Parou, se virou para trás e gritou: — Não se esqueça de escovar os dentes. E não deixe nenhum dos seus cadernos de matemática para trás.

Nicky saiu do banheiro. Usava sua calça jeans preta apertadíssima e uma camiseta que dizia DANE-SE na frente.

— Você nunca vai conseguir colocar uma salsicha aí dentro — disse Tanzie, olhando para a calça jeans dele.

— Aposto que consigo esconder mais do que você — retorquiu o garoto. Os olhos dela encontraram os do irmão.

— Está apostado — disse Tanzie, e foi correndo se vestir.

O Sr. Nicholls se inclinou para a frente e semicerrou os olhos para ver melhor pelo para-brisa enquanto ela e Nicky atravessavam o estacionamento. Vamos ser justos, pensou Tanzie, provavelmente ela também teria olhado para eles.

Nicky tinha enfiado duas laranjas grandes e uma maçã na parte da frente da calça jeans e andava bamboleando pela pista como se tivesse sujado a calça por acidente. Ela vestia a jaqueta de paetê, embora sentisse muito calor, porque havia enchido de pacotinhos de cereal a parte da frente do casaco de capuz e, sem a jaqueta, parecia que estava grávida. De bebês robôs.

Eles não conseguiam parar de rir.

— Entrem logo, entrem logo — disse a mãe, jogando as bolsas de viagem no porta-malas enquanto olhava para trás.

— O que conseguiram?

O Sr. Nicholls pegou a estrada. Tanzie podia vê-lo olhando pelo retrovisor enquanto eles se revezavam descarregando o butim e entregando-o à mãe.

Nicky tirou um pacote branco do bolso.

— Três pãezinhos doces. Mas tome cuidado. O glacê grudou um pouco nos guardanapos. Quatro salsichas e umas fatias de bacon num copo de papel para Norman. Duas fatias de queijo, um iogurte e... — Ele puxou a jaqueta por cima da braguilha, enfiou a mão lá embaixo, fazendo careta, contraindo-se, e puxou as frutas. — Incrível eu ter conseguido enfiar isto aqui.

— Não há nada que eu possa dizer em relação a isto que, de alguma maneira, seja uma conversa adequada entre mãe e filho — observou Jess.

Tanzie tinha seis pacotinhos de cereal, duas bananas e um sanduíche de geleia.

Foi comendo de um dos pacotes enquanto Norman olhava para ela com duas estalactites de baba escorrendo da boca que foram aumentando cada vez mais até formarem um pequeno lago no banco do carro do Sr. Nicholls.

— Aquela mulher atrás dos ovos *pochés* com certeza nos viu.

— Eu disse que você tinha disfunção hormonal — contou Tanzie. — Expliquei que você precisava comer o dobro do seu peso três vezes por dia, senão desmaiaria na sala e realmente poderia morrer.

— Que legal — comentou Nicky.

— Você ganha em quantidade — avaliou ela, contando os itens do irmão.

— Mas eu ganho pontos extras por habilidade.

Tanzie se inclinou para a frente e, enquanto todos olhavam, tirou com cuidado de cada bolso um copo de isopor com café envolvido em guardanapo de papel para não virar.

Entregou um à mãe e acomodou o outro no porta-copos ao lado do Sr. Nicholls.

— Você é um gênio — elogiou-a Jess, abrindo a tampa. — Ah, Tanzie, você não faz ideia do quanto eu precisava deste café.

Ela deu um gole, fechando os olhos.

Tanzie não tinha certeza se era porque eles haviam se saído tão bem com o bufê ou só porque Nicky estava rindo pela primeira vez em séculos, mas, por um momento, a mãe parecera estar feliz como nunca estivera desde que seu pai saíra de casa.

O Sr. Nicholls ficou apenas olhando como se eles fossem um bando de extraterrestres.

— Tudo bem, podemos fazer sanduíches para o almoço com o presunto, o queijo e as salsichas. Vocês podem comer os pãezinhos agora. Fruta para a sobremesa. Quer uma? — Ela estendeu uma laranja para o Sr. Nicholls. — Ainda está um pouquinho quente. Mas posso descascar.

— Hã, é muita gentileza sua — agradeceu ele, desviando o olhar. — Mas acho que vou parar numa Starbucks.

O trecho seguinte da viagem foi de fato muito bom. Não houve mais engarrafamentos, e Jess persuadiu o Sr. Nicholls a sintonizar sua estação de rádio preferida e cantou acompanhando seis músicas, mais alto a cada uma delas. Ela fez Tanzie e Nicky cantarem junto, e o Sr. Nicholls a princípio pareceu farto daquilo, porém, depois de alguns quilômetros rodados, Tanzie percebeu que, de certa forma, ele balançava a cabeça como quem estivesse se divertindo. O sol esquentou muito e o Sr. Nicholls abriu a capota.

Norman ficou sentado todo empertigado para poder sentir os cheiros no ar enquanto o carro andava, e com isso não os espremeu nas portas, o que também foi bom.

Isso lembrava um pouco a Tanzie de quando seu pai morava com eles e a família às vezes saía para passear de carro. Com a diferença de que seu pai sempre dirigia muito rápido e eles nunca conseguiam chegar a um acordo sobre onde parar para comer. O pai dizia que não entendia por que eles não podiam simplesmente gastar dinheiro com um almoço num pub, e a mãe argumentava que já tinha feito sanduíches e seria tolice desperdiçá-los. E o pai mandava Nicky tirar os olhos do jogo que ele estivesse jogando e curtir a maldita paisagem, porém o menino resmungava que, na verdade, não pedira para ir, o que deixava o pai ainda mais furioso.

Então, Tanzie pensou que, embora amasse o pai, talvez preferisse aquela viagem sem ele.

Após duas horas, o Sr. Nicholls disse que precisava se esticar, e Norman tinha que fazer xixi, então pararam à margem de um parque campestre. A mãe pegou um pouco do butim do bufê e eles se sentaram na sombra, a uma perfeita mesa de madeira para piquenique, e comeram.

Tanzie fez uma revisão (números primos e equações de segundo grau), depois levou Norman para dar uma volta no bosque. Ele estava felicíssimo e parava de dois em dois minutos para farejar algo, o sol continuava lançando pequenos feixes de luz através das árvores e eles viram uma corça e dois faisões; parecia que realmente estavam de férias.

— Você está bem, meu amor? — perguntou a mãe, andando de braços cruzados. De onde estavam, conseguiam ver Nicky conversando com o Sr. Nicholls à mesa através das árvores. — Está animada?

— Acho que sim — disse ela.

— Você fez os testes antigos ontem à noite?

— Fiz. Acho as sequências de números primos um pouco difíceis, sim,

mas escrevi todas elas e, quando vi o sequenciamento exposto, achei mais fácil.

— Nada mais de pesadelos com os Fisher?

— Ontem à noite sonhei com um repolho que sabia andar de patins. Ele se chamava Kevin — respondeu ela.

A mãe lançou-lhe um olhar demorado.

— Certo.

Estava mais frio no bosque, e a mata tinha um cheiro úmido gostoso de musgo, verde e vida, não como o do quarto dos fundos de sua casa, que era só de mofo. A mãe parou no meio do caminho e virou-se para o carro.

— Eu lhe disse que coisas boas acontecem, não foi? — Ela esperou Tanzie alcançá-la. — Vamos chegar lá amanhã com o Sr. Nicholls. Teremos uma noite tranquila, ajudaremos você a participar da competição e poderá começar na escola nova. Depois, se Deus quiser, nossas vidas mudarão um pouco para melhor. E estamos nos divertindo, não estamos? Está sendo uma viagem agradável?

Ela mantinha os olhos no carro enquanto falava com aquela voz de quem dizia uma coisa e pensava outra. Tanzie reparou que a mãe se maquiara enquanto estavam no carro.

— Mamãe — chamou.

— Sim?

— De certa forma, nós roubamos a comida daquele bufê, não foi? Quer dizer, se olharmos proporcionalmente, pegamos, sim, mais do que a nossa parte.

A mãe ficou olhando para os próprios pés por um minuto, pensando.

— Se você estiver muito preocupada com isso, quando recebermos o seu prêmio colocaremos cinco libras num envelope e enviaremos para eles. O que acha?

— Acho que, considerando os itens que pegamos, estaria mais para seis libras. Provavelmente seis libras e cinquenta — calculou Tanzie.

— Então é o que vamos enviar para eles. E agora acho que devíamos nos esforçar bastante para fazer esse cachorro velho e gordo correr por aí um pouco para que (a) ele se canse o suficiente para dormir durante o próximo trecho da viagem e (b) o exercício talvez o encoraje a fazer as necessidades aqui e ele não passe os próximos cento e trinta quilômetros peidando.

Pegaram a estrada de novo. Chovia. O Sr. Nicholls tivera Um Dos Seus Telefonemas com um homem chamado Sidney e falara sobre preços de ações e flutuações de mercado. Ele parecia meio sério, então sua mãe ficou um tempinho sem cantar. Tanzie tentou não olhar furtivamente para os exercícios de matemática (a mãe disse que isso a deixaria enjoada). Suas pernas continuavam grudando nos bancos de couro do Sr. Nicholls, e ela se arrependeu um pouco de estar de short.

Além disso, Norman rolara em alguma coisa no bosque e ela ficava sentindo o cheiro de algo muito ruim, mas não queria dizer nada para o caso de o Sr. Nicholls decidir que estava farto deles e daquele cachorro fedorento. Então, limitou-se a tapar o nariz com os dedos e a tentar respirar pela boca, só se permitindo abrir as narinas depois de passarem por trinta postes de luz.

— No que está pensando, Tanzie?

A mãe olhou para trás por entre os bancos.

— Estava pensando em permutações e combinações.

Jess deu aquele sorriso de quando não entendia muito bem o que a filha dizia.

— Bem, eu estava pensando na salada de frutas que tinha no café da manhã.

Como se ela fosse uma combinação.

Não importa se as maçãs, as peras e as bananas estão em alguma ordem, não é?

Mas com permutações isso importa.

A mãe continuou sem dar mostras de entender. O Sr. Nicholls olhou pelo retrovisor e depois se virou para Jess.

— Tudo bem, imagine então tirar meias coloridas de uma gaveta. Se você tem seis pares de meias de cores diferentes na gaveta, digamos, doze meias ao todo, há seis vezes cinco vezes quatro vezes três vezes dois vezes um combinações diferentes em que poderia tirá-las, certo? — perguntou ele.

— Mas se as doze meias forem de cores diferentes, haveria um número muito grande de maneiras de tirar as meias.

Quase meio bilhão.

— Isso parece bastante com as nossas gavetas de meias — disse a mãe.

Sr. Nicholls olhou para Tanzie e sorriu.

— Então, Tanzie, se você tiver uma gaveta com doze meias, mas não puder vê-las, quantas tem que puxar da gaveta para decidir se há no mínimo

dois pares iguais?

Tanzie ficou séculos pensando naquilo, por isso não ouviu quando o Sr. Nicholls começou a falar com Nicky.

— Está entediado? Quer meu celular emprestado?

— É sério?

Nicky endireitou a postura, antes curvada.

— Claro. Está no bolso do meu casaco.

Com Nicky grudado de novo numa tela, a mãe e o Sr. Nicholls começaram a conversar. Era possível que tivessem esquecido que havia outras pessoas no carro.

— Ainda pensando em meias? — indagou a mãe.

— Ah, não. Esses problemas podem fundir a nossa cuca. Vou deixar isso para a sua filha.

Houve um breve silêncio.

— Então me fale da sua mulher.

— Ex-mulher. E, não, obrigado.

— Por quê? Você não foi infiel.

Imagino que ela também não tenha sido, senão você teria feito aquela cara.

— Que cara? — Outro breve silêncio.

Talvez dez postes de luz tenham passado. — Não sei se algum dia eu faria *aquela* cara. Mas não. Ela não foi infiel. E não, não quero discutir isso de jeito nenhum. É...

— Particular?

— Só não gosto de falar sobre assuntos pessoais. Quer falar do seu ex?

— Na frente dos filhos dele? É, isso é sempre uma ótima ideia.

Ninguém disse nada por alguns quilômetros. A mãe começou a batucar na janela. Tanzie olhou para o Sr. Nicholls. Toda vez que ela batucava, um pequeno músculo se contraía na mandíbula dele.

— Sobre o que vamos conversar, então? — perguntou Jess. — Não tenho muito interesse em software e imagino que você não tenha interesse algum pelo que eu faço. Não entendo de matemática relacionada a meias. E poucas vezes posso apontar para o campo e dizer: “Ah, olhem, vacas.”

Sr. Nicholls suspirou.

— Vamos lá. Falta muito para a Escócia.

Houve um silêncio que durou a passagem de trinta postes de luz. Nicky tirava fotos pela janela com o telefone do Sr. Nicholls.

— Lara. Italiana. Modelo.

— Modelo. — A mãe deu uma sonora gargalhada. — É claro.

— O que isso quer dizer? — perguntou o Sr. Nicholls, mal-humorado.

— Todos os homens como você saem com modelos.

— Como assim, homens como eu?

A mãe comprimiu os lábios.

— Como assim, homens como eu?

Vamos, diga — insistiu ele.

— Homens ricos.

— Não sou rico.

A mãe balançou a cabeça.

— Imagiiina.

— Não sou, não.

— Acho que isso depende da sua definição de rico.

— Já vi ricos. Não sou um deles.

Estou bem de vida, sim. Mas longe de ser rico.

A mãe virou-se para Ed. Ele realmente não sabia com quem estava lidando.

— Você tem mais de uma casa?

Ele ligou a seta e girou o volante.

— Talvez.

— Tem mais de um carro?

Ele olhou de esguelha.

— Sim.

— Então você é rico.

— Não. Rico é quem tem jatinhos particulares e iates. Rico é quem tem criadagem.

— Então o que eu sou?

Sr. Nicholls fez que não com a cabeça.

— Criadagem, não. Você é...

— O quê?

— Só estou tentando imaginar a sua cara se eu tivesse me referido a você como minha criada.

A mãe começou a rir e disse: — Minha empregada. Minha faxineira.

— É. Ou isso. Tudo bem, o que você chamaria de rico?

Jess tirou da sacola uma das maçãs do bufê e mordeu-a. Mastigou por um instante antes de falar.

— Rico é pagar todas as contas em dia sem pensar muito sobre isso. Rico é conseguir tirar férias ou passar o Natal sem ter que pegar dinheiro emprestado comprometendo a renda de janeiro e fevereiro. Na verdade, rico seria simplesmente não passar o tempo inteiro pensando em dinheiro.

— Todo mundo pensa em dinheiro. Até quem é rico.

— É, mas você só está pensando no que fazer com o dinheiro para ganhar mais, enquanto estou pensando em como diabo podemos arranjar o suficiente para mais uma semana.

O Sr. Nicholls pigarreou.

— Não acredito que estou levando vocês de carro para a Escócia e você está brigando comigo porque resolveu, equivocadamente, que sou uma espécie de Donald Trump.

— Não estou brigando com você.

— Imagiiina.

— Só estou mostrando que há uma diferença entre o que você considera ser rico e o que é ser rico, na verdade.

Houve uma espécie de silêncio constrangedor. A mãe corou como se tivesse falado demais e começou a comer a maçã dando dentadas grandes e ruidosas, embora brigasse com a filha se ela comesse daquele jeito. Tanzie distraiu-se das permutações de meias.

Não queria que a mãe e o Sr. Nicholls parassem de falar um com o outro, porque eles estavam tendo um dia bem agradável, então enfiou a cabeça entre os bancos dianteiros.

— Na verdade, li em algum lugar que, para poder se situar no um por cento mais rico deste país, a pessoa precisa ganhar mais de cento e quarenta mil libras por ano — disse ela, tentando ser útil. — Então, se o Sr. Nicholls não ganha tanto assim, provavelmente ele *não* é rico.

Ela sorriu e se recostou no banco.

A mãe olhou para o Sr. Nicholls.

Continuou olhando. Ele esfregou a cabeça.

— Vou lhe dizer uma coisa — ele falou depois de algum tempo —, vamos parar para tomar um chá?

Moreton Marston parecia ter sido inventada para turistas. Tudo ali era feito com a mesma pedra cinza e era muito antigo. Os jardins de todas as casas eram perfeitos, com florezinhas azuis subindo pelo alto dos muros e vasos

imaculados de folhas pendentes, como algo tirado de um livro. As lojas eram todas do tipo que se vê em cartões de Natal. Na praça do mercado, uma mulher vestida com um traje vitoriano vendia pãozinhos de uma bandeja, com grupos de turistas passeando em volta e tirando fotos. Tanzie estava tão ocupada olhando pela janela que a princípio nem notou Nicky. Apenas quando eles entraram na vaga ela viu que o garoto ficara muito branco. Perguntou-lhe se estava sentindo dor nas costelas, e ele disse que não, e quando ela quis saber se ele tinha uma maçã dentro da calça e não estava conseguindo tirá-la dali, Nicky respondeu: “Não, Tanzie, deixe isso para lá.” Mas, pelo jeito como ele falou, havia, sim, alguma coisa. Tanzie olhou para a mãe, porém ela estava ocupada em não olhar para o Sr. Nicholls, e o Sr. Nicholls estava ocupado em fazer um grande alvoroço para achar a melhor vaga. Norman limitava-se a encarar Tanzie como quem diz: “Nem se dê o trabalho de perguntar.”

Eles saltaram e se esticaram, e o Sr. Nicholls disse que todos iriam tomar chá e comer bolo e que seria por conta dele e, por favor, será que podiam não fazer daquilo um bicho de sete cabeças financeiro, uma vez que era só um chá, não era? A mãe ergueu as sobrancelhas como se fosse falar alguma coisa e, depois, limitou-se a murmurar “Obrigada”, mas não de boa vontade.

Eles se sentaram num café cujo nome era escrito em inglês arcaico — Ye Spotted Sowe Tea Shoppe —, embora Tanzie apostasse que não havia lojas de chá na época medieval. Ninguém mais pareceu se importar. Nicky se levantou para ir ao banheiro. E o Sr. Nicholls e a mãe estavam no balcão escolhendo o que comer, então ela apertou algo no celular do Sr. Nicholls e a primeira coisa que apareceu foi a página de Nicky no Facebook. Ela esperou um minuto, pois o menino ficava muito bravo quando alguém fuxicava as suas coisas, e então, ao ter certeza de que ele estava mesmo no banheiro, aumentou a tela para poder lê-la e gelou. Os Fisher haviam postado na linha do tempo de Nicky mensagens e fotos de homens fazendo coisas desagradáveis com outros homens. Eles o chamavam de “escravo sexual” e “bicha”, e, embora Tanzie não soubesse o que aquelas palavras significavam, ela sabia que eram ruins e de repente se sentiu mal.

Ergueu os olhos e viu a mãe chegando com uma bandeja.

— Tanzie! Cuidado com o telefone do Sr. Nicholls.

O celular fez um barulho ao tocar a beirada da mesa. Tanzie não queria

encostar nele. Perguntou a si mesma se Nicky estava chorando no banheiro. Ela estaria.

Quando ergueu os olhos, a mãe olhava para ela.

— O que foi?

— Nada.

Jess se sentou e empurrou um cupcake de laranja na mesa. Tanzie não sentia mais fome, embora o bolinho estivesse coberto de confeitos.

— Tanzie. O que foi? Fale comigo.

Com a ponta do dedo, ela empurrou lentamente o telefone na mesa de madeira, como se o aparelho fosse queimá-la ou algo assim. A mãe franziu o cenho, e depois olhou para o celular.

Acendeu a tela e ficou encarando.

— Minha nossa — disse, logo depois.

O Sr. Nicholls sentou-se ao seu lado.

Tinha a maior fatia de bolo de chocolate que Tanzie já vira.

— Todo mundo feliz? — perguntou ele. Parecia feliz.

— Esses cretinos — disse a mãe.

E seus olhos ficaram cheios d'água.

— O que foi?

O Sr. Nicholls comeu um grande pedaço do bolo.

— Isso é ser pervertido?

A mãe pareceu não ouvi-la. Empurrou a cadeira para trás com um rangido bem alto e começou a andar a passos largos na direção dos toaletes.

— Este é o masculino, madame — gritou uma mulher quando Jess abriu a porta.

— Eu sei ler, obrigada — disse ela e entrou.

— O quê? O que foi agora?

O Sr. Nicholls fazia força para engolir tudo o que tinha na boca. Olhou para onde Jess havia ido. Depois, como Tanzie não disse nada, viu o celular e tocou nele duas vezes. Ficou um tempo só olhando. Em seguida, rolou a tela como se estivesse lendo tudo. Tanzie ficou meio sem jeito. Não sabia ao certo se ele devia estar vendo aquilo.

— Isso... isso tem algo a ver com o que aconteceu com seu irmão?

Ela queria chorar. Sentia que os Fisher tinham estragado aquele dia agradável.

Era como se os tivessem seguido até lá, como se nunca se afastassem deles. Ela não conseguia falar.

— Ei — disse ele, enquanto uma lágrima bem grande caía na mesa. — Ei.

Estendeu um guardanapo de papel para ela e Tanzie enxugou os olhos. Quando a menina não conseguiu esconder o soluço que emergia, ele deu a volta na mesa e passou um braço ao seu redor, puxando-a para um abraço. Ele parecia grande e forte e tinha cheiro de limão e de homem. Ela não sentia aquele cheiro de homem desde que o pai saía de casa, e isso a deixou ainda mais triste.

— Ei. Não chore.

— Desculpe.

— Não tem nada do que se desculpar.

Eu choraria se alguém fizesse isso com a minha irmã. Isso... isso é... — Ele desligou o telefone. — Nossa. — Balançou a cabeça e expirou com força pela boca. — Fazem sempre isso com Nicky?

— Não sei. — Ela fungou. — Ele já não fala muito.

Sr. Nicholls esperou até que ela parasse de chorar, depois tornou a dar a volta na mesa e pediu um chocolate quente com marshmallows, raspas de chocolate e chantili extra.

— Isso cura todos os males — disse, empurrando a bebida para ela. — Pode confiar em mim. Eu sei tudo.

E o estranho é que era mesmo verdade.

Tanzie terminou o chocolate quente e o cupcake na hora em que a mãe e Nicky saíam do banheiro. A mãe exibia um sorriso alegre, como se não houvesse nada de errado, e tinha o braço em volta dos ombros de Nicky, o que, na verdade, parecia meio estranho agora que ele era uma cabeça mais alto que ela. Ele deslizou para o banco ao lado da irmã à mesa e olhou para a sua fatia de bolo.

Tanzie observou o Sr. Nicholls olhando para Nicky e se perguntou se ele ia falar alguma coisa sobre o que viu no celular, mas ele não tocou no assunto. Ela achou que talvez ele não quisesse constranger Nicky. De uma maneira ou de outra, o dia feliz, pensou ela com tristeza, terminara.

A mãe se levantou para ver como estava Norman, que fora deixado amarrado do lado de fora, e o Sr. Nicholls pediu uma segunda xícara de café e começou a mexê-lo lentamente, como se estivesse pensando em alguma

coisa. Olhou para Nicky sem levantar muito a cabeça, e disse baixinho: — Então. Nicky. Você sabe alguma coisa sobre hacking?

Tanzie sentiu que não devia escutar, então se limitou a encarar as equações de segundo grau.

— Não — respondeu o menino.

Sr. Nicholls se debruçou sobre a mesa e baixou a voz.

— Bem, acho que agora poderia ser uma boa hora para começar a aprender.

— Onde eles estão? — perguntou a mãe quando voltou, olhando ao redor do salão do café.

— Foram para o carro do Sr. Nicholls.

Ele disse que os dois não devem ser incomodados.

Tanzie chupava a ponta do lápis. As sobrancelhas da mãe se ergueram para além da margem do couro cabeludo. A menina continuou: — O Sr. Nicholls disse que você ficaria com essa cara. Disse para eu explicar que ele está resolvendo. O negócio do Facebook.

— Está fazendo o quê? Como?

— Ele disse que você diria isso também. — Ela apagou um número dois que mais parecia um cinco e soprou os resíduos da borracha. — Ele disse para você fazer o favor de dar vinte minutos a eles. O Sr. Nicholls pediu mais uma xícara de chá para você e disse que você deveria comer mais uma fatia de bolo enquanto espera. Os dois vão voltar para nos buscar quando tiverem terminado. E também pediu para lhe dizer que o bolo de chocolate está muito bom.

A mãe não gostou daquilo. Tanzie ficou sentada terminando as equações até estar feliz com as respostas enquanto a mãe se remexia, olhava pela janela, abria a boca para falar e depois tornava a fechá-la. Ela não comeu o bolo de chocolate. Deixou ali as cinco libras que o Sr. Nicholls colocara em cima da mesa, e Tanzie pôs a borracha em cima do dinheiro, pois receava que a nota voasse quando alguém abrisse a porta.

Por fim, uma mulher começou a varrer bem pertinho da mesa delas, como quem manda um recado silencioso, e foi nesse momento que a porta se abriu, um sininho tocou e Sr. Nicholls entrou com Nicky. O garoto tinha as mãos nos bolsos e o cabelo sobre os olhos, mas havia um sorrisinho irônico

em seu rosto.

A mãe se levantou e olhou de um para outro. Dava para ver que ela queria muito dizer algo, porém não sabia o quê.

— Experimentou o bolo de chocolate?

— perguntou o Sr. Nicholls, com a cara mais lavada, feito a de um apresentador de um programa de jogos.

— Não.

— Que pena. Estava muito bom.

Obrigado! O seu bolo é o melhor! — exclamou ele para a mulher, que ficou toda sorridente e piscando.

Depois, ele e Nicky saíram de novo, atravessando diretamente a rua com passadas largas, como se tivessem sido amigos por toda a vida, deixando Tanzie e a mãe para pegar as coisas e correr atrás deles.

NICKY

Certa vez saiu um artigo no jornal sobre uma fêmea de babuíno que não tinha pelos. Sua pele não era inteiramente preta, como seria de se esperar, mas um pouco malhada, rosa e preta. Seus olhos tinham o contorno negro, como se estivesse usando um ótimo delineador, e um de seus mamilos era comprido e cor de rosa, enquanto o outro era preto, como se ela fosse uma espécie de David Bowie símio de peitos.

No entanto, essa fêmea ficava totalmente sozinha. Acontece que os babuínos não gostam de diferença. E, literalmente, nenhum deles estava preparado para andar com ela. Por isso, todas as fotos retratavam aquela fêmea à procura de comida, completamente sem pelos e vulnerável, sem um único companheiro de sua espécie. Porque, embora todos os outros babuínos de certa forma soubessem que ela continuava sendo um babuíno, sua aversão à diferença era ainda mais forte do que qualquer desejo genético de ficar com ela.

Nicky pensava com bastante frequência exatamente nisto: não havia nada mais triste do que um babuíno sem pelos e solitário.

Obviamente, o Sr. Nicholls estava prestes a lhe fazer um sermão sobre os perigos das redes sociais ou dizer que ele precisava contar tudo aquilo para seus professores, a polícia ou algo assim. Mas ele abriu a porta do carro, tirou o laptop do porta-malas, ligou o cabo de energia a um conector perto da alavanca de câmbio e depois o plugou a um *dongle* para conseguir acesso à banda larga.

— Certo — disse ele, quando Nicky deslizou para o banco do carona. — Conte tudo o que você sabe sobre essa flor de pessoa. Irmãos, irmãs, datas de nascimento, bichos de estimação, endereço, o que você tiver.

— Como assim?

— Precisamos descobrir a senha do Fisher. Vamos lá. Você deve saber alguma coisa.

Eles estavam sentados no estacionamento. Não havia nenhuma pichação ali, nada de carrinhos de supermercado largados. Aquele era o tipo de lugar onde se percorria quilômetros apenas para devolver um carrinho. Nicky teria apostado dinheiro em que eles tinham uma daquelas placas de Cidade Mais

Bem-Cuidada do País.

Ao lado, a mulher grisalha que enchia seu carro de coisas cruzou o olhar com o dele e sorriu. Sorriu mesmo. Ou talvez tenha sorrido para Norman, cuja cabeçorra estava pendurada no ombro do garoto.

— Nicky?

— Hum. Estou pensando.

Ele desfiou tudo o que sabia sobre Fisher. Deu o endereço, o nome da irmã e o da mãe. Sabia até o dia do seu aniversário, pois havia sido somente três semanas atrás, e o pai lhe comprara um daqueles quadriciclos, que ele destruíra em uma semana.

O Sr. Nicholls ia digitando.

— Não. Não. Vamos lá. Deve haver mais alguma coisa. De que música ele gosta? Para que time torce? Ah, olhe, ele tem um e-mail do Hotmail. Ótimo, podemos incluir isso.

Nada funcionou. Então, de repente, Nicky teve uma ideia.

— Tulisa. Ele adora Tulisa. A cantora.

O Sr. Nicholls digitou no teclado, depois fez um aceno negativo com a cabeça.

— Tente Bunda da Tulisa — disse Nicky.

O Sr. Nicholls tentou.

— Não.

— Comi Tulisa. Uma palavra só.

— Não.

— Tulisa Fisher.

— Humm. Não. Mas boa tentativa.

Eles ficaram ali sentados, pensando.

— Você podia simplesmente tentar o nome dele — arriscou Nicky.

O Sr. Nicholls balançou a cabeça.

— Ninguém é tão burro para usar o próprio nome como senha.

Nicky olhou para ele. O Sr. Nicholls digitou algumas letras e depois ficou encarando a tela.

— Bem, veja só! — Recostou-se no banco. — Você tem talento.

— Então, o que está pretendendo?

— Vamos apenas fazer uma brincadeirinha com a página do Facebook de Jason Fisher. Na verdade, não vou fazer isso. Eu... hã... não estou podendo arriscar nada no meu endereço de IP. Mas conheço uma pessoa que pode.

Ele discou um número no celular.

— Mas Fisher não vai saber que fui eu que fiz isso?

— Como? Basicamente nós somos ele agora. Não há nada que ligue você a isso. Ele provavelmente nem notará. Espere aí. Jez?... Oi. Aqui é Ed... Sim.

Sim. Só estou dando um tempo sem aparecer. Preciso que você me faça um favor. Vai levar cinco minutos.

Nicky ouviu enquanto ele passava a Jez a senha e o endereço de e-mail de Jason Fisher. Disse que Fisher andara “criando dificuldades” para um amigo seu. Olhou de soslaio para Nicky ao dizer isso.

— Basta se divertir um pouco com isso, está bem? Leia o perfil dele. Você vai entender. Eu mesmo faria isso, mas estou precisando manter as mãos limpíssimas... Sim, explico quando nos encontrarmos. Obrigado.

Nicky não conseguia acreditar que fosse tão fácil.

— Mas ele não vai me hackear de volta?

Sr. Nicholls pousou o telefone.

— É só um palpite, mas acho que um garoto que não consegue pensar em outra coisa que não no próprio nome para criar uma senha não é exatamente um gênio da informática.

Eles ficaram ali sentados no carro esperando, atualizando sem parar a página do Facebook de Jason Fisher. E, como por um passe de mágica, as coisas começaram a mudar. Nossa, Fisher era um tremendo babaca. Seu mural era cheio de frases sobre como ele ia “comer” essa ou aquela garota da escola ou como fulaninha era uma vagabunda e como ele dera porrada em quase todos os que não faziam parte da sua turma. As mensagens eram bem parecidas. Nicky viu de relance uma que tinha o seu nome, porém o Sr. Nicholls a leu bem depressa, rolou a tela e disse: “É, esta você não precisa ver.” A única vez em que Fisher não pareceu um babaca foi quando mandou uma mensagem para Chrissie Taylor dizendo que gostava muito dela e perguntando se ela queria ir à sua casa. A menina não pareceu muito entusiasmada, mas ele continuou mandando mensagens. Disse que a levaria a um lugar “muito maneiro”. E que podia pegar emprestado o carro do pai (não podia, não tinha idade para dirigir). Disse que ela era a garota mais bonita da escola, que o estava fazendo perder a cabeça e que, se os seus colegas soubessem que ela o deixava daquele jeito, achariam que ele era “um louco”.

— Quem disse que o romantismo morreu? — murmurou o Sr. Nicholls.

E então começou. Jez enviou mensagens para dois amigos de Fisher e

lhes disse que decidira que era contra a violência e não queria mais andar com eles. Mandou uma mensagem para Chrissie explicando que ainda gostava dela, porém tinha que resolver um problema antes de saírem juntos: “Peguei uma maldita infecção e o médico disse que preciso tomar remédio para tratar. Mas vou estar bom quando sairmos, está bem?”

— Caramba! — Nicky estava rindo tanto que suas costelas doíam. — Caramba!

“Jason” disse também a uma garota chamada Stacy que gostava muito dela e que sua mãe havia escolhido umas roupas lindas para ele, caso algum dia ela quisesse sair, e encaminhou a mesma mensagem para uma garota chamada Angela que cursava a mesma série que ele, a quem já havia xingado de asquerosa. E Jez apagou uma nova mensagem de Danny Kane, que dizia ter ingressos para um grande jogo de futebol e que Jason poderia ficar com um, desde que desse a resposta até o fim do dia. Daquele dia.

Ele inseriu a imagem de um burro relinchando como foto do perfil de Fisher. Sr. Nicholls ficou olhando para a tela, pensando, e pegou o celular.

— Na verdade, Jez, acho que devemos deixar a foto dele ali, amigo, só por enquanto.

— Por quê? — perguntou Nicky, depois que ele desligou o telefone. A ideia do burro foi excelente.

— Porque é melhor ser sutil. Se nos limitarmos às mensagens particulares por enquanto, a probabilidade de que ele nem as veja é grande. Vamos enviá-

las e depois apagá-las. E vamos desativar as notificações das mensagens de e-mail. Assim, os amigos de Jason e essa menina simplesmente acharão que ele ficou ainda mais idiota. E ele não fará a mínima ideia do porquê. O que é mais ou menos a nossa intenção.

Nicky não conseguia acreditar. Não conseguia acreditar que alguém pudesse se meter na vida de Fisher daquela maneira.

Jez ligou de volta para dizer que havia se desconectado, e eles fecharam o Facebook.

— E é só isso? — disse Nicky.

— Por enquanto. É só uma brincadeira. Mas fez você se sentir melhor, não foi? E Jez vai limpar sua página no Facebook. Nada daquilo que Fisher inventou continuará lá.

Então, foi meio constrangedor porque, ao expirar, Nicky teve aquela espécie de estremecimento. Ele se sentia melhor, sim. Não era como se aquilo

resolvesse alguma coisa de fato, porém, pela primeira vez, era bom não se sentir o alvo da piada.

Ficou mexendo na bainha da camiseta até voltar a respirar normalmente. Era possível que o Sr. Nicholls soubesse, porque olhou pela janela como se estivesse muito interessado, embora não houvesse nada ali, exceto carros e pessoas idosas.

— Por que você faria tudo isso? O lance do hacker e de nos levar de carro à Escócia. Quero dizer, você nem nos conhece.

O Sr. Nicholls continuou olhando pela janela e só por um momento foi como se ele não estivesse mais falando com Nicky.

— De certa forma, devo uma à sua mãe. E não gosto de quem faz bullying. Esse tipo de gente não surgiu só na sua geração, sabia?

O Sr. Nicholls permaneceu quieto por um instante, e Nicky de repente teve medo de que ele fosse fazê-lo contar coisas. Ou de que fosse usar a técnica empregada pelo orientador na escola, que consistia em tentar agir como se fosse seu amigo e repetir umas cinquenta vezes que tudo o que Nicky dissesse ficaria apenas entre eles até a história soar um pouquinho assustadora.

— Vou lhe contar uma coisa.

Lá vem, pensou Nicky. Passou a mão no ombro, limpando a baba de Norman.

— Todas as pessoas que eu já conheci que valiam a pena conhecer eram meio diferentes na escola. Você só precisa encontrar a sua turma.

— Encontrar a minha turma?

— A sua tribo.

Nicky fez uma careta.

— Sabe, você passa a vida inteira sentindo que não se encaixa direito em lugar algum. E aí um dia entra numa sala, seja na faculdade, seja num escritório ou em alguma espécie de clube, e diz simplesmente: “Ah, aí estão eles.” E de repente se sente em casa.

— Não me sinto em casa em lugar algum.

— Por enquanto.

Nicky levou aquilo em consideração.

— E no seu caso onde foi que isso aconteceu?

— Na sala de informática da faculdade. Eu era o *geek* típico. Conheci meu melhor amigo, Ronan, ali. E depois... na minha empresa.

De repente, Nicky ficou desanimado.

— Mas vou ficar preso ali até terminar a escola. E não tem nada assim onde a gente mora, nada de tribos. — Nicky puxou a franja para cima dos olhos. — Ou a pessoa faz as coisas do jeito do Fisher ou tem que sair da frente dele.

— Então, encontre a sua turma na internet.

— Como?

— Sei lá. Procure em grupos on-line coisas que o... interessem. Opções de estilo de vida.

Nicky percebeu sua expressão.

— Ah. Você também acha que sou gay, não é?

— Não, só estou dizendo que a internet é um lugar grande. Tem sempre alguém por lá com os mesmos interesses que os seus, uma vida parecida com a sua.

— A vida de ninguém se parece com a minha.

O Sr. Nicholls fechou o laptop e guardou-o na capa. Desligou tudo e olhou na direção do café.

— Devíamos voltar. Sua mãe deve estar se perguntando o que estamos aprontando. — Ele abriu a porta e depois se virou para Nicky. — Sabe, você podia escrever um blog.

— Um blog?

— Não precisa ser com seu nome verdadeiro. Mas é uma boa maneira de falar sobre o que está acontecendo na sua vida. Basta escrever umas palavras-chave que as pessoas vão achar seu blog. Pessoas como você, quer dizer.

— Gente que usa rímel. E não gosta de futebol nem de musicais.

— E que tem cachorros fedorentos enormes e irmãs que são prodígios em matemática. Aposto que existe pelo menos uma pessoa assim em algum lugar. — Ele pensou por um instante. — Talvez. Em Hoxton, quem sabe. Ou Tupelo.

Nicky puxou um pouco mais a franja, tentando cobrir o hematoma que adquirira um tom horrível de amarelo.

— Obrigado, mas... blog não é muito a minha praia. Blogs são meio que para mulheres de meia-idade que escrevem sobre os divórcios, os gatos e as coisas delas. Ou para as fissuradas em esmaltes.

— Elas só estão extravasando.

— Você tem um blog?

— Não. — Ele saltou do carro. — Mas, de qualquer modo, não quero

falar com ninguém especialmente. — Nicky saltou atrás dele. O Sr. Nicholls apontou o chaveiro e o carro se trancou com um clique caro. — Nesse meio-tempo — falou, baixando a voz —, não tivemos essa conversa, está bem? Eu iria em cana se alguém soubesse que eu estava ensinando um garoto inocente a hackear informações particulares.

— Jess não ligaria.

— Não estou falando da Jess.

Nicky o encarou também.

— Primeira regra do Clube *Geek*. Não existe Clube *Geek*.

— O problema das meias — começou Tanzie, enquanto os dois atravessavam o estacionamento para encontrá-las. Ela segurava um guardanapo todo rabiscado.

— Eu resolvi. Se você tiver N meias, tem que somar uma série da fração um sobre N à potência N .

Ela endireitou os óculos.

— Isso mesmo. Exatamente o que eu teria sugerido — disse o Sr. Nicholls.

Então a mãe olhou para Nicky como se todos eles fossem basicamente pessoas que ela nunca vira na vida.

TANZIE

Ninguém queria muito voltar para o carro. A novidade de passar horas dentro de um automóvel, mesmo em um bom como o do Sr. Nicholls, tinha se esgotado bem depressa. Aquele, anunciou a mãe como alguém prestes a dar uma injeção, seria o dia mais longo.

Todos tinham que se acomodar confortavelmente e não deixar de ir ao banheiro porque o objetivo do Sr. Nicholls era dirigir quase até Newcastle, onde ele havia encontrado uma pousada que aceitava cães.

Chegariam por volta das dez horas da noite. Depois disso, ele calculara que, com mais um dia de viagem, deveriam chegar a Aberdeen. O Sr. Nicholls encontraria um lugar perto da universidade para passarem a noite, assim Tanzie estaria bem descansada para a competição de matemática no dia seguinte. Ele olhou para a menina.

— A menos que você ache que já está bastante acostumada com este carro para eu passar de sessenta agora.

Ela negou com a cabeça.

— Não. — Ele ficou meio desanimado. — Hum, ok.

O Sr. Nicholls deu uma olhada no banco de trás e piscou. No banco de couro creme havia alguns confeitos de chocolate derretidos, enquanto o chão exibia uma crosta de lama do passeio no bosque. Ele viu a menina olhá-lo e deu um sorrisinho, como se aquilo não tivesse importância de fato, embora estivesse claro que provavelmente tinha, e tornou a se virar para o volante.

— Tudo bem, então — disse ele, ligando o motor.

Todos permaneceram em silêncio por cerca de uma hora enquanto o Sr. Nicholls ouvia um programa no rádio sobre tecnologia. A mãe lia um dos seus livros. Desde que a biblioteca fechara, toda semana ela comprava dois livros em brochura na instituição de caridade, mas só tinha tempo de ler um.

A tarde caiu e se estendeu, e a chuva chegou torrencial. Tanzie olhava pela janela e tentava resolver mentalmente problemas de matemática, contudo era difícil se concentrar sem poder ver o seu trabalho. Eram umas seis horas quando Nicky começou a se remexer. Como se não conseguisse ficar confortável.

— Quando será a próxima parada?

A mãe havia cochilado um pouco.

Endireitou-se bruscamente, fingindo não ter adormecido, e deu uma espiada no relógio.

— Seis e dez — disse o Sr. Nicholls.

— Será que podemos parar para comer alguma coisa? — perguntou Tanzie.

— Preciso muito dar uma volta.

Minhas costelas estão começando a doer — reclamou Nicky.

— Vamos arranjar um lugar para comer — disse o Sr. Nicholls. — Podíamos fazer um desvio em Leicester para um curry.

— Prefiro só comprar uns sanduíches — disse a mãe. — Não temos tempo para nos sentar e comer.

O Sr. Nicholls atravessou uma cidadezinha, depois outra, e seguiu as placas até um centro comercial.

Começara a escurecer. O Audi cruzou todo o centro em marcha lenta até parar em frente a um supermercado, e a mãe saltou com um suspiro alto e entrou correndo. Pela janela fustigada pela chuva eles conseguiam vê-la parada diante das geladeiras expositoras, pegando coisas e devolvendo-as em seguida.

— Por que ela simplesmente não compra os que já vêm prontos? — resmungou o Sr. Nicholls, olhando o relógio. — Voltaria em dois minutos.

— Muito caro — disse Nicky —, e não sabemos de quem eram os dedos que encostaram ali. No ano passado, Jess trabalhou por três semanas preparando sanduíches para um supermercado. Disse que a mulher ao lado dela limpava o nariz enquanto picava o frango que ia nos wraps de salada caesar com frango.

Sr. Nicholls ficou calado.

— Aposto cinco contra um como ela vai trazer presunto da marca do supermercado — disse Nicky, pensativo.

— Dois contra um para presunto da marca do supermercado — disse Tanzie.

— Vou lá dentro lembrar do queijo fatiado — afirmou o Sr. Nicholls. — Quanto vocês apostam no queijo fatiado?

— Não é específico o suficiente — explicou Nicky. — Você tem que dizer Dairyalea ou fatias alaranjadas da marca mais barata do supermercado.

Provavelmente com um nome inventado.

— Queijo Delícia do Vale.

— Cheddar Tetas Mágicas.
— Isso parece nojento.
— Fatias Vaca Ranzinza.
— Ah, fala sério, a mãe de vocês não é tão ruim assim — disse o Sr. Nicholls.

Tanzie e Nicky começaram a rir.
Jess abriu a porta e mostrou a sacola.
— Certo — disse ela alegremente. — A pasta de atum estava na promoção.
Quem quer um sanduíche?

— Você nunca aceita nossos sanduíches — observou a mãe enquanto o Sr. Nicholls atravessava a cidade.

Ele ligou a seta e pegou a estrada.
— Não gosto. Me fazem lembrar o tempo de escola.
— Então o que você come?
Ela estava mastigando. Demorou mais ou menos uns cinco minutos para o carro inteiro ficar com cheiro de peixe.
— Em Londres? Torrada no café da manhã. Talvez sushi ou macarrão no almoço. À noite, peço comida em um lugar que vende para viagem.
— Você come comida para viagem?
Toda noite?
— Quando não saio, sim.
— Com que frequência você sai?
— Agora? Nunca.
A mãe lançou-lhe um olhar severo.
— Certo, tudo bem, a menos que eu esteja me embebedando no seu pub.
— É sério que você come a mesma coisa todos os dias?
O Sr. Nicholls pareceu ter ficado um pouco constrangido.
— É possível comer curry com coisas diferentes.
— Isso deve custar uma fortuna. E o que você come quando está no Beachfront?
— Peço comida para viagem.
— Do Raj?
— É. Você conhece?

— Ah, conheço.

O carro ficou em silêncio.

— O que foi? — perguntou o Sr. Nicholls. — Você não vai lá? Qual é o problema? É muito caro? Vai me dizer que é mais fácil fazer uma batata assada, não é? Bem, não gosto de batata assada.

Não gosto de sanduíche. E não gosto de cozinhar.

Talvez fosse porque estivesse com fome, mas, de repente, ele ficou meio rabugento.

Tanzie se inclinou para a frente entre os bancos.

— Nathalie uma vez achou um fio de cabelo no frango jalfrezi.

O Sr. Nicholls abriu a boca para falar bem na hora em que ela acrescentou: — E não era cabelo da cabeça.

Passaram por vinte e três postes de luz.

— Às vezes você se preocupa demais com essas coisas — comentou o Sr. Nicholls.

Algum tempo depois de Nuneaton, Tanzie começou, furtivamente, a dar pedacinhos do seu sanduíche a Norman porque a pasta de atum não tinha muito gosto de atum, e o pão ficava grudando no céu da boca. O Sr. Nicholls parou num posto de gasolina.

— Os sanduíches deste lugar devem ser horríveis — disse a mãe olhando para dentro do quiosque. — Estão aí há semanas.

— Não vou comprar um sanduíche.

— Será que eles servem pastel de forno de carne? — perguntou Nicky espiando lá dentro. — Eu adoro.

— Isso é até pior. Deve ser recheado com carne de cachorro.

Tanzie tapou os ouvidos de Norman.

— Você vai entrar? — perguntou a mãe ao Sr. Nicholls, vasculhando o interior da bolsa. — Pode comprar um chocolate para estes dois? Presente especial.

— Crunch, por favor — pediu Nicky, que tinha se animado.

— Aero. De menta, por favor — disse Tanzie. — Pode ser um grande?

A mãe estendia a bolsa. Mas o Sr. Nicholls olhava para a direita.

— Você pode ir comprar? Vou dar um pulinho no outro lado da estrada.

— Aonde você vai? — quis saber ela.

Ele bateu na barriga e de repente ficou muito entusiasmado.

— Ali.

O Keith's Kebab tinha seis bancos de plástico aparafusados ao chão, quatorze latas de Coca Diet arrumadas na vitrine e um anúncio de néon em que faltava a primeira letra b. Tanzie espiou pela janela do carro e observou o andar do Sr. Nicholls ficar quase elegante enquanto ele entrava na loja iluminada com fio de led. Ele olhou para a parede atrás do balcão, depois apontou para um enorme pedaço de carne que girava lentamente num espeto. Tanzie se perguntou que animal teria aquela forma, e só conseguiu pensar em um búfalo.

Talvez um búfalo amputado.

— Caramba! — exclamou Nicky, sua voz era um gemido surdo de desejo, quando o homem começou a cortar a peça de carne. — Podemos comer um desses?

— Não — respondeu a mãe.

— Aposto que o Sr. Nicholls compraria um se pedíssemos — disse ele.

A mãe retrucou secamente: — O Sr. Nicholls já está fazendo demais por nós. Não vamos nos aproveitar dele mais do que já estamos nos aproveitando, certo?

Nicky revirou os olhos para Tanzie.

— Está bem — respondeu ele mal-humorado.

E depois ninguém falou mais nada.

— Desculpem — disse a mãe pouco depois. — Só... só não quero que ele pense que estamos abusando.

— Mas, se nos oferecem alguma coisa, isso também é abusar? — perguntou Tanzie.

— Coma uma maçã se ainda estiver com fome. Ou um dos muffins do café da manhã. Tenho certeza de que sobraram alguns.

Nicky ergueu os olhos em silêncio.

Tanzie deu um suspiro.

O Sr. Nicholls abriu a porta do carro trazendo com ele um cheiro de carne quente, gordurosa, além de um kebab envolto num papel branco manchado de gordura. Dois fios de baba escorreram imediatamente da boca de Norman.

— Vocês têm certeza de que não querem um pouco? — perguntou ele alegremente, virando-se para Nicky e Tanzie. — Só botei um pouquinho de molho de pimenta.

— Não. É muita gentileza sua, mas não, obrigada — disse a mãe com firmeza, e lançou um olhar de alerta para Nicky.

— Não, obrigada — agradeceu Tanzie, baixinho.

O cheiro era delicioso.

— Não, obrigado — disse Nicky, virando-se para o outro lado.

Nuneaton, Market Bosworth, Coalville, Ashby de la Zouch, mal dava para ler as placas de tão rápido que passavam. Não fazia diferença para Tanzie se estivesse escrito Zanzibar ou Tanzânia, porque ela já não sabia mais onde estavam. Ela se viu repetindo “Ashby de la Zouch, Ashby de la Zouch”, e pensando que seria um bom nome para se ter. “Ei, como você se chama? Eu me chamo Ashby de la Zouch. Olá, Ashby! Que legal!” Costanza Thomas tinha cinco sílabas também, mas não o mesmo ritmo.

Ela considerou Costanza de la Zouch, que tinha seis, e depois Ashby Thomas, que soava monótono em comparação.

Costanza de la Zouch.

Sua mãe estava lendo de novo, com a luz do carona acesa, e o Sr. Nicholls se mexia no banco, até que finalmente disse: — Este mapa... tem algum restaurante ou coisa assim mais à frente?

Já estavam de volta à estrada havia trezentos e oitenta e nove postes de luz.

Normalmente era um deles que pedia ao Sr. Nicholls para parar. Tanzie continuava a ficar desidratada e depois a beber demais, e então precisava fazer xixi. Norman gemia de vinte em vinte minutos para urinar, porém eles nunca sabiam ao certo se ele estava de fato com vontade ou se estava tão entediado quanto todos ali e só necessitava tomar um pouco de ar.

— Ainda está com fome? — perguntou a mãe, erguendo os olhos.

— Não. Eu... eu preciso ir ao banheiro.

A mãe voltou a atenção para o livro.

— Ah, não ligue para nós. Vá atrás de uma árvore.

— Não esse tipo de banheiro — resmungou ele.

— Bem, parece que Kegworth é a cidade mais próxima. Tenho certeza de que deve haver algum lugar aonde você possa ir. Ou pode haver um posto se conseguirmos passar da ponte.

— Daqui a quanto tempo?

— Dez minutos.

— Tudo bem. — Ele assentiu quase que para si mesmo. — Dez minutos está bem. — Seu rosto estava estranhamente brilhante. — Dez minutos é viável.

Nicky escutava música nos fones de ouvido. Tanzie afagava as orelhas grandes e macias de Norman e pensava na teoria das cordas. Então, de repente, o Sr. Nicholls deu uma guinada para o acostamento. Todos foram projetados para a frente. Norman quase caiu do banco. O Sr. Nicholls abriu a porta, correu para trás do carro e, quando Jess se virou no banco, ele se agachou ao lado de uma vala, com a mão apoiada no joelho, e começou a vomitar. Era impossível não ouvi-lo, mesmo com as janelas fechadas.

Todos ficaram olhando fixo.

— Nossa — disse Nicky. — Tem muita coisa saindo de dentro dele. É como... nossa, parece o Alien.

— Ai, meu Deus — reclamou a mãe.

— É nojento — observou Tanzie, olhando por cima da tampa do banco de trás.

— Depressa — pediu a mãe. — Cadê aquele rolo de papel toalha, Nicky?

Os dois ficaram observando ela saltar do carro e ir ajudá-lo. O Sr. Nicholls estava com metade do corpo curvada.

Quando viu que Tanzie e Nicky espiavam pelo vidro de trás, Jess fez um gesto com a mão como se eles não devessem olhar, embora ela tivesse feito exatamente a mesma coisa.

— Ainda quer um kebab? — perguntou Tanzie a Nicky.

— Você é um duendezinho malvado — disse ele, e estremeceu.

O Sr. Nicholls voltou para o carro parecendo alguém que tinha acabado de aprender a andar. Seu rosto assumira um tom amarelo-claro esquisito. Tinha a pele salpicada de gotículas de suor.

— Você está com uma cara horrível — disse-lhe Tanzie.

Ele se sentou devagar no banco.

— Vou ficar bem — sussurrou. — Devo ficar bem agora.

A mãe esticou o braço por entre os bancos e articulou *saco plástico* com

os lábios.

— Por via das dúvidas — disse ela alegremente, e abriu um pouco o vidro ao seu lado.

O Sr. Nicholls dirigiu devagar pelos poucos quilômetros seguintes. Tão devagar que dois carros ficaram piscando os faróis atrás deles e, ao passar, um motorista meteu a mão na buzina com muita irritação. Às vezes, ele mudava um pouco de direção atravessando a faixa branca, como se não estivesse se concentrando muito, porém Tanzie notou o silêncio determinado da mãe e decidiu não falar nada.

— Quanto tempo falta agora? — murmurava o Sr. Nicholls.

— Não muito — respondia a mãe, embora provavelmente não fizesse a menor ideia. Dava pancadinhas no seu braço, como se ele fosse uma criança.

— Você está indo muito bem.

Quando olhou para ela, o Sr. Nicholls tinha os olhos angustiados.

— Agente firme aí — disse ela baixinho, e aquilo foi como uma instrução.

Então, cerca de oitocentos metros à frente: — Ai, meu Deus — disse ele, e meteu o pé no freio de novo. — Preciso...

— Pub! — gritou Jess e apontou para uma luz visível apenas na periferia da próxima cidadezinha. — Olhe! Você consegue chegar lá!

O pé do Sr. Nicholls pisou no acelerador e as bochechas de Tanzie foram puxadas para trás. Ele entrou no estacionamento, abriu a porta, saltou cambaleando e entrou voando no pub.

Eles ficaram ali sentados, aguardando.

O carro estava tão silencioso que conseguiam ouvir o motor funcionando.

Passados cinco minutos, a mãe se inclinou e fechou a porta do motorista, para não deixar o vento frio entrar.

Olhou para trás e sorriu para as crianças.

— Como estava aquele chocolate?

— Bom.

— Também gosto de chocolate com menta.

Nicky, de olhos fechados, balançava a cabeça no ritmo da música.

Um homem parou no estacionamento com uma mulher que usava um rabo de cavalo alto e olhou com cara feia para o Audi. Jess sorriu. A mulher não retribuiu o sorriso.

Passaram-se dez minutos.

— Será que devo ir lá buscá-lo? — perguntou Nicky, tirando os fones do ouvido e olhando para o relógio.

— É melhor não — ponderou a mãe.

Começara a bater o pé.

Passaram-se mais dez minutos.

Finalmente, quando Tanzie já tinha levado Norman para dar uma volta pelo estacionamento e a mãe se alongara um pouco na traseira do carro porque disse que estava muito aflita, o Sr. Nicholls apareceu.

Estava mais branco do que qualquer pessoa que Tanzie já vira, feito papel.

As feições pareciam ter sido apagadas do seu rosto com uma borracha barata.

— Acho que talvez a gente precise ficar um pouco por aqui — avisou ele.

— No pub?

— No pub, não — respondeu ele, olhando para trás. — Definitivamente, no pub, não. Quem sabe a uns quilômetros daqui.

— Quer que eu dirija? — perguntou a mãe.

— Não — responderam todos em uníssono, e ela riu e tentou não parecer ofendida.

O Bluebell Haven era o único lugar em dezesseis quilômetros com placa indicando quartos vagos. Tinha dezoito trailers estacionários, do tipo motocasa, um playground com dois balanços e uma caixa de areia, além de um aviso que dizia PROIBIDO CACHORRO.

O Sr. Nicholls deixou o rosto pender sobre o volante.

— Bem, vamos encontrar outro lugar.

— Ele se contraiu e se curvou inteiramente. — Me dê só um minutinho.

— Não precisa.

— Você disse que não pode deixar o cachorro no carro.

— Não vamos deixá-lo no carro.

Tanzie — disse a mãe —, os óculos escuros.

Havia um trailer ao lado do portão da frente identificado como RECEPÇÃO. A mãe entrou primeiro. Tanzie colocou os óculos escuros e esperou do lado de fora no degrau, observando pela porta de vidro

pontilhado. O gordo que se levantou com lassidão da cadeira disse que Jess tinha sorte, pois só havia uma motocasa ainda disponível, e eles poderiam ficar com ela por um preço especial.

— Quanto custa? — perguntou a mãe.

— Oitenta libras.

— Por uma noite? Num trailer?

— É sábado.

— E são sete horas da noite e o senhor ainda não arranjou ninguém para ficar nele.

— Ainda pode chegar alguém.

— É, ouvi dizer que Madonna estava tomando umas e outras na estrada e procurando um lugar para acomodar sua comitiva.

— Não precisa ser sarcástica.

— Não precisa me fazer de boba.

Trinta libras — disse a mãe, puxando as notas do bolso.

— Quarenta.

— Trinta e cinco. — Jess estendeu a mão. — É tudo o que temos. E estamos com um cachorro.

Ele ergueu a mão rechonchuda.

— Leia a placa. É proibido cachorro.

— Ele é um cão-guia. Para a minha filhinha. Eu posso lembrar ao senhor que é ilegal impedir a entrada de uma pessoa por motivo de deficiência.

Nicky abriu a porta e, segurando-a pelo cotovelo, guiou Tanzie para dentro.

Ela ficou imóvel atrás dos óculos escuros enquanto Norman se postava pacientemente à sua frente. Eles haviam feito isso duas vezes quando tiveram que pegar o ônibus para Portsmouth depois que o pai saíra de casa.

— Ele é bem treinado — disse a mãe.

— Não vai ser um problema.

— Ele é os meus olhos — disse Tanzie. — Minha vida não seria nada sem ele.

O homem ficou encarando a mão da menina e depois o seu rosto. Sua papada fez Tanzie se lembrar das de Norman.

Ela precisava se recordar de não erguer os olhos para a televisão.

— Você está me enchendo o saco, senhora.

— Ah, espero que não — disse a mãe alegremente.

Ele balançou a cabeça, abaixou a mão enorme e andou pesadamente na

direção de um armário de chaves.

— Campo Dourado. Segunda rua, quarta à direita. Perto dos banheiros.

O Sr. Nicholls se sentia tão mal quando chegou ao trailer que era possível que nem tivesse notado onde eles estavam.

Ficava gemendo baixinho e apertando a barriga, e quando viu a palavra “Banheiros”, deixou escapar um gritinho e desapareceu. Eles não o viram por quase uma hora.

O Campo Dourado não era de ouro e não parecia um campo nem de longe, mas a mãe disse que, na tempestade, qualquer porto servia. Havia dois quartos minúsculos e, na sala, o sofá fora convertido em mais uma cama. A mãe disse que Nicky e Tanzie podiam ficar no quarto com duas camas, Sr. Nicholls ocuparia o outro cômodo e ela se acomodaria no sofá. O quarto das crianças era, de fato, bonzinho, mesmo levando em conta que Nicky ficava com os pés para fora da cama e que havia um cheiro de cigarro entranhado em tudo.

Jess deixou algumas das janelas abertas por um tempinho, depois arrumou as camas com os edredons e deixou a água correr até que saísse quente, pois achava provável que o Sr. Nicholls fosse querer tomar uma ducha quando voltasse.

Tanzie inspecionou a privada química no banheiro, depois colocou o nariz na janela e contou todas as luzes nas outras motocasas estacionárias. (Só duas delas pareciam estar ocupadas.) — Aquele canalha mentiroso — disse a mãe.

Ela havia colocado o celular para carregar havia precisamente quinze segundos quando o aparelho tocou. Jess se sobressaltou e o atendeu, ainda conectado na parede.

— Olá? Des? — Sua mão voou para a boca. — Ah, Nossa. Des, não vou voltar a tempo.

Houve uma série de explosões do outro lado da linha.

— Sinto muito. Sei o que eu disse.

Mas as coisas ficaram meio loucas.

Estou em... — Ela fez uma careta para Tanzie. — Onde nós estamos?

— Perto de Ashby de la Zouch — respondeu a menina.

— Ashby de la Zouch — disse a mãe.

E depois, passou a mão pelo cabelo. — Ashby de La Zouch. Eu sei.

Sinto muito mesmo. A viagem não saiu exatamente como o planejado, nosso motorista passou mal, meu telefone ficou sem bateria e com todo o... O quê? — Ela olhou para Tanzie. — Não sei.

Provavelmente não antes de terça-feira.

Talvez só na quarta. A viagem está demorando mais do que imaginávamos.

Foi quando deu definitivamente para Tanzie ouvi-la gritando: — Chelsea não pode dar conta do serviço? Já trabalhei vários turnos no lugar dela. Sei que essa época é movimentada. Eu sei, Des, sinto muito mesmo. Já disse que... — Fez uma pausa. — Não. Não posso voltar antes disso. Não. Estou realmente... Como assim? Nunca faltei um turno neste último ano. Eu... Des... Des?

Ela parou de falar e ficou encarando o telefone.

— Era o Des do pub?

Tanzie gostava do Des do pub. Certa vez, estava sentada do lado de fora com Norman num domingo à tarde esperando a mãe, e ele lhe deu um pacote de batata frita sabor camarão.

Naquele instante, a porta do trailer se abriu, e o Sr. Nicholls, de certa forma, caiu lá dentro.

— Deitar — resmungou ele, e se pôs de pé rapidamente antes de desabar nas almofadas do sofá floral. Olhou para Jess com o rosto cinzento e os grandes olhos fundos. — Deitando. Sinto muito — murmurou.

A mãe limitou-se a ficar ali sentada encarando o celular.

Ele piscou para ela.

— Você estava tentando falar comigo?

— Ele me mandou embora — disse a mãe. — Não acredito. Ele me demitiu, caramba.

JESS

A noite tomou um curso estranho e desconexo, as horas colidindo umas com as outras, fluidas e intermináveis. Jess nunca vira um homem passar tão mal sem ter de fato perdido um rim. Ela desistiu de tentar dormir. Ficou encarando as paredes laváveis cor de caramelo do trailer, leu um pouco, cochilou. O Sr. Nicholls gemia ao seu lado, levantando-se de vez em quando para ir ao banheiro e voltar arrastando os pés. Ela fechara a porta do quarto das crianças e ficou sentada à espera dele na pequena motocasa, às vezes cochilando na ponta do sofá em forma de L, entregando-lhe água e lenços de papel quando ele entrava cambaleando.

Pouco depois das três horas, o Sr. Nicholls disse que queria tomar uma ducha. Ela o fez prometer que deixaria a porta do banheiro destrancada, então levou suas roupas à lavanderia (uma lavadora e uma secadora num galpão) e gastou três libras e vinte centavos num ciclo de sessenta minutos. Não tinha nenhum trocado para a secadora.

Ele ainda estava no chuveiro quando Jess voltou para o trailer. Pendurou suas roupas em cabides sobre a calefação, torcendo para que estivessem pelo menos um pouco secas pela manhã, depois bateu de mansinho na porta. Não houve resposta, só o barulho da água correndo e um bafo de vapor. Ela abriu a porta e espiou. O vidro estava embaçado, mas deu para vê-lo, exausto, caído no chão. Jess esperou um instante, olhando para as suas costas largas coladas ao boxe de vidro, um triângulo invertido pálido, surpreendentemente musculoso, depois observou-o levantar a mão e, exaurido, passá-la pelo rosto.

— Sr. Nicholls? — sussurrou atrás dele, e depois mais uma vez quando o homem não disse nada. — Sr. Nicholls?

Ele se virou, então, e a viu. Seus olhos eram duas bolas vermelhas e a cabeça estava afundada nos ombros.

— Porra. Não consigo nem me levantar. E a água está começando a ficar fria.

— Quer que eu ajude?

— Não. Sim. Ai, nossa.

— Espere aí.

Ela ergueu a toalha, não sabia ao certo se para cobri-lo ou se cobrir,

esticou a mão e desligou o chuveiro, ensopando o braço. Depois, agachou-se para que ele pudesse se cobrir, e inclinou-se em sua direção.

— Coloque o braço em volta do meu pescoço.

— Você é baixinha. Vou acabar lhe puxando.

— Sou mais forte do que parece.

Ele não se mexeu.

— Vai ter que me ajudar. Não tenho condição de carregá-lo nas costas.

O braço molhado do Sr. Nicholls deslizou em volta de Jess e ele enrolou a toalha na cintura. Jess se escorou na parede do chuveiro, e, por fim, trêmulos, os dois se levantaram. Felizmente, a motocasa era tão pequena que a cada passo havia uma parede para ele se escorar. Eles se encaminharam sem firmeza para o sofá.

— Foi nisto que minha vida se transformou.

Ele gemeu, de olho no balde enquanto ela o acomodava ao lado do sofá.

— É. — Jess olhou o papel descascando, a pintura manchada de nicotina. — Bem, também já tive noites de sábado melhores.

Eram quatro e pouco da manhã. Os olhos dela estavam secos e doloridos, e ela os fechou por um instante.

— Obrigado — disse ele debilmente.

— Pelo quê?

Ele se endireitou.

— Por me trazer um rolo de papel higiênico no meio da noite. Por lavar as minhas roupas nojentas. Por me ajudar a sair do chuveiro. E por nem uma vez sugerir que a culpa é minha por ter decidido comprar um kebab suspeito em um lugar chamado Keiths's Kebab.

— Embora seja sua culpa.

— Viu? Agora você está estragando isso.

Ele se deitou com a cabeça no travesseiro, o antebraço tapando os olhos. Ela tentou não olhar a extensão ampla do peitoral acima da toalha estrategicamente colocada.

Não conseguia lembrar há quanto tempo não via um homem de torso nu sem ser no pouco recomendado jogo de Vôlei de Praia do Pub de Des no último mês de agosto.

— Vá se deitar no quarto. Você vai ficar mais confortável lá.

Ele abriu um olho.

— Eu ganho um edredom do Bob Esponja?

— Você ganha o meu rosa listrado. E prometo não deixar isso refletir

nem um pouco na sua masculinidade.

— Onde você vai dormir?

— Aqui. Está bom — disse ela, quando ele começou a protestar. — Não sei se vou dormir muito, afinal de contas.

Ele a deixou conduzi-lo ao quartinho.

Gemeu ao cair na cama, como se até isso lhe causasse mal-estar, e Jess puxou o edredom delicadamente sobre ele. As sombras embaixo de seus olhos eram cinza e sua voz ficara sonolenta.

— Vou estar pronto para ir em duas horas.

— Com certeza — disse ela, observando a palidez fantasmagórica de sua pele. — Não precisa ter pressa.

— Onde estamos, afinal?

— Ah, em algum lugar na Estrada de Tijolos Amarelos.

— Essa é a do leão com cara de deus que salva todo mundo?

— Você está pensando no de Nárnia. O daqui é covarde e inútil.

— Parece mesmo.

E, finalmente, ele adormeceu.

Jess saiu em silêncio do quarto e se deitou no sofá estreito, tentando não olhar para o relógio. Ela e Nicky tinham estudado o mapa enquanto o Sr. Nicholls estava no banheiro na noite anterior e haviam reconfigurado a viagem o melhor que puderam.

Ainda temos muito tempo, disse a si mesma. E depois, por fim, também pegou no sono.

O silêncio no quarto do Sr. Nicholls foi total até o final da manhã. Jess pensou em acordá-lo, mas, cada vez que fazia um movimento em direção à sua porta, lembrava-se da cena dele caído no boxe do chuveiro e seus dedos se imobilizavam na maçaneta. Abriu a porta só uma vez, quando Nicky levantou a hipótese de ele ter morrido sufocado com o próprio vômito. Ele pareceu um tiquinho desapontado quando ficou provado que Sr. Nicholls estava apenas dormindo profundamente.

As crianças levaram Norman para passear na estrada — Tanzie com seus óculos escuros para dar autenticidade —, compraram suprimentos numa

loja de conveniência e tomaram café da manhã aos sussurros. Jess transformou os pães remanescentes em sanduíches (“Ah, que ótimo”, disse Nicky), limpou a motocasa — para ter alguma coisa para fazer — e deixou uma mensagem de voz para Des, voltando a se desculpar.

Ele não atendeu.

Então, a porta do quartinho se abriu com um rangido, e Sr. Nicholls apareceu, estremunhado, de camiseta e cueca samba-canção. Ergueu a palma da mão num gesto de cumprimento. Um longo vinco feito pelo travesseiro dividia a sua bochecha.

— Estamos em...

— Ashby de la Zouch. Ou algum lugar próximo. Não é exatamente o Beachfront.

— Está tarde?

— São quinze para as onze.

— Quinze para as onze. Certo.

A barba despontava em seu maxilar e seu cabelo estava em pé de um lado.

Jess fingiu estar lendo seu livro. Ele tinha aquele cheiro morno de homem ao acordar. Ela havia se esquecido de como aquele cheiro era forte.

— Quinze para as onze. — Ele esfregou a barba no queixo, depois deu passos titubeantes até a janela e espiou.

— Tenho a sensação de ter dormido por um milhão de anos.

Sentou-se pesadamente na almofada do sofá em frente a ela, passando a mão pelo maxilar.

— Cara — disse Nicky ao lado de Jess. — Alerta de Fuga da Prisão.

— O quê?

Nicky acenou com uma esferográfica.

— Você precisa mandar os prisioneiros de volta para a cadeia.

Sr. Nicholls olhou para ele, depois se virou para Jess, como se para dizer: “Seu filho enlouqueceu.”

Acompanhando o olhar de Nicky, Jess olhou para baixo e desviou a vista depressa.

— Ai, meu Deus.

Sr. Nicholls franziu o cenho.

— Ai, meu Deus o quê?

— Você podia pelo menos ter me levado para jantar primeiro — disse ela, levantando-se para retirar as coisas do café da manhã. Sentiu as orelhas

se ruborizarem.

— Ah. — Sr. Nicholls olhou para baixo e se ajeitou. — Me desculpe.

Certo. Tudo bem. — Ficou de pé e se encaminhou para o banheiro. — Eu, hã... tudo bem se eu tomar outra chuveirada?

— Guardamos um pouco de água quente para você — disse Tanzie, que estava num canto debruçada sobre uma prova. — Você estava cheirando muito mal ontem.

Ele surgiu vinte minutos depois, com a barba feita e o cabelo molhado cheirando a xampu. Jess estava ocupada colocando sal e açúcar num copo d'água e tentando não pensar nas partes despidas do Sr. Nicholls. Entregou-lhe o copo.

— O que é isto?

Ele fez uma cara feia.

— Soro caseiro. Para repor um pouco do que você perdeu ontem à noite.

— Quer que eu beba um copo de água salgada? Depois de eu ter passado mal a noite inteira?

— Beba logo.

Enquanto ele fazia caretas e tinha ânsias, ela lhe preparou uma torrada simples e um café preto. Ed se sentou do outro lado da mesinha de fórmica, tomou um gole do café, beliscou a torrada e, dez minutos depois, numa voz que indicava certa surpresa, reconheceu que, de fato, se sentia um pouquinho melhor.

— Melhor, no sentido de apto a dirigir sem sofrer um acidente?

— Por sofrer um acidente, você quer dizer...

— Não bater no acostamento.

— Obrigado por esclarecer isso. — Ele deu outra mordida, dessa vez mais confiante, na torrada. — Sim. Mas me dê mais vinte minutos. Quero me certificar de que posso ficar...

— Seguro dentro de um carro.

— Rá! — Ele riu, e era agradável vê-

lo sorrir. — Sim. Mais ou menos. É, cara, estou me sentindo melhor, sim. — Passou a mão na mesa coberta com plástico e tomou um gole do café, suspirando com visível satisfação.

Terminou a primeira rodada de torradas, perguntou se sairia mais alguma, depois olhou em volta da mesa. — Embora, sabem, eu pudesse me sentir até melhor se todos vocês não estivessem me olhando enquanto como. Tenho medo de que alguma outra parte minha escape.

— Você vai saber — avisou Nicky —, porque vamos todos sair correndo aos gritos.

— Mamãe falou que você quase botou um órgão para fora — disse Tanzie. — Eu estava me perguntando como é essa sensação.

Ele olhou para Jess e mexeu o café.

Não desviou o olhar até ela ter corado.

— Na verdade... Não foi muito diferente da maioria das minhas noites de sábado ultimamente.

Tanzie estudou a prova antes de dobrá-la com cuidado.

— O interessante sobre os números — disse ela, como se estivessem tendo uma conversa completamente diferente — é que eles nem sempre são números.

Quero dizer, i é imaginário. Pi é transcendente. Assim como e . Mas, se você juntar todos eles, e à potência de i multiplicado por pi é menos um. Então, eles dão um número que não existe.

Porque menos um não é um número. É um lugar onde deveria existir um número.

— Bem, isso faz todo o sentido — comentou Nicky.

— Para mim, faz — retrucou Sr. Nicholls. — Eu me sinto como um espaço onde deveria existir um corpo.

— Tomou o resto do café e pousou a xícara. — Certo. Estou bem. Vamos pegar a estrada.

A paisagem mudava a cada quilômetro enquanto dirigiam tarde a dentro, as montanhas ficando mais íngremes e menos bucólicas, as cercas que margeavam a estrada se transformando de sebes em muros de pedra cinzenta. O céu se abriu, a luz à sua volta ficou mais clara e eles passaram pelos símbolos distantes de uma paisagem industrial: fábricas com tijolos aparentes e enormes estações de energia que expeliam nuvens cor de mostarda. Jess observava dissimuladamente o Sr. Nicholls dirigir, a princípio receando que ele, de repente, apertasse a barriga, e depois, mais tarde, com uma vaga satisfação ao ver que as cores normais lhe voltavam ao rosto.

— Acho que não vamos chegar a Aberdeen hoje — previu ele, e seu tom de voz insinuava um pedido de desculpas.

— Vamos simplesmente ir o mais longe possível e percorrer o trecho final amanhã cedinho — disse Jess.

— Era exatamente o que eu ia sugerir.

— Ainda vamos rodar por muito tempo?

— Sim, por muito tempo.

Ela deixou os quilômetros passarem, tirou cochilos intermitentes e tentou não se preocupar com todas as coisas com que precisava se preocupar. Posicionou disfarçadamente o espelho de tal maneira que pudesse vigiar Nicky no banco de trás. Seus hematomas haviam clareado, mesmo no pouco tempo em que estavam fora. Ele parecia estar falando mais do que o habitual. No entanto, ainda estava fechado para ela.

Às vezes, Jess receava que ele continuasse assim pelo resto da vida.

Não parecia fazer diferença alguma quantas vezes ela lhe dissesse que o amava nem que elas eram a sua família.

— Você chegou tarde demais — disse-lhe a mãe quando Jess lhe contou que o enteado ia morar com eles. — Com uma criança dessa idade, o estrago está feito.

Eu sei disso.

Na qualidade de professora primária, sua mãe era capaz de manter uma turma de trinta alunos de oito anos num silêncio narcoléptico, de fazê-los passar por testes como se fosse um pastor fazendo ovelhas passarem por um aprisco. Mas Jess nunca conseguia se lembrar dela lhe sorrindo com prazer, o tipo de prazer que uma mãe deve sentir só de olhar para alguém que deu à luz.

Ela teve razão em muitas coisas. Disse a Jess no dia em que a filha começou o ensino médio: — As escolhas que você fizer agora vão determinar o resto da sua vida.

Mas tudo o que Jess ouviu era alguém lhe dizendo que ela devia aprisionar todo o seu eu, como uma borboleta espetada com alfinetes. Aquela era a questão: quando se critica demais alguém, a pessoa, com o tempo, para de dar ouvidos ao que é sensato.

Quando Jess teve Tanzie, ainda que jovem e tola como era, foi sensata o suficiente para saber que, todos os dias, lhe diria quanto a amava. Que a abraçaria, enxugaria suas lágrimas e cairia com ela no sofá com as pernas enroscadas feito espaguete. Que a envolveria num casulo de amor. Quando

Tanzie era pequena, Jess dormia abraçadinha com ela na cama de casal.

Marty ia mal-humorado para o quarto de hóspedes, reclamando que não havia espaço algum para ele. Ela nem o ouvia.

E quando Nicky apareceu dois anos depois, todo mundo disse que Jess era maluca por aceitar o filho de outras pessoas, uma criança que já tinha oito anos e que vinha de um ambiente desajustado — *você sabe como garotos assim acabam* —, mas ela as ignorou.

Porque foi capaz de ver instantaneamente naquela pequena sombra cheia de cautela, que não se aproximava de ninguém, um pouco do que ela própria havia sentido. Porque sabia que algo acontecia com uma criança quando a mãe não a abraçava nem lhe dizia o tempo todo que ela era a melhor coisa do mundo, ou nem notava quando ela estava em casa: uma parte sua se fechava. Ela não precisava da mãe. Não precisava de ninguém. E sem perceber o que estava fazendo, esperava. Esperava que qualquer pessoa que se aproximasse visse nela algo de que não gostava, algo que não notara inicialmente, e que esfriasse e também desaparecesse como um nevoeiro.

Afinal, devia haver algo errado se a criança não era amada nem pela própria mãe, não é?

Por isso ela não ficou arrasada quando Marty saiu de casa. Por que ficaria? Ele não podia magoá-la. As únicas coisas que importavam para Jess eram aquelas duas crianças e fazer com que elas soubessem que eram boas. Porque, ainda que um filho leve pedrada do mundo inteiro, se ele tiver o apoio da mãe, ficará bem. Lá no fundo, saberá que é amado. Que merece ser amado. Embora Jess não tivesse muito do que se orgulhar na vida, seu maior orgulho era que Tanzie sabia disso. Mesmo sendo uma figurinha estranha, Jess tinha certeza de que a filha sabia disso.

Continuava tentando conseguir o mesmo com Nicky.

— Está com fome?

A voz do Sr. Nicholls a despertou de um meio cochilo. Ela se endireitou. Seu pescoço estava enrijecido, curvado e duro como um cabide.

— Faminta — respondeu, virando-se sem jeito para ele.

— Quer parar em algum lugar para almoçar?

O sol saía. Brilhava esplendoroso à esquerda, seus raios fazendo um vasto campo verdejante cintilar. Dedos de Deus, como Tanzie os chamava.

Jess esticou o braço para pegar o mapa no porta-luvas, pronta para procurar a localização do posto mais perto.

Sr. Nicholls olhou para ela. Parecia quase envergonhado.

— Na verdade, quer saber de uma coisa? Eu bem que podia comer um dos seus sanduíches.

ED

A pousada Stag and Hounds não estava listada em nenhum guia de hotéis. Não tinha site nem folhetos. Não foi difícil entender por quê. O pub se erguia solitário ao lado de um terreno deserto fustigado pelo vento, e a mobília de plástico no jardim, que tinha uma camada de musgo posicionada na frente de sua fachada cinzenta, sugeria a ausência de visitantes ocasionais ou, talvez, a vitória da esperança sobre a experiência. Os quartos, pelo visto, haviam sido decorados muitas décadas antes com papel de parede cor-de-rosa brilhante, cortinas de renda e um punhado de bibelôs de louça em vez de qualquer coisa útil, como, digamos, xampu e lenços de papel. Havia um banheiro comunitário no fim do corredor do andar de cima, onde as peças de metal eram de um tom de verde antigo e rodeadas de limo. Uma pequena televisão no formato de caixa no quarto com duas camas dignava-se a pegar três canais, cada qual com um leve zumbido de estática. Quando descobriu a boneca de plástico com vestido de baile feito de crochê encaixada no rolo de papel higiênico, Nicky ficou assombrado.

— Amei isto — disse ele, segurando a boneca sob a luz para inspecionar aquela roupa sintética e chamativa. — É tão ruim que chega a ser legal.

Ed não conseguia acreditar que lugares como aquele ainda existissem. Mas dirigira por mais de oito horas a sessenta por hora, e no Stag and Hound a diária por quarto custava vinte e cinco libras — um preço com o qual até Jess ficou satisfeita —, e eles recebiam Norman de braços abertos.

— Ah, adoramos cachorro — disse a Sra. Deakins, passando a duras penas por um pequeno bando de lulus da pomerânia irritadiços. Ela ajeitou o cabelo, cuidadosamente preso numa forma estruturada. — Gostamos mais de cachorro do que de gente, não é, Jack?

— Ouviu-se um grunhido vindo do andar de baixo. — Os cães são, sem dúvida, mais fáceis de agradar. Podem levar o seu amigão adorável para o bar hoje à noite, se quiserem. Minhas meninas adoram conhecer um homem novo. — Ela fez um aceno de cabeça ligeiramente malicioso para Ed ao dizer isso.

Abriu as duas portas e indicou o interior com a mão.

— Então, Sr. e Sra. Nicholls, vocês ficarão ao lado do quarto dos seus

filhos. Vocês são os únicos hóspedes esta noite, então será ótimo e sossegado.

Temos uma seleção de cereais para o café da manhã ou Jack pode preparar ovos com torrada para vocês. Ele faz ótimos ovos com torrada.

— Obrigado.

Ela entregou as chaves a Ed e o encarou um milésimo de segundo a mais do que o estritamente necessário.

— Deixe-me adivinhar... o senhor gosta do seu... levemente *poché*.

Acertei?

Ed olhou para trás, para verificar se a Sra. Deakins estava se dirigindo a ele.

— Acertei, não foi?

— Hum... gosto de qualquer jeito.

— De... qualquer... jeito — repetiu ela lentamente, sem desviar os olhos dele.

A mulher ergueu uma sobrancelha e lhe deu outro sorriso, depois seguiu para o andar de baixo, aquela matilha de cachorrinhos mais parecendo um mar de pelos em movimento em volta de seus pés. De rabo de olho, Ed viu Jess esboçar um sorrisinho irônico.

— Não. — Ed jogou as sacolas na cama.

— Quero ser o primeiro a tomar banho — disse Nicky, esfregando as costas na altura dos rins.

— Preciso estudar — retrucou Tanzie.

— Tenho exatamente dezessete horas e meia até a Olimpíada.

Ela ajeitou os livros embaixo do braço e desapareceu no quarto ao lado.

— Venha dar uma volta com Norman primeiro, querida — sugeriu Jess. — Tome um pouco de ar fresco. Isso mais tarde vai ajudá-la a dormir.

Jess abriu a mala e vestiu um moletom pela cabeça. Quando levantou os braços, deixou à mostra um pedaço de barriga, branca e estranhamente desconcertante.

Seu rosto emergiu pela abertura da gola.

— Vamos ficar fora por pelo menos meia hora. Ou... pode demorar mais.

— Enquanto arrumava o rabo de cavalo, ela olhou na direção da escada e ergueu uma sobrancelha para Ed. — Só estou avisando.

— Engraçadinha.

Ed conseguiu ouvi-la rindo enquanto saíam. Ele se deitou na colcha de náilon, sentindo o cabelo ficar ligeiramente em pé com a eletricidade estática,

e tirou o celular do bolso.

— Então, esta é a boa notícia — anunciou Paul Wilkes. — A polícia concluiu as investigações iniciais. Os resultados preliminares não revelam nenhum motivo evidente de sua parte.

Não há provas de que você obteve lucro com as atividades de compra e venda de Deanna Lewis nem do irmão dela. O mais importante é que não há sinal de que você tenha ganhado dinheiro com o lançamento do SFAX além do mesmo lucro em ações que qualquer funcionário teria obtido. Obviamente, haveria uma proporção maior de lucros, dada a sua participação acionária, mas eles não encontraram nenhum vínculo de contas *offshore* nem qualquer tentativa de ocultação de sua parte.

— É porque não teve nenhuma.

— E a equipe de investigação também afirma ter descoberto um grande número de contas em nome de familiares de Michael Lewis, o que sugere uma clara tentativa de esconder seus atos. Eles obtiveram registros de compra e venda de ações que mostram que Michael estava negociando um volume expressivo imediatamente antes do anúncio. O que é mais um sinal de alerta para eles.

Paul continuava falando, mas o sinal estava ruim, e Ed se esforçava para ouvi-lo. Levantou-se e foi até a janela.

Tanzie corria em volta do jardim do pub, dando gritinhos de felicidade. Os cachorrinhos, que davam latidos agudos, iam atrás dela. Jess estava em pé, de braços cruzados, rindo. E Norman parara no meio do jardim, olhando para eles, um objeto perplexo, imóvel num mar de loucura. Ed tapou o outro ouvido.

— Isso significa que já posso voltar?

Está tudo resolvido?

Ele teve uma súbita visão do seu escritório: uma miragem num deserto.

— Segure a onda. Agora, a notícia não tão boa. Michael Lewis não estava negociando apenas ações. Estava negociando opções das ações.

— Negociando o quê? — Ele piscou.

— Certo. Agora você está falando grego.

— É mesmo?

Houve um breve silêncio. Ed visualizou Paul no seu escritório revestido

de madeira, revirando os olhos.

— As opções permitem a um *trader* alavancar seus próprios investimentos.

Nesse caso, os de Deanna Lewis. Além de gerar lucros substancialmente maiores.

— Mas o que isso tem a ver comigo?

— Bem, o nível de lucros que ele gerou com as opções é significativo, o que conduz o caso a um novo patamar. E me leva à má notícia.

— Essa não foi a má notícia?

Paul suspirou.

— Ed, por que você não me contou que fez um maldito cheque para Deanna Lewis?

Ed piscou. O cheque.

— Ela depositou um cheque emitido por você de cinco mil libras na conta bancária dela.

— E daí?

— E daí — pelo tom elaboradamente grave da voz dele, era possível imaginar seus olhos se revirando de novo — que isso liga você financeiramente ao que Deanna Lewis estava fazendo. Você facilitou alguma parte daquela operação.

— Mas foram só algumas mil libras para ajudá-la. Ela não tinha dinheiro!

— Se você obteve lucro com isso ou não, o fato é que você tinha um claro interesse financeiro em Lewis, e isso foi logo antes do SFAX ser lançado. No caso dos e-mails, conseguimos mostrar que eram inconclusivos, mas o cheque quer dizer que não é só a palavra dela contra a sua, Ed.

Ele olhou para o descampado. Tanzie pulava, balançando um pedaço de pau para o cachorro, que babava. Seus óculos estavam tortos no nariz, e ela ria.

Jess chegou por trás da menina e abraçou-a.

— E isso quer dizer...?

— Quer dizer, Ed, que defender você acabou de ficar bem mais difícil.

Somente uma vez na vida Ed desapontara completamente o pai. Isso não quer dizer que ele não fosse uma decepção geral, pois sabia que o pai teria

preferido um filho que tivesse saído mais parecido com ele: correto, determinado, ambicioso. Uma espécie de filho-soldado. Mas o pai conseguiu passar por cima de toda a tristeza que sentia por causa daquele filho calado e *geek* e decidiu, uma vez que não podia dar jeito nele, que uma educação cara poderia.

O fato de os poucos recursos economizados por seus pais ao longo de anos de trabalho terem custeado os estudos de Ed em escolas particulares, e não os de sua irmã, era o grande Ressentimento Não Reconhecido da família. Ed muitas vezes se perguntava se teriam feito isso caso tivessem atentado para o enorme obstáculo emocional que estavam fincando diante de Gemma. Ele nunca conseguira convencer a irmã de que era puramente por ela ser tão boa em tudo que os pais nunca haviam sentido necessidade de mandá-la para uma escola particular.

Era ele que passava todas as suas horas de vigília enfiado no quarto ou grudado numa tela. Era ele o caso perdido em esportes.

Mas não, contra todas as evidências disponíveis, Bob Nicholls, ex-policial militar que mais tarde se tornou chefe de segurança de uma pequena sociedade de crédito imobiliário no norte, estava convencido de que uma escola particular cara, para especialização em uma área de interesse, que tinha como lema “O esporte faz o homem”, mudaria o seu filho.

— Esta é uma grande oportunidade que estamos lhe dando, Edward. Melhor do que sua mãe ou eu já tivemos — repetia o pai. — Não a desperdice.

Então, no fim do primeiro ano do filho, quando abriu o relatório, que trazia expressões como *desengajado*, *desempenho medíocre* e, pior de tudo, *não é um verdadeiro jogador de equipe*, fitou a carta enquanto Ed observava encabulado as cores fugirem do rosto do pai.

Ed não podia lhe dizer que não gostava muito da escola, com aqueles bandos barulhentos de garotos grã-finos gozadores e privilegiados. Não podia lhe dizer que, não importava quantas vezes o fizessem correr em volta do campo de rúgbi, ele nunca iria gostar daquele esporte. Não podia explicar que eram as possibilidades da tela de pixels e o que ela permitia criar o que lhe interessava de verdade. E que achava que podia ganhar a vida com isso. O rosto de seu pai realmente murchou com a decepção, com o absoluto desperdício daquilo tudo, e Ed percebeu que não tinha escolha.

— Vou me sair melhor no ano que vem, pai — prometeu ele.

No momento, esperava-se que Ed Nicholls fosse denunciado pela polícia da Cidade de Londres apenas em questão de dias.

Tentou imaginar qual seria a expressão do pai quando ouvisse que o filho, aquele de quem ele agora se gabava para os ex-colegas do exército (“É claro que, na verdade, não entendo o que ele faz, mas aparentemente esse negócio de software é o futuro”), muito provavelmente estava prestes a ser processado por uso de informações privilegiadas. Tentou visualizar a cabeça do pai se virando naquele pescoço frágil, o choque abatendo suas feições cansadas ainda que ele tentasse disfarçar, e os lábios suavemente contraídos enquanto ele entendia que não havia nada que pudesse dizer ou fazer.

Então Ed tomou uma decisão. Pediria ao advogado que prolongasse o processo o máximo possível. Colocaria cada centavo do próprio bolso na ação para adiar o anúncio do seu suposto crime. Mas não podia ir àquele almoço de família por mais doente que seu pai estivesse. Estaria fazendo um favor ao pai. Mantendo-se distante, estaria, na verdade, protegendo-o.

Ed Nicholls estava de pé no quartinho cor-de-rosa da pousada que cheirava a aromatizador de ambiente e decepção e olhou para o terreno deserto, para a garotinha que desabara na relva molhada e puxava as orelhas do cachorro sentado com a língua para fora com uma expressão idiota de êxtase nas feições grandes, e se perguntou por que — dado que evidentemente estava fazendo a coisa certa — se sentia um merda completo.

JESS

Tanzie estava nervosa. Recusou o jantar e não quis descer nem mesmo para fazer uma pausa, preferindo se encolher em cima da colcha cor-de-rosa de náilon e avançar nos trabalhos de matemática enquanto comia o que restara do piquenique do café da manhã. Jess estava surpresa, pois a filha raramente sofria de ansiedade quando se tratava de qualquer coisa relacionada à

matemática. Fez o possível para tranquilizar a menina, mas era difícil quando não fazia ideia do que ela estava falando.

— Estamos quase lá! Está tudo bem, Tanzie. Não há nada com o que se preocupar.

— Acha que vou dormir hoje à noite?

— É claro que você vai dormir hoje à noite.

— Mas se não dormir, posso me dar muito mal.

— Mesmo se não dormir, vai se sair bem. E nunca vi você não conseguir dormir.

— Estou com medo de ficar muito preocupada e não conseguir dormir.

— Não tenho medo de você ficar preocupada. Relaxe. Vai se sair bem.

Vai dar tudo certo.

Ao lhe dar um beijo, Jess viu que Tanzie havia roído as unhas até o sabugo.

O Sr. Nicholls estava no jardim.

Andava para cima e para baixo no local em que ela e Tanzie tinham estado meia hora antes, falando avidamente no telefone. Ele parou e olhou para o aparelho umas duas vezes, depois subiu numa cadeira de plástico branca, presumivelmente para conseguir um sinal melhor. Ficou ali parado, balançando, alheio aos olhares curiosos das pessoas lá dentro enquanto gesticulava e praguejava.

Jess observava pela janela do bar, sem saber se devia ou não interrompê-lo.

Havia alguns homens idosos reunidos em volta da proprietária enquanto ela, do outro lado do balcão, conversava com eles. Os homens olhavam para Jess com indiferença por sobre suas canecas de cerveja.

— Trabalho, é? — perguntou a proprietária, acompanhando o seu olhar pela janela.

— Ah. Sim. Não para nunca. — Jess deu um sorriso. — Vou levar uma bebida para ele.

O Sr. Nicholls estava sentado numa mureta de pedra quando ela saiu para o jardim. Com os cotovelos apoiados nos joelhos, ele olhava para a relva. Jess ofereceu-lhe a caneca de cerveja, que ele fitou por um instante e depois pegou de sua mão.

— Obrigado.

Parecia exausto.

— Está tudo bem?

— Não. — Ele tomou um gole da cerveja. — Não está nada bem.

Ela sentou-se a um passo dali.

— Posso ajudar em alguma coisa?

— Não.

Ficaram sentados em silêncio. Era muito sossegado ali, sem nada em volta deles exceto a brisa ondulando pelo lugar, e o rumor distante da conversa que vinha de dentro da casa. Ela estava prestes a dizer alguma coisa sobre a paisagem quando a voz dele irrompeu no ar parado.

— Mas que merda — disse o Sr. Nicholls com veemência. — Puta que pariu.

Jess estremeceu.

— Simplesmente não consigo acreditar que a porra da minha vida tenha virado essa... confusão. — A voz dele falhou. — Não dá para acreditar que eu tenha trabalhado anos e anos a fio e tudo possa desmoronar assim. Para quê? Para quê, porra?

— É só uma intoxicação alimentar.

Você vai...

— Não estou falando daquele kebab, porra. — Ele deixou a cabeça pender nas mãos. — Mas não quero falar sobre isso.

Ele lhe lançou um olhar de advertência.

— Tudo bem.

— É o seguinte — começou o Sr. Nicholls. — Legalmente, não posso falar com ninguém sobre nada disso. — Jess não olhou para ele. — Não posso contar a uma única...

Ela esticou uma perna e fitou o pôr do sol.

— Bem, eu não conto, não é mesmo?

Sou só uma faxineira.

Ele deu um suspiro.

— Foda-se — disse.

E então contou-lhe, cabisbaixo, os dedos penteando o cabelo escuro e curto. Contou-lhe que não tinha conseguido pensar num modo simpático de terminar com uma namorada e como toda a sua vida desmoronara desde então. Contou-lhe sobre a sua empresa e sobre como ele deveria estar lá agora comemorando o lançamento do resultado do trabalho obsessivo que desempenhou nos últimos seis anos. E como, em vez disso, tinha que ficar afastado de tudo e de todos que conhecia enquanto enfrentava a perspectiva de uma ação judicial. Contou-lhe sobre o seu pai e sobre o advogado que acabara de ligar para informá-lo de que, assim que voltasse daquela viagem, teria que comparecer a uma delegacia de polícia em Londres, onde seria acusado de uso de informações privilegiadas, uma acusação que poderia lhe render até vinte anos de cadeia. Quando ele terminou, Jess estava sem ar.

— Tudo pelo que trabalhei. Tudo com o que me importava. Não estou autorizado a entrar no meu próprio escritório. Não posso nem voltar para o meu apartamento para o caso de a imprensa ficar sabendo e eu deixar escapar o que aconteceu. Não posso ir visitar meu próprio pai porque assim ele morrerá sabendo que o filho dele é um tremendo imbecil. E o mais idiota é que sinto saudades dele. Sinto mesmo.

Jess digeriu aquilo por alguns minutos.

Ele sorria de um jeito lúgubre para o céu.

— E sabe qual é a melhor parte? É meu aniversário.

— O quê?

— Hoje. É meu aniversário.

— Hoje? Por que você não disse nada?

— Porque tenho trinta e quatro anos e um homem de trinta e quatro anos parece um babaca falando de aniversários. — Tomou um gole da cerveja. — E, com esse negócio todo de intoxicação alimentar, achei que não tinha muito o que comemorar. — Olhou de soslaio para Jess. — Além disso, você poderia ter começado a cantar “Parabéns para você” no carro.

— Vou cantar aqui fora.

— Não, por favor. As coisas já estão ruins o bastante.

Jess estava tonta. Não conseguia acreditar em todos os problemas que o Sr. Nicholls estava tendo que enfrentar.

Se ele fosse qualquer outra pessoa, ela poderia ter passado o braço em

volta dele e tentado dizer algo reconfortante.

Mas o Sr. Nicholls era enfezado.

— As coisas vão melhorar, sabe — disse ela quando não conseguiu pensar em mais nada para falar. — O carma vai pegar aquela garota que estragou a sua vida.

Ele fez uma careta.

— Carma?

— É como eu falo para as crianças.

Coisas boas acontecem para pessoas boas. Basta ter fé...

— Bem, devo ter sido um merda completo na vida passada.

— Fala sério! Você ainda tem imóveis.

Carros. Tem o seu cérebro. Advogados caros. Pode resolver isso.

— Como você pode ser tão otimista?

— É porque as coisas se acertam.

— E isso vindo de uma mulher que não tem dinheiro suficiente para pegar um trem.

Jess manteve o olhar fixo na encosta pedregosa.

— Vou deixar passar essa só porque é seu aniversário.

Ele suspirou.

— Desculpe, sei que você está tentando ajudar. Mas agora estou achando seu otimismo cansativo.

— Não, você acha cansativo dirigir centenas de quilômetros num carro com três pessoas desconhecidas e um cachorrão. Suba e tome um banho demorado de banheira. Vai se sentir melhor. Vá.

Ele foi se arrastando para dentro, aquele homem condenado, e ela ficou sentada olhando para o campo verde à sua frente. Tentou imaginar como seria encarar a possibilidade de ir para a cadeia, não ser autorizado a chegar perto das coisas nem das pessoas que se ama. Tentou imaginar alguém como o Sr. Nicholls preso.

Depois de um tempo, ela entrou com os copos vazios. Debruçou-se no bar, onde a proprietária assistia a um episódio de *Homes Under the Hammer*.

Os homens estavam sentados em silêncio atrás dela, assistindo também ou olhando decrépitos para suas cervejas.

— Sra. Deakins? Na verdade, hoje é aniversário do meu marido. Será que a senhora se importaria de me fazer um favor?

O Sr. Nicholls finalmente desceu às oito e meia, com as mesmas roupas que usara naquela tarde. E na tarde anterior. Jess sabia, porém, que ele havia tomado banho, pois o cabelo estava molhado e a barba, feita.

— E aí, o que tem dentro da sua bolsa? Um cadáver?

— O quê?

Ele andou até o bar. Recendia levemente a creme de barbear.

— Você está usando as mesmas roupas desde que começamos a viagem.

Ele baixou os olhos, como se para conferir.

— Ah. Não. Estas estão limpas.

— Você tem camisetas e calças jeans iguais? Para usar todos os dias?

— Isso me poupa de ter que pensar em roupa.

Ela olhou para ele por um instante, depois desistiu do que estivera prestes a dizer. Era aniversário dele, afinal.

— Ah. Você está bonita — elogiou ele de repente, como se tivesse acabado de notar.

Ela trocara de roupa e estava com um vestido de alcinha e um cardigã.

Planejara guardá-los para a Olimpíada, mas achou que aquela ocasião era importante.

— Bem, obrigada. A pessoa tem que fazer um esforço para se adequar ao ambiente, não é?

— O quê? Você deixou para trás a boina e a calça jeans com pelo de cachorro?

— Você já vai se arrepender do seu sarcasmo. Porque preparei uma surpresa.

— Uma surpresa?

Ele fez instantaneamente uma expressão desconfiada.

— É uma surpresa agradável. Aqui.

Jess lhe entregou um dos dois copos que havia preparado antes, para deleite da Sra. Deakins. Eles não preparavam um coquetel desde 1997, observara, quando Jess conferiu as garrafas empoeiradas atrás dos medidores.

— Acho que você já deve estar bem o bastante.

— O que é isso?

Ele olhou desconfiado para o copo.

— Uísque escocês, licor *triple sec* e suco de laranja.

Ele tomou um golinho. E depois um maior.

— É bom.

— Eu sabia que ia gostar. Fiz especialmente para você. Chama-se “Filho da Mãe Chato”.

A mesa de plástico branca estava posicionada no meio do gramado falhado, posta para duas pessoas com talheres de aço inoxidável e, no centro, uma vela enfiada em uma garrafa de vinho. Jess já havia passado um pano que encontrou no bar nas cadeiras, limpando todo o musgo, e agora puxava uma para ele.

— Vamos comer ao ar livre. Presente de aniversário. — Ela fingiu não ver o olhar que ele lhe lançou. — Se quiser ocupar o seu lugar, vou informar à cozinha que você já chegou.

— Não são os muffins do café da manhã, são?

— É claro que não são os muffins do café da manhã. — Ela se fez de ofendida. — Tanzie e Nicky comeram os que sobraram.

Quando Jess voltou para a mesa, Norman havia desabado no pé do Sr. Nicholls. Ela desconfiava de que era bem provável que ele teria vontade de mexer o pé, mas ela sabia pela sua experiência que o bicho era um peso morto. Só rezando para ele mudar de posição antes de o seu pé gangrenar e cair.

— Como estava o seu aperitivo?

Sr. Nicholls olhou para o copo vazio de coquetel.

— Delicioso.

— Bem, o prato principal já vem.

Acho que somos só nós dois esta noite, pois os outros convidados já tinham planos.

— Novelão para adolescente e umas equações algébricas completamente insanas?

— Você nos conhece muito bem.

Jess sentou-se em sua cadeira e, nesse momento, a Sra. Deakins surgiu atravessando o gramado, os lulus da pomerânia latindo aos seus pés.

Segurava dois pratos no alto.

— Aqui está — disse ela, acomodando-os na mesa. — Filé com rins. Do Ian, que fica mais à frente na estrada. Ele faz uma torta de carne ótima.

Jess estava com tanta fome àquela altura que achou que provavelmente poderia ter comido o próprio Ian.

— Fantástico. Obrigada — agradeceu Jess, colocando o guardanapo de papel no colo.

Sra. Deakins parou e olhou em volta, como se estivesse vendo aquele cenário pela primeira vez.

— Nunca comemos aqui fora. Que ideia encantadora. Eu poderia oferecer isso aos meus outros clientes. E esses coquetéis... Eu poderia fazer um pacote com isso.

Jess pensou nos velhos no bar.

— É uma pena que não faça — comentou ela, passando o vinagre para o Sr. Nicholls.

Ele parecia temporariamente petrificado. A Sra. Deakins esfregou as mãos no avental.

— Bem, Sr. Nicholls, sua esposa está mesmo determinada a fazer com que tenha um ótimo aniversário — observou, dando uma piscadela.

Ele olhou para a mulher.

— Ah. Com Jess nunca se tem um momento de sossego — disse, deixando o olhar deslizar para o dela.

— Então, há quanto tempo vocês dois estão casados?

— Dez anos — respondeu ele.

— Três anos — corrigiu Jess. — As crianças são dos meus casamentos anteriores — complementou, partindo a torta.

— Ah! Isso é...

— Eu a socorri — disse o Sr. Nicholls. — Na beira da estrada.

— Foi mesmo.

— Isso é muito romântico.

O sorriso da Sra. Deakins vacilou um pouco.

— Não muito, na verdade. Ela estava sendo presa na hora.

— Já expliquei tudo isso. Nossa, as batatas fritas estão deliciosas!

— Explicou. E aqueles policiais foram muito compreensivos. Considerando a situação toda.

Sra. Deakins havia começado a recuar.

— Bem, que coisa boa. É ótimo vocês ainda estarem juntos.

— A gente vai levando.

— Não temos escolha no momento.

— Isso é verdade, também.

— Você poderia trazer um pouco de molho de tomate?

— Ah, boa ideia, querida.

Quando ela se retirou, Sr. Nicholls fez um gesto de cabeça em direção à vela e aos pratos. Depois olhou para Jess, e já não estava de cara feia.

— Esta é, de fato, a melhor torta com batata frita que já comi numa pousada esquisita num lugar de que nunca tinha ouvido falar no norte de Yorkshire.

— Fico muito contente. Feliz aniversário.

Eles comeram num silêncio agradável.

Era espantoso quão melhor uma refeição quente e um coquetel forte podiam fazer a pessoa se sentir. Norman gemeu e deitou-se de lado, libertando o pé do Sr. Nicholls. Ed esticou a perna com curiosidade, talvez tentando ver se ainda era capaz disso.

Olhou para ela e ergueu o copo de coquetel reabastecido.

— É sério. Obrigado.

Agora que o Sr. Nicholls estava sem os óculos, Jess notou que ele tinha cílios longuíssimos.

Isso a deixou estranhamente consciente da vela no centro da mesa. Ela a pedira meio que de brincadeira.

— Bem... era o mínimo que eu podia fazer. Você nos socorreu, sim. Na beira da estrada. Não sei o que teríamos feito.

Ele espetou outra batata frita e segurou-a no ar.

— Bem, gosto de cuidar da minha criadagem.

— Acho que preferia quando éramos casados.

— Saúde.

Ele sorriu para ela, semicerrando os olhos. E foi uma reação tão inesperada e espontânea que Jess se viu retribuindo o sorriso.

— Um brinde a amanhã. E ao futuro da Tanzie.

— E a uma ausência geral de mais cagada.

— Vou brindar a isso.

A noite foi passando, relaxada pelo álcool e com a agradável certeza de que ninguém tinha que dormir dentro de um carro nem precisava ter acesso frequente e urgente a um banheiro. Nicky desceu, olhou desconfiado por baixo da franja para os homens no salão, que olhavam de volta igualmente desconfiados para ele, e retirou-se para o quarto para assistir à televisão. Jess bebeu três taças de Liebfraumilch ácido, entrou para ver como Tanzie estava e lhe levar algo para comer. Fez com que ela lhe promettesse estudar no

máximo até as dez horas.

— Posso continuar estudando no seu quarto? Nicky está com a televisão ligada.

— Tudo bem — concordou Jess.

— Você está cheirando a vinho — disse Tanzie.

— É porque estamos mais ou menos de férias. As mães têm permissão de cheirar a vinho quando estão mais ou menos de férias.

— Hum.

Ela olhou séria para Jess e depois voltou aos livros.

Nicky estava esparramado numa das camas de solteiro assistindo à televisão.

Jess fechou a porta ao entrar e farejou o ambiente.

— Não andou fumando, andou?

— Você ainda está com a minha parada.

— Ah, sim. — Ela havia esquecido completamente. — Mas você dormiu sem ela. Ontem e anteontem.

— Hum.

— E isso é bom, não é?

Ele deu de ombros.

— Acho que as palavras que você estava procurando são: “Sim, que ótimo eu não precisar mais de substâncias ilegais para conseguir dormir.” Certo, levante-se daí um minutinho. Preciso que você me ajude a pegar um colchão.

— Vendo que o garoto não se mexeu, ela explicou: — Não posso dormir lá com o Sr. Nicholls. Vamos fazer outra cama no chão do seu quarto, está bem?

Nicky suspirou, mas levantou-se e a ajudou. Já não fazia caretas quando andava, ela reparou. No tapete ao lado da cama de Tanzie, o colchão deixava uma nesga suficiente apenas para eles passarem ao entrar ou sair, permitindo que a porta abrisse somente quinze centímetros.

— Vai ser divertido se eu precisar ir ao banheiro durante a noite.

— Vá logo antes de se deitar. Você já é grande.

Ela mandou Nicky desligar a televisão às dez horas para não perturbar Tanzie, e deixou os dois lá em cima.

A vela se apagara havia muito tempo na brisa forte da noite, e, quando já não conseguiam mais enxergar um ao outro, Jess e o Sr. Nicholls entraram. A conversa se desviara de pais e primeiros empregos para relacionamentos. Jess contou-lhe sobre Marty e como ele uma vez lhe dera um fio de extensão de aniversário, protestando: “Mas você disse que precisava de um!” Por sua vez, o Sr. Nicholls lhe contou sobre Lara a Ex e como, no aniversário dela, ele certa vez providenciara para que um motorista a buscasse para um café da manhã surpresa num hotel elegante com as amigas e depois a levasse para passar a manhã na Harvey Nichols com uma assistente pessoal de compras e um orçamento ilimitado. E contou que, quando os dois se encontraram para almoçar, ela se queixara amargamente porque ele não tirara o dia inteiro de folga. Jess achou que iria gostar muito de dar uma bofetada na cara excessivamente maquiada de Lara a Ex.

(Ela inventara um rosto: provavelmente era mais drag queen do que o estritamente necessário.) — Você teve que pagar pensão a ela?

— Não tive, mas paguei. Até ela entrar no meu apartamento e, pela terceira vez, pegar coisas minhas.

— Você recuperou essas coisas?

— Não valia a pena. Se uma serigrafia do Mao Tsé-tung é tão importante para Lara, então que fique com ela.

— Quanto valia?

— O quê?

— O quadro.

Ele deu de ombros.

— Algumas mil libras.

— Você e eu falamos línguas diferentes, Sr. Nicholls.

— Você acha? Tudo bem, qual o valor da pensão que seu ex lhe paga?

— Nada.

— Nada? — As sobrancelhas dele se ergueram quase até a linha do couro cabeludo. — Absolutamente nada?

— Ele é um caos. Não se pode punir alguém por ser um caos.

— Mesmo que isso signifique que você e as crianças tenham que enfrentar dificuldades?

Como poderia explicar? Ela mesma levava dois anos para equacionar aquilo.

Sabia que as crianças sentiam falta dele, porém, no fundo, estava

aliviada por Marty ter saído de casa. Sentia alívio por não ter que se preocupar com a possibilidade de ele roubar seu futuro e o das crianças com um próximo projeto mal planejado. Estava cansada do seu baixo-astrol e do fato de ele viver exausto por causa de Tanzie e Nicky.

Acima de tudo, estava farta de nunca fazer nada certo. Marty gostara da Jess de dezesseis anos: a Jess rebelde, impulsiva, sem responsabilidades.

Depois ele a soterrou em responsabilidades e não gostou do que surgiu dali.

— Quando ele resolver os próprios problemas, vou exigir que pague a sua parte de novo. Mas estamos bem. — Jess olhou para o andar de cima, onde Nicky e Tanzie dormiam. — Acho que este vai ser o nosso ponto de virada.

Além do mais, você provavelmente não vai entender isso, e sei que todo mundo acha que eles são meio estranhos, mas a felizarda sou eu de ter os dois. Eles são amáveis e divertidos.

Ela se serviu de mais uma taça de vinho e deu um gole. A bebida definitivamente estava descendo melhor.

— São bons garotos.

— Obrigada — agradeceu ela. — Na verdade, hoje percebi um detalhe. Que eu me lembre, estes últimos dias foram a primeira vez que consegui passar um bom tempo com os dois. Sem trabalhar, sem estar numa correria danada fazendo tarefas domésticas ou compras ou tentando botar as coisas em dia. Tem sido legal simplesmente estar com eles, se isso não parecer bobagem.

— Não parece.

— E Nicky está dormindo. Ele nunca dorme. Não sei direito o que você fez para ele, mas ele parece...

— Ah, apenas reequilibramos o jogo.

Jess ergueu a taça.

— Então, aconteceu uma coisa boa no seu aniversário: você animou o meu garoto.

— Isso foi ontem.

Ela pensou por um instante.

— Você não vomitou nem uma vez.

— Tudo bem. Agora pode parar.

Todo o corpo do Sr. Nicholls havia finalmente relaxado. Ele se recostou, as pernas compridas esticadas embaixo da mesa. Já fazia algum tempo que

uma delas estava encostada na de Jess. Ela chegou a pensar que deveria movê-la, porém não moveu, e agora não podia fazer isso sem dar a impressão de estar defendendo uma ideia. Sentiu aquilo, uma presença elétrica tocando sua perna descoberta.

Até que gostou bastante.

Porque acontecera algo entre a torta com batata frita e a última rodada, e não era só a bebida. Ela queria que o Sr. Nicholls não estivesse zangado e desesperançado. Desejava ver aquele sorriso grande e sonolento dele, o que parecia desativar toda a raiva reprimida espalhada por seu rosto.

— Sabe, nunca conheci ninguém como você — disse ele, olhando para a mesa.

Jess quase fizera uma piada sobre faxineiras, baristas e criadagem, mas em vez disso limitou-se a sentir aquele grande espasmo na barriga e visualizou o V firme do torso nu dele no boxe.

Depois ficou imaginando como seria transar com o Sr. Nicholls.

O choque desse pensamento foi tão grande que ela quase disse em voz alta: “Acho que seria bom transar com o Sr. Nicholls.” Desviou o olhar, corando, e tomou o vinho que restava na taça.

O Sr. Nicholls estava olhando para ela.

— Não fique ofendida. Falei num bom sentido.

— Não fiquei.

Ela corou até as orelhas.

— Você é a pessoa mais positiva que já conheci. Nunca parece sentir pena de si mesma. Qualquer obstáculo que encontra pela frente, você simplesmente passa por cima.

— Arrancando os cabelos e levando tombos no caminho.

— Mas você segue em frente.

— Quando alguém me ajuda.

— Tudo bem. Essa comparação está ficando confusa. — Ele tomou um golinho de cerveja. — Eu só... queria lhe dizer isso. Sei que está quase acabando. Mas gostei desta viagem.

Mais do que esperava.

Sua resposta saiu antes que ela percebesse o que dizia: — É. Eu também.

Eles ficaram sentados. O Sr. Nicholls olhava para a perna de Jess. Ela se perguntou se ele estava pensando o mesmo que ela.

— Sabe de uma coisa, Jess?

— O quê?

— Você parou de se remexer.

Eles se olharam. Ela queria desviar os olhos, porém não conseguia. O Sr. Nicholls fora apenas uma forma de sair de uma desordem impossível. Agora tudo o que Jess conseguia ver eram seus grandes olhos escuros, as costas de suas mãos fortes, o movimento que seu torso fazia por baixo da camiseta. *Quem cai do cavalo tem que montar de novo*, pensou.

Ele desviou o olhar primeiro.

— Nossa! Olhe a hora. A gente realmente devia ir dormir. Você disse que tínhamos que estar de pé cedo.

O tom de voz dele estava só um pouquinho elevado demais.

— É. Já são quase onze. Acho que calculei que precisamos sair daqui às sete para chegarmos lá ao meio-dia.

Parece bom para você?

— Hã... claro.

Ela cambaleou um pouco quando se levantou, e procurou o braço do Sr. Nicholls, mas ele já tinha se afastado.

Pediram que o café da manhã fosse servido cedo, deram à Sra. Deakins um boa-noite um pouquinho caloroso demais e subiram devagar a escada do fundo do pub. Jess mal tinha noção do que fora dito, pois estava profundamente consciente da presença do Sr. Nicholls atrás dela. Do jeito que seus quadris se mexiam quando ela andava. *Será que ele está me olhando?* Sua mente girava e mergulhava em direções inesperadas.

Perguntou-se, rapidamente, como seria se ele se inclinasse à frente e beijasse o seu ombro desnudo. Julgou ter feito um leve ruído involuntário ao imaginar isso.

Eles pararam no patamar, e ela se virou para encará-lo. Foi como se, depois de três dias, tivesse acabado de vê-lo.

— Boa noite, então, Jessica Rae Thomas. Com um *a* e um *e*.

A mão dela pousou na maçaneta da porta, e o ar ficou preso em sua garganta. Fazia tanto tempo... Seria mesmo uma ideia tão ruim, afinal?

Ela baixou a maçaneta, encostou-se e disse: — Vejo você... de manhã.

— Eu me ofereceria para fazer o café, mas você sempre acorda primeiro.

Ela não sabia o que dizer. Era possível que estivesse apenas olhando para ele.

— Hum... Jess?

— O quê?

— Obrigado. Por tudo. O lance da intoxicação, a surpresa de aniversário...

Caso eu não tenha a chance de dizer isso amanhã. — Ele lhe deu um sorriso meio torto. — No que diz respeito a ex-mulheres, você foi, sem dúvida, a minha preferida.

Jess empurrou a porta. Ia dizer alguma coisa, mas o fato de a porta não se mover a distraiu. Ela se virou e girou de novo a maçaneta. A porta cedeu, abriu dois centímetros e mais nada.

— O que foi?

— Não consigo abrir a porta — disse ela, tentando com ambas as mãos. Nada.

O Sr. Nicholls foi até lá e empurrou. A porta cedeu um tiquinho.

— Não está trancada — afirmou ele, girando a maçaneta. — Está bloqueada por alguma coisa.

Ela se agachou, tentando ver, e o Sr. Nicholls acendeu a luz do patamar. Pela frestinha, ela só conseguiu ver o corpanzil de Norman do outro lado da porta. Ele estava deitado no colchão, o traseiro enorme virado para Jess.

— Norman — sibilou ela. — Saia daí.

— Nada. — Norman.

— Se eu empurrar, ele vai ter que acordar, não é?

O Sr. Nicholls começou a forçar a porta. Colocou todo o peso nela. Depois empurrou.

— Caramba — disse ele.

Jess balançou a cabeça.

— Você não conhece o meu cachorro.

Ele soltou a maçaneta e a porta fechou com um clique baixinho. Eles se entreolharam.

— Bem... — disse ele por fim. — Há duas camas aqui. Dá para o gasto.

Ela fez uma careta.

— Hum... Na verdade, Norman está dormindo no outro colchão de solteiro.

Eu trouxe o colchão para cá mais cedo.

Ele então a olhou com desânimo.

— Bater na porta?

— Tanzie está estressada. Não posso correr o risco de acordá-la. Tudo bem.

Eu... eu... vou dormir na cadeira.

Jess seguiu para o banheiro antes que ele pudesse contradizê-la. Lavou-se e escovou os dentes, observando a pele afogueada pelo álcool no espelho com moldura de plástico, tentando deter seus pensamentos, que corriam em círculos uns atrás dos outros.

Quando ela voltou para o quarto, o Sr. Nicholls segurava uma de suas camisetas cinza-escuras.

— Tome — disse ele, jogando a camiseta para ela ao passar a caminho do banheiro.

Jess despiu-se e vestiu-a, tentando ignorar o vago erotismo do cheiro da roupa. Depois pegou o cobertor extra e um travesseiro do guarda-roupa e se aninhou na cadeira, pelejando para colocar as pernas numa posição confortável. Seria uma noite longa.

Minutos depois, o Sr. Nicholls abriu a porta e apagou a luz do teto. Usava uma camiseta branca e uma cueca samba-canção azul-escura. Ela viu que suas pernas tinham os músculos definidos como as de alguém que pratica exercícios com certa frequência. Soube imediatamente como seria se elas tocassem as suas. O pensamento a fez engolir em seco.

Deu para ouvir a pequena cama afundar quando ele se deitou.

— Você está confortável assim?

— Não podia estar melhor! — disse Jess um pouco alto demais. — E você?

— Se uma destas molas me espetar enquanto durmo, você tem a minha permissão para dirigir pelo resto da viagem.

Ele olhou para ela do outro lado do quarto por mais um instante, depois apagou a luz da cabeceira.

A escuridão era total. Lá fora, uma leve brisa gemia através de frinchas invisíveis na pedra, folhas de árvores farfalhavam e a porta de um carro bateu, o motor rugindo em protesto. No quarto ao lado, Norman gemia dormindo, o ruído era apenas parcialmente abafado pela fina parede de painel de gesso. Jess ouvia o Sr. Nicholls respirando, e embora tivesse passado a noite a apenas poucos centímetros de distância dele, ela estava profundamente consciente da sua presença de uma forma que não estivera vinte e quatro horas antes.

Pensou em como ele fizera Nicky sorrir, no modo como seus dedos

descansavam no volante.

Pensou na sigla que ouvira Nicky usar algumas vezes poucas semanas antes: SSVUV (só se vive uma vez), e lembrou-se de que lhe dissera achar aquilo uma mera desculpa que os idiotas usavam para fazer qualquer coisa que estivessem a fim de fazer, independentemente de quais seriam as consequências.

Pensou em Liam e em como no fundo sabia que ele devia estar transando com alguém naquele exato minuto — aquela *barwoman* ruiva do Blue Parrot, talvez, ou a holandesa que dirigia a van das flores. Lembrou-se de uma conversa que teve com Chelsea quando a amiga lhe disse que ela deveria mentir sobre os filhos porque homem algum se apaixonaria por uma mãe que criava sozinha duas crianças, e em como ficara furiosa com Chelsea porque, no fundo, sabia que era provável que ela estivesse certa.

Pensou no fato de que, mesmo se o Sr. Nicholls não fosse para a cadeia, ela provavelmente nunca mais o veria depois daquela viagem.

E depois, antes que pudesse pensar muito em qualquer outra coisa, Jess levantou-se de mansinho da cadeira, deixando o cobertor cair no chão.

Bastaram apenas quatro passos para alcançar a cama, e ela hesitou, os dedos dos pés encolhidos no carpete sintético, ainda não muito segura do que estava fazendo. Só se vive uma vez. Então, naquele breu, houve um leve movimento, e Jess viu o Sr. Nicholls virar-se de frente para ela quando levantou a coberta e se deitou na cama.

O peito de Jess tocava o dele, suas pernas frias estavam encostadas nas pernas quentes dele. Não havia mais para onde ir naquela cama minúscula, com o arqueamento do colchão empurrando-os mais para perto um do outro e a beirada parecendo um despenhadeiro a apenas alguns centímetros de suas costas. Eles estavam tão próximos que ela conseguia sentir o cheiro de sua loção pós-barba, de sua pasta de dentes. Dava para sentir o seu peito subindo e descendo enquanto o coração dela batia forte e erraticamente perto do dele. Jess inclinou um pouco a cabeça, tentando interpretá-lo. O Sr. Nicholls passou o braço direito por cima do edredom, um braço surpreendentemente pesado, puxando-a mais para junto de si. Com o outro braço, pegou sua mão e a envolveu devagarinho na dele. Era seca e macia, e estava a centímetros da boca de Jess.

Ela queria baixar o rosto para alcançar o nó dos dedos dele e correr os lábios ali. Queria levar a boca até a dele...

Só se vive uma vez.

Ela ficou ali deitada no escuro, paralisada pelo próprio desejo.

— Quer transar comigo? — perguntou ela em meio à escuridão.

Houve um longo silêncio.

— Você ouviu o que...

— Ouvi — respondeu ele. — E... não — falou antes que ela ficasse completamente petrificada. — Acho que isso complicaria demais as coisas.

— Não complicaria nada. Nós dois somos jovens, solteiros e estamos um pouco bêbados. E, depois de hoje, nunca mais nos veremos de novo.

— Como?

— Você vai voltar para Londres e levar a sua vida na cidade grande, e eu estarei lá no litoral vivendo a minha vida. Isso não tem que ser um bicho de sete cabeças.

Ele ficou calado por um instante.

— Jess... eu não penso assim.

— Você não se sente atraído por mim.

Ela ficou toda formigando, sem graça, lembrando-se de repente do que o Sr. Nicholls dissera sobre sua ex. Lara era modelo, caramba. Jess se afastou dele, mas ele apertou a mão dela.

— Você é linda. — A voz do Sr. Nicholls era um murmúrio em seu ouvido.

Jess esperou. O polegar dele roçou na palma de sua mão.

— Então... por que não quer dormir comigo? — Ele não respondeu. — Olhe.

O negócio é o seguinte. Não faço sexo há três anos. De certa forma, preciso montar de novo no cavalo, e acho que...

você... seria ótimo.

— Quer que eu seja um cavalo?

— Assim, não. Preciso de um cavalo metafórico.

— E agora voltamos às metáforas esquisitas.

— Olhe bem, uma mulher que, segundo você, é linda está lhe oferecendo sexo sem compromisso. Não sei qual é o problema.

— Sexo sem compromisso não existe.

— O quê?

— Alguém sempre quer alguma coisa.

— Não quero nada de você.

Ela o sentiu dar de ombros.

— Talvez agora, não.

— Nossa. — Ela se virou para o outro lado. — Ela o afetou mesmo, não foi?

— Eu só...

Jess deslizou o pé pela perna dele.

— Acha que estou tentando seduzir você? Acha que essa sou eu tentando enganá-lo com meus encantos femininos, uma colcha de náilon e uma torta com batata frita? — Ela entrelaçou seus dedos nos dele, baixando a voz para um sussurro. Sentia-se solta, atirada. Achou que poderia realmente desmaiar de tanto que o desejava. — Não quero um relacionamento, Ed. Com você nem com ninguém. Não há espaço na minha vida para esse negócio de um mais um. — Inclinou o rosto deixando a boca a centímetros da dele. — Achei que isso estava óbvio.

Ele afastou um pouquinho os quadris dos dela.

— Você é... incrivelmente persuasiva.

— E você é...

Ela enganchou a perna em volta dele, puxando-o mais para perto. Sua ereção fez Jess sentir uma leve vertigem. Ed engoliu em seco. Os lábios dela já estavam a milímetros dos dele. Todos os nervos do corpo de Jess haviam se concentrado, de alguma maneira, na sua pele. Ou na dele... ela já não conseguia distinguir.

— É a última noite. Na pior das hipóteses, podemos trocar um olhar por cima do aspirador e vou simplesmente me lembrar disto como uma noite agradável com um cara legal que era mesmo um cara legal. — Ela deixou os lábios roçarem no queixo dele.

Encontrou um indício de barba despontando. Quis mordê-lo. — Você, é claro, vai se lembrar disto como o melhor sexo que já fez.

— E mais nada. — A voz dele estava pastosa, distraída.

Jess chegou mais perto.

— Mais nada — murmurou ela.

— Você daria uma ótima negociadora.

— Em alguma hora você para de falar?

Ela chegou para a frente até seus lábios encontrarem os dele. Quase deu um solavanco. Sentiu a pressão da boca do Sr. Nicholls na sua quando ele sucumbiu a ela, a doçura dele. E ela já não ligava para mais nada. Desejava-o.

Ardia de desejo.

Então ele se afastou. Jess sentiu, mais do que viu, Ed Nicholls olhando para ela. Os olhos dele eram negros no escuro, insondáveis. Ele mexeu a mão

e, quando roçou-a ligeiramente na barriga de Jess, ela se arrepiou toda.

— Porra — xingou ele. — Porra. — E depois, com um gemido, disse: — Você vai me agradecer por isto amanhã.

Delicadamente se desenroscou dela, saiu da cama e foi para a cadeira, onde sentou-se e, com um grande suspiro, cobriu-se com o cobertor e virou-se para o outro lado.

ED

Ed Nicholls pensara que ficar oito horas num estacionamento úmido era a pior maneira possível de passar uma noite.

Depois concluíra que a pior maneira possível de passar uma noite era botando os bofes para fora numa motocasa em algum lugar perto de Derby. Estava errado nos dois casos. A pior maneira de passar a noite era, afinal, num quarto minúsculo a alguns centímetros de uma mulher bonita e levemente bêbada que queria fazer sexo com você e a quem você, que nem um idiota, havia rejeitado.

Jess adormeceu ou fingiu ter adormecido: era impossível dizer. Ed ficou sentado na cadeira mais desconfortável do mundo, olhando pela frestinha das cortinas para o céu negro enluarado, a perna direita formigando e a parte do pé esquerdo que não cabia embaixo do cobertor congelando. Tentou não pensar no fato de que, se não tivesse pulado daquela cama, poderia estar ali, enroscado nela, os lábios colados na sua pele, aquelas pernas ágeis enroscadas nas dele...

Não.

Ou (a) o sexo teria sido terrível, eles teriam ficado mortificados depois, e as cinco horas de viagem até a Olimpíada teriam sido excruciantes. Ou (b) o sexo teria sido bom, eles teriam acordado constrangidos, e a viagem também teria sido excruciante. Pior, eles poderiam ter terminado com (c): o sexo teria sido fora de série (ele tinha uma leve desconfiança de que esta opção seria a correta, pois continuava tendo ereções só de pensar na boca de Jess), eles desenvolveriam sentimentos um pelo outro baseados puramente na química sexual e (d) depois precisariam se adaptar ao fato de não terem nada em comum e serem simplesmente inadequados em todos os outros aspectos ou (e) descobririam que não eram totalmente inadequados, mas então ele iria preso. E nenhuma dessas hipóteses considerava que Jess tinha filhos de verdade, filhos que precisavam de estabilidade em suas vidas e não de alguém como Ed: ele gostava de crianças como conceito, da mesma forma que gostava do subcontinente indiano, ou seja, era bom saber que existia, mas não conhecia nenhuma de suas características e nunca sentira qualquer vontade de passar um tempo lá.

E tudo isso sem levar em conta o fator adicional de que obviamente ele era uma merda em relacionamentos, havia acabado de sair dos dois exemplos mais desastrosos que se poderia imaginar, e a probabilidade de se acertar com outra pessoa com base numa longa viagem de carro que teve início porque ele não conseguira pensar numa maneira de cair fora era mesmo muito pequena.

E, francamente, aquele papo de cavalo fora esquisito.

A esses pontos podiam ser acrescentadas as possibilidades mais loucas que ele deixara de considerar. E se Jess fosse uma psicopata, e aquela coisa toda sobre não querer um relacionamento não passasse apenas de uma forma de enrolá-lo? Apesar de ela não parecer esse tipo de garota, é claro.

Mas Deanna também não parecera.

Ed ficou ali sentado ponderando isso e outras complicações, desejando poder comentar uma única delas com Ronan, até que o céu ficou laranja, depois azul-néon, sua perna adormecera completamente e a sua ressaca, que havia começado a se manifestar como uma vaga pressão nas têmporas, virou uma baita dor de cabeça de esmagar o crânio. Ele tentou não olhar para Jess quando os contornos de seu rosto e de seu corpo embaixo do edredom ficaram nítidos com a claridade que invadia o quarto.

E tentou não sentir saudade de um tempo em que fazer sexo com uma mulher que lhe atraía era apenas fazer sexo com uma mulher que lhe atraía, sem envolver uma série de equações tão complexas e improváveis que, quem sabe, somente Tanzie poderia chegar perto de entendê-las.

— Vamos. Já estamos atrasados — disse Jess ao conduzir Nicky, um zumbi pálido de camiseta, para o carro.

— Não tomei café.

— Isso é porque você não se levantou quando eu mandei. Vamos arranjar alguma coisa para você comer no caminho. Tanzie. Tanzie? O cachorro já foi ao banheiro?

O céu matinal era cor de chumbo e parecia ter baixado até um ponto em volta de suas orelhas. Uma garoa prometia uma chuva mais pesada. Ed estava sentado no banco do motorista enquanto Jess corria de um lado para outro, organizando, ralhando, prometendo, numa atividade furiosa. Ela estava assim desde que ele acordara, atordoado, do que pareceram uns vinte minutos de sono. Ed achava que ela não olhara em seus olhos nem uma vez.

Tanzie acomodou-se calada no banco de trás.

— Você está bem?

Ele bocejou e olhou para a garotinha pelo retrovisor. Ela fez que sim com a cabeça, em silêncio.

— Aflita?

Tanzie não respondeu nada.

— Passou mal?

Ela confirmou com a cabeça.

— Está na moda nesta viagem. Você vai ficar ótima. De verdade.

A menina olhou para o Sr. Nicholls com a cara que ele teria feito para qualquer adulto que tivesse dito a mesma coisa, depois se virou para olhar pela janela, o rosto redondo e pálido.

Ed se perguntou até que horas ela ficara estudando.

— Certo — disse Jess, empurrando Norman para o banco de trás. Ele carregava um cheiro quase avassalador de cachorro molhado. Ela conferiu se Tanzie afivelara o cinto de segurança, sentou-se no banco do carona e, por fim, virou-se para Ed. Sua expressão era indecifrável. — Vamos.

O carro de Ed já não parecia mais seu.

Em apenas três dias, aquele interior creme imaculado adquirira novos aromas e manchas, uma camada fina de pelos de cachorro, suéteres e sapatos que agora viviam nos bancos ou encaixados embaixo deles. O chão fazia barulho quando se pisava em batatas fritas e papéis de bala ali jogados. Ele já não entendia mais a configuração das emissoras no rádio.

Mas alguma coisa aconteceu enquanto ele dirigia a sessenta por hora. O leve sentimento de que deveria, na verdade, estar em outro lugar começara a desaparecer, quase sem que ele se desse conta. Passou a olhar para as pessoas por quem passavam, comprando comida, dirigindo os próprios carros, levando os filhos à escola e buscando-os, todas elas em mundos completamente diferentes do seu, ignorando seu próprio draminha várias centenas de quilômetros ao sul.

Isso fazia tudo aquilo parecer menor, como uma maquete de uma aldeia de problemas em vez de algo que pairava sobre ele.

Apesar do silêncio significativo da mulher ao seu lado, da cara de sono de Nicky no retrovisor (adolescentes não funcionam de verdade antes das

onze da manhã, explicou Tanzie) e das nojentas erupções ocasionais do cachorro, ele foi pouco a pouco percebendo, enquanto se aproximavam do destino, que estava sentindo uma total ausência do alívio que esperava sentir com a perspectiva de ter de volta o seu carro, a sua vida. O que ele sentia era mais complexo. Ed mexeu nos alto-falantes, deixando o som altíssimo nos bancos de trás e temporariamente mudo na frente.

— Você está bem?

— Estou bem — respondeu Jess sem virar o rosto.

Ed olhou para trás, certificando-se de que ninguém podia ouvir.

— Sobre ontem à noite... — começou ele.

— Esqueça.

Ele queria dizer que lamentava. Queria dizer que seu corpo realmente doera com o esforço de não voltar para aquela desconjuntada caminha de solteiro. Mas para quê? Como ela dissera na noite anterior, eles eram duas pessoas que não tinham motivo para se ver de novo.

— Não consigo esquecer. Eu queria explicar...

— Não há o que explicar. Você tinha razão. Foi uma ideia idiota.

Ela se sentou em cima das pernas e se virou para a janela.

— É que a minha vida está tão...

— É sério. Isso não é um problema.

Eu só... — ela suspirou fundo — eu só quero garantir que vamos conseguir chegar à Olimpíada na hora prevista.

— Mas não quero que a gente termine tudo deste jeito.

— Não tem nada para terminar. — Ela colocou os pés no painel. O gesto dava a impressão de ser uma declaração. — Vamos.

— São quantos quilômetros até Aberdeen?

O rosto de Tanzie surgiu entre os bancos da frente.

— Os que ainda faltam?

— Não. De Southampton.

Ed tirou o celular do casaco e entregou-o a ela.

— Procure no aplicativo Mapas.

Ela tocou a tela, a testa franzida.

— Uns novecentos e trinta e três?

— Deve ser.

— Então, como estávamos indo a sessenta quilômetros por hora, tivemos que viajar por pelo menos seis horas por dia. E se eu não ficasse enjoada, poderíamos ter feito isso...

— Num dia. Num estirão.

— Num dia. — Tanzie digeriu aquilo, os olhos direcionados para as montanhas escocesas mais ao longe à frente. — Mas não teríamos nos divertido tanto, não é mesmo?

Ed olhou de soslaio para Jess.

— Não teríamos, não.

Demorou um pouquinho para o olhar de Jess deslizar de volta na direção dele.

— Não, querida — disse ela depois de um tempo. E seu sorriso estava estranhamente pesaroso. — Não teríamos, não.

O carro devorava os quilômetros com elegância e eficiência. Eles cruzaram a fronteira da Escócia, e Ed tentou — mas não conseguiu — comemorar. Pararam uma vez para Tanzie ir ao banheiro, uma vez vinte minutos depois, para Nicky (“Não posso fazer nada. Eu não estava com vontade quando Tanzie precisou ir.”) e três vezes para Norman (duas foram alarmes falsos). Jess permanecia calada ao lado dele, verificando o relógio e roendo as unhas. Nicky olhava meio aturdido para a paisagem deserta, para as poucas casinhas incrustadas nas montanhas ondulantes. Ed se perguntou o que aconteceria com Nicky depois que a viagem terminasse. Ele queria dar mais umas cinquenta sugestões para ajudá-lo, mas tentou imaginar alguém lhe dando ideias quando ele tinha aquela idade e achou que não teria ligado a mínima.

Ficou imaginando como Jess garantiria a proteção do garoto quando voltassem para casa.

O telefone tocou e ele olhou, desanimado.

— Lara.

— Eduardo. Meu bem. Preciso falar com você sobre este apartamento.

Ele percebeu a súbita rigidez de Jess, o movimento rápido do seu olhar.

Desejou, de repente, não ter atendido a ligação.

— Lara, não vou discutir isso agora.

— Não é muito dinheiro. Não para você. Falei com meu advogado e ele diz que para você não seria nada pagar o apartamento.

— Eu já lhe disse, Lara, fizemos um acordo final.

Ed repentinamente teve consciência do profundo silêncio das três

pessoas no carro.

— Eduardo. Meu bem. Preciso resolver isso com você.

— Lara...

Antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, Jess agarrou o celular.

— Alô, Lara — disse ela. — Aqui é Jess. Sinto muito, mas ele não pode pagar mais nada seu, então não adianta mais ligar para ele.

Um breve silêncio. Depois ela explodiu: — Quem está falando?

— Sou a nova mulher dele. Ah, e ele gostaria de ter de volta aquele quadro do camarada Mao. Pode deixar com o advogado dele, quem sabe. Tudo bem?

Quando você puder. Muito obrigada.

O silêncio resultante tinha a mesma essência dos poucos segundos que antecederiam uma explosão atômica. Mas antes que qualquer um deles pudesse ouvir o que aconteceu em seguida, Jess apertou o botão para encerrar a ligação e devolveu-lhe o aparelho. Ele o pegou com cautela e o desligou.

— Obrigado — disse Ed. — Acho.

— De nada.

Jess não olhou para ele ao falar. Ed olhou pelo retrovisor. Não podia ter certeza, porém achou que Nicky estava se esforçando para não rir.

Em algum lugar entre Edimburgo e Dundee, numa estrada estreita e arborizada, eles tiveram que diminuir a velocidade e depois parar para um rebanho de vacas atravessar a pista. Os animais andavam em volta do carro, olhando para os seus ocupantes com uma vaga curiosidade, um mar negro em movimento, olhos se revirando em cabeças pretas e lanosas. Norman também retribuiu o olhar.

— Aberdeen Angus — disse Nicky.

De repente, inesperadamente, Norman se jogou na janela, rosnando e grunhindo. O carro deu um solavanco para o lado, o banco de trás era uma confusão de braços e barulho e um cachorro se contorcendo. Nicky e Jess lutavam para alcançar o bicho.

— Mamãe!

— Norman! Pare!

O cão estava em cima de Tanzie, a cara colada na janela. Ed conseguia

ver a jaqueta cor-de-rosa cintilante da menina se agitando embaixo do animal.

Jess avançou no cachorro por sobre o banco, agarrando-o pela coleira. Eles puxaram Norman da janela, fazendo-o se sentar. Ele gania, estridente e histérico, fazendo força para soltar-se deles, babando o interior do carro inteiro.

— Norman, seu cretino! Que diabo...

— Ele nunca tinha visto uma vaca — disse Tanzie, endireitando-se com esforço.

— Nossa, Norman! — exclamou Nicky com uma careta.

— Você está bem, Tanzie?

— Estou bem.

As vacas continuavam a andar em volta do carro, indiferentes ao acesso de raiva do cachorro. Pelas janelas, que ficaram embaçadas, eles podiam ver o fazendeiro atrás do veículo, seguindo impassível num passo lento, com o mesmo andar pesado dos bovinos sob sua responsabilidade. Ele fez um imperceptível gesto de cabeça ao passar, como se tivesse todo o tempo do mundo. Norman gemia e fazia força, tensionando a coleira.

— Nunca o vi assim. — Jess endireitou o cabelo e bufou. — Vai ver ele sentiu cheiro de carne.

— Eu não sabia que ele era capaz disso — disse Ed.

— Meus óculos. — Tanzie ergueu um pedaço de metal retorcido. — Mamãe, Norman quebrou os meus óculos.

Eram dez e quinze.

— Não consigo enxergar nada sem óculos.

Jess olhou para Ed. *Merda.*

— Tudo bem — disse ele. — Pegue um saco plástico. Vou ter que pisar fundo.

As estradas escocesas eram largas e desertas. E Ed dirigiu tão depressa que o GPS precisou reavaliar várias vezes a previsão até o destino. A cada minuto que ganhavam ele dava mentalmente um soco no ar. Tanzie vomitou duas vezes.

Ele se recusou a parar para deixá-la vomitar na estrada.

— Ela está passando muito mal — avisou Jess.

— Estou bem — dizia Tanzie, a cara enfiada num saco plástico. — De verdade.

— Você não quer parar, querida? Só um minutinho.

— Não. Vamos indo. Bleerg...

Não havia tempo para parar. Não que isso tornasse a viagem mais fácil de aguentar. Nicky se afastara da irmã, tapando o nariz com a mão. Até Norman projetara o máximo possível a cabeça para fora do carro, respirando ar puro.

Ele os levaria até lá. Sentia-se cheio de determinação, como não se sentia havia meses. E, por fim, Aberdeen assomou diante deles, imensos prédios prateados, os arranha-céus estranhamente modernos lançando-se no céu distante. Ele seguiu para o centro, observando quando as estradas se estreitavam e viravam ruas de calçamento de pedra. Passaram pelas docas, os enormes petroleiros à direita, e foi ali que o trânsito ficou lento e a confiança dele começou a desmoronar.

Prosseguiram num silêncio cada vez mais ansioso, Ed inserindo rotas alternativas por Aberdeen que não ofereciam nenhum ganho de tempo. O GPS começava a trabalhar contra ele, somando o tempo que havia subtraído.

Demorariam quinze, dezenove, vinte e dois minutos para chegar ao prédio da universidade. Vinte e cinco minutos. Era tempo demais.

— Por que a lentidão? — perguntou Jess a ninguém em particular. Ela mexia nos botões do rádio, tentando encontrar notícias sobre o trânsito. — Por que está com essa retenção?

— É só o volume de tráfego.

— Essa é uma expressão muito fraca — objetou Nicky. — É claro que um engarrafamento é puro volume de tráfego. Que outro motivo poderia haver?

— Poderia ter havido um acidente — respondeu Tanzie.

— Mas o engarrafamento em si ainda abrangeria o tráfego — ponderou Ed. — Então, tecnicamente, o problema ainda é o mero volume de tráfego.

— Não, o volume de tráfego ficando mais lento é uma coisa completamente diferente.

— Mas o resultado é o mesmo.

— Então é uma descrição imprecisa.

Jess olhou para o GPS.

— Será que podemos simplesmente nos concentrar nisto aqui, gente?

Estamos no lugar certo? Para mim, as docas não ficavam perto da

universidade.

— Temos que atravessar as docas para chegar à universidade.

— Tem certeza?

— Tenho certeza, Jess. — Ed tentou disfarçar a tensão em sua voz. — Olhe para o GPS.

Houve um breve silêncio. Na frente deles, os sinais de trânsito abriram e fecharam duas vezes sem ninguém sair do lugar. Jess, por outro lado, não parava quieta. Remexia-se no banco, olhava em volta para ver se havia alguma rota livre que eles pudessem ter deixado passar. Ele não podia censurá-la. Sentia-se da mesma forma.

— Acho que não vamos ter tempo de comprar óculos novos — murmurou ele para Jess quando o sinal abriu pela quarta vez com eles parados.

— Mas ela não enxerga sem óculos.

— Se procurarmos uma farmácia, não chegaremos lá ao meio-dia.

Ela mordeu o lábio, depois se virou para trás.

— Tanzie? Existe algum jeito de você enxergar com as lentes quebradas?

Qualquer um?

Um rosto pálido e esverdeado emergiu do saco plástico.

— Vou tentar — disse ela.

O tráfego parava e estancava. Eles ficaram calados, a tensão dentro do carro ia aumentando. Quando Norman gemia, eles reclamavam: “Calado, Norman”, em uníssono. Ed sentia a pressão arterial subindo. Por que não tinham saído meia hora antes? Por que ele não havia calculado melhor? O que aconteceria se perdessem a hora? Ele olhou de rabo de olho para Jess batendo nervosamente no joelho e supôs que ela pensava a mesma coisa. Então, por fim, inexplicavelmente, como se os deuses estivessem brincando com eles, o trânsito desafogou.

Ed avançou com o carro pelas ruas de paralelepípedo, com Jess gritando “Vai!

Vai!” e inclinando-se sobre o painel como se fosse um cocheiro conduzindo um cavalo. Ele fazia as curvas com o carro patinando, quase depressa demais para o GPS, que dava as instruções com uma voz entrecortada, e entrou no campus da universidade, seguindo as pequenas placas impressas que haviam sido colocadas aleatoriamente em alguns postes, até encontrar o Prédio Downes, um edifício de escritórios pouco atraente dos

anos 1970 do mesmo granito cinza como tudo ali.

O carro parou cantando pneu numa vaga diante do prédio, e, quando Ed desligou o motor, tudo parou. Ele deu um longo suspiro e olhou o relógio.

Faltavam seis para o meio-dia.

— É aqui? — perguntou Jess olhando para fora.

— É aqui.

De repente, ela pareceu paralisada, como se não conseguisse acreditar que estivessem de fato ali. Desafivelou o cinto e ficou olhando para o estacionamento, para os meninos entrando como se tivessem todo o tempo do mundo, lendo dispositivos eletrônicos, acompanhados por pais de expressão tensa. Todos os garotos usavam uniformes de escolas particulares.

— Pensei que seria... maior — comentou Jess.

— É. Porque matemática avançada tem muito apelo popular — disse Nicky olhando através da garoa fria e cinzenta.

— Não estou enxergando nada — reclamou Tanzie.

— Olhem, vocês entram e se apresentam. Vou arranjar uns óculos para ela — disse Ed.

Jess virou-se para ele.

— Mas não vão estar no grau certo.

— Serão melhores do que nada. Vão indo. *Vão*.

Enquanto saía a toda do estacionamento para voltar ao centro da cidade, Ed a viu olhando para ele.

Foram necessários sete minutos e três tentativas para encontrar uma farmácia grande o suficiente que vendesse óculos de leitura. Ed parou com uma freada tão dramática que Norman foi lançado à frente, batendo a cabeça no ombro de Ed. O cão se acomodou de volta no banco de trás, rosnando.

— Fique aí — ordenou-lhe Ed, e correu para a farmácia.

A loja estava vazia exceto por uma velha carregando uma cesta e duas atendentes falando baixinho. Ele deslizou pelas prateleiras, passando por absorventes internos e escovas de dente, emplastros para calos e presentes de Natal na promoção até, finalmente, encontrar o ponto ao lado do caixa.

Droga. Não se lembrava se ela era míope ou se tinha hipermetropia. Foi pegar o telefone para perguntar, mas então se tocou que não tinha o número

de Jess.

— Porra. Porra. Porra.

Ed ficou ali parado, tentando adivinhar. O grau de Tanzie parecia ser bem forte. Ele nunca a vira sem óculos.

Isso significaria uma probabilidade maior de ela ser hipermetrope? Toda criança tendia a ser hipermetrope, não?

Os adultos é que afastavam as coisas para conseguir enxergar, é claro. Ele hesitou por uns dez segundos e, então, após um momento de indecisão, tirou todos os óculos da prateleira, os de miopia e os de hipermetropia, médios e superfortes, e amontoou-os no balcão.

A moça interrompeu sua conversa com a velha. Olhou para os óculos, depois para ele. Ed a viu notar a baba em sua gola e tentou limpá-la disfarçadamente com a manga. Com isso, só conseguiu lambuzar a lapela.

— Todos. Vou levar todos — disse ele. — Mas só se você conseguir registrar tudo em menos de trinta segundos.

A moça olhou para a supervisora, que lançou um olhar penetrante para Ed, depois autorizou com um gesto de cabeça imperceptível. Sem uma palavra, a vendedora começou a registrá-los cuidadosamente, guardando cada um em uma sacola.

— Não. Não dá tempo. Coloque tudo junto — orientou ele, esticando o braço para jogá-los na sacola de plástico.

— O senhor tem cartão fidelidade?

— Não. Nada de cartão fidelidade.

— Estamos fazendo uma oferta especial hoje de três barrinhas diet pelo preço de duas. Gostaria de...

Ed pegou atabalhoadamente os óculos que haviam caído do balcão.

— Nada de barrinhas diet — disse. — Nada de ofertas. Obrigado. Só preciso pagar.

— São cento e setenta e quatro libras — disse ela, por fim. — Senhor.

Ela olhou para trás, então, como se estivesse esperando a chegada de uma equipe de televisão de um programa de pegadinhas. Mas Ed rabiscou sua assinatura, pegou a sacola e correu para o carro. Ouviu “Sem educação” com um forte sotaque escocês ao sair.

Não havia ninguém no estacionamento quando ele voltou. Parou bem em frente à porta, deixando Norman subir com cansaço para o banco de trás, e entrou correndo no prédio, seguindo pelo corredor com eco.

— Competição de matemática?

Competição de matemática? — gritava para qualquer pessoa por quem passava.

Um homem, sem dizer nada, apontou para uma placa. Ed galgou um lance de escada, subindo os degraus de dois em dois, seguiu por outro corredor e entrou numa antessala. Havia dois homens sentados a uma mesa. Do outro lado da sala estavam Jess e Nicky. Ela deu um passo na direção dele.

— Consegui.

Ed levantou a sacola, triunfante.

Estava tão sem fôlego que mal conseguia falar.

— Tanzie já entrou — disse Jess. — Já começaram.

Ele olhou para o relógio no alto, respirando com dificuldade. Era meio-dia e sete.

— Com licença? — dirigiu-se ao homem à mesa. — Preciso entregar os óculos de uma menina que está aí dentro.

O homem ergueu os olhos devagar e olhou para a sacola que Ed segurava à frente. Ed debruçou-se sobre a mesa, empurrando a sacola para ele.

— Ela quebrou os óculos no caminho para cá. E não enxerga sem eles.

— Sinto muito, senhor. Não posso deixar ninguém entrar agora.

Ed acenou com a cabeça.

— Pode. Pode, sim. Olhe, não estou tentando trapacear nem levar nada escondido lá para dentro. Só não sabia qual era o grau dos óculos dela, então tive que comprar todos. O senhor pode verificá-los. Cada um. Olhe. Nada de códigos secretos. Apenas óculos. — Ele segurava a sacola aberta na sua frente.

— O senhor precisa levar todos lá dentro para que ela possa encontrar um que sirva.

O homem negou com a cabeça.

— Senhor, não podemos deixar que nada perturbe os outros...

— Pode. Você pode, sim. É uma emergência.

— São as regras.

Ed ficou olhando sério para ele por dez segundos. Depois se endireitou, levou a mão à cabeça e começou a se afastar. Sentia uma pressão nova crescendo dentro de si, como uma chaleira trepidando sobre uma chapa quente.

— Sabe de uma coisa? — disse, dando meia-volta. — Levamos três dias

e três noites para chegar aqui. Três dias durante os quais meu belo carro foi todo vomitado e meu estofamento sofreu coisas inomináveis feitas por um cachorro. Eu nem gosto de cachorro.

Dormi dentro do carro com uma pessoa praticamente estranha. Não num bom sentido. Fiquei em lugares que nenhum ser humano racional deveria ter que ficar. Comi uma maçã que foi enfiada dentro da calça apertada de um adolescente e um kebab que, pelo que sei, continha carne humana. Deixei uma crise pessoal gigante em Londres e viajei novecentos e trinta e três quilômetros com pessoas que não conheço, pessoas muito boas, porque até eu pude perceber que esta competição era importantíssima para elas. De uma importância vital. Porque o único interesse dessa garotinha que está aí dentro é matemática. E se ela não receber os óculos que a fazem enxergar, não poderá participar em condições justas dessa competição. E se não puder participar da competição em condições justas, ela perderá a única chance que tem de ir para a escola para a qual precisa muito, muito ir. E se isso acontecer, sabe o que vou fazer? — O homem à mesa ficou olhando fixo. — Vou entrar nessa sua sala, pegar todas as provas de matemática e rasgá-las em pedacinhos. E vou fazer isso muito, muito depressa, antes de você ter chance de chamar os seguranças. E sabe por que vou fazer isso?

O homem engoliu em seco.

— Não.

— Porque esse sacrifício todo tem que ter valido alguma coisa. — Ed voltou para perto do homem e se inclinou na direção dele. — Tem que ter.

Alguma coisa acontecera com o rosto de Ed. Dava para ele perceber, o jeito como parecia ter se retorcido em formas que ele nunca sentira. E no modo como Jess se adiantou delicadamente e pousou a mão em seu braço.

Ela entregou a sacola com os óculos para o homem.

— Nós ficaríamos muitíssimo agradecidos se o senhor levasse os óculos para ela — murmurou Jess.

O homem se levantou, contornou a mesa e se encaminhou para a porta. Sem desviar os olhos de Ed.

— Vou ver o que posso fazer — disse.

E a porta se fechou suavemente quando ele passou.

Eles foram andando de volta para o carro em silêncio, alheios à chuva. Jess tirou as malas do carro. Nicky ficou parado ao lado, as mãos enfiadas nos

bolsos o máximo que conseguia. O que, em vista da sua calça jeans justa, não era muito fundo.

— Bem, conseguimos.

Ela se permitiu um pequeno sorriso.

— Eu disse que conseguiríamos. — Ed fez um aceno de cabeça indicando o carro. — Devo esperar aqui até ela acabar?

Jess franziu o nariz.

— Não. Não precisa. Já atrasamos bastante você.

Ed sentiu seu sorriso murchar um pouco.

— Onde vão dormir hoje à noite?

— Se ela se sair bem, talvez eu pague uma noite para a gente num hotel elegante. Se não... — Ela deu de ombros. — Ponto de ônibus.

O jeito como disse aquilo sugeria que não acreditava nessa hipótese.

Ela deu a volta em direção à porta de trás do carro. Norman, que notara a chuva e decidira não sair, olhou para ela. Jess enfiou a cabeça dentro do carro.

— Norman, está na hora de ir embora.

Havia uma pilha de bolsas no chão molhado na parte de trás do Audi. Ela puxou uma jaqueta de uma delas e a entregou a Nicky.

— Coloque isto, está frio.

O ar tinha um cheiro forte de maresia.

Isso de repente fez Ed pensar no Beachfront.

— Então... é isso?

— É isso. Obrigada pela carona. Eu... nós todos... agradecemos. Os óculos.

Tudo.

Eles se olharam direito pela primeira vez naquele dia, e havia cerca de um bilhão de coisas que Ed queria dizer.

Nicky ergueu a mão sem jeito.

— É, Sr. Nicholls. Obrigado.

— Ah. Aqui. — Ed enfiou a mão no bolso, pegou o celular que tirara do porta-luvas e jogou-o para ele. — É um sobressalente. Eu, hã, não preciso mais dele.

— Jura?

Nicky pegou o telefone com uma das mãos e ficou olhando para o aparelho, incrédulo. Jess franziu o cenho.

— Não podemos aceitar. Você já fez muito por nós.

— Não tem nada de mais. Mesmo. Se Nicky não ficar com ele, terei que mandá-lo para um desses lugares de reciclagem. Você só está me poupando trabalho.

Jess olhou para os pés como se fosse dizer mais alguma coisa. Depois ergueu os olhos e, abruptamente, prendeu o cabelo num rabo de cavalo desnecessário.

— Bem. Mais uma vez, obrigada.

Estendeu a mão para ele. Ed hesitou, depois a cumprimentou, tentando ignorar a súbita lembrança da noite anterior.

— Boa sorte com seu pai. E com o almoço. E com o problema todo do trabalho. Tenho certeza de que vai acabar bem. Lembre-se, coisas boas acontecem. — Quando Jess recolheu a mão, ele teve a estranha sensação de ter perdido algo. Ela se virou e olhou para trás por cima do ombro, já distraída. — Tudo bem. Vamos encontrar um lugar seco para acomodar nossas coisas.

— Espere.

Ed tirou um cartão de visita do bolso do casaco, rabiscou um número e andou até ela.

— Me ligue.

Um dos números estava borrado. Ele a viu olhando para o borrão.

— É um três. — Ele consertou, depois enfiou as mãos nos bolsos, sentindo-se um adolescente sem jeito. — Gostaria de saber como Tanzie vai se sair. Por favor.

Ela assentiu. E depois foi embora, empurrando o garoto à frente como uma pastora particularmente vigilante. Ele ficou observando os dois arrastarem aquelas malas exageradamente grandes e o cachorro teimoso, que bufava de raiva, até eles dobrarem a esquina do prédio de concreto cinza e desaparecerem.

O carro estava em silêncio. Mesmo quando todos seguiam calados, Ed se acostumara com as janelas ligeiramente embaçadas, a vaga sensação de movimento constante criada pelo confinamento num espaço pequeno com outras pessoas. O zunido abafado do painel do video game de Nicky. A agitação constante de Jess. No momento, ele olhava o interior do veículo e tinha a sensação de estar parado numa casa deserta. Reparou nas migalhas e

no miolo de maçã enfiado no cinzeiro de trás, no chocolate derretido, no jornal enfiado no bolso do assento. Em suas roupas úmidas penduradas em cabides de arame nas janelas traseiras. Reparou no caderno de matemática, meio encaixado na lateral do banco, que Tanzie evidentemente não vira na pressa de saltar do carro, e se perguntou se devia levá-lo para ela. Mas para quê?

Era tarde demais.

Era tarde demais.

Ficou sentado no estacionamento, observando os últimos pais se encaminharem para seus carros, fazendo hora enquanto aguardavam os filhos.

Inclinou-se para a frente e descansou a cabeça no volante por um tempo. E então, quando o seu era o único carro que sobrara ali, enfiou a chave na ignição e foi embora.

Ed dirigira uns trinta e cinco quilômetros até perceber como estava cansado. A combinação de três noites maldormidas, uma ressaca e centenas de quilômetros de estrada o acertou como uma bola de demolição, e ele sentiu os olhos se fechando. Ligou o rádio, abriu os vidros, e, quando nem isso funcionou, parou numa lanchonete de beira de estrada para tomar um café.

O lugar estava meio vazio apesar de ser hora do almoço. Havia dois homens de terno sentados em lados diferentes do salão, distraídos com celulares e papéis, e a parede atrás deles exibia dezesseis opções de salsicha, ovos, bacon, fritas e feijão. Ed pegou um jornal no suporte e se encaminhou para uma mesa. Pediu um café à garçonete.

— Sinto muito, senhor, mas a esta hora do dia reservamos as mesas para quem vai comer.

O sotaque dela era tão carregado que ele teve que pensar muito para entender o que a moça dissera.

— Ah. Certo. Bem, eu...

IMPORTANTE EMPRESA DE TECNOLOGIA DO REINO UNIDO É
INVESTIGADA POR USO DE INFORMAÇÕES

Ed ficou encarando a manchete do jornal.

— Senhor?

— Hum?

A pele começou a formigar.

— O senhor tem que pedir alguma coisa para comer. Se quiser se sentar.

— Ah.

A Autoridade para Serviços Financeiros confirmou ontem à noite estar investigando uma empresa de tecnologia de capital aberto do Reino Unido por uso de informações privilegiadas no valor de milhões de libras. A investigação está acontecendo nos dois lados do Atlântico e envolve as bolsas de valores de Londres e de Nova York e o SEC, a organização equivalente nos Estados Unidos à SFA.

Ninguém foi preso até o momento, porém uma fonte da polícia de Londres disse que isso é apenas uma questão de tempo.

— Senhor?

A garçonete teve que repetir duas vezes até que ele a escutasse. Ed ergueu os olhos. A moça era jovem, nariz sardento, o cabelo natural eriçado e afofado numa espécie de coque emaranhado.

— O que gostaria de comer?

— Qualquer coisa. — Sua boca tinha consistência de pó.

Uma pausa.

— Hum. Quer que eu lhe diga quais são as sugestões do dia? Ou alguns dos nossos pratos mais populares?

Apenas uma questão de tempo.

— Servimos o café da manhã Burns durante todo o dia...

— Ótimo.

— E... Quer o café da manhã Burns?

— Quero.

— Com pão branco ou preto?

— Tanto faz.

Ed sentiu que a garçonete o encarava.

Depois, ela anotou alguma coisa, enfiou o bloco cuidadosamente no cós e se afastou. E ele ficou sentado olhando para o jornal na mesa de fórmica. Nas últimas setenta e duas horas, podia ter se sentido como se o mundo inteiro tivesse virado de cabeça para baixo, mas aquilo ali era uma mera amostra do que estava por vir.

— Estou com um cliente.

— Isso não vai demorar nem um minuto. — Ele respirou fundo. — Não vou ao almoço do papai.

Houve um silêncio breve, sinistro.

— Por favor, me diga que não ouvi direito.

— Não posso. Aconteceu uma coisa.

— Uma coisa.

— Depois eu explico.

— Não. Espere. Não desligue.

Ele ouviu o som abafado da mão sobre o bocal. Possivelmente um punho cerrado.

— Sandra, preciso atender essa ligação lá fora. Já volto...

Passos. E depois, como se alguém tivesse aumentado o volume ao máximo: — É sério? Está brincando comigo, porra? É sério?

— Sinto muito.

— Não acredito que estou ouvindo isso. Você faz alguma ideia do duro que a mamãe deu para organizar esse almoço? Faz alguma ideia de como eles estão ansiosos para ver você? Papai se sentou na semana passada e ficou calculando quanto tempo faz que não vê você. Desde dezembro, Ed. São quatro meses. Quatro meses em que ele vem ficando cada vez mais doente e você não fez nada de útil além de mandar a porra de umas revistas para ele.

— Ele disse que gostava da *The New Yorker*. Pensei que isso fosse lhe dar alguma coisa para fazer.

— Ele mal enxerga, Ed. Você saberia disso caso se desse o trabalho de aparecer. E mamãe fica tão entediada lendo aqueles artigos longos que o cérebro dela começa a vaziar pelas orelhas.

A irmã não parava de falar. Parecia que ele tinha no ouvido um secador de cabelo ligado no máximo.

— Ela preparou o seu prato preferido e não o do papai para o almoço do aniversário de casamento deles. Isso mostra quanto ela quer ver você. E agora, vinte e quatro horas antes do evento, você simplesmente anuncia que não poderá ir? Sem explicação? Que merda é essa?

As orelhas de Ed esquentaram mesmo.

Ele ficou ali sentado, fechou os olhos.

Quando os abriu, eram vinte para as duas. Já haviam se passado três quartos da Olimpíada. Ele pensou em Tanzie no salão daquela universidade, a cabeça inclinada sobre as provas, o chão apinhado de óculos desnecessários ao seu redor. Torceu pela menina, para que, confrontada com uma página de números, ela relaxasse e fizesse o que tão claramente nascera para fazer.

Pensou em Nicky rondando por ali, talvez tentando encontrar um lugar para fumar escondido.

Pensou em Jess, sentada em cima de uma mala, o cachorro ao seu lado, as mãos unidas sobre os joelhos como se estivesse rezando, convencida de que, se botasse fé suficiente, coisas boas finalmente aconteceriam.

— Você envergonha a espécie humana, Ed. De verdade.

A voz da irmã estava sufocada pelo choro.

— Eu sei.

— Ah, e não pense que vou contar a eles. Não vou fazer o trabalho sujo por você.

— Gem. Por favor, há um motivo...

— Nem pense nisso. Você quer partir o coração deles, então parta. Mas eu estou fora dessa, Ed. Não consigo acreditar que você seja meu irmão.

Ele engoliu em seco quando ela desligou o telefone. E depois deu um suspiro longo, lento e estremecido. Qual era a diferença? Aquilo era só metade do que todos diriam se soubessem a verdade.

E então foi ali, naquele restaurante meio vazio, sentado numa banquetela vermelha de couro falso e diante de um café da manhã que esfriava lentamente e que ele não queria, que Ed entendeu, por fim, quanto sentia falta do pai. Daria qualquer coisa só para ver aquele gesto de cabeça tranquilizador, observar aquele sorriso de certa forma relutante surgir no rosto dele. Nos quinze anos em que não morava com os pais, ele não sentira falta de casa, mas de repente lhe bateu uma saudade avassaladora. Ficou sentado no restaurante olhando pela janela levemente engordurada para os carros que passavam na estrada, e algo que Ed não conseguia identificar muito bem desabou sobre ele como uma onda enorme. Pela primeira vez em sua vida adulta, incluindo o processo de divórcio, a investigação, o problema com Deanna Lewis, Ed Nicholls viu que estava contendo as lágrimas.

Ele apertou os olhos com as mãos e contraiu a mandíbula até não conseguir pensar em mais nada além da sensação dos dentes trincando.

— Está tudo bem?

Os olhos da jovem garçonete estavam vagamente preocupados, como se

ela estivesse tentando avaliar se aquele homem seria encrenca.

— Ótimo — disse ele. Queria soar tranquilizador, mas sua voz falseou na palavra. Ele acrescentou, quando ela não pareceu convencida: — Enxaqueca.

O semblante da moça relaxou imediatamente.

— Ah, enxaqueca. Lamento. É uma chatice. Tem algum remédio para isso?

Ed negou com a cabeça, sem se sentir seguro para falar.

— Eu sabia que havia alguma coisa errada. — Ela ficou parada diante dele por um instante. — Espere aí.

A moça andou até o balcão, a mão subindo para a parte de trás da cabeça até o lugar em que começava aquele coque elaborado.

Debruçou-se, inclinando-se para alguma coisa que ele não conseguia ver, depois voltou andando devagar. Olhou para trás e em seguida jogou uma cartela metálica com dois comprimidos na mesa.

— Não devo dar comprimidos aos clientes, é óbvio. Mas estes são ótimos.

A única coisa que funciona para mim.

Mas não tome mais café. Piora a enxaqueca. Vou pegar uma água para você.

Ele piscou para ela, depois para os comprimidos.

— Sem problema. Isso não tem perigo nenhum. Só faz a dor de cabeça ir embora.

— É muita gentileza sua.

— Demora uns vinte minutos para fazer efeito. Mas depois... ai! Alívio.

Quando a moça sorria, seu nariz ficava franzido. Havia olhos bondosos embaixo de todo aquele rímel, ele conseguiu ver.

Ela levou embora a caneca de café dele, como se para protegê-lo de si mesmo. Ed se viu pensando em Jess.

Coisas boas acontecem. Às vezes quando menos se espera.

— Obrigado — murmurou.

— De nada.

Foi quando o telefone de Ed tocou. Um ruído ecoou na lanchonete de beira de estrada, e ele olhou para a tela enquanto tirava o som. Não era um número conhecido.

— Sr. Nicholls?

— Sim.

— É Nicky. Nicky Thomas.

Hum.

Sinto muito incomodá-lo. Mas precisamos da sua ajuda.

NICKY

Ficara claro para Nicky que aquilo era uma má ideia desde o momento em que eles pararam no estacionamento. Todas as outras crianças naquele lugar, com exceção de uma ou duas no máximo, eram meninos. Todas eram, pelo menos, dois anos mais velhas do que Tanzie. A maioria aparentava estar inserida em algum ponto da escala de Asperger.

Usavam blazer de lã, o cabelo com um corte ruim, aparelho nos dentes, aquelas camisas típicas de quem era da classe média. Seus pais dirigiam Volvos.

Tanzie, com aquela calça rosa e a jaqueta jeans com as flores de feltro que Jess aplicara, estava tão deslocada como se tivesse caído ali do espaço sideral.

Nicky sabia que Tanzie não se sentia à vontade mesmo antes de Norman ter quebrado seus óculos. Ela foi ficando cada vez mais calada no carro, trancada em seu mundinho de ansiedade e enjoo.

Ele tentara afastá-la disso com um empurrãozinho — o gesto, na verdade, foi um tremendo ato de altruísmo, pois ela cheirava muito mal —, mas, quando chegaram a Aberdeen, ela se recolheu tanto dentro de si mesma que ficou inatingível. Jess estava tão focada em chegar lá que não conseguiu perceber aquilo. Estava toda ocupada com o Sr. Nicholls, os óculos e os sacos de enjoo.

Não considerou nem por um minuto que crianças de escolas particulares podiam ser tão más quanto as da McArthur's.

Jess estava na recepção registrando Tanzie e pegando o crachá e a papelada da filha. Nicky examinava o telefone do Sr. Nicholls e havia ficado de lado com Norman para o cachorro não atrapalhar ninguém, e não prestara muita atenção nos dois garotos que se posicionaram ao lado de Tanzie enquanto ela olhava o mapa da recepção na entrada do corredor. Ele não conseguiu ouvir porque estava com os fones de ouvido, e escutava Depeche Mode sem notar absolutamente nada. Até ver a expressão abatida de Tanzie e tirar um dos fones.

O garoto de aparelho olhava para ela, de cima a baixo, lentamente.

— Você está no lugar certo? Sabe que a convenção das fãs do Justin

Bieber é mais lá para baixo?

O garoto mais magro riu. Tanzie olhou para eles de olhos arregalados.

— Já participou de uma Olimpíada?

— Não — respondeu ela.

— *Que surpresa!* Não posso dizer que muitos participantes olímpicos trazem estojos de pelúcia. Você trouxe seu estojo de pelúcia, James?

— Acho que esqueci o meu. Ih, meu Deus.

— Minha mãe fez este para mim — disse Tanzie com firmeza.

— A sua mãe fez este para você. — Eles se entreolharam. — Este é o seu estojo da sorte?

— Você sabe alguma coisa sobre a teoria das cordas?

— Acho que é mais provável ela saber sobre a teoria da catinga. Ou... ei, James, você está sentindo um cheiro desagradável? De vômito? Acha que alguém está meio nervoso?

Tanzie baixou a cabeça, passou correndo por eles e entrou no banheiro.

— *Aí é o masculino!* — gritaram eles, e caíram na gargalhada.

Nicky pelejara para prender a guia de Norman em uma grade. Os dois garotos iam entrando no corredor principal, e então ele se adiantou e pôs a mão na nuca do Aparelho nos Dentes.

— Ei, garoto. *Ei!*

O garoto girou nos calcanhares. Seus olhos se arregalaram.

Nicky chegou mais perto e sua voz era um sussurro baixo. De repente ficou feliz por estar com um tom esquisito de amarelo na pele e uma cicatriz de um lado do rosto.

— Cara. Uma palavra. Se você falar de novo assim com a minha irmã, com a irmã de qualquer um, volto aqui pessoalmente para amarrar suas pernas numa equação complexa. Entendeu?

O garoto fez que sim, boquiaberto.

Nicky lhe deu o seu melhor Olhar Psicopata Fisher.

Suficientemente demorado para o garoto engolir em seco.

— Não é bom ficar nervoso, é?

O garoto negou com a cabeça. Nicky deu um tapinha no ombro dele.

— Ótimo. Que bom que estamos acertados. Vá fazer as suas contas.

Ele se virou e começou a andar na direção do banheiro. Em seguida, um dos professores se posicionou à sua frente, com a mão levantada e uma expressão interrogativa: — Com licença. Será que acabei de ver você...

— Desejando boa sorte a ele? Claro.

Ótimo garoto. Ótimo garoto.

Nicky fez um aceno de cabeça, como se fosse um gesto de admiração, depois se dirigiu ao banheiro masculino para buscar Tanzie.

Quando Jess e Tanzie saíram do banheiro feminino, a menina tinha a blusa molhada onde a mãe a esfregara com água e sabão, o rosto manchado e pálido.

— Não ligue para um mané desses, Tanzie — disse Nicky, pondo-se de pé.

— Ele só estava tentando desanimar você.

— Qual deles foi? — A expressão de Jess era firme. — Diga, Nicky.

É. Porque se Jess entrasse cuspiendo fogo seria exatamente o início de competição de que Tanzie precisava.

— Hã, acho que eu não saberia reconhecer. De qualquer maneira, resolvi o caso.

De certo modo, ele gostou dessas palavras: *resolvi o caso*.

— Mas não estou enxergando, mamãe.

O que vou fazer se não enxergo?

— O Sr. Nicholls foi arranjar uns óculos para você. Não se preocupe.

— Mas e se ele não arranjar? E se ele nem voltar?

Eu não voltaria, pensou Nicky, *se eu fosse ele*. Tinham estragado o belo carro do Sr. Nicholls. E ele parecia uns dez anos mais velho do que no início da viagem.

— Ele vai voltar — afirmou Jess.

— Sra. Thomas. Precisamos começar.

Sua filha tem trinta segundos para ocupar o lugar dela.

— Olhe, há alguma maneira de podermos atrasar o início uns minutinhos? Nós precisamos muito mesmo arranjar uns óculos para ela. Ela não enxerga sem óculos.

— Não, senhora. Se a menina não estiver no lugar dela em trinta segundos, sinto muito, mas vamos ter que começar sem ela.

— Então posso entrar? Eu poderia ler as questões para ela.

— Mas eu não consigo escrever sem os óculos.

— Então eu escrevo para você.

— Mãe...

Jess sabia que tinha sido derrotada.

Olhou para Nicky e fez um vago gesto de cabeça que dizia: *Não sei o que fazer.*

Nicky se agachou ao lado da irmã.

— Você consegue fazer isso, Tanzie.

Você consegue. É capaz de fazer essa prova com o pé nas costas. Basta segurar o papel bem pertinho dos olhos e ir com calma.

Ela olhava às cegas para dentro da sala. Para além da porta, os estudantes seguiam num passo moroso para ocupar seus lugares, arrastando as cadeiras sob as mesas, arrumando os lápis à frente.

— Assim que o Sr. Nicholls chegar, levaremos os óculos lá para você — concluiu ele.

— De verdade. Pode entrar e fazer o melhor que puder e nós vamos ficar aqui esperando. Norman ficará bem ali do outro lado da parede. Vamos estar todos aqui. E depois vamos almoçar. Não há nada com o que se estressar.

A mulher com a prancheta se aproximou.

— Você vai participar da competição, Costanza?

— O nome dela é Tanzie — disse Nicky.

A mulher pareceu não ouvir. Tanzie fez que sim com a cabeça em silêncio e deixou-se conduzir a uma mesa. Parecia muito pequenininha.

— Você é capaz de fazer isso, Tanzie!

— A voz brotou de repente de dentro dele, ecoando nas paredes do corredor, fazendo o homem no fundo dar um muxoxo. — Manda ver, Pinguinho!

— Ah, pelo amor de Deus — resmungou alguém.

— Manda ver! — gritou Nicky outra vez, e Jess, em choque, olhou para ele.

Foi quando uma campainha tocou, a porta se fechou na frente deles com um baque maciço, e restaram somente Nicky, Jess e Norman do outro lado, com umas horinhas para matar.

— Tudo bem — disse Jess quando, por fim, conseguiu desviar os olhos da porta. Enfiou as mãos nos bolsos, retirou-as em seguida, endireitou o cabelo e suspirou. — Tudo bem.

— Ele vem — disse Nicky, que de repente não tinha absoluta certeza de que ele viria.

— Eu sei disso.

O silêncio que se seguiu foi tão longo que eles foram obrigados a sorrir sem jeito um para o outro. O corredor se esvaziou aos poucos, exceto por um organizador, que falava sozinho enquanto corria o lápis por uma lista de nomes.

— Provavelmente está preso no trânsito. Estava bem ruim.

Nicky imaginava Tanzie do outro lado da porta, apertando os olhos para as provas, olhando em volta à procura da ajuda que não viria. Jess ergueu os olhos para o teto, xingou baixinho, depois fez e refez um rabo de cavalo. Nicky presumia que ela estava imaginando a mesma coisa.

Foi quando se ouviu ao longe uma agitação, e o Sr. Nicholls surgiu a toda pelo corredor como um louco, segurando no alto um saco plástico que dava a impressão de estar cheio de óculos. E enquanto ele avançava em direção à mesa e começava a discutir com o organizador — o tipo de discussão iniciada por quem sabe que não há no mundo qualquer hipótese de perdê-la —, o alívio que Nicky sentiu foi tão avassalador que ele teve que ir para fora, encostar-se na parede, e baixar a cabeça até a altura dos joelhos até a respiração não ameaçar mais se transformar num enorme soluço.

Foi estranho dar adeus ao Sr. Nicholls.

Eles ficaram parados ao lado do carro dele na garoa, e Jess estava agindo como se dissesse *não estou nem aí*, embora obviamente estivesse. E Nicky queria muito agradecer a ele pelo lance do hacker, por levá-los de carro até ali e por ter sido, sabe, estranhamente decente, mas então o Sr. Nicholls lhe deu seu celular sobressalente e tudo o que saiu foi um “obrigado” sufocado. E depois acabou. Ele e Jess estavam atravessando o estacionamento do campus com Norman, fingindo não ouvir o carro do Sr. Nicholls se afastar.

Eles pararam ao lado do corredor, e Jess guardou as malas no guarda-volumes. Então, virou-se para Nicky e tirou um fiapo inexistente do seu ombro.

— Bem — disse. — Vamos levar este cachorro para dar uma volta?

Era verdade que Nicky não falava muito.

Não que não tivesse coisas para dizer.

Só não havia ninguém a quem dizê-las.

Desde que fora morar com o pai e Jess, aos oito anos, as pessoas queriam fazê-

lo falar dos seus “sentimentos”, como se eles fossem uma grande mochila que Nicky pudesse simplesmente arrastar por aí e abrir para todo mundo examinar o conteúdo. Mas na metade do tempo ele nem sabia o que pensava. Não tinha opiniões sobre política ou economia nem sobre o que lhe acontecia. Não tinha sequer uma opinião sobre sua mãe verdadeira. Ela era uma viciada.

Gostava mais das drogas do que dele. O que mais havia a dizer?

Nicky foi na psicóloga por um tempo, como as

assistentes sociais recomendaram. A mulher parecia querer que ele ficasse furioso com o que lhe havia acontecido. O garoto lhe dissera que não estava zangado, pois entendia que a mãe não podia tomar conta dele.

Não era como se fosse uma rejeição pessoal. Se ele fosse qualquer outra criança, ela o teria rejeitado do mesmo jeito. Ela era apenas... triste. Ele a vira tão pouco quando era pequeno que nem sentia realmente que ela tivesse alguma ligação com ele.

Mas a psicóloga ficava dizendo: “Você tem que botar isso para fora, Nicholas.

Não é bom para você internalizar o que lhe aconteceu.” Ela lhe deu dois bichinhos de pelúcia e queria que ele representasse: “Mostre como o abandono da sua mãe fez você se sentir.”

Nicky não gostou de lhe dizer que era a ideia de ter que ficar sentado em sua sala brincando com bichinhos e sendo chamado de Nicholas que o fazia se sentir destrutivo. Ele não era uma pessoa particularmente zangada. Não com sua verdadeira mãe, nem mesmo com Jason Fisher, embora não esperasse que alguém entendesse. Fisher era só um idiota que não tinha capacidade intelectual para fazer nada mais além de agredir. No fundo, Fisher sabia que não tinha nada, que nunca seria nada. Ele era uma fraude, e ninguém gostava dele, não de verdade. Então externava tudo isso, transferia seus sentimentos ruins para a pessoa mais próxima disponível. (Viu?

A psicóloga teve alguma utilidade.) Então, quando Jessica disse que eles iriam dar uma volta, uma partezinha de Nicky ficou preocupada. Ele não queria iniciar uma longa conversa sobre seus sentimentos. Não desejava discutir nada daquilo. Estava todo preparado para rechaçar o assunto, e foi quando ela coçou um pouco a cabeça e disse: — Sou só eu ou está meio

estranho sem o Sr. Nicholls?

Foi sobre isto que eles falaram: A beleza inesperada de alguns prédios de Aberdeen.

O cachorro.

Se algum deles havia trazido sacos plásticos para o cachorro.

Qual deles ia chutar aquela coisa para baixo de um carro estacionado para ninguém pisar nela.

A melhor maneira de limpar a ponta do sapato na grama.

Se era mesmo possível limpar a ponta do sapato na grama.

O rosto de Nicky, questionando: estava doendo? (Resposta: não, não mais.) Outras partes dele, questionando: doíam? (Não, não, e um pouco, mas estava melhorando.) A calça jeans dele, questionando: por que ele não suspendia a calça para não andar sempre com a cueca aparecendo?

A razão pela qual a cueca dele era, na verdade, assunto dele.

Se eles deviam contar ao pai sobre o Rolls-Royce. Nicky disse-lhe que deviam fingir que o carro havia sido roubado. O que ele saberia? E seria bem feito para ele. Mas Jess afirmou que não podia mentir porque não seria justo. E depois ela ficou calada por um tempo.

Será que ele estava bem? Sentia-se melhor longe de casa? Estava preocupado em voltar para casa? Foi quando Nicky parou de falar e começou a dar de ombros. O que havia a dizer?

Foi sobre isto que eles não falaram: Como seria se eles voltassem mesmo para casa com cinco mil libras.

Caso Tanzie fosse para aquela escola e ele largasse os estudos antes do fim do ensino médio, se Jess iria querer que ele buscasse a irmã na St. Anne's todos os dias.

A comida para viagem que eles sem dúvida comprariam naquela noite para comemorar. Possivelmente, não um kebab.

Que Jess estava congelando a olhos vistos, ainda que insistisse que estava bem. E que todos os pelinhos do seu braço estivessem arrepiados.

O Sr. Nicholls. Mais especificamente, onde Jess havia de fato dormido

na noite anterior. E por que eles ficaram se olhando de modo furtivo como dois adolescentes a manhã inteira, mesmo quando estavam bravos um com o outro.

Nicky realmente achava que às vezes ela pensava que eles eram todos idiotas.

Mas até que foi bom, o lance da conversa. Ele pensou até que poderia fazer aquilo mais vezes.

Eles estavam esperando do lado de fora quando, por fim, as portas foram abertas às duas horas. Tanzie saiu na primeira leva, o estojo de pelúcia agarrado à frente, e Jess abriu os braços, toda preparada para comemorar.

— Então? Como foi?

A menina olhou para eles fixamente.

— Gabaritou, Pinguinho? — perguntou Nicky, sorrindo.

E então, bruscamente, o rosto de Tanzie se contorceu. Eles ficaram paralisados, depois Jess se inclinou e puxou-a para perto, talvez para esconder o choque em seu rosto, Nicky passou do outro lado o braço em volta do de Tanzie e Norman sentou-se nos pés dela.

Enquanto as outras crianças passavam apressadas, ela lhes contou o que havia acontecido, entre soluços abafados.

— Perdi a primeira meia hora inteira.

E não entendi um pouco o sotaque deles.

E não enxergava direito. E fiquei muito nervosa, olhando para minha prova, e aí, quando recebi os óculos, levei um tempão para encontrar um que me servisse e, então, nem consegui entender a primeira questão.

Jess examinou o corredor em busca dos organizadores.

— Vou falar com eles. Vou explicar o que aconteceu. Quer dizer, você não estava enxergando. Isso tem que contar alguma coisa. Talvez a gente possa fazer com que eles ajustem as notas levando isso em conta.

— Não. Não quero que você fale com eles. Não entendi a primeira questão, mesmo quando peguei os óculos que me serviam. Não consegui fazer o problema dar certo do jeito que eles disseram que daria.

— Mas talvez...

— Estraguei tudo — gemeu Tanzie. — Não quero mais falar sobre isso. Só quero ir embora.

— Você não estragou nada, querida.

De verdade. Você fez o melhor que podia. É só isso que importa.

— Não é nada. Porque não posso ir para a St. Anne's sem o dinheiro.

— Bem, deve haver... Não se preocupe, Tanzie. Vou dar um jeito.

Foi o sorriso menos convincente que a mãe já dera. E Tanzie não era burra.

Chorou, desconsolada. Nicky nunca a tinha visto daquele jeito. Aquilo também lhe deu vontade de chorar um pouco.

— Vamos para casa — disse quando a cena ficou insuportável.

Mas suas palavras fizeram Tanzie chorar mais ainda.

Jess olhou para ele, a expressão completamente perdida, e era como se estivesse lhe perguntando: *Nicky, o que devo fazer?* E o fato de que naquele momento nem Jess sabia como agir lhe deu a sensação de que algo tinha dado errado com o mundo. Então ele pensou: *Quem dera Jess não tivesse confiscado a minha parada.* Nunca achou que precisaria tanto de um baseado na vida.

Eles esperaram no corredor enquanto os outros competidores se retiravam para os carros com os pais, e então, inesperadamente, Nicky se deu conta de que estava furioso, sim. Estava furioso com os garotos idiotas que haviam feito sua irmã perder o foco. Estava furioso com a competição idiota de matemática e suas regras que não podiam ser nem um pouquinho flexibilizadas para uma garotinha que não conseguia enxergar.

Estava furioso por eles terem vindo do outro extremo, atravessado um país inteiro, só para falhar de novo. Como se não houvesse nada que aquela família pudesse fazer que desse certo.

Absolutamente nada.

Quando o corredor finalmente esvaziou, Jess enfiou a mão no bolso de trás e pegou um pequeno cartão retangular. Jogou-o para Nicky.

— Ligue para o Sr. Nicholls.

— Mas a esta altura ele já deve estar na metade do caminho de volta. E o que ele pode fazer?

Jess mordeu o lábio. Virou-se um pouco para o outro lado, depois tornou a se voltar para ele.

— Ele pode nos levar para a casa do Marty.

Nicky ficou olhando para ela.

— Por favor. Sei que é estranho, mas não consigo pensar em mais nada para fazer. Tanzie precisa de alguma coisa que a coloque para cima de novo.

Ela precisa ver o pai.

O Sr. Nicholls estava de volta em meia hora. Tinha parado ali pertinho na estrada, disse, para comer alguma coisa.

Nicky achou depois que, se estivesse pensando com mais clareza, poderia ter se perguntado por que o Sr. Nicholls não fora mais longe e demorara tanto para fazer um lanche. Mas estava muito ocupado discutindo com Jess, a alguns passos do carro.

— Sei que você não quer ver seu pai, mas...

— Eu não vou — avisou Nicky.

— Tanzie precisa disso.

O rosto de Jess tinha aquela expressão determinada que fazia o outro perceber que ela estava explicando que levava em conta os sentimentos dele, porém que, de fato, o levaria a fazer o que ela achava que ele devia fazer.

— Isso não vai melhorar nada.

— Para você, talvez não. Olhe, Nicky, sei que você tem sentimentos contraditórios em relação ao seu pai neste momento, e não o culpo. Sei que tem sido uma época muito confusa...

— Não estou confuso.

— Tanzie está muito infeliz. Precisa de alguma coisa que levante o moral dela.

E Marty não está tão longe. — Jess estendeu a mão e tocou no braço dele.

— Olhe, se você não quiser mesmo vê-

lo quando chegar lá, pode ficar no carro, está bem? Sinto muito — disse ela, quando ele não falou nada. — Eu também não estou exatamente desesperada para vê-lo.

Mas precisamos fazer isso, sim.

O que ele poderia lhe dizer? O que poderia lhe dizer que ela fosse acreditar? E Nicky achava que ainda havia cinco por cento dele se perguntando se quem estava errado era mesmo ele.

Jess voltou para o Sr. Nicholls, que ficara encostado no carro, observando.

Tanzie estava sentada quieta lá dentro.

— Por favor. Será que você nos daria uma carona para a casa do Marty?

Da mãe dele, quero dizer. Desculpe. Sei que já deve estar farto de nós, e fomos um porre, mas... não tenho mais ninguém a quem pedir. Tanzie... ela precisa do pai.

Seja lá o que eu... nós pensemos dele, ela precisa ver o pai. Fica só a umas horinhas daqui. — Ele olhou para ela.

— Tudo bem — continuou Jess —, talvez mais se tivermos que ir devagar.

Mas por favor... preciso reverter isso.

Preciso reverter isso.

O Sr. Nicholls deu um passo para o lado e abriu a porta do carona. Abaixou-se um pouco para poder sorrir para Tanzie.

— Vamos.

Todos pareceram aliviados. Mas era uma má ideia. Uma péssima ideia. Se ao menos eles tivessem lhe perguntado sobre o papel de parede, Nicky poderia ter dito por quê.

JESS

A última vez que Jess vira Maria Costanza fora no dia em que levara Marty até lá na van do irmão de Liam.

Marty tinha passado os últimos cento e sessenta quilômetros para Glasgow dormindo embaixo de um edredom e, enquanto Jess estava em pé na impecável sala da sogra tentando explicar o colapso nervoso de seu filho, a mulher a olhava como se Jess tivesse pessoalmente tentado matá-lo.

Maria Costanza nunca gostara da nora.

Achava que o filho merecia algo melhor do que uma colegial de dezesseis anos de cabelo pintado em casa e unhas cintilantes, e nada que Jess fez desde então mudou a opinião desfavorável de Maria a seu respeito. Ela achava peculiar o que Jess fizera com a casa.

Considerava deliberadamente excêntrico o fato de a própria nora fazer a maioria das roupas das crianças. Nunca lhe ocorreu perguntar por que ela costurava as roupas dos filhos nem por que não podiam pagar um decorador. Ou por que era Jess que acabava embaixo da pia, lutando com o cano, quando a água transbordava.

Jess havia tentado. Havia mesmo. Era educada, não falava palavrões. Era fiel a Marty. Gerou o bebê mais incrível do mundo e o manteve asseado, alimentado e alegre. Jess levou cinco anos para entender que o problema não era ela.

Maria Costanza era apenas uma pessoa de mal com a vida. Jess não sabia ao certo se já a vira sorrir espontaneamente a menos que fosse para fazer uma fofoca sobre uma de suas amigas ou vizinhas, como um pneu furado ou uma doença terminal, quem sabe.

Jess tentara ligar para ela duas vezes do telefone do Sr. Nicholls, mas ninguém atendera.

— Vovó ainda deve estar no trabalho — disse ela a Tanzie, desligando.
— Ou talvez eles tenham ido ver o novo bebê.

— Você ainda quer que eu vá para lá?

— perguntou o Sr. Nicholls, olhando para ela.

— Por favor. Tenho certeza de que eles vão estar em casa quando chegarmos. Ela nunca sai à noite.

O olhar de Nicky encontrou o dela no retrovisor e desviou. Jess não o censurava por ser negativo. Se a reação de Maria Costanza a Tanzie havia sido morna, sua descoberta de que tinha um neto de cuja existência nem sabia foi recebida com o mesmo entusiasmo que teria manifestado se eles anunciassem um caso de sarna na família. Jess não sabia se a sogra se sentia ofendida pelo fato de o menino ter existido por tanto tempo sem o seu conhecimento ou se sua inabilidade de explicá-lo sem mencionar ilegitimidade nem o envolvimento do próprio filho com uma viciada significava que ela considerava mais fácil ignorá-lo completamente.

— Ansiosa para ver o papai, Tanzie?

Jess virou-se para trás. A menina estava apoiada em Norman, a expressão séria e exausta. Deslizou os olhos para a mãe e lhe fez o mais imperceptível aceno de cabeça afirmativo.

— Vai ser ótimo ver o papai. E a vovó — comentou Jess animadamente.
— Não sei bem por que não pensamos nisso antes.

Eles seguiram em silêncio. Tanzie cochilou, encostada no cachorro. Nicky ficou observando o céu escurecer. Jess não teve vontade de pôr uma música para tocar. Não se atrevia a deixar as crianças verem como ela se sentia em relação ao que havia acontecido em Aberdeen. Não podia se permitir pensar naquilo. *Uma coisa de cada vez*, disse a si mesma. *Primeiro Tanzie tem que se recuperar. Depois vejo o que vou fazer.*

— Você está bem? — perguntou o Sr. Nicholls.

— Ótima. — Ela percebeu que ele não acreditou. — Tanzie vai se sentir melhor quando vir o pai. Eu sei.

— Ela poderia participar de outra Olimpíada no ano que vem. Vai saber o que esperar então.

Jess tentou sorrir.

— Sr. Nicholls. Isso suspeitosamente soa a otimismo.

Ele se virou para ela com um olhar cheio de solidariedade.

Era um alívio para Jess estar de novo no carro dele. Ela começara a se sentir estranhamente segura ali, como se nada de muito ruim pudesse acontecer enquanto estivessem todos lá dentro.

Imaginou estar na sala da pequena casa de Costanza, tentando explicar os acontecimentos que os haviam levado até lá. Imaginou o rosto de Marty quando ela lhe contasse sobre o Rolls-Royce.

Visualizou todos eles esperando num ponto de ônibus no dia seguinte, o primeiro estágio de uma interminável viagem para casa.

Perguntou rapidamente a si mesma se poderia pedir ao Sr. Nicholls que cuidasse de Norman até eles voltarem. Pensar nisso a fez lembrar-se de quanto custara aquela aventura toda e ela desconsiderou a ideia. Uma coisa de cada vez.

E depois deve ter cochilado, porque alguém tocara no seu braço.

— Jess?

— Hum?

— Jess? Acho que chegamos. O GPS diz que este é o endereço dela. Parece o lugar certo?

Ela se endireitou, estalando o pescoço.

As janelas da casinha branca geminada olhavam para ela sem piscar. Sentiu um nó no estômago por reflexo.

— Que horas são?

— Quase sete. — Ele esperou enquanto ela esfregava os olhos. — Bem, a luz está acesa — observou. — Acho que estão em casa.

Ed se virou para o lado enquanto ela se endireitava.

— Ei, crianças, chegamos. Hora de ver o pai de vocês.

A mão de Tanzie apertava firme a de Jess enquanto elas se encaminhavam para a porta. Nicky se recusara a sair do carro, dizendo que ficaria esperando com o Sr. Nicholls. Jess decidira deixar Tanzie entrar primeiro e depois voltaria para argumentar com o garoto.

— Está animada?

Tanzie concordou com a cabeça, sua carinha de repente esperançosa, e, apenas por um breve instante, Jess sentiu que havia feito a coisa certa. Eles salvariam algo daquela viagem, mesmo se isso a matasse. Seus problemas com Marty poderiam ser resolvidos depois.

Nos degraus da frente havia dois pequenos barris novos, cheios de uma flor roxa que Jess não reconheceu. Ela ajeitou a jaqueta, afastou o cabelo do rosto de Tanzie, inclinou-se para a frente, limpou um pedacinho de alguma coisa do canto da boca da menina e depois tocou a campainha.

Maria Costanza viu Tanzie primeiro.

Olhou para ela e, em seguida, para Jess, e várias expressões não completamente identificáveis passaram-lhe depressa pelo rosto. Jess respondeu a elas com o seu sorriso mais alegre.

— Oi, Maria. Nós, hã, estávamos por perto, e achei que não podíamos passar sem ver Marty. E você.

Maria Costanza ficou olhando para ela.

— Tentamos ligar — prosseguiu Jess, a voz cantada e estranha aos seus ouvidos. — Algumas vezes. Eu teria deixado recado, mas...

— Oi, vovó.

Tanzie correu e se jogou na cintura da avó. A mão de Maria Costanza baixou e ela deixou-a pousar sem firmeza nas costas da neta. Ela escurecera o cabelo um pouquinho demais, notou Jess distraidamente. Maria Costanza ficou assim por um instante, depois olhou para o carro, de onde Nicky olhava impassível pelo vidro de trás.

Nossa, será que manifestar algum entusiasmo, só uma vez, mataria você?, pensou Jess.

— Nicky já vem — disse ela, mantendo firmemente o sorriso. — Acabou de acordar. Eu... estou dando um tempinho para ele.

Elas ficaram paradas e se encararam, aguardando.

— Então... — começou Jess.

— Ele... ele não está aqui — disse Maria Costanza.

— Está no trabalho? — Jess soou mais ansiosa do que pretendia. — Quer dizer... é ótimo que ele esteja se sentindo suficientemente bem para trabalhar.

— Ele não está aqui, Jessica.

— Está doente?

Ai, meu Deus, pensou ela. Aconteceu alguma coisa. E foi quando ela viu. Uma emoção que não tinha certeza de já ter visto no rosto de Costanza. Constrangimento.

Jess observou-a tentando disfarçar o embaraço.

— Então, onde ele está?

— Você... acho que você deveria falar com ele.

Maria Costanza levou a mão à boca, como se para se impedir de falar mais, depois se soltou delicadamente da neta.

— Espere aí. Vou pegar para você o endereço dele.

— O endereço dele?

Ela deixou Tanzie e Jess em pé no umbral e desapareceu no pequeno vestíbulo, encostando a porta ao passar.

Tanzie ergueu os olhos com uma expressão de incredulidade. Jess sorriu para tranquilizá-la. Não era tão fácil como já havia sido.

A porta tornou a se abrir. Maria entregou um pedaço de papel à nora.

— Fica a uma hora daqui, talvez uma hora e meia, dependendo do

trânsito.

Jess registrou a cara sisuda da sogra, depois olhou para o pequeno vestíbulo atrás dela, onde nada havia mudado nos quinze anos em que a conhecia.

Absolutamente nada. E, lá dentro da cabeça de Jess, um sininho começou a tocar.

— Tudo bem — disse. E já não estava mais sorrindo.

Maria Costanza não conseguiu continuar olhando-a nos olhos. Parou, então, e encostou a mão no rosto de Tanzie.

— Volte logo para ficar com a sua *nonna*, sim? — Olhou para Jess. — Você traz esta menina de volta? Já faz muito tempo.

Aquele olhar de pedinte, de fingimento perceptível, era mais enervante do que quase tudo que Maria Costanza já fizera ao longo dos anos de relacionamento das duas.

Jess puxou Tanzie para o carro.

O Sr. Nicholls ergueu os olhos. Não falou nada.

— Aqui. — Jess lhe entregou o papel.

— Precisamos ir lá.

Sem dizer uma palavra, ele começou a inserir o código postal no GPS. O coração dela palpitava. Ela olhou para o retrovisor.

— Você sabia — afirmou quando Tanzie finalmente colocou os fones no ouvido.

Nicky puxou a franja, olhando para a casa da avó.

— Foi nas últimas vezes em que falamos com ele pelo Skype. Vovó nunca teria aquele papel de parede.

Ela não lhe perguntou onde Marty estava. Pois ela mesma achava que provavelmente já fazia ideia.

A hora de viagem foi feita em silêncio.

Jess não conseguia falar. Um milhão de possibilidades lhe passavam pela cabeça. De vez em quando, observava Nicky pelo retrovisor. Estava de cara fechada, virado com determinação para o acostamento. Ela começou a

reconsiderar lentamente a relutância do garoto em ir lá, até em falar com o pai nos últimos meses, analisando isso sob outra luz.

Eles atravessaram a área rural sombria até a periferia de uma nova cidade e um loteamento de casas novinhas em folha, dispostas em curvas amplas e seguras, com carros novos reluzindo na entrada, como declarações de intenção. O Sr. Nicholls parou no Castle Court, onde quatro cerejeiras se postavam como sentinelas ao longo da calçada sobre a qual ela desconfiava que ninguém nunca andava. A casa parecia recém-construída, as janelas no estilo regência cintilavam, o telhado de ardósia brilhava na garoa.

Ela olhou para a casa.

— Tudo bem? — Estas foram as duas únicas palavras que o Sr. Nicholls pronunciou durante toda a viagem.

— Esperem aqui um minuto, crianças — disse Jess, e saltou do carro.

Andou até a porta de entrada, conferiu outra vez o endereço no pedaço de papel, depois bateu com a aldrava de latão. Do lado de dentro, ouviu o barulho de uma televisão e viu a sombra de uma pessoa andando sob uma luz forte.

Ela tornou a bater. Mal sentia a chuva.

Passos no vestíbulo. A porta se abriu e uma loura postou-se à sua frente. Usava um vestido de lã vermelho e um escarpim combinando, e seu cabelo tinha um daqueles cortes que uma mulher usa quando trabalha em loja ou banco, mas não quer passar a impressão de ter desistido completamente da ideia de ser roqueira.

— Marty está? — perguntou Jess.

A mulher fez menção de falar, depois olhou Jess de cima a baixo, para a sua sandália de dedo, para a sua calça branca amassada e, nos vários segundos que se seguiram, pelo leve endurecimento do seu semblante, Jess percebeu que a mulher sabia quem ela era.

— Espere aí — disse.

A porta encostou e Jess ouviu-a gritar no corredor estreito.

— Mart? Mart?

Mart.

Ela ouviu a voz dele, abafada, rindo, falando alguma coisa acima do volume da televisão. Em seguida, a voz da mulher ficou mais baixa. Jess via os vultos deles atrás dos painéis de vidro pontilhado. Então a porta se abriu e ele estava ali de pé.

Marty deixara o cabelo crescer. Tinha uma franja comprida caída,

cuidadosamente jogada para o lado que nem um adolescente. Usava uma calça jeans que Jess não reconhecia, bem escura, e havia perdido peso. Parecia um estranho. E ficara muito, muito pálido.

— Jess. — Ela não conseguiu falar.

Ficaram se entreolhando. Ele engoliu em seco. — Eu ia contar.

Até aquele momento, uma parte dela se recusara a acreditar que pudesse ser verdade. Até então, Jess pensara que devia haver um erro enorme, que Marty estava hospedado na casa de um amigo ou doente de novo, e Maria Costanza, com seu orgulho equivocados, simplesmente não conseguia admitir isso. Mas não havia como interpretar equivocadamente o que estava na sua frente.

Ela custou um pouco a encontrar a voz.

— É aqui? É aqui... que você está morando?

Jess recuou trôpega, vendo o impecável jardim da frente, a sala, apenas visível pela janela. Seu quadril bateu num carro na entrada de veículos e ela estendeu a mão em busca de apoio.

— Esse tempo todo? A gente está cortando um dobrado há dois anos só para não morrer de frio nem de fome e você está aqui com uma casa de alto padrão e um... Toyota novinho em folha?

Marty virou-se sem jeito para trás.

— Precisamos conversar, Jess.

Foi quando ela viu o papel de parede na sala de jantar. A listra grossa. E tudo se encaixou. A insistência dele para que só falassem em horários preestabelecidos. A ausência de um telefone fixo. A garantia de Maria Costanza de que ele estava dormindo sempre que Jess ligava fora da hora de costume.

Sua determinação em despachar a nora do telefone o mais depressa possível.

— Precisamos conversar? — Jess estava meio que rindo. — Sim, vamos conversar, Marty. Que tal se eu falar?

Durante dois anos não exigiu nada de você, nem dinheiro, nem tempo, nem assistência às crianças, nem qualquer tipo de ajuda. Porque achava que você estava doente. Eu achava que você estava deprimido, que estava morando com a sua *mãe*.

— Eu *estava* morando com a minha mãe.

— Até quando?

Ele contraiu os lábios.

— Até quando, Marty? — A sua voz era estridente.

— Quinze meses.

— Você ficou com a sua mãe por quinze meses?

Ele baixou os olhos.

— Você está aqui há quinze meses?

Está aqui há mais de um ano?

— Eu queria lhe contar. Mas sabia que você iria...

— O quê? Fazer um escândalo?

Porque você está aqui levando uma vida de luxo enquanto a sua mulher e os seus filhos estão em casa tentando desesperadamente sobreviver na merda que você deixou para trás?

— Jess...

A porta se abriu bruscamente, fazendo-a se calar por um instante. Atrás de Marty apareceu uma garotinha loura de moletom Hollister e tênis Converse, a cabeleira mais parecendo um manto. A menina puxou a manga dele.

— É o seu programa, Marty — começou ela, mas então viu Jess e parou.

— Vá ficar com a sua mãe, querida — disse ele baixinho, olhando de rabo de olho. Pousou a mão delicadamente no ombro da garota. — Vou terminar aqui em um minuto.

A menina olhou para Jess desconfiada.

Tinha a mesma idade de Tanzie.

— Vá.

Marty puxou a porta atrás de si. E foi nesse momento que Jess realmente sentiu o golpe.

— Ela... ela tem *filhos*?

Ele engoliu em seco.

— Dois.

Jess levou as mãos ao rosto e depois ao cabelo. Deu meia-volta e andou às cegas pelo caminho.

— Ai, meu Deus. Ai, meu Deus.

— Jess, eu nunca tive a intenção de...

Ela girou nos calcanhares e voou para cima dele. Queria arrebentar sua cara idiota e o seu corte de cabelo caro.

Queria que ele soubesse o sofrimento pelo qual fizera os filhos passar. Queria que ele pagasse. Ele se esquivou atrás do carro, e, quase sem saber o que fazia, Jess se viu chutando o veículo, aquelas rodas grandes demais,

aquela lataria brilhante, aquele carro idiota todo branquinho e imaculado.

— Você mentiu! Mentiu para todos nós! E eu estava tentando proteger você!

Não posso acreditar... não posso...

Ela deu um chute e sentiu uma leve satisfação quando a chapa cedeu, mesmo tendo feito seu pé doer. Chutou mais algumas vezes, sem se importar, socando os vidros continuamente.

— Jess! O carro! Você está louca, porra?

Ela socava aquele carro porque não podia socar o dono dele. Batia com as mãos e os pés, sem ligar, soluçando furiosamente, ouvindo a própria respiração rouca. E quando ele a arrancou dali, enfiando-se entra ela e o carro, agarrando-a com firmeza pelos braços, Jess receou por um instante que a sua vida tivesse fugido completamente do controle. E depois ela olhou em seus olhos, em seus olhos de covarde, e ouviu um zumbido alto na cabeça.

Queria acabar com...

— Jess.

O braço do Sr. Nicholls estava em volta de sua cintura, puxando-a para trás.

— Me largue!

— As crianças estão vendo. Agora venha.

Uma das mãos dele tocou no braço dela. Ela não conseguia respirar. Um gemido subiu pelo seu corpo inteiro.

Deixou-se ser puxada alguns passos para trás. Marty gritava alguma coisa que ela não conseguia ouvir devido ao barulho em sua cabeça.

— Venha... vamos embora.

As crianças. Ela olhou para o carro e viu a cara de Tanzie, os olhos arregalados de choque. Nicky era um vulto imóvel atrás da irmã. Ela olhou para o outro lado, para a casa, onde dois rostinhos pálidos observavam da sala, a mãe atrás. Quando a mulher viu Jess olhando, abaixou a persiana.

— Você é louca — gritou Marty, olhando para a lataria amassada do carro. — Louca de pedra, porra.

Jess começou a tremer. O Sr. Nicholls envolveu-a com os braços e conduziu-a para dentro do carro.

— Entre. Sente-se aí — disse, fechando a porta quando ela entrou.

Marty veio andando devagar pelo caminho em direção a eles, aquele seu velho andar arrogante de repente escancarado agora que a errada era ela.

Jess pensou que ele estivesse prestes a começar uma briga, mas, quando

estava a uns quatro metros do carro, ele olhou lá para dentro, abaixando-se ligeiramente como se para conferir, então ela ouviu a porta de trás bater e Tanzie já tinha saltado e corria até ele.

— Papai! — gritou a menina.

Ele a levantou nos braços, e Jess teve que desviar os olhos porque já não sabia mais o que sentia a respeito de nada.

Jess não tinha certeza de quanto tempo fazia que estava ali sentada, olhando para o chão do carro. Não conseguia pensar. Não conseguia sentir. Ouvia murmúrios no caminho, e, a certa altura, Nicky esticou o braço e tocou de leve no ombro dela.

— Sinto muito — disse, a voz embargada.

Ela segurou sua mão com firmeza.

— Você. Não. Tem. Culpa — murmurou.

A porta se abriu, por fim, e o Sr. Nicholls enfiou a cabeça dentro do carro. Tinha o rosto molhado e o colarinho pingava de tão encharcado de chuva.

— Tudo bem. Tanzie vai ficar aí por algumas horas.

Ela olhou para ele, ficando alerta de repente.

— Ah, não — começou. — Ele não pode ficar com ela. Não depois do que...

— Isso não tem a ver com você e ele, Jess.

Jess virou-se para a casa. A porta da frente estava entreaberta. Tanzie já estava lá dentro.

— Mas ela não pode ficar aí. Não com eles...

Ed se sentou no banco do motorista, depois esticou o braço e pegou a mão de Jess. A dele estava gelada e molhada.

— Ela teve um dia ruim e perguntou se podia passar um tempinho com ele. E, Jess, se esta é mesmo a vida do Marty agora, Tanzie, sem dúvida, tem que fazer parte dela.

— Mas não é...

— Justo. Eu sei.

Os três ficaram ali sentados, olhando para a casa toda acesa. Sua filha estava lá. Com a nova família de Marty. Era como se alguém tivesse enfiado a mão dentro dela, agarrado seu coração e o arrancado pelas costelas. Ela não

conseguia tirar os olhos das janelas.

— E se ela mudar de ideia? Vai estar lá sozinha. E não conhecemos essas pessoas. Não conheço essa mulher. Ela poderia ser...

— Tanzie está com o pai. Ela vai ficar bem.

Jess olhou para o Sr. Nicholls. Sua expressão era benevolente, mas a voz, estranhamente firme.

— Por que você está do lado de Marty?

— Não estou do lado dele. — Ele fechou a mão em volta dos dedos dela.

— Olhe, vamos procurar um lugar para comer. Voltamos daqui a umas duas horas. Ficamos aqui por perto e podemos buscá-la na hora em que ela precisar de nós.

— Não. Eu vou ficar — disse uma voz vindo de trás. — Vou ficar com ela. Para não deixá-la sozinha.

Jess se virou. Nicky olhava pela janela.

— Tem certeza?

— Vou ficar bem. — Seu semblante era indecifrável. — De qualquer maneira, quero ouvir o que ele diz.

O Sr. Nicholls acompanhou Nicky à porta. Jess observou o enteado, as pernas compridas e magricelas naquela calça jeans preta e justa, a postura insegura e desajeitada quando a porta se abriu para que ele entrasse. A mulher loura tentou sorrir para ele. Olhou disfarçadamente para o carro mais adiante. Era possível, observou Jess com frieza, que a mulher estivesse mesmo assustada com ela. A porta se fechou. Jess cerrou os olhos sem querer imaginar o que acontecia atrás daquela porta. Em seguida, o Sr. Nicholls estava dentro do carro, trazendo com ele uma lufada de ar frio.

— Vamos — disse ele. — Está tudo bem. Quando você menos esperar, estaremos de volta.

Eles se sentaram num café de beira de estrada. Jess não conseguiu comer.

Tomou um café. O Sr. Nicholls comprou um sanduíche e se limitou a

ficar ali, sentado à sua frente. Ela não tinha certeza se ele sabia o que dizer. *Duas horas*, repetia para si mesma. *Duas horas, e aí terei os dois de volta*. Ela queria estar de novo no carro com os filhos, longe dali. Longe de Marty, de suas mentiras, de sua namorada nova e de sua família de araque. Olhou os ponteiros do relógio avançarem devagar e deixou o café esfriar. Cada minuto parecia uma eternidade.

Então, dez minutos antes da hora prevista para eles saírem, o telefone tocou. Jess agarrou-o. Um número que ela não reconheceu. A voz de Marty.

— Você pode deixar os dois passarem esta noite comigo?

Ela ficou sem ar.

— Ah, não — respondeu, quando conseguiu falar. — Você não pode ficar com eles, assim sem mais nem menos.

— Só estou... tentando explicar tudo para os dois.

— Bem, boa sorte com isso. Porque não vou entender nunca.

Sua voz se elevou no pequeno café.

Ela viu as pessoas às mesas próximas virando a cabeça.

— Eu não podia lhe contar, não é, Jess? Porque sabia que você reagiria assim.

— Ah, então a culpa é minha? Claro!

— Tínhamos terminado. Você sabia disso tão bem quanto eu.

Ela estava em pé. Não percebeu que havia se levantado. O Sr. Nicholls, por alguma razão, também se levantou.

— Estou cagando para nós dois, está bem? Mas estamos vivendo na linha da pobreza desde que você saiu de casa, e agora descubro que você está morando com outra, sustentando os filhos dela.

Enquanto dizia que não podia levantar um dedo pelos nossos. Sim. Era previsível que eu reagisse mal a isso, Marty.

— Não é do meu dinheiro que estamos vivendo. É do dinheiro da Linzie. Não posso usar o dinheiro dela para sustentar os seus filhos.

— Meus filhos? *Meus* filhos?

Ela já havia saído de trás da mesa e andava às cegas em direção à porta.

Percebeu vagamente o Sr. Nicholls chamando a garçonete.

— Olhe — disse Marty. — Tanzie quer muito dormir aqui. Está nitidamente perturbada com a coisa da matemática.

Ela me pediu que perguntasse a você.

Por favor.

Jess não conseguiu falar. Limitou-se a ficar parada no estacionamento

frio, os olhos fechados, os nós dos dedos brancos em volta do telefone.

— E quero, sim, resolver as coisas com Nicky.

— Você é... inacreditável.

— Só... só me deixe resolver as coisas com as crianças, por favor?

Sobre nós dois, podemos falar depois.

Mas só hoje à noite enquanto elas estão aqui. Sinto saudade deles, Jess. Sei que é tudo culpa minha. Sei que fui um lixo.

Mas estou realmente feliz que esteja tudo às claras. Estou feliz que você saiba o que está acontecendo. E só...

quero seguir adiante agora.

Ela olhava para a frente. Ao longe, as luzes azuis de um carro de polícia piscavam. Seu pé começara a latejar.

Por fim, ela disse: — Coloque Tanzie na linha.

Houve um breve silêncio, o ruído de uma porta. Jess respirou fundo.

— Mãe?

— Tanzie, querida. Você está bem?

— Estou ótima, mãe. Eles têm tartarugas. Uma tem a perna capenga. O nome dela é Mike. A gente pode ter uma tartaruga?

— Depois falamos sobre isso. — Ela ouviu uma panela bater ao fundo, um ruído de água correndo. — Hum, você quer mesmo dormir aí? Porque não precisa, sabe. Só faça... faça o que vai lhe fazer feliz.

— Eu queria muito ficar. Suze é legal.

Vai me emprestar o pijama dela do *High School Musical*.

— Suze?

— A filha da Linzie. Vai ser tipo uma festa do pijama. E ela tem aquelas miçangas que a gente cola com um ferro de passar na roupa, formando uma figura.

— Certo.

Houve um breve silêncio. Jess podia ouvir uma conversa abafada ao fundo.

— Então, a que horas você vem me buscar amanhã?

Ela engoliu em seco e tentou manter um tom de voz normal.

— Depois do café. Às nove horas. E se você mudar de ideia, é só me ligar, está bem? A qualquer hora. E busco você imediatamente. Mesmo que seja no meio da noite. Não importa.

— Eu sei.

— Vou a hora que for. Amo você, querida. A qualquer hora que você

quiser ligar.

— Tudo bem.

— Você... pode passar o telefone para Nicky?

— Amo você. Tchau.

A voz de Nicky era indecifrável.

— Disse a ele que vou ficar. Mas só para continuar de olho em Tanzie.

— Tudo bem. Prometo que estaremos por perto. Ela... a mulher... é legal?

Quer dizer, vocês dois vão ficar bem?

— Linzie. Ela é legal.

— E você... você está bem com isso?

Ele não...

— Estou ótimo.

Houve um longo silêncio.

— Jess?

— Sim.

— Você está bem?

Ela fechou os olhos com força.

Respirou fundo silenciosamente, levantou a mão e enxugou as lágrimas que escorriam pelo seu rosto. Não imaginava que tinha tantas lágrimas dentro do corpo. Não respondeu a Nicky até poder ter certeza de que as lágrimas não tinham afogado também sua voz.

— Estou ótima, querido. Divirta-se e não se preocupe comigo. Vejo vocês dois de manhã.

O Sr. Nicholls estava atrás dela. Ele pegou o celular da sua mão em silêncio, sem desviar os olhos do rosto dela.

— Encontrei um lugar para dormirmos que aceita cachorro.

— Tem algum bar lá? — perguntou Jess, enxugando os olhos com as costas da mão.

— O quê?

— Preciso me embriagar, Ed, para valer. — Ele lhe deu o braço, e ela aceitou. — E acho que posso ter quebrado o dedo do pé.

ED

Então certa vez Ed conheceu uma garota que era a pessoa mais otimista que ele já tinha visto. Uma garota que usava sandálias de dedo torcendo para a primavera chegar. Parecia saltitar pela vida como o Tigrão, do Ursinho Pooh.

As coisas que abateriam a maioria das pessoas pareciam não afetá-la. Ou, se ela caísse, logo se levantava. Se tornasse a cair, colava um sorriso no rosto, sacudia a poeira e seguia em frente. Ele nunca conseguiu entender se aquilo era a coisa mais heroica ou a mais idiota que já vira.

E aí ele ficou parado no meio-fio em frente a uma casa de alto padrão, de quatro quartos, perto de Carlisle, e observou essa mesma garota ver tudo em que ela acreditava lhe ser tirado até não sobrar nada, a não ser o fantasma que estava sentado no banco do carona do carro dele olhando o nada pelo para-brisa. Dava para ouvir o otimismo dela se esvaindo. E o coração de Ed se partiu.

Ed reservou um chalé na beira de um lago, a vinte minutos da casa de Marty, ou, melhor, da namorada dele. Não conseguiu achar um hotel que aceitasse cachorros num raio de cento e sessenta quilômetros, mas a última recepcionista com quem falara, uma mulher jovem que o chamara de “querido” oito vezes, lhe indicou um lugar novo que ela conhecia, administrado pela nora de uma amiga.

Ele teve que pagar por três dias, a estadia mínima, mas não se importou.

Jess não perguntou. Ed não tinha certeza se ela sequer notara onde eles estavam.

Pegaram as chaves na Recepção e ele seguiu a trilha por entre as árvores.

Estacionaram na frente do chalé. Ed fez Jess e o cachorro saltarem e os acompanhou até o interior do chalé. Ela mancava bastante. Ele se lembrou de repente da violência com que Jess chutara o carro. De sandália de dedo.

— Tome um bom banho de banheira — disse ele, acendendo todas as luzes e fechando as cortinas. Estava muito escuro lá fora àquela altura para se enxergar qualquer coisa. — Vá. Tente relaxar. Vou arranjar alguma coisa para comermos. E, quem sabe, uma bolsa de gelo.

Ela se virou e acenou com a cabeça. O sorriso que deu em agradecimento mal dava pra ser considerado um sorriso.

De supermercado mesmo, o supermercado mais próximo só tinha o nome.

Embaixo de lâmpadas fluorescentes que piscavam havia duas cestas de vegetais murchos e prateleiras de enlatados de marcas das quais ele nunca ouvira falar. Ed comprou umas refeições prontas, pão, café, leite, ervilhas congeladas e analgésicos para o pé de Jess. E duas garrafas de vinho. Ele também precisava de uma bebida.

Estava parado no caixa quando o telefone tocou avisando da chegada de uma mensagem. Tirou-o do bolso, perguntando a si mesmo se era Jess. Mas então lembrou que o crédito do celular dela acabara havia dois dias.

Oi, querido. Que pena você não poder vir amanhã. Esperamos vê-lo em breve.

Beijos, Mamãe. P.S: Papai manda beijos. Meio caidinho hoje.

— Vinte e duas libras e oitenta.

A garota repetira duas vezes antes de ele perceber.

— Ah. Desculpe.

Procurou o cartão e o estendeu para ela.

— A máquina do cartão não está funcionando hoje. Tem um aviso.

Ed acompanhou o olhar da moça.

“Apenas dinheiro ou cheque”, dizia, em letras elaboradamente desenhadas à caneta.

— Está de brincadeira, não é?

— Por que eu estaria brincando com você?

Ela mascou, meditativamente, o que quer que estivesse em sua boca.

— Não sei se tenho dinheiro suficiente comigo — respondeu Ed.

Ela olhou impassível para ele.

— Vocês não aceitam cartão?

— É o que diz o aviso.

— Bem... vocês não têm uma máquina de cartão manual?

— Quase todo mundo por aqui paga em dinheiro — respondeu.

A expressão da garota dizia que estava na cara que ele não era dali.

— Tudo bem. Onde é o caixa eletrônico mais próximo?

— Carlisle. — Ela piscou para ele devagar. — Se não tiver dinheiro, terá que devolver a comida.

— Tenho dinheiro. Me dê um minutinho.

Ele procurou nos bolsos, ignorando os suspiros nada reprimidos e os olhos revirados das pessoas às suas costas.

Por milagre, conseguiu juntar dinheiro para todos os itens, menos para os bolinhos de cebola. Contou tudo, e ela ergueu as sobrancelhas ostensivamente enquanto registrava, empurrando em seguida os bolinhos para o lado. Ed, por sua vez, colocou as compras dentro de uma sacola que arrebentaria antes mesmo que ele chegasse ao carro e tentou não pensar na mãe.

Ele estava cozinhando quando Jess desceu mancando. Ou melhor, duas bandejas de plástico giravam ruidosamente no micro-ondas, o que era o mais fundo que ele já mergulhara nas artes culinárias. Ela usava um roupão de banho e tinha o cabelo enrolado num turbante feito com uma toalha branca.

Ele nunca entendera como as mulheres faziam aquilo. Sua ex também fazia. Ed se perguntava se era coisa de mulher, como menstruar e lavar as mãos. Jess ficava linda com aquele ar natural.

— Aqui.

Ed estendeu uma taça de vinho. Ela a pegou da mão dele. Ele acendera o fogo, e Jess sentou-se na frente das labaredas, aparentemente ainda perdida em pensamentos. Ed lhe entregou as ervilhas congeladas para que as colocasse no pé, depois se ocupou com o restante das refeições de micro-ondas, seguindo as instruções nas embalagens.

— Mandeí uma mensagem para Nicky — disse-lhe enquanto espetava o filme plástico com um garfo. — Só para dizer onde estamos hospedados.

Ela tomou outro gole de vinho.

— Ele estava bem?

— Estava ótimo. Iam jantar. — Jess estremeceu ligeiramente ao ouvir aquilo, e na mesma hora ele se arrependeu de ter plantado essa pequena cena doméstica em sua imaginação. — Como está o seu pé?

— Doendo.

Jess deu um grande gole no vinho, e ele viu que já havia esvaziado a

taça.

Ela se levantou com uma careta, deixando as ervilhas caírem no chão, e se serviu de mais bebida. Depois, como se tivesse acabado de se lembrar de algo, enfiou a mão no bolso do roupão e mostrou uma sacola plástica transparente.

— A parada do Nicky — disse ela. — Decidi que este momento tem os requisitos para ser considerado uma ocasião apropriada para eu me apossar das drogas dele.

Falou aquilo quase em tom de desafio, esperando que Ed se opusesse. Como ele não fez isso, ela acomodou no colo um guia de viagem que estava na mesa de vidro e começou a enrolar um baseado ao acaso em cima do livro.

Acendeu-o e tragou fundo. Tentou abafar uma tosse, depois tragou de novo. O turbante de toalha havia começado a escorregar, e ela o arrancou irritada, deixando o cabelo molhado cair em volta dos ombros. Deu outra tragada, fechou os olhos e estendeu o baseado para ele.

— Foi este cheiro que senti quando entrei?

Ela abriu um olho.

— Você acha que eu sou uma vergonha.

— Não. Acho que um de nós dois tem que estar em condições de dirigir, para o caso de Tanzie querer que a gente vá buscá-la. Está tudo bem. De verdade. Vá em frente. Acho... que você precisa de...

— Uma vida nova? Me acalmar? Uma boa transa? — Ela riu sem alegria. — Ah, não. Esqueci. Nem isso eu sei fazer direito.

— Jess...

Ela ergueu uma das mãos.

— Desculpe. Tudo bem. Vamos comer.

Eles comeram à mesinha de metal ao lado da área da cozinha. Os curries estavam bons, mas ela mal tocou no prato. Quando ele tirou a mesa e se preparou para lavar a louça, ela o encarou.

— Estou sendo uma idiota completa, não estou?

Ed se encostou nos módulos da cozinha, com um prato na mão.

— Não vejo como...

— Entendi tudo no banho. Venho martelando na cabeça das crianças por todos esses anos que, se nos preocuparmos com os outros e fizermos o que é certo, tudo ficará bem. Não roubar. Não mentir. Fazer o que é certo.

De alguma maneira, o universo vai nos ajudar. Bem, tudo isso é mentira, não é?

Ninguém mais pensa assim.

Sua voz estava ligeiramente engrolada, consumida pelo sofrimento.

— Não é...

— Não? Faz dois anos que estou dura.

Faz dois anos que venho protegendo Marty, sem estressá-lo mais, sem aborrecê-lo com os próprios filhos. E o tempo todo ele tem vivido daquele jeito, com a nova namorada. — Ela balançou a cabeça, assombrada. — Não desconfiei de nada. Nem por um minuto.

E entendi, enquanto estava no banho...

aquela coisa toda de “trate os outros como gostaria de ser tratado”. Bem, só funciona se os outros agirem do mesmo modo. E ninguém age. O mundo está basicamente cheio de gente que não liga a mínima. As pessoas pisam nas outras para conseguir o que querem. Mesmo que seja nos próprios filhos que estejam pisando.

— Jess...

Ele atravessou a cozinha e parou a centímetros dela. Não conseguia pensar no que dizer. Queria envolvê-la nos braços. Mas algo em Jess o conteve. Ela se serviu de mais uma taça de vinho e ergueu um brinde.

— Não me importo com aquela mulher, sabe? Não é isso. Marty estava certo. Nosso casamento acabou faz tempo. Mas toda aquela merda sobre não ser capaz de ajudar os próprios filhos? Recusar até a pensar em ajudar Tanzie com a matrícula da escola? — Ela tomou um longo gole de vinho e piscou devagar. — Viu o moletom daquela garota? Sabe quanto custa um moletom da Hollister? Sessenta e sete libras. Sessenta e sete libras em um moletom infantil. Eu vi a etiqueta de preço quando a Aileen Drogada levou um lá em casa. — Ela enxugou os olhos com raiva. — Sabe o que ele mandou de aniversário para Nicky em fevereiro?

Um vale-presente de dez libras. Um vale-presente de dez libras de uma loja de jogos de computador. Nem dá para comprar um jogo de computador com esse valor. Só de segunda mão. E o mais idiota é que ficamos todos muito satisfeitos. Achamos que aquilo significava que Marty estava melhorando. Eu disse às crianças que dez libras, quando a pessoa não está trabalhando, é realmente muito dinheiro.

— Ela começou a rir. Um ruído horrível, desolado. — E o tempo todo... o tempo todo ele estava naquela pequena mansão com aquele sofá impecável, aquelas cortinas combinando e aquele maldito corte de cabelo de garoto que toca em banda. E ele nem teve coragem de me contar.

— É um covarde — disse Ed.

— É. Mas a idiota sou eu. Arrastei as crianças por metade do país numa busca absurda e em vão porque achei que poderia, de alguma forma, melhorar as oportunidades delas. Arranjei uma dívida de milhares de libras. Perdi o emprego no pub. Praticamente destruí a autoconfiança da Tanzie fazendo com que ela passasse por uma experiência pela qual eu nunca deveria tê-la feito passar. E por quê? Porque me recusei a enxergar a verdade.

— A verdade?

— Que pessoas como nós nunca vão para a frente. Nós nunca subimos. Estamos sempre por baixo.

— Não é assim.

— O que você sabe? — Não havia raiva em sua voz, só confusão. — Como poderia entender? Você está sendo investigado por um dos crimes financeiros mais graves de Londres.

Estritamente falando, você cometeu o crime. Disse à sua namorada que ações comprar para que ela ganhasse muito dinheiro. Mas você vai se safar.

Ele parou de levantar o copo antes de fazê-lo chegar à boca, e Jess continuou: — Vai, sim. Ficarás umas semanas em cana, talvez até receba uma sentença com a execução suspensa e uma multa alta. Mas você tem advogados caros que vão livrá-lo de qualquer problema sério.

Existem pessoas que vão defendê-lo, lutar por você. E você tem casas, carros, recursos. Não precisa se preocupar de verdade. Como poderia entender como são as coisas para nós?

— Isso não é justo — disse ele delicadamente.

Ela se virou para o lado e tragou, fechando os olhos e soltando a baforada para cima, a fumaça doce subindo para o teto. Ed sentou-se ao seu lado e tomou-lhe o baseado da mão.

— Acho que talvez isso não seja uma ideia muito boa.

Ela pegou o baseado de volta.

— Não me diga o que é uma boa ideia.

— Acho que isso não vai ajudar.

— Não quero saber o que você...

— Não sou eu o inimigo, Jess.

Ela olhou para ele, depois se virou e ficou fitando o fogo. Ed não sabia se ela estava esperando que ele se levantasse e fosse embora.

— Sinto muito — disse Jess por fim, e sua voz estava firme.

— Tudo bem.

— Não está tudo bem. — Ela suspirou. — Eu não deveria... eu não deveria descontar em você.

— Não tem importância. Hoje foi um dia péssimo. Olhe, vou tomar um banho e acho que depois devíamos ir dormir.

— Vou subir quando terminar isto aqui.

Ela deu outra tragada.

Ed esperou por um instante, depois a deixou olhando para o fogo. O fato de ele não pensar em mais nada além do banho era um sinal de quão cansado estava.

Ed deve ter cochilado na banheira. Ele a enchera bem, acrescentando à água todos os unguentos e loções que conseguiu encontrar, e afundou ali dentro com prazer, deixando a água quente diminuir algumas das tensões do dia.

Tentou não pensar. Não pensar em Jess, lá embaixo, olhando desanimadamente para as labaredas, não pensar em sua mãe, a duas horas dali, esperando um filho que não apareceria.

Ele só precisava de uns minutinhos sem ter que pensar em nada. Afundou a cabeça na água até onde dava para continuar respirando.

Cochilou. Mas uma estranha tensão parecia ter se insinuado em seus ossos: ele não conseguia relaxar direito mesmo se fechasse os olhos. E então percebeu o ruído. Um barulho de aceleração ao longe, irregular e dissonante... uma motosserra gemendo ou um motorista aprendendo a acelerar. Ele abriu um olho, torcendo para o barulho desaparecer. Presumira que aquele lugar, mais do que qualquer outro, poderia oferecer um pouquinho de paz.

Só uma noite sem barulho nem drama.

Seria pedir muito?

— Jess? — chamou quando aquele ruído ficou irritante demais.

Ele imaginou se havia um aparelho de som lá embaixo. Algo que pudesse ligar para abafar o ruído.

E então Ed percebeu a origem do seu vago desconforto: era o seu carro que ele ouvia.

Sentou-se, todo empertigado, por uma fração de segundo, depois pulou da banheira, enrolando uma toalha na cintura. Correu escada abaixo, descendo de dois em dois degraus, passou pelo sofá vazio, por Norman —

que, acomodado diante do fogo, levantou a cabeça curioso — e lutou com a porta da frente até conseguir abri-la. Foi atingido por uma lufada de ar frio.

Chegou bem a tempo de ver seu carro saindo aos trancos de onde estava em frente ao chalé e virar na curva do caminho de cascalho. Ele saltou dos degraus e conseguiu avistar Jess ao volante espichando o pescoço à frente para enxergar através do para-brisa. Ela nem acendera os faróis.

— Meu Deus! *Jess!*

Ele correu a toda pela grama, ainda pingando, segurando com uma das mãos a toalha em volta da cintura, tentando atravessar o gramado antes que ela conseguisse chegar à estrada. O rosto de Jess se voltou por um instante para o lado em que Ed estava, e ela arregalou os olhos ao vê-lo. Ouvia-se um barulho enquanto ela lutava com as marchas.

— *Jess!*

Ele estava junto ao carro. Atirou-se no capô, esmurrando-o, depois começou a bater na lateral, puxando a porta do motorista. A porta abriu antes que Jess conseguisse encontrar a trava, levando-o junto.

— Que diabo você está fazendo?

Mas ela não parou. Ele estava correndo, com passadas mais longas do que o normal, protegendo-se da porta que balançava, a mão no volante, o cascalho afiado sob os pés. A toalha desaparecera havia muito tempo.

— Saia daí!

— Pare o carro! *Jess, pare o carro!*

— Saia daí, Ed! Você vai se machucar!

Ela bateu na mão dele, e o carro desviou perigosamente para a esquerda.

— Que...

Dando um pulo, ele conseguiu arrancar a chave da ignição. O veículo deu um solavanco e morreu abruptamente. O ombro direito dele bateu com força na porta. Jess deu com o nariz no volante.

— *Porra.*

Ed aterrissou pesadamente ao lado, batendo a cabeça em alguma coisa dura.

— *Porra.*

Ele ficou deitado no chão, ofegante, a cabeça girando. Demorou um pouco para suas ideias clarearem, e então se pôs de pé, levantando-se com esforço ao lado da porta ainda aberta. Ele conseguiu ver, com a visão embaçada, que os dois estavam quase no lago, as rodas muito perto da água negra retinta.

Os braços de Jess descansavam no volante, seu rosto estava enterrado no espaço entre eles. Ed esticou o braço por cima dela e puxou o freio de mão antes que Jess pudesse de alguma maneira tornar a colocar o carro em movimento.

— Que diabo você estava fazendo? O que estava *fazendo*? — A dor e a adrenalina corriam dentro dele. Aquela mulher era um pesadelo. — Nossa, minha cabeça. Ah, não! Cadê minha toalha? Cadê minha maldita toalha?

Luzes se acendiam nos outros chalés.

Ed ergueu o olhar, e havia silhuetas nas janelas que ele não sabia que estavam lá. Figuras olhando para ele. Ele se protegeu como pôde com uma das mãos e foi meio andando, meio correndo catar a toalha, que jazia enlameada no caminho. Enquanto andava, ergueu a outra mão para as silhuetas como se para dizer: *não tem nada para ver aqui* (dado o frio da noite, isso logo passara a ser verdade), e algumas delas fecharam as cortinas às pressas. Jess estava sentada onde ele a deixara.

— Sabe quanto você bebeu hoje? — gritou ele, pela porta aberta. — Quanta maconha você fumou? Poderia ter se matado. Poderia ter matado a nós dois.

Ele queria sacudi-la.

— Está mesmo decidida a se enterrar cada vez mais fundo na merda? O que há de errado com você, porra?

E então ele ouviu. Ela chorava com a cabeça apoiada nas mãos, um choro baixo, desolado.

— Sinto muito.

Ed soltou o ar e enrolou a toalha na cintura.

— Afinal, o que você estava fazendo, Jess?

— Eu queria buscar as crianças. Não podia deixá-las lá. Com ele.

Ele inspirou, cerrou e abriu o punho.

— Mas já discutimos isso. Elas estão perfeitamente bem. Nicky disse que ligaria se houvesse algum problema. E vamos buscá-las amanhã cedo. Você sabe disso. Então o que...

— Estou com medo, Ed.

— Com medo? De quê?

O nariz dela sangrava, um fio vermelho escuro escorrendo para o seu lábio, os olhos borrados de rímel.

— Estou com medo de que... de que eles gostem da casa do Marty. — Seu rosto se franziu. — Estou com medo de que não queiram voltar.

E Jess Thomas foi se encostando em Ed de mansinho, escondendo o rosto em seu peito nu. E, finalmente, ele envolveu-a com os braços e a deixou chorar.

Ele já ouvira pessoas religiosas contarem experiências reveladoras que tiveram. Como se houvesse um instante em que tudo ficava claro para elas e o que era bobagem e sem importância simplesmente desaparecia. Isso sempre lhe parecera bastante improvável. Mas Ed Nicholls acabou tendo um momento desses num conjunto de chalés de madeira ao lado de uma extensão de água que poderia ser um lago ou talvez um canal, pelo que ele podia dizer, perto de Carlisle.

E naquele momento ele entendeu que precisava consertar as coisas. Sentiu as injustiças causadas a Jess com mais intensidade do que jamais sentira qualquer coisa causada a si mesmo.

Percebeu, enquanto a tinha nos braços, beijava o topo de sua cabeça e a sentia agarrar-se a ele, que faria tudo o que pudesse para que Jess e seus filhos fossem felizes, para não deixar que lhes acontecesse nada de ruim e lhes dar uma oportunidade justa.

Ele não se perguntou como poderia saber disso depois de quatro dias.

Aquilo simplesmente parecia mais claro para ele do que qualquer outra coisa que ele tivesse elaborado por décadas inteiras.

— Vai dar certo — disse ele baixinho em seu cabelo. — Vai dar certo porque vou fazer dar certo.

Então ele lhe disse, no tom de voz de alguém que fazia uma confissão, que ela era a mulher mais incrível que já conhecera. E quando Jess ergueu seus olhos inchados para encontrar os dele, Ed limpou o sangue do nariz dela e pousou os lábios delicadamente nos de Jess, fazendo o que vinha querendo fazer nas últimas quarenta e oito horas, ainda que no início tivesse sido muito burro para notar. Beijou-a. E quando ela retribuiu o beijo — hesitante, a princípio, e depois com uma paixão violenta, prazerosa, a mão subindo furtivamente pelo pescoço dele, os olhos se fechando —, ele a pegou no colo e a levou de volta para o chalé. E tentou lhe mostrar aquilo da única maneira que, tinha certeza, não seria entendida de forma equivocada.

Porque, naquele momento, Ed Nicholls percebeu que havia sido mais como Marty do que como Jess. Fora aquele covarde que passa mais tempo

fugindo das coisas do que as enfrentando. E aquilo tinha que mudar.

— Jess? — disse ele baixinho um tempo depois, encostando os lábios na pele dela, quando estavam na cama admirados com as voltas de cento e oitenta graus que a vida dá. — Você faria uma coisa para mim?

— De novo? — perguntou ela, sonolenta. Sua mão descansava de leve no peito dele. — Minha nossa!

— Não. Amanhã.

Ele encostou a cabeça na dela. Jess se mexeu, deslizando a perna na dele. Ed sentia os lábios dela na sua pele.

— Claro. O que você quer?

Ele olhou para o teto.

— Você iria comigo à casa do meu pai?

NICKY

A frase preferida de Jess (junto a “Vai dar tudo certo”, “Vamos dar um jeito” e “Nossa, Norman!”) é que as famílias existem nas mais variadas formas e tamanhos.

“Nem tudo está dentro das estatísticas agora”, diz ela, como se, de tanto ouvi-la fazer essa afirmação, devêssemos acreditar nisso.

Bem, se a nossa família era estranha antes, agora ela é bem louca.

Não tenho uma mãe em tempo integral, não como você deve ter uma, mas parece que ganhei outra versão em meio expediente.

Linzie. Linzie Fogarty. Não sei direito o que ela acha de mim: posso vê-la me observando de rabo de olho, tentando adivinhar se vou fazer algo sinistro e gótico, comer uma tartaruga ou coisa assim. Papai disse que ela é uma pessoa importante no conselho administrativo local.

Anunciou isso como se estivesse realmente orgulhoso, como se tivesse subido na vida. Não sei se ele algum dia olhou para Jess como olha para Linzie.

Depois que cheguei aqui, me senti muito mal durante a primeira hora, como se basicamente só tivesse arranjado mais um lugar para me sentir deslocado. A casa é organizada, e eles não têm livro, ao contrário da nossa casa, onde Jess enfia livros em todos os cômodos, menos no banheiro e, mesmo assim, há um ao lado da privada.

Fiquei olhando para o meu pai porque não conseguia acreditar que ele estivesse vivendo ali como uma pessoa normal enquanto mentia para nós o tempo todo. Isso me fez odiá-la do mesmo modo como o odeio.

Mas, depois, Tanzie disse uma coisa no jantar, e Linzie caiu na gargalhada, e foi uma risada muito pateta, como uma grasnada.

“Buzina de Navio Fogarty”, pensei, e ela tapou a boca com a mão, e depois trocou um olhar com meu pai como se aquele fosse um barulho que Linzie deveria ter se esforçado bastante para não fazer. E alguma coisa no jeito como os olhos dela se franziram me fez pensar que talvez ela fosse legal.

Quero dizer, a família dela também acabou de ficar mais esquisita. Linzie tinha dois filhos, Suze e Josh, e o papai. E, de repente, surjo eu — o

Garoto Gótico, como meu pai me chama, como se isso fosse engraçado — e Tanzie, que pegou a mania de usar dois pares de óculos, um por cima do outro, porque diz que não estão muito bons. E Jess, que teve um ataque na entrada da casa, chutando o carro todo. E o Sr. Nicholls, que definitivamente tem uma quedinha por ela, andando por ali e tentando, com calma, resolver as coisas para todo mundo, como se fosse o único adulto presente. E, sem dúvida, meu pai teve que contar para a nova mulher sobre a minha mãe biológica, que um dia também poderia aparecer gritando na entrada da casa de Linzie, como naquele primeiro Natal depois que fui morar com Jess, quando ela jogou garrafas nas nossas janelas e se esgoelou até os vizinhos chamarem a polícia. Assim, considerando tudo, A Buzina de Navio Fogarty pode estar sentindo que sua família também não é bem do formato que ela esperava.

Realmente não sei por que estou lhe contando isso. É só que são três e meia da manhã e as pessoas nesta casa estão dormindo, e estou no quarto do Josh com Tanzie, e ele tem um computador só dele — cada um tem o seu computador (Macs, nada menos que isso) —, e não consigo me lembrar das senhas dele para jogar nada. Mas andei pensando no que o Sr. Nicholls disse sobre escrever um blog e em como, de alguma maneira, se escrevermos e botarmos tudo para fora, como aquela plateia de beisebol no *Campo dos Sonhos*, a nossa turma talvez simplesmente apareça.

É provável que você não pertença à minha turma.

Provavelmente é alguém que digitou errado enquanto fazia uma pesquisa sobre pneus em promoção, pornografia ou qualquer outra coisa. Mas estou escrevendo isto aqui mesmo assim. Para o caso de você ser parecido comigo.

Porque as últimas vinte e quatro horas me fizeram entender uma coisa. Talvez não me encaixe na minha família do mesmo modo como você, direitinho, feito uma fileira de pinos redondos em furos perfeitamente redondos. Na nossa família, o lugar inicial de todos os pinos e furos era outro, e estão todos meio embolados e tortos. Mas aí é que está. Não sei se é porque estou longe de tudo ou porque esses últimos dias têm sido intensos, mas percebi uma coisa quando meu pai se sentou para me dizer que era bom me ver e ficou com os olhos úmidos: ele pode ser babaca, mas é o meu babaca, e é o único que tenho. E sentir o peso da mão de Jess na minha quando ela estava ao lado da minha cama de hospital ou ouvi-la tentar não chorar no telefone por ter que me deixar aqui, e ver minha irmãzinha, que está tentando

ser muito, muito corajosa em relação à escola, embora eu possa dizer que o mundo dela basicamente acabou — isso tudo me fez ver que existe um lugar para mim.

Acho que, de certa forma, meu lugar é com eles.

JESS

Ed estava deitado apoiado nos travesseiros, observando Jess se maquiar, camuflando os machucados do rosto com um tubinho de corretivo. Ela acabara de disfarçar o hematoma na têmpora, local em que sua cabeça batera no *air bag*. Mas seu nariz estava roxo, com a pele esticada em cima de um calombo, e seu lábio superior apresentava aquele inchaço exagerado que se vê nas mulheres que imprudentemente se submetem a cirurgias plásticas em locais clandestinos.

— Parece que você levou um soco no nariz — disse Ed.

Jess esfregou o dedo de leve na boca.

— Você também.

— E *leve*i. Do meu próprio carro, graças a você.

Ela inclinou a cabeça, olhando para o reflexo de Ed às suas costas. Ele estava com aquele sorriso lento, meio torto, e seu queixo era uma sombra gigantesca barbada. Ela não pôde deixar de retribuir o sorriso.

— Jess, não sei se adianta alguma coisa tentar camuflar isso. Vai parecer que você apanhou, não importa o que faça.

— Pensei em dizer aos seus pais, arrependida, que dei de cara numa porta.

Talvez dando uma olhadela de rabo de olho para você.

Ele suspirou e se espreguiçou, fechando os olhos.

— Se essa for a pior coisa que eles pensarem de mim no fim do dia de hoje, desconfio de que terei me saído muito bem.

Ela desistiu do rosto e fechou o estojo de maquiagem. Ed tinha razão: a menos que passasse o dia com uma bolsa de gelo em cima das contusões, não havia muito o que pudesse fazer para parecer menos machucada. Ela passou a língua com curiosidade no lábio superior dolorido.

— Não acredito que não senti isso quando estávamos... bem, ontem à noite.

Ontem à noite.

Jess se virou e subiu na cama até estar deitada com as pernas esticadas ao lado de Ed, deleitando-se com o toque do corpo dele. Não conseguia acreditar que uma semana antes eles nem se conheciam direito. Ele abriu os

olhos, sonolento, estendeu o braço e brincou preguiçosamente com uma mecha de cabelo dela.

— Foi a mera força do meu magnetismo animal.

— Ou os dois baseados e uma garrafa e meia de Merlot — disse Jess.

Ele enganchou o braço em seu pescoço e a puxou para si. Ela fechou os olhos por um instante, aspirando o cheiro da pele dele. Ed recendia agradavelmente a sexo.

— Seja boazinha — murmurou. — Estou meio fraco hoje.

— Vou encher a banheira para você.

Ela achou a marca onde a cabeça dele havia batido na porta do carro. Os dois se beijaram, um beijo lento e doce, e isso levantou uma possibilidade.

— Tudo bem?

— Nunca me senti melhor — respondeu Ed, abrindo um olho.

— Não. Estou falando em relação ao almoço.

Ele pareceu sério por um instante e deixou a cabeça cair de volta no travesseiro. Ela se arrependeu de ter tocado no assunto.

— Não. Mas acho que vou me sentir melhor quando isso tiver acabado.

Jess ficou sentada no banheiro, agonizando sozinha, depois ligou para Marty às quinze para as nove e lhe disse que tinha algo para resolver e que buscaria as crianças entre três e quatro da tarde. Não perguntou. De agora em diante, decidira, se limitaria a lhe dizer como seriam as coisas. Ele colocou Tanzie no telefone, e a menina queria saber como Norman tinha se virado sem ela. O cachorro estava estirado na frente do fogo como um tapete tridimensional.

Ela não sabia ao certo se ele se mexera em doze horas. A não ser para comer o café da manhã.

— Ele sobreviveu. Perfeitamente.

— Papai disse que vai fazer sanduíches de bacon. E depois talvez a gente vá ao parque. Só ele, eu e Nicky.

Linzie vai levar Suze ao balé. Ela tem aula de balé duas vezes por semana.

— Que ótimo — afirmou Jess.

Perguntou a si mesma se a capacidade de parecer animada em relação a assuntos que lhe davam vontade de chutar alguma coisa era o seu superpoder.

— Chego depois das três — disse ela a Marty quando ele estava de novo

na linha. — Por favor, faça Tanzie vestir o casaco.

— Jess — disse ele, no momento em que ela ia desligar.

— O quê?

— Eles são maravilhosos. Os dois. Eu só...

Jess engoliu em seco.

— Depois das três. Ligo se for me atrasar.

Ela levou o cachorro para passear e, quando voltou, Ed estava acordado e já tinha tomado café.

Fizeram a viagem de uma hora até a casa dos pais dele em silêncio. Ed havia tirado a barba e trocara duas vezes de camiseta, embora ambas fossem exatamente iguais. Ela ia ao seu lado sem dizer nada e sentia, com a passagem da manhã e dos quilômetros, a intimidade da noite anterior se desvanecer lentamente. Várias vezes abriu a boca para falar, até perceber que não sabia o que dizer. Tinha a sensação de que alguém tirara uma camada de sua pele, deixando-a com todas as terminações nervosas expostas. Sua risada era muito alta, seus movimentos, forçados e pensados. Sentia-se como se tivesse passado um milhão de anos dormindo e acabado de ser acordada no susto.

O que queria realmente era tocar nele, colocar a mão em sua coxa. No entanto, não sabia se, agora que estavam fora do quarto e na implacável luz do dia, isso seria adequado. Não sabia direito o que ele achava que acontecera.

Jess levantou o pé machucado e tornou a colocar o saco de ervilhas recongeladas em cima dele. Ficou tirando e colocando de volta o saco.

— Você está bem?

— Estou ótima.

Ela fizera aquilo sobretudo para se ocupar. Deu-lhe um breve sorriso, e ele retribuiu.

Jess pensou em se inclinar e beijá-lo.

Pensou em correr o dedo de leve por sua nuca para que Ed a olhasse como na noite anterior. E em soltar o cinto de segurança, chegar para o lado no banco e obrigá-lo a parar no acostamento, só para poder fazê-lo não pensar em nada por mais vinte minutos. Mas então se lembrou de Nathalie, que, três anos antes, num esforço para ser impulsiva, fez um boquete

inesperado em Dean enquanto ele dirigia seu caminhão. Ele gritou: *Que diabo você acha que está fazendo?* e bateu na traseira de um Mini Metro, e antes que ele tivesse a chance de abotoar a calça, Doreen, tia de Nathalie, já havia saído correndo do supermercado para ver o que acontecera. Ela nunca mais olhou para Nathalie da mesma maneira.

Então, talvez não. Durante a viagem, ela lhe lançava olhares furtivos.

Percebeu que não conseguia olhar para as mãos dele sem imaginá-las em sua pele, e depois aquele cabelo macio descendo devagarinho por sua barriga nua. Ai, meu Deus. Ela cruzou as pernas e olhou pela janela.

Mas Ed estava com a cabeça em outro lugar. Ficara mais calado, o músculo em seu maxilar se contraía, as mãos estavam um pouco fixas demais no volante.

Ela virou-se para a frente, ajeitou as ervilhas congeladas e pensou em trens.

E em postes de luz. E em Olimpíadas de Matemática. Os dois seguiram em silêncio, os pensamentos longe.

Os pais de Ed moravam numa casa vitoriana de pedra cinza no fim de uma rua, o tipo de rua onde os vizinhos tentam se superar mutuamente no esmero de suas floreiras de janela. Ele parou o carro e deixou o motor morrer. Não se mexeu.

Quase sem pensar, Jess tocou na mão dele. Ed se virou para ela como se tivesse se esquecido de sua presença.

— Tem certeza de que não se importa de entrar comigo?

— É claro que não — balbuciou ela.

— Estou muito agradecido. Sei que você queria buscar as crianças.

Ela pôs a mão sobre a dele por um instante.

— Tudo bem.

Eles subiram o caminho, e Ed parou, depois bateu rapidamente na porta. Os dois se entreolharam, deram um sorriso sem jeito e aguardaram. E aguardaram mais um pouco.

Cerca de trinta segundos depois, ele tornou a bater, com mais força dessa vez. Em seguida se agachou para olhar pela caixa de correio.

Endireitou-se e foi pegar o celular.

— Estranho. Tenho certeza de que Gem disse que o almoço era hoje. Vou confirmar.

Ele passou os olhos em algumas mensagens, fez um gesto de cabeça positivo e tornou a bater.

— Tenho certeza de que, se tivesse alguém em casa, teria ouvido — disse Jess.

A ideia lhe ocorreu, de passagem, que seria muito bom só dessa vez chegar a uma casa e ter uma pista do que estava acontecendo do outro lado da porta.

Eles se sobressaltaram ao ouvir o barulho entrecortado de uma janela de guilhotina sendo aberta lá em cima. Ed deu um passo para trás e espiou a casa vizinha.

— É você, Ed?

— Oi, Sra. Harris. Estou procurando meus pais. Tem alguma ideia de onde eles estão?

A mulher fez uma careta.

— Ah, Ed, querido, eles foram para o hospital. Acho que seu pai se sentiu mal outra vez de manhã cedo.

Ed levou a mão aos olhos.

— Que hospital?

Ela hesitou.

— O Royal, querido. Fica a uns sete quilômetros daqui, se você for pela autoestrada. Pegue a esquerda no fim da rua...

— Tudo bem, Sra. Harris. Sei onde é.

Obrigado.

— Mande lembranças nossas a ele — gritou a senhora.

Quando Jess ouviu a janela sendo abaixada, Ed já estava abrindo a porta do carro.

Eles chegaram ao hospital em minutos.

Jess não falava. Não sabia o que dizer.

A certa altura, arriscou: — Bem, pelo menos eles ficarão felizes em ver você.

Mas foi uma idiotice dizer aquilo, e ele estava tão pensativo que não

pareceu ouvir. Deu o nome do pai no balcão de informações e a recepcionista correu o dedo pela tela.

— O senhor sabe onde fica a Oncologia, não sabe? — acrescentou, erguendo os olhos.

Eles entraram num elevador de aço e subiram dois andares. Ed se identificou no interfone, limpou as mãos com a loção bactericida ao lado da porta da enfermaria e, quando as portas finalmente se abriram, Jess seguiu atrás dele.

Uma mulher vinha pelo corredor do hospital na direção dos dois. Usava uma saia de feltro e uma meia-calça colorida. Seu cabelo era curto e com camadas desfiadas.

— Oi, Gem — disse ele, diminuindo o passo à medida que ela se aproximava.

A mulher olhou para ele, incrédula.

Seu queixo caiu e, por um momento, Jess achou que ela fosse dizer alguma coisa.

— É bom te v... — começou Ed.

Do nada, a mão da mulher surgiu, acertando uma bofetada no rosto de Ed.

O barulho chegou a ecoar pelo corredor.

Ele cambaleou para trás, segurando o rosto com a mão.

— O que...

— Seu cretino de merda — xingou ela.

— Seu cretino de merda, porra.

Os dois ficaram se olhando, Ed baixando a mão como se para verificar se havia sangue. A mulher balançou a mão, parecendo bastante surpresa consigo mesma, e, em seguida, estendeu-a com cautela para Jess.

— Olá, sou Gemma.

Jess hesitou, depois apertou sua mão com cuidado.

— Hã... Jess.

Gemma franziu o cenho.

— A que tem uma filha que necessita de ajuda urgente.

Quando Jess concordou com a cabeça, Gemma olhou devagar para ela de cima a baixo. Tinha o sorriso cansado, mas não inamistoso.

— É, achei que devia ser. Certo.

Mamãe está lá no final do corredor, Ed.

Seria melhor você ir dar um alô.

— Ele está aqui? É Ed?

O cabelo da mulher era cinza-metálico, preso num coque perfeito no alto da cabeça.

— Ah, Ed! É você. Ah, querido. Que bom. Mas o que houve com você?

Ele a abraçou, depois recuou, baixando o rosto quando ela tentou tocar em seu nariz e olhando rapidamente de soslaio para Jess.

— Eu... dei de cara numa porta.

Ela o puxou para perto de novo, dando-lhe tapinhas nas costas.

— Ah, é tão bom ver você...

Ele a deixou abraçá-lo por um minuto, depois se soltou delicadamente.

— Mãe, esta é Jess.

— Sou... amiga do Ed.

— Bem, que prazer conhecê-la. Sou Anne. — Seu olhar percorreu por um instante o rosto de Jess, vendo o seu nariz machucado, o leve inchaço no lábio. Ela hesitou por um segundo apenas, e depois, talvez, decidiu não perguntar. — Acho que não posso dizer que Ed tenha me falado muito a seu respeito, mas ele nunca me fala muito de nada, então estou ansiosa para ouvi-la. — Pôs a mão no braço de Ed e seu sorriso vacilou um pouco. — Tínhamos, sim, um almoço muito agradável programado, só que...

Gemma aproximou-se da mãe e começou a vasculhar a bolsa.

— Só que papai passou mal de novo.

— Ele estava muito ansioso por esse almoço — disse Anne. — Tivemos que avisar Simon e Deirdre para não virem.

Eles tinham acabado de sair de Peak District.

— Sinto muito — lamentou Jess.

— É. Bem. Não há nada a fazer. — Ela pareceu se controlar. — Sabe, essa é a mais revoltante das doenças. Tenho que me esforçar muito para não considerar tudo isso uma afronta pessoal. — Ela se inclinou para Jess com um sorriso pesaroso. — Às vezes entro no nosso quarto e xingo a doença dos piores palavrões. Bob ficaria horrorizado.

Jess retribuiu o sorriso.

— Posso lhe sugerir alguns dos meus, se quiser.

— Ah, por favor, faça isso! Seria maravilhoso. Quanto mais pesados, melhor. E em voz alta. Tem que ser em voz alta.

— Jess sabe xingar alto — observou Ed, dando batidinhas no lábio.

Houve um breve momento de silêncio.

— Comprei um salmão inteiro — disse Anne para ninguém em particular.

Jess pôde sentir Gemma observá-la.

Inconscientemente, puxou a camiseta, pois não queria que sua tatuagem aparecesse acima da calça jeans. As palavras “assistente social” sempre a faziam se sentir examinada.

E depois Anne passou por ela abrindo os braços. A sofreguidão com que puxou Ed para abraçá-lo de novo fez Jess recuar um pouco.

— Ah, querido. Meu querido. Sei que estou sendo uma mãe horivelmente grudenta, mas seja generoso comigo. É realmente muito bom ver você.

Ele retribuiu o abraço dela, erguendo os olhos por um instante para os de Jess, com culpa.

— Minha mãe me abraçou pela última vez em 1997 — murmurou Gemma.

Jess não tinha certeza se ela estava ciente de ter dito aquilo em voz alta.

— Não sei se a minha algum dia me abraçou — disse Jess.

Gemma olhou para ela.

— Hã... Sobre eu ter batido no meu irmão... Ele deve ter lhe dito qual é o meu trabalho. Apenas me sinto na obrigação de explicar que não costumo bater nas pessoas.

— Acho que irmão não conta.

De repente surgiu um indício de cordialidade no fundo dos olhos de Gemma.

— Essa é uma regra muito sensata.

— Tudo bem — disse Jess. — Eu tive vontade de fazer isso várias vezes nos últimos dias.

Bob Nicholls jazia numa cama de hospital, coberto até o queixo e com as mãos descansando delicadamente em cima do cobertor. Sua pele tinha uma palidez cerácea, amarelada, deixando os ossos do crânio quase visíveis. Virou lentamente a cabeça para a porta quando eles entraram.

Na mesa de cabeceira havia uma máscara de oxigênio, cujo uso recente ficava claro por causa das duas leves marcas em seu rosto. Era doloroso olhar para ele.

— Olá, papai.

Jess observou Ed se esforçar para disfarçar o choque. Ele se abaixou na direção do pai e hesitou antes de tocar de leve em seu ombro.

— Edward. — Sua voz era um coaxar.

— Ele não parece ótimo, Bob? — perguntou Anne.

O pai estudou-o com um olhar triste.

Quando falou, o fez devagar e pausadamente.

— Não. Parece que levou uma surra.

Jess viu a nova cor surgindo no local do rosto de Ed onde a irmã o acertara.

Ela se deu conta de que estava levando a mão automaticamente ao próprio lábio machucado.

— Por onde ele andou, afinal?

— Papai, esta é Jess.

Os olhos do pai deslizaram em sua direção, as sobrancelhas se erguendo meio centímetro.

— E que diabo aconteceu com o seu rosto? — sussurrou Bob para ela.

— Tive uma discussão com um carro.

A culpa foi minha.

— Foi isso o que aconteceu com Ed?

— Foi.

Ele a olhou por mais um instante.

— Você parece ser encrenca — disse.

— Você é encrenca?

Gemma se inclinou à frente.

— Papai! Jess é amiga do Ed.

Ele não lhe deu atenção.

— Se há alguma vantagem em eu ter muito pouco tempo de vida, é certamente poder dizer tudo o que eu quiser. E ela não parece ter ficado ofendida. Você está ofendida? Desculpe, esqueci o seu nome. Pelo que parece não tenho mais nenhuma célula cerebral.

— Jess. E não, não estou ofendida. — Ele continuou encarando-a. — E, sim, provavelmente sou encrenca — respondeu, olhando-o nos olhos.

Ele demorou a sorrir, mas quando o fez, ela pôde imaginar por um

instante como ele devia ter sido antes de adoecer.

— É bom ouvir isso. Sempre gostei de garotas que eram encrenca. E este aí anda debruçado sobre um computador já faz tempo.

— Como você está, pai?

Bob Nicholls piscou.

— Estou morrendo.

— Todos nós estamos morrendo, pai — disse Gemma.

— Não me venha com esses seus sofismas de assistente social. Estou morrendo depressa e de um jeito desagradável. Me restam poucas faculdades e quase nenhuma dignidade.

Provavelmente, não resistirei até o fim da temporada de críquete. Isso responde à sua pergunta?

— Sinto muito — disse Ed baixinho.

— Sinto muito por não ter vindo.

— Você anda ocupado.

— Sobre isso... — começou Ed. Suas mãos estavam enfiadas nos bolsos. — Pai, preciso lhe contar uma coisa.

Preciso contar algo a todos vocês.

Jess levantou-se depressa.

— Por que eu não vou buscar uns sanduíches para a gente? Vou deixar vocês conversarem. — Jess sentia Gemma estudando-a. — Vou buscar umas bebidas também. Chá? Café?

A cabeça de Bob Nicholls voltou-se para Jess.

— Você acabou de chegar. Fique.

Os olhos dela encontraram os de Ed.

Ele fez um breve movimento de ombros.

— O que é, querido? — A mãe estendeu-lhe a mão. — Você está bem?

— Estou. Bem, estou mais ou menos.

Quer dizer, tenho saúde. Mas... — Ele engoliu em seco. — Não, não estou bem.

Há uma coisa que preciso contar a vocês.

— O quê? — perguntou Gemma.

— Tudo bem. — Ele respirou fundo.

— Bem, é o seguinte.

— O quê? — insistiu a irmã. — Meu Deus, Ed. O quê?

— Estou sendo investigado por uso de informações privilegiadas. Fui suspenso da minha empresa. Na semana que vem, terei que comparecer a

uma delegacia onde, provavelmente, serei acusado, e posso ir para a cadeia.

Dizer que o quarto ficou em silêncio é pouco. Foi como se alguém tivesse entrado ali e sugado todo o ar disponível. Jess pensou que fosse desmaiar.

— Isso é uma piada? — perguntou a mãe.

— Não.

— Eu realmente podia ir buscar um chá — disse Jess.

Ninguém prestou atenção nenhuma nela. A mãe de Ed sentou-se lentamente numa cadeira de plástico.

— Uso de informações privilegiadas?

— Gemma foi a primeira a falar. — Mas isso... isso é sério, Ed.

— É, eu sei, Gem.

— Uso de informações privilegiadas de verdade, como vemos nos jornais?

— Isso mesmo.

— Ele tem bons advogados — lembrou Jess. Ninguém pareceu ouvi-la.
— Caros.

A mãe levava a mão a meio caminho da boca. Baixou-a lentamente e disse: — Não entendo. Quando isso aconteceu?

— Há um mês, mais ou menos. A parte do uso de informações privilegiadas.

— Há um mês? Mas por que não nos contou? Poderíamos ter ajudado você.

— Não poderiam, mãe. Ninguém pode ajudar.

— Mas para a cadeia? Como um criminoso? — disse Anne Nicholls, ficando bastante pálida.

— Acho que, se mandam a pessoa para a cadeia, ela é realmente uma criminosa, mãe.

— Bem, eles vão ter que dar um jeito nisso. Vão ver que houve algum erro, mas vão dar um jeito.

— Não, mãe. Não tenho certeza de que isso vai se resolver assim.

Houve outro longo silêncio.

— Você vai ficar bem?

— Vou. Como Jess disse, tenho bons advogados. Tenho recursos. Já ficou estabelecido que não tive ganho financeiro.

— Você nem ganhou dinheiro com isso?

— Foi um engano.

— Um engano? — perguntou Gemma. — Não estou entendendo.

Como alguém usa informações privilegiadas por engano?

Ed endireitou os ombros e fitou-a.

Respirou fundo e lançou um breve olhar para Jess. Depois olhou para o teto.

— Bem, transei com uma mulher.

Pensei que gostava dela. Depois percebi que não era a pessoa que eu achava que fosse e, de certa forma, quis que ela saísse da minha vida sem que isso gerasse confusão. E o que ela queria era viajar. Assim, tomei uma decisão precipitada e lhe contei que havia um jeito de ela ganhar um dinheirinho extra para pagar suas dívidas e ir viajar.

— Você lhe deu informações privilegiadas.

— É. Sobre o SFAX. Nosso grande lançamento.

— Caramba! — Gemma balançou a cabeça. — Não acredito que estou ouvindo isso.

— E meu nome ainda não saiu na imprensa. Mas vai sair. — Ele enfiou as mãos nos bolsos e olhou com firmeza para a família. Jess se perguntou se só ela notara que a mão dele estava tremendo. — Então... hã... é por isso que não tenho ido em casa. Eu tinha esperança de conseguir esconder isso de vocês, talvez até resolver tudo, para que não chegassem a saber de nada. Mas acontece que vai ser impossível. E queria pedir desculpas. Eu devia ter contado logo e devia ter passado mais tempo aqui. Mas... não queria que soubessem a verdade. Não queria que vissem como meti os pés pelas mãos.

A perna direita de Jess começara a se mexer involuntariamente. Ela se concentrou num ladrilho muito interessante no chão e tentou fazer a perna parar. Quando, por fim, ergueu os olhos, viu Ed olhando para o pai e lhe dizendo: — Então?

— Então o quê?

— Você não vai falar nada?

Bob Nicholls ergueu lentamente a cabeça do travesseiro.

— O que quer que eu diga?

Ed e o pai se entreolharam.

— Quer que eu diga que você foi um idiota? Pois você foi um idiota. Quer que eu diga que você estragou uma carreira brilhante? Posso dizer isso também.

— Bob...

— Bem, o que você...

Bruscamente, Bob começou a tossir.

Um som rouco, áspero. Anne e Gemma se precipitaram para ajudá-lo, entregando-lhe lenços de papel, copos d'água, alvoroçando-se e cacarejando como duas galinhas.

Ed estava aos pés da cama do pai.

— Cadeia? — repetiu sua mãe. — Uma cadeia *de verdade*?

— Sente-se aqui, mãe. Respire fundo — disse Gemma, conduzindo a mãe para uma cadeira.

Ninguém se moveu na direção de Ed.

Por que ninguém o abraçou? Por que eles não conseguiam ver quão sozinho ele se sentia naquele instante?

— Sinto muito — murmurou ele.

Jess não conseguiu mais suportar.

— Posso dizer uma coisa? — Ela ouviu a própria voz, clara e um pouco alta demais. — Só quero lhes contar que Ed ajudou os meus dois filhos quando eu não pude fazer isso. Ele nos trouxe de carro até o outro extremo do país, porque estávamos desesperados. Até onde eu sei, o filho de vocês é... maravilhoso.

Todos olharam. Jess virou-se para Bob.

— Ele é gentil, inteligente e esperto, mesmo que eu não concorde com tudo o que ele faz. É bom com pessoas que mal conhece.

Usando informações privilegiadas ou não, se meu filho se transformar em metade do homem que o filho de vocês é, vou ficar muito feliz.

Mais do que feliz. Ficarei em êxtase. — Todos olhavam para ela. Jess acrescentou: — E eu achava isso antes mesmo de transar com ele.

Ninguém falou nada. Ed olhava fixo para os pés.

— Bem. — Anne assentiu com a cabeça. — Isso é, hã, é...

— Esclarecedor — completou Gemma.

— Ah, Edward... — A voz de Anne foi sumindo.

Bob suspirou, fechou os olhos e disse: — Não vamos fazer disso um dramalhão. — Tornou a abrir os olhos e sinalizou para que levantassem um pouquinho a cabeceira da cama. — Venha cá, Ed. Onde eu possa ver você.

Vista horrível. — Indicou o copo de novo, e a esposa o levou aos seus lábios. Engoliu penosamente, depois bateu na cama para que Ed se sentasse ali. Estendeu o braço e pousou a mão de leve na do filho. Ele estava insuportavelmente frágil. — Você é meu filho, Ed. Pode ser idiota e irresponsável, mas isso não faz a menor diferença no que sinto por você. —

Ele franziu o cenho. — Estou danado por você ter pensado que faria.

— Desculpe, pai.

Bob meneou lentamente a cabeça.

— Acho que não posso ajudar muito.

Lento de raciocínio, com falta de ar...

— Fez uma careta, depois engoliu com dificuldade. Sua mão apertou a de Ed.

— Todos nós erramos. Vá e receba a sua punição. Depois volte e recomece. — Ed olhou para ele. — Faça melhor ainda da próxima vez. Sei que você consegue.

Nesse momento, Anne começou a chorar, lágrimas que não conseguiu evitar e que escondeu na manga. Bob virou lentamente a cabeça para ela.

— Ah, querida — murmurou.

E foi nessa hora que Jess abriu a porta silenciosamente e saiu de fininho.

Ela colocou créditos no celular na loja do hospital, mandou uma mensagem para Ed dizendo onde estava e aguardou na emergência que examinassem seu pé.

Muito contundido, foi o que um jovem médico polonês disse, e não moveu uma pálpebra quando ela lhe contou como se machucara. Enfaixou-a, receitou-lhe analgésicos, devolveu-lhe a sandália de dedo e recomendou repouso.

— Tente não chutar mais nenhum carro — aconselhou, sem erguer os olhos da prancheta.

Jess subiu de volta mancando para a Enfermaria Victoria, sentou-se numa das cadeiras de plástico no corredor e esperou. Estava quente, e as pessoas à sua volta conversavam aos sussurros.

Talvez ela tenha dado um pequeno cochilo. Acordou bruscamente quando Ed saiu do quarto do pai. Ela estendeu-lhe o paletó, e ele o pegou sem dizer uma palavra. Pouco depois, Gemma apareceu no corredor. Colocou a mão delicadamente no rosto do irmão.

— Seu idiota.

Ele abaixou a cabeça, as mãos enfiadas nos bolsos, como Nicky.

— Seu cretino idiota. Me ligue. — Ele recuou. Tinha os olhos

vermelhos. — Falando sério. Vou com você ao julgamento. Talvez eu conheça algumas pessoas que prestam assistência na área de liberdade condicional e possam lhe ajudar a conseguir um regime semiaberto. Quer dizer, você não será enquadrado na categoria A, pois não fez mais nada. — Ela olhou rapidamente para Jess e voltou a fitar o irmão. — Você não fez mais nada, fez?

Ele se inclinou à frente e a abraçou. E talvez somente Jess tenha notado a maneira como ele fechou os olhos com força quando se afastou.

Eles saíram do hospital para a claridade radiante de um dia de primavera. A vida real, inexplicavelmente, parecia ter continuado apesar de tudo. Carros entravam de ré em vagas muito pequenas, carrinhos de bebê saíam de dentro de ônibus, um operário pintava uma cerca ali perto ouvindo o rádio nas alturas. Jess se viu respirando fundo, agradecida por estar longe daquele ar viciado de hospital da enfermaria, do espectro de morte quase tangível que pairava sobre o pai de Ed. Ele andava olhando fixo para a frente. Fez uma pausa ao chegar no carro e destrancou-o com um clique alto. E, então, parou. Era como se não conseguisse se mexer.

Ficou ali, com um braço estendido, fitando o automóvel com o olhar vazio.

Jess esperou por um instante, e em seguida, devagar, contornou o carro.

Pegou a chave da mão de Ed. Por fim, quando ele olhou para ela, Jess deslizou os braços em volta da sua cintura e o segurou até ele deixar a cabeça pender e pousar como um peso morto macio no ombro dela.

TANZIE

Nicky surpreendentemente iniciou uma conversa no café da manhã. Eles estavam comendo à mesa que nem aquelas famílias retratadas na televisão — Tanzie comeu cereal multigrãos, e Suze e Josh comeram croissants de chocolate, que, segundo Suze, eles comiam todo dia porque era o preferido deles —, e foi meio estranho estar ali sentada com o pai e sua outra família, mas, na verdade, não foi tão ruim quanto imaginara. O pai comia uma tigela de flocos de farelo de trigo, pois dizia, enquanto batia na barriga, que precisava ficar em forma, embora ela não soubesse bem por quê, afinal não era como se ele tivesse um emprego.

— Projetos em andamento, Tanzie — respondeu Marty, quando a menina indagou o que ele estava fazendo de verdade.

Ela se perguntou se Linzie tinha uma garagem cheia de aparelhos de ar-condicionado que também não funcionavam. A mulher parecia não comer nada. Nicky brincava com uma torrada — ele raramente tomava café da manhã, e, até aquela viagem, Tanzie não sabia se algum dia ele acordara para tomar café — quando simplesmente olhou para o pai e disse: — Jess trabalha o tempo todo. O tempo todo. E não acho justo.

A colher do pai parou a meio caminho da boca, e Tanzie se perguntou se ele ia ficar muito zangado, como costumava ficar quando Nicky dizia alguma coisa que ele considerava falta de respeito.

Ninguém falou nada durante um minuto.

Então Linzie colocou a mão em cima da do pai e sorriu.

— Ele tem razão, amor.

E o pai corou um pouquinho e disse que, sim, bem, as coisas iriam mudar um pouco dali em diante e que todos já haviam cometido erros. E, sentindo-se um pouquinho mais corajosa no momento, Tanzie disse que, falando estritamente, não, nem todos já haviam cometido erros. Ela cometera um erro com seus algoritmos, e Norman cometera um erro por causa das vacas e dos óculos que quebrara, e a mãe cometera um erro com o Rolls-Royce e por ter sido detida, mas Nicky era a única pessoa da família que não cometera erro algum. No entanto, quando ela estava explicando isso, Nicky chutou-a por baixo da mesa e lhe lançou aquele olhar.

O quê?, perguntaram os olhos dela ao irmão.

Cale a boca, responderam-lhe os dele.

Grrr, não me mande calar a boca, retrucaram os dela.

E depois ele não quis mais olhar para a irmã.

— Quer um croissant de chocolate, querida? — perguntou Linzie, colocando um em seu prato antes que Tanzie sequer tivesse respondido.

Linzie lavara e secara as roupas de Tanzie da noite para o dia, e elas recendiam a amaciante de tecido aromatizado com orquídea e baunilha.

Tudo naquela casa recendia a alguma coisa. Era como se Linzie não deixasse nada ter apenas o próprio cheiro. Havia aparelhinhos ligados nas tomadas ao longo dos rodapés que liberavam um “esplêndido aroma de flores e de florestas tropicais raras” e tigelas de *pot-pourri* e mais ou menos um bilhão de velas no banheiro (“Adoro minhas velas perfumadas”). O nariz de Tanzie ficou coçando durante o tempo todo que eles passaram dentro da casa.

Depois do café, Linzie levou Suze ao balé. O pai e Tanzie foram ao parque, embora ela não fosse ao parque havia uns dois anos porque não tinha mais idade para isso. Não quis, porém, magoar o pai, então se sentou no balanço e deixou que ele a empurrasse algumas vezes. Nicky ficou parado olhando, com as mãos enfiadas nos bolsos. Ele deixara o Nintendo no carro do Sr. Nicholls, e ela sabia que ele queria muito, muito um cigarro, porém achava que não tinha coragem suficiente para fumar na frente do pai.

No almoço, comeram batata frita de uma loja que vendia peixe com fritas (“Não contem para Linzie”, pediu o pai, batendo na barriga de novo), e ele fez perguntas sobre o Sr. Nicholls, tentando parecer natural: — Então, quem é esse cara?

Namorado da sua mãe?

— Não — respondeu Nicky, de um jeito que tornou difícil para o pai fazer outra pergunta.

Tanzie achou que o pai estava um pouco chocado com o jeito como Nicky falava com ele. Não que fosse grosseiro, exatamente. Era só que ele parecia não ligar para o que o pai pensava. E Nicky estava mais alto do que ele, mas, quando Tanzie ressaltou isso, o pai não pareceu achar nem um pouco espantoso.

Ela acabou ficando com frio porque não havia levado o casaco, então eles voltaram. Suze já tinha chegado do balé, e elas brincaram com alguns jogos e Nicky subiu para usar o computador.

Depois, as meninas foram para o quarto de Suze, que disse que elas

podiam assistir a um DVD, pois Suze tinha um aparelho de DVD só dela e assistia a um inteirinho sozinha antes de dormir.

— Sua mãe não lê para você? — perguntou Tanzie.

— Ela não tem tempo. Por isso comprou o aparelho de DVD para mim — explicou Suze.

Ela tinha uma prateleira inteira cheia de filmes, todos os seus preferidos, que podia assistir ali em cima quando estavam vendo outra coisa lá embaixo.

— Marty gosta de filmes de gângster, então eles assistem a esses — contou ela, franzindo o nariz, e Tanzie custou um pouco a se dar conta de que a menina, na verdade, falava de seu pai. E não soube o que dizer.

— Gostei da sua jaqueta — disse Suze, espiando dentro da bolsa de Tanzie.

— Minha mãe fez para mim de Natal.

— Sua mãe fez mesmo? — Ela segurou-a, fazendo as lantejoulas pregadas nas mangas faiscarem na luz.

— Nossa, ela é estilista ou coisa assim?

— Não. Ela é faxineira.

Suze riu como se Tanzie estivesse brincando.

— O que é tudo isso? — perguntou, quando viu os trabalhos de matemática na bolsa.

Dessa vez, Tanzie ficou calada.

— Isso é matemática? Ah, meu Deus, parece... uns rabiscos. Parece... grego.

— Ela riu, folheando os trabalhos e, depois, segurou-os com dois dedos, como se fossem algo horrível. — São do seu irmão? Ele é, tipo, fanático por matemática?

— Não sei.

Tanzie corou porque não sabia mentir muito bem.

— Eca. Que fera. Gênio. *Nerd*.

Ela jogou os papéis para o lado enquanto puxava as outras roupas de Tanzie da bolsa.

— Tudo o que é seu tem lantejola?

Tanzie não disse nada. Deixou os trabalhos no chão porque não queria ter que explicar. Não estava a fim de pensar na Olimpíada. E se limitou a imaginar que talvez fosse mais fácil se ela tentasse ser como Suze dali em diante, pois a menina parecia muito feliz, e seu pai parecia muito feliz ali. E assim, como não queria mesmo pensar em mais nada, Tanzie sugeriu que

fossem ver televisão lá embaixo.

Já tinham assistido a mais da metade de *Fantasia* quando ouviu o pai gritando: — Tanzie, sua mãe está aqui.

A mãe estava parada no umbral com o queixo empinado como se estivesse pronta para discutir. Quando Tanzie parou e olhou para o seu rosto, a mãe levou a mão ao lábio, como se tivesse acabado de se lembrar de que estava cortado, e depois disse: — Eu cáí. — Tanzie olhou mais adiante para o Sr. Nicholls, que estava sentado no carro, e a mãe justificou bem depressa: — Ele também caiu.

Embora, na verdade, ela não tivesse conseguido ver o rosto dele e só quisesse saber se eles iam entrar no carro ou teriam que pegar um ônibus.

E seu pai falou: — Será que tudo que você toca ultimamente sofre algum tipo de dano?

A mãe lhe lançou um olhar e ele resmungou algo sobre reparos, depois disse que ia pegar a bolsa da filha, e Tanzie deu um longo suspiro e correu para os braços da mãe porque, embora tivesse se divertido na casa de Linzie, havia sentido falta de Norman, queria estar com a mãe e, de repente, se sentiu muito, muito cansada.

O chalé que o Sr. Nicholls havia alugado parecia algo tirado de um anúncio sobre o que idosos gostariam de fazer quando se aposentarem ou, talvez, de um anúncio de comprimidos para problemas urinários. Ficava à beira de um lago e havia outras casas, mas a maioria delas estava escondida atrás de árvores ou num ângulo tal que nenhuma janela dava diretamente para qualquer outra casa. Havia cinquenta e seis patos e vinte gansos na água, e todos, exceto três deles, continuavam lá na hora em que eles foram tomar chá. Tanzie achou que Norman pudesse correr atrás das aves, porém ele apenas se deitou na grama e ficou observando.

— Incrível! — comentou Nicky, embora não gostasse nem um pouco de ficar ao ar livre.

Inspirou profundamente, depois tirou duas fotos com o antigo telefone do Sr. Nicholls. A mãe se deu conta de que ele não fumava um cigarro havia quatro dias.

— Não é? — perguntou ela ao garoto.

Jess olhava para o lago. Começou a mencionar algo em relação a pagar a

parte deles, e o Sr. Nicholls ergueu as mãos e fez “não, não, não, não” como se não quisesse nem ouvir falar no assunto, e a mãe ficou meio vermelha e parou.

Para o jantar, eles fizeram um churrasco do lado de fora — embora as condições climáticas não fossem as ideais para isso — porque a mãe disse que seria um final divertido para a viagem, e quando foi que ela já tivera tempo de fazer um churrasco, afinal? Ela parecia determinada a deixar todo mundo feliz e falou duas vezes mais do que qualquer pessoa ali. Disse que havia estourado o orçamento, pois às vezes é preciso dar graças a Deus pelo que se tem e viver um pouco. Parecia que era a maneira que a mãe tinha de agradecer ao Sr. Nicholls. Então eles comeram linguças e coxas de frango com molho picante, pães fresquinhos e salada, e Jess comprara dois potes de um sorvete muito bom, não desses baratos que vêm em potes de plástico. Ela não perguntou nada sobre a casa nova do pai, mas abraçou muito Tanzie e disse que sentira muita saudade, embora aquilo fosse bobagem, afinal só tinha sido uma noite.

Todo mundo contou uma piada, e, apesar de Tanzie só conseguir se lembrar de uma, “O que é que tem no fim da rua?” (resposta: a letra “a”), todos riram. E eles jogaram um jogo em que a pessoa encosta uma das extremidades de um cabo de vassoura na testa enquanto mantém a outra ponta no chão e corre em círculos até cair. A mãe fez isso uma vez, apesar de mal conseguir andar com o pé todo enfaixado e ficava dizendo “Ai, ai, ai” enquanto rodava. E isso fez Tanzie rir, pois era muito bom ver a mãe sendo boba para variar. E o Sr. Nicholls repetia “Não, não, não, obrigado, vou ficar só olhando”. Então, a mãe foi mancando até ele e sussurrou alguma coisa no seu ouvido, e ele levantou as sobrancelhas e perguntou: “É mesmo?”

Ela fez que sim com a cabeça e ele disse: “Bom, está bem, então.” E quando o Sr. Nicholls caiu, fez de fato o chão vibrar um pouco. Até Nicky, que nunca topava nada, entrou na brincadeira, as pernas esticadas como as de uma aranha, e quando riu, sua risada foi muito estranha, um barulho como *huh huh huh*, e Tanzie percebeu que não o ouvia rir assim havia séculos. Talvez nunca tivesse ouvido.

A menina deu seis voltas até o mundo tremer e rodar sob seus pés e ela desabar de costas na grama e observar o céu girar lentamente à sua volta, pensando que aquilo era um pouquinho como a vida para a família deles. Nunca do jeito que devia ser.

Eles comeram, a mãe e o Sr. Nicholls tomaram vinho, e Tanzie raspou

os restos de carne dos ossos e deu para Norman porque cachorros morrem se lhes derem ossos de galinha. Depois, eles vestiram os casacos e se limitaram a ficar sentados do lado de fora nas belas cadeiras de vime que pertenciam ao chalé, todas enfileiradas na frente do lago, e ficaram observando as aves na água até escurecer.

— Adorei este lugar — disse a mãe, no silêncio.

Tanzie não tinha certeza se era para alguém ter visto aquilo, mas o Sr. Nicholls estendeu o braço em direção à mãe e apertou-lhe a mão.

Ele pareceu um pouquinho triste durante a maior parte da noite. Tanzie não sabia bem por quê. Ela se perguntou se era porque tinham chegado ao fim daquela pequena viagem. Mas o barulho da água batendo na margem era muito calmo e tranquilo, e ela deve ter adormecido, pois se lembrava mais ou menos do Sr. Nicholls levando-a no colo para cima e da mãe acomodando-a na cama e dizendo que a amava. No entanto, sua maior recordação de toda aquela noite foi que ninguém falou sobre a Olimpíada, e ela ficou muito, muito feliz.

Porque o negócio foi o seguinte: enquanto a mãe preparava o churrasco, Tanzie pediu emprestado o computador do Sr. Nicholls e olhou as estatísticas das crianças de baixa renda em escolas particulares. Em poucos minutos, viu que a probabilidade de ela ir de fato para a St. Anne's sempre estivera nas porcentagens de um dígito. Com isso, entendeu que, por melhor que tivesse se saído na prova de admissão, deveria ter verificado essa porcentagem antes mesmo de terem saído de casa, pois a pessoa só se dá mal na vida quando não presta atenção nos números. Nicky subiu, e, quando viu o que ela estava fazendo, ficou ali parado por um minuto sem dizer nada, depois lhe deu um tapinha no braço e disse que falaria com umas pessoas que ele conhecia na McArthur's para garantir que cuidassem dela.

Quando eles estavam na casa de Linzie, o seu pai lhe dissera que escola particular não era garantia de sucesso.

Ele repetiu isso três vezes. *O sucesso se deve somente ao que existe dentro de você*, ele falou. *Determinação*. Em seguida, disse que Tanzie deveria pedir para Suze lhe mostrar como ela se penteava porque talvez o cabelo da filha também pudesse ficar bonito daquele jeito.

Sua mãe avisou que dormiria no sofá naquela noite para que ela e Nicky

pudessem ficar com o segundo quarto, no entanto Tanzie achou que ela não dormiu ali porque, quando acordou com muita sede no meio da noite e desceu, a mãe não estava no sofá. E, de manhã, ela vestia a camiseta cinza do Sr. Nicholls, a que ele usava todo santo dia, e Tanzie ficou vinte minutos esperando, observando a porta do quarto dele, pois estava curiosa para saber o que ele estaria vestindo quando descesse.

Uma leve névoa úmida pairava sobre o lago pela manhã. Dissipou-se como num passe de mágica enquanto os quatro guardavam as bagagens no carro.

Norman farejava ao redor da grama, o rabo abanando devagarinho.

— Coelhos — disse o Sr. Nicholls (ele vestia outra camiseta cinza).

A manhã estava fria, pombos arrulhavam baixinho nas árvores, e Tanzie teve aquela sensação triste de que estava num lugar muito legal, mas que tudo ia acabar.

—

Não quero ir

para casa — murmurou ela, quando a mãe fechou o porta-malas do carro.

Jess estremeceu.

— O que foi, meu amor?

— Não quero voltar para casa.

A mãe olhou para o Sr. Nicholls e depois tentou sorrir, andou devagar até ela e falou: — Você está dizendo que quer ficar com seu pai, Tanzie? Porque, se é isso que quer mesmo, eu vou...

— Não. É só que gostei desta casa e aqui é legal.

E ela queria dizer: *E quando voltarmos, não vai ter nada para desejarmos que chegue logo porque está tudo perdido, e além do mais, aqui não tem os Fisher*, mas ela via pela expressão da mãe que ela também estava pensando aquilo, pois Jess olhou imediatamente para Nicky e ele encolheu os ombros.

— Sabe, não é vergonha ter tentado fazer algo, está bem? — A mãe olhava para os dois. — Todos nós nos empenhamos ao máximo para alcançar um objetivo que acabamos não alcançando, mas algumas coisas boas surgiram disso. Conhecemos partes do país que nunca teríamos visto.

Aprendemos um pouco. Resolvemos a situação com seu pai. Fizemos

amigos.

— É possível que ela se referisse a Linzie e a seus filhos, no entanto seus olhos fitavam o Sr. Nicholls quando falou isso. — Então, pensando bem, acho que foi bom termos tentado, ainda que isso não tenha saído exatamente como planejamos. E, sabem, talvez as coisas não sejam tão ruins quando chegarmos em casa.

O semblante de Nicky não demonstrava nada. Tanzie sabia que ele estava pensando em dinheiro.

Foi então que o Sr. Nicholls, que mal tinha falado durante toda a manhã, deu a volta no carro, abriu a porta e disse: — Sim. Bem, andei pensando sobre isso. E vamos fazer um desviozinho.

JESS

Eles formaram um grupinho calado na viagem para casa. Até mesmo Norman já não gemia mais, como se tivesse aceitado que aquele carro se tornara sua casa. Durante todo o planejamento da viagem, nos poucos dias estranhos e agitados do trajeto, Jess só pensara em levar Tanzie à Olimpíada. Levaria a filha até à competição, Tanzie faria a prova e daria tudo certo. Ela nem cogitara a possibilidade de a viagem durar três dias a mais do que o programado. Nem que só lhe sobriariam precisamente treze libras e oitenta e um centavos em dinheiro em seu nome e um cartão de crédito que ela não queria enfiar num caixa eletrônico com medo de que ele acabasse sendo engolido.

Jess não mencionou nada disso a Ed, que estava calado, os olhos focados na estrada à frente.

Ed.

Jess repetia o seu nome mentalmente até despi-lo de qualquer significado real. Quando ele sorria, ela não conseguia evitar sorrir também.

Quando ele parecia triste, algo dentro dela se quebrava de leve. Jess observava-o com seus filhos, a naturalidade com que ele admirara uma foto que Nicky havia tirado com o seu celular, a seriedade com que levava em conta um breve comentário de Tanzie — o tipo de comentário que teria feito Marty revirar os olhos —, e desejou que ele já fizesse parte de suas vidas há muito tempo. Quando estavam sozinhos e ele ficava encostado nela, a mão pousada em sua coxa numa atitude sugestiva de posse, respirando suavemente em seu ouvido, Jess sentia uma certeza silenciosa de que tudo daria certo. Não que Ed fosse fazer tudo dar certo, pois ele tinha os próprios problemas para lidar, mas, de algum modo, a soma dos dois resultaria em algo melhor. *Eles* fariam tudo dar certo.

Porque ela queria Ed Nicholls. Queria enroscar as pernas ao redor dele no escuro e senti-lo dentro dela, arquear o corpo enquanto ele a abraçava. Queria o suor, a atração e a rigidez dele, sua boca na dela, seus olhos nos dela. Enquanto seguiam pela estrada, Jess se lembrava de fragmentos ardentes e maravilhosos das duas noites anteriores, as mãos de Ed, a sua boca, a forma como ele precisava contê-la quando ela gozava para que não

acordasse as crianças, e isso era tudo o que ela podia fazer para não chegar para o lado e afundar o rosto em seu pescoço, deslizar as mãos pelas costas daquela camiseta pelo mero prazer do gesto.

Ela passara tanto tempo pensando somente nas crianças, em trabalho, em contas e em dinheiro. Agora só pensava nele. Quando Ed se virava para ela, Jess corava. Quando o ouvia dizer seu nome, era como se o ouvisse murmurá-lo no escuro. Quando ele lhe entregava o café, o leve toque dos seus dedos a fazia sentir uma eletricidade percorrendo-a por inteiro. Gostava quando os olhos dele encontravam os dela, e se perguntava no que ele estava pensando.

Jess não sabia como lhe transmitir nada disso. Era muito jovem quando conhecera Marty, e, com exceção da noite no Feathers em que as mãos de Liam Stubbs subiram por baixo de sua blusa, ela nunca experimentara nem sequer as preliminares de uma relação com mais ninguém.

Jess Thomas não namorava desde a escola. Isso a fazia parecer ridícula até para si mesma. Precisava fazê-lo entender que ele havia mudado tudo.

— Vamos seguir até Nottingham, se vocês estiverem de acordo — disse ele, voltando-se para ela. Ed ainda conservava um imperceptível hematoma na lateral do nariz. — Vamos chegar a algum lugar tarde. Assim, após um estirão, estaremos em casa só na quinta-feira.

E depois?, quis perguntar Jess. Mas colocou os pés no painel e disse: — Parece bom.

Pararam para almoçar num posto de gasolina. As crianças tinham desistido de perguntar se havia a possibilidade de comerem outra coisa que não fosse sanduíche, e estavam olhando para as lanchonetes e cafeterias refinadas com algo próximo a indiferença. Saltaram e fizeram uma pausa para se esticar.

— Que tal uns enroladinhos de salsicha? — sugeriu Ed, apontando para uma promoção. — Café e enroladinhos de salsicha. Ou pastéis da Cornualha. É um presente meu. Vamos. — Jess olhou para ele, que continuou: — Ande logo, sua mandona. Depois podemos comer umas frutas.

— Você não está com medo? Depois do kebab?

Com a mão acima da testa, ele protegia os olhos do sol para ver melhor.

— Decidi que gosto de viver perigosamente.

Ele a procurara na noite anterior, depois que Nicky, que ficara digitando em silêncio no laptop de Ed no canto da sala, finalmente fora se deitar. Ela se sentira como uma adolescente sentada ali no sofá à sua frente, fingindo assistir à televisão, aguardando. Mas, quando Nicky saiu de fininho, Ed abriu o laptop em vez de ir direto até ela.

— O que ele está fazendo? — perguntou Jess, enquanto Ed espiava a tela.

— Escrita criativa — respondeu.

— Nada de jogos? Nada de armas?

Nada de explosões?

— Não.

— Ele tem dormido — murmurou ela.

— Dormiu todas essas noites em que estamos viajando. Sem baseado.

— Que bom. Eu me sinto como se não dormisse há vários anos.

Ed parecia ter envelhecido dez anos no curto período em que estavam fora.

Depois, estendeu-lhe a mão e puxou-a para si.

— Então — disse baixinho —, Jessica Rae Thomas. Vai me deixar dormir hoje à noite?

Ela estudou o lábio inferior de Ed, absorvendo o toque da mão dele em seu quadril. Sentiu-se alegre de repente.

— Não.

— Excelente resposta.

Eles tinham mudado de direção, afastando-se do minimercado, passando em meio a grupos de viajantes descontentes em busca de caixas eletrônicos ou banheiros lotados. Jess tentava não parecer tão encantada quanto se sentia com a ideia de não fazer mais uma rodada de sanduíches. Sentia o cheiro amanteigado da massa das tortas quentes a metros dali.

Tanzie e Nicky, com um punhado de notas e as instruções de Ed, desapareceram na longa fila dentro da loja. Ele voltou para onde Jess estava, e a aglomeração de pessoas impedia que as crianças os vissem.

— O que você está fazendo? — perguntou ela.

— Só olhando.

Toda vez que ele ficava perto dela, Jess sentia sua temperatura alguns

graus mais elevada do que devia estar.

— Olhando?

— Acho impossível ficar perto de você.

Os lábios de Ed estavam a poucos centímetros da orelha dela. A voz dele era um rumor na pele de Jess, que começou a formigar.

— O quê?

— Só me imagino fazendo coisas obscenas com você. O tempo todo.

Coisas completamente impróprias.

Ele segurou a frente da calça jeans de Jess e a puxou para ele. Ela recuou um pouco, espichando o pescoço para ter certeza de que não podiam ser vistos.

— Era nisso que você estava pensando? Enquanto dirigia? O tempo todo que ficou sem falar nada?

— Era. — Ele olhou mais adiante dentro da loja. — Bem, nisso e em comida. Minhas duas coisas preferidas, bem aqui.

Os dedos dele percorreram sua pele nua embaixo da blusa. A barriga de Jess se contraiu agradavelmente. Suas pernas estavam bambas de um jeito estranho.

Ela nunca desejara Marty como desejava Ed.

— Menos os sanduíches.

— Não vamos falar sobre sanduíches.

Nunca mais.

Então, ele pousou a mão na lombar dela, e eles ficaram o mais perto que podiam ficar decentemente.

— Sei que eu não deveria — murmurou ele —, mas acordei muito feliz. — Seu rosto examinou o de Jess.

— É sério, de verdade, estupidamente feliz. Como se, apesar de toda a minha vida estar um

desastre, eu

simplesmente... Eu me sinto bem. Olho para você e me sinto bem.

Ela sentiu um nó na garganta.

— Eu também — murmurou.

Ele franziu os olhos por causa do sol, tentando avaliar a expressão de Jess.

— Então, não sou... apenas um cavalo?

— Você não é um cavalo, de jeito nenhum. Bem, da forma mais gentil, eu poderia dizer que você foi...

Ele baixou a cabeça e beijou-a. Ele lhe deu um beijo de absoluta certeza, do tipo durante o qual monarcas morrem e continentes inteiros sucumbem sem nem sequer perceberem. Quando Jess se soltou, foi só porque não queria que as crianças a vissem perder a capacidade de ficar de pé.

— Eles estão vindo — avisou Ed.

Jess se viu olhando para ele com cara de boba.

— Encrenca — disse ele enquanto as crianças se aproximavam, segurando sacos de papel no alto. — Foi o que meu pai falou.

— Como se você não tivesse chegado a essa conclusão sozinho.

Ela ficou para trás aguardando o rubor do rosto desaparecer e observando Ed conversar com Nicky, os sacos de papel sendo abertos e o garoto revelando o que haviam escolhido. Sentia o sol na pele, ouvia o canto dos pássaros acima das vozes das pessoas, do ronco dos carros acelerando, sentia cheiro de gasolina e de doces fresquinhos, e as palavras ecoaram em sua cabeça, espontaneamente: isso é que é felicidade.

Eles voltaram devagar para o carro, os rostos já enfiados nos sacos de papel.

Tanzie ia alguns passos à frente, as pernas fininhas movendo-se com um andar apático, e foi então que Jess reparou que faltava algo.

— Tanzie? Cadê seus cadernos de matemática?

Ela não se virou para trás.

— Deixei na casa do papai.

— Ah! Quer que eu ligue para ele? — Procurou o celular na bolsa. — Vou pedir para ele botar já no correio.

Provavelmente vão chegar antes de nós.

— Não — respondeu ela, inclinando um pouquinho a cabeça para a mãe, mas sem olhar em seus olhos. — Obrigada.

Os olhos de Nicky deslizaram para Jess e voltaram para a irmã. E ela sentiu um nó no estômago.

Quando chegaram à última parada para pernoite, eram quase nove horas e eles estavam desfalecendo. As crianças, que haviam passado quase todo o último trecho da viagem comendo biscoitos e doces, estavam exaustas e rabugentas, e subiram logo para examinar os quartos.

Norman foi atrás delas, e depois Ed seguiu com as malas.

O hotel era enorme, branco e de aspecto caro, o tipo de lugar que a Sra. Ritter poderia ter mostrado a Jess no seu celular com câmera e ela e Nathalie teriam suspirado por aquilo mais tarde.

Ed fizera as reservas por telefone, e quando Jess começou a reclamar por causa do preço, ele falou num tom ligeiramente incisivo: — Estamos todos cansados, Jess. E a minha próxima cama talvez seja por conta de Sua Majestade. Vamos ficar num lugar agradável hoje, está bem?

Três quartos interligados num corredor que parecia servir de anexo ao hotel principal.

— Um quarto só para mim. — Nicky suspirou de alívio ao abrir o cômodo número vinte e três. Baixou a voz quando Jess empurrou a porta. — Eu a amo e tudo o mais, mas você não tem ideia do quanto Pinguinho ronca.

— Norman vai gostar deste — observou Tanzie, quando Jess abriu a porta do quarto vinte e quatro. O cachorro, como se concordando, se deitou de imediato ao lado da cama. — Não me importo de dividir quarto com Nicky, mamãe, mas ele realmente ronca muito.

Nenhum deles pareceu questionar onde Jess iria dormir. Ela não conseguiu concluir se eles sabiam e não se importavam ou se apenas presumiram que ela ou Ed ainda dormiam no carro.

Nicky pegou emprestado o laptop de Ed. Tanzie descobriu como mexer no controle remoto da televisão e disse que assistiria a um único programa e depois iria dormir. Não mencionou os cadernos de matemática que ficaram para trás. Na verdade, disse apenas: — Não quero falar sobre isso.

Jess achava que Tanzie nunca lhe dissera essas palavras.

— Só porque uma coisa não dá certo uma vez, querida, não quer dizer que você não possa tentar de novo — argumentou, estendendo o pijama de Tanzie na cama.

A expressão da menina parecia conter uma nova percepção. E as palavras que ela disse em seguida partiram o coração de Jess.

— Acho que é melhor eu me limitar a trabalhar com o que a gente tem, mamãe.

— O que eu faço?

— Nada. Ela simplesmente está farta disso por enquanto. Não pode

culpá-la.

Ed largou as malas no canto do quarto.

Jess sentou-se na beira da cama enorme, tentando ignorar o pé que latejava.

— Mas ela não é assim. Tanzie adora matemática. Sempre adorou. E agora age como se não quisesse ter nada a ver com isso.

— Faz dois dias, Jess. Deixe a menina... Ela vai resolver isso.

— Você tem tanta certeza...

— Eles são crianças inteligentes. — Ele andou até o interruptor e diminuiu a intensidade da luz, olhando para cima até conseguir escurecer o suficiente o quarto. — Assim como a mãe deles.

Mas só porque você supera rápido, não significa que eles superem também.

Ela olhou para ele.

— Isso não é uma crítica. Só acho que, se você lhe der um tempo para relaxar, Tanzie vai ficar bem. Ela é o que é. Não consigo vê-la mudando.

Ele tirou a camiseta pela cabeça num movimento fluido e a largou numa cadeira. Os pensamentos de Jess ficaram imediatamente confusos. Ela não conseguia ver o torso nu de Ed sem querer tocar nele.

— Como você ficou tão sábio? — perguntou.

— Sei lá. Acho que foi contágio. — Ele deu dois passos em sua direção, ajoelhou-se e tirou as sandálias dela, puxando a do pé machucado com mais cuidado. — Como vai este pé?

— Dolorido. Mas bem.

Ele estendeu o braço para a sua blusa.

Puxou o zíper devagarinho e sem perguntar, mantendo os olhos fixos na pele à mostra. Parecia quase distante, como se os seus pensamentos estivessem nela, embora a quilômetros dali. O zíper travou quase no fim, e ela o pegou delicadamente, as mãos sobre as dele, desenganchando os dois lados, e ele conseguiu tirar a blusa dela pelos ombros. Ed ficou ali um instante, apenas olhando para Jess.

Tirou o cinto, depois abriu o zíper da calça jeans, com movimentos pausados e precisos. Ela observava-os, e seu coração começou a palpitar em seus ouvidos.

— Está na hora, Jessica Rae Thomas, de alguém cuidar de você.

Com Jess deitada naquela banheira enorme e apoiada nele, Edward Nicholls lavou-lhe a cabeça mantendo as suas pernas em volta da cintura dela.

Enxaguou-lhe delicadamente o cabelo, alisando-o, e secou seus olhos com uma toalha de rosto para o xampu não os alcançar. Ela mesma ia fazer isso, mas ele não deixou. Ninguém nunca havia lavado sua cabeça, a não ser em um salão de beleza. Isso a fez se sentir vulnerável e emotiva de um jeito estranho. Quando terminou, Ed ficou deitado na água fumegante e perfumada, envolvendo-a com os braços, e beijou as extremidades de suas orelhas. Mais tarde eles concordaram que aquilo fora algo bem romântico, sim, obrigado. Jess sentiu a ereção de Ed surgir embaixo dela, girou o corpo e se abaixou na direção dele. E eles transaram até a água transbordar para fora da banheira e ela não conseguir descobrir se a dor de seu pé era maior do que a sua necessidade de senti-lo dentro dela.

Algum tempo depois, eles jaziam meio submersos, com as pernas entrelaçadas.

E começaram a rir. Porque era um clichê transar num boxe, mas era meio absurdo fazer isso numa banheira e, mais absurdo ainda, estarem cheios de problemas e, mesmo assim, sentirem-se tão felizes. Jess se contorceu para ficar deitada com as pernas esticadas ao lado de Ed, pendurou os braços em seu pescoço, colou o peito molhado no dele e teve certeza absoluta de que nunca voltaria a ficar tão próxima de outro ser humano. Segurou o rosto dele nas mãos e beijou-lhe o maxilar, sua pobre têmpora machucada e seus lábios, e disse a si mesma que, independentemente do que acontecesse, sempre se lembraria de como tinha sido aquilo.

Ele levou a mão ao próprio rosto, enxugando-o. Pareceu sério de repente e perguntou: — Acha que isto é uma bolha?

— Hum, há várias bolhas. É uma...

— Não. Isto. Uma bolha. Estarmos nesta viagem estranha em que as regras normais não se aplicam. A vida real não se aplica. Esta viagem inteira tem sido... um recesso da vida real.

A água se acumulava no chão do banheiro.

— Não olhe para isso. Fale comigo.

Ela baixou os lábios para a clavícula dele, pensando.

— Bem — disse Jess, levantando de novo a cabeça. — Em pouco mais de cinco dias, lidamos com mal-estar, crianças desconsoladas, parentes doentes, atos inesperados de violência, pés estropiados, polícia e acidentes de

carro. Eu diria que isso é bastante vida real para qualquer um.

— Gosto do seu raciocínio.

— Gosto de tudo seu.

— Parece que passamos muito tempo falando besteira um para o outro.

— Hum, gosto disso também.

A água começara a esfriar. Ela se soltou dos braços dele e se levantou, estendendo o braço para alcançar o porta-toalhas aquecido. Entregou-lhe uma toalha e enrolou-se em outra, notando o luxo natural de uma toalha de hotel felpuda e quente. Ed esfregou-a vigorosamente no cabelo com apenas uma mão. Jess se perguntou por um instante se ele estava tão acostumado a toalhas de hotel felpudas que nem notava.

De repente sentiu-se cansadíssima.

Escovou os dentes, apagou a luz do banheiro e, quando se virou, ele já estava na enorme cama do quarto, levantando as cobertas para deixá-la entrar. Ed apagou a luz da cabeceira, e ela ficou ali deitada ao seu lado no escuro, sentindo a pele úmida dele encostada na sua, imaginando como seria ter aquilo toda noite. Ela se perguntava se algum dia seria capaz de ficar deitada quietinha ao seu lado sem querer deslizar uma perna sobre a dele.

— Não sei o que vai acontecer comigo, Jess — disse ele no escuro, como se pudesse ouvir os pensamentos dela. Sua voz era um alerta.

— Você vai ficar bem.

— É sério. Não pode usar seus truques de otimismo com isso. Seja o que for que vai acontecer, provavelmente perderei tudo.

— E daí? Essa é a minha posição padrão.

— Mas posso ter que me afastar.

— Você não vai.

— Pode ser que sim, Jess. — Sua voz tinha uma firmeza incômoda.

E ela respondeu antes de se dar conta do que dizia: — Então, vou esperar. — Sentiu a cabeça dele se inclinar para ela, interrogativamente. — Vou esperar por você. Se quiser.

Ed atendeu a três ligações no último trecho da viagem, todas no viva-voz.

Seu advogado — um homem com um sotaque tão pomposo que deveria estar anunciando a chegada da família real ao jantar — lhe disse que ele deveria comparecer à delegacia na quinta-feira seguinte. Não, nada havia

mudado. Sim, disse, ele entendia o que estava acontecendo. E, sim, contara à família.

O modo como Ed verbalizou aquilo a fez sentir um nó no estômago. Não conseguiu se conter depois. Estendeu o braço e pegou a mão dele. Quando Ed apertou a sua, ele não olhou para ela.

Sua irmã telefonou para dizer que o pai passara melhor a noite. Eles tiveram uma longa conversa sobre uns títulos de seguro com os quais o pai andara preocupado, as chaves de um arquivo que haviam sumido e o que Gemma comera no almoço. Ninguém falou em morrer. Ela mandou lembranças para Jess, que a cumprimentou em resposta, ficando meio sem jeito e ao mesmo tempo meio satisfeita.

Depois do almoço, Ed recebeu a ligação de um homem chamado Lewis, e eles discutiram valores e porcentagens de negócios e a situação do mercado hipotecário. Jess levou um tempo para perceber que falavam do Beachfront.

— Hora de vender — disse ele, quando desligou. — Mesmo assim, como você disse, pelo menos tenho bens para vender.

— Quanto isso tudo vai lhe custar? O — Ah, ninguém diz. Mas lendo nas entrelinhas, acho que a resposta é “quase tudo”.

Ela não conseguiu descobrir se ele estava mais transtornado do que dizia estar. Tentou ligar para outra pessoa, mas caiu na caixa postal. “Aqui é Ronan. Deixe seu recado.” Ele desligou sem dizer nada. A cada quilômetro, a vida real vinha firme na direção deles, como uma maré cheia, fria, impossível de conter.

Eles finalmente chegaram pouco depois das quatro. A chuva se tornara uma garoa fina, a umidade deixara a estrada com um aspecto oleoso, as ruas dispersas de Danehall se esforçavam para mostrar a promessa da primavera.

Lá estava a sua casa, de alguma forma menor e mais abandonada do que Jess se lembrava e, estranhamente, parecendo algo que nada tinha a ver com ela. Ed estacionou em frente, e Jess olhou pelo vidro do carro para a tinta descascando nas janelas do andar de cima, que Marty nunca arranjava tempo para pintar porque, ele dizia, seria preciso fazer um trabalho decente, lixando primeiro e emassando para tapar as falhas, e ele andava sempre muito ocupado ou muito cansado para executar qualquer uma dessas coisas. Por um momento, ela sentiu uma onda de depressão inundá-la com a lembrança de

todos os problemas que estavam ali aguardando o retorno deles. E de todos os maiores que ela criara enquanto esteve ausente. E, então, olhou para Ed, que estava ajudando Tanzie com a mala e rindo de algo que Nicky dizia, inclinando-se para ouvi-lo melhor, e a sensação passou.

Ele parara numa superloja de bricolagem a cerca de uma hora da cidade — o seu desvio — e depois apareceu com uma grande caixa, e teve que pelejar para guardá-la no porta-malas ao lado das bagagens. Era possível que Ed precisasse arrumar a casa antes de vendê-la. Jess não conseguia pensar no que alguém podia fazer para tornar aquela casa ainda mais bonita.

Ed deixou as últimas bolsas ao lado da porta de entrada e ficou parado ali, segurando a caixa de papelão. As crianças haviam ido imediatamente para os seus quartos, como criaturas em algum tipo de experimento de regresso ao local de partida. Jess ficou um pouco envergonhada da sua casinha atravancada, o papel de parede texturizado com lascas de madeira, as fileiras de livros em brochura surrados.

— Vou voltar para a casa do meu pai amanhã.

Num reflexo, ela sentiu uma pontada ao pensar na partida dele.

— Ótimo. Isso é ótimo.

— Só por uns dias. Até eu ir à delegacia. Mas pensei em montar isto primeiro.

Jess olhou para a caixa.

— Câmera de vigilância e lâmpada acionada por movimento. Não deve levar mais do que umas duas horas para montar.

— Você comprou isso para a gente?

— Nicky levou uma surra. Está na cara que Tanzie não se sente segura. Achei que isso faria todos vocês se sentirem melhor. Sabe... se eu não estiver aqui.

Ela ficou olhando para a caixa, para o que aquilo significava. Falou antes de saber o que queria dizer.

— Você... você não precisa fazer isso — gaguejou. — Sou boa em bricolagem.

Pode deixar que eu faço.

— Em cima de uma escada de mão.

Com um pé estropiado. — Ele ergueu uma sobrancelha. — Sabe, Jessica Rae Thomas, em algum momento você vai ter que deixar alguém lhe ajudar.

— Bem, o que devo fazer, então?

— Sentar. Ficar quieta. Colocar o pé machucado para cima. E depois

vou a pé com Nicky à cidade jogar dinheiro fora comprando uma comida para viagem asquerosamente pouco saudável, porque essa poderá ser a última vez que farei isso por algum tempo. Então iremos nos sentar aqui e comer. Em seguida você e eu vamos ficar estirados olhando espantados para o tamanho da barriga um do outro.

— Ah, meu Deus, adoro quando você fala safadeza.

Então ela ficou sentada. Sem fazer nada. Em seu próprio sofá. Tanzie foi se sentar com ela por um instante, e Ed subiu numa escada do lado de fora da casa e acenou com a furadeira pela janela, fingindo que ia cair até aquela cena deixá-la aflita.

— Estive em dois hospitais em oito dias — gritou Jess pela janela, zangada. — Não quero ir para um terceiro.

Então, como não era muito boa em ficar sentada quieta, separou umas roupas sujas e colocou o que cabia na máquina de lavar. Depois disso, tornou a se sentar e se limitou a deixar os outros se mexerem porque tinha de admitir que descansar o pé era muito menos doloroso do que tentar fazer coisas pisando com ele.

— Está bom assim? — perguntou Ed.

Ela foi lá fora mancando vê-lo. Ele estava parado no caminho do jardim, olhando para a frente da casa.

— Achei que, se eu colocasse a câmera ali, ela pegaria não só quem entra no seu jardim, mas também quem fica andando aí na frente. Tem uma lente convexa, está vendo?

Ela tentou parecer interessada. Estava se perguntando se, quando as crianças tivessem ido se deitar, poderia persuadi-lo a dormir lá.

— Muitas vezes, com esse tipo de coisa, você descobre que a presença da câmera por si só já é um elemento de dissuasão.

Será que isso seria tão ruim? Ele sempre poderia sair de fininho antes que elas acordassem. Mas quem eles estariam enganando? Nicky e Tanzie deviam ter percebido que alguma coisa estava acontecendo, com certeza.

— Jess?

Ele estava parado na sua frente.

— Hã?

— Só preciso fazer um furo ali e passar os fios por aquela parede. Espero conseguir instalar um pequeno disjuntor do lado de dentro, então será bem mais simples ligar tudo. Sou muito bom em instalações elétricas. Bricolagem foi a única coisa que meu pai me ensinou e na qual eu era

realmente bom.

Ele exibia a expressão satisfeita que surge nos homens quando têm nas mãos uma ferramenta elétrica. Bateu no bolso, conferindo os parafusos, depois olhou atentamente para ela.

— Você prestou atenção em alguma coisa do que eu disse?

Jess riu, culpada, para ele.

— Ah, você é incorrigível — disse Ed, após um instante. — Sinceramente.

Olhando em volta para se certificar de que ninguém estava olhando, ele enganchou o braço delicadamente em seu pescoço, puxou-a para junto de si e a beijou. A barba despontava áspera no queixo dele.

— Agora me deixe continuar. Sem me distrair. Vá desencavar aquele cardápio de comida para viagem.

Jess entrou na cozinha mancando e sorrindo e começou a procurar nas gavetas. Não conseguia se lembrar da última vez em que pedira comida em casa. Tinha quase certeza de que nenhum dos cardápios estava atualizado. Ed subiu ao primeiro andar para ligar a fiação. Gritou que precisaria mudar uns móveis de lugar para alcançar os rodapés.

— Por mim, tudo bem — gritou ela de volta.

Ouviu o barulhão surdo de coisas grandes sendo arrastadas no chão acima de sua cabeça enquanto ele tentava encontrar o quadro de distribuição, e ela se assustou de novo com o fato de que outra pessoa que não ela iria fazer aquele trabalho.

Recostou-se no sofá e começou a examinar o punhado de cardápios antigos que desencavara da gaveta de panos de prato, arrancando as páginas respingadas de molho ou amareladas pelo efeito do tempo. Tinha quase certeza de que o restaurante chinês não existia mais. Algo a ver com saúde ambiental. A pizzaria não era confiável.

O menu do restaurante de curries parecia bastante aceitável, mas ela não conseguia tirar da cabeça aquele pelo enroladinho que Nathalie encontrara no seu frango jalfrezi. Mesmo assim.

Frango Balti. Arroz *pilaf*. Paparis.

Estava tão distraída que não ouviu os passos de Ed, que descia devagar a escada.

— Jess?

— Acho que este vai servir. — Ela ergueu o cardápio. — Decidi que um pelo de procedência desconhecida é um preço pequeno a se pagar por um

bom frango jal...

Foi então que viu a expressão dele. E o que ele segurava, incrédulo, na mão.

— Jess? — repetiu, e sua voz soou como se fosse de outra pessoa. — Por que meu crachá estava na sua gaveta de meias?

NICKY

Quando Nicky desceu, ela estava sentada no sofá olhando fixo para a frente, como se estivesse em transe. A furadeira Black and Decker foi deixada no peitoril da janela e a escada de mão continuava apoiada na frente da casa.

— O Sr. Nicholls saiu para buscar comida? — perguntou Nicky, um pouquinho aborrecido por não ter podido escolher.

Ela não pareceu ouvi-lo.

— Jess?

Seu rosto estava meio paralisado. Ela fez um breve aceno de cabeça negativo e disse baixinho: — Não.

— Mas ele vai voltar, certo? — perguntou o garoto, após um instante.

Abriu a porta da geladeira. Não sabia o que esperava encontrar. Havia um pacote de limões murchos e um vidro de pickles Branston pela metade.

Uma longa pausa.

— Não sei. — E depois ela repetiu: — Não sei.

— Então... não vamos ter comida de fora?

— Não.

Nicky soltou um gemido de decepção.

— Bem, acho que ele vai ter que voltar em algum momento. Estou com o laptop dele lá em cima.

Estava evidente que eles tiveram algum tipo de desentendimento, contudo Jess não agia da mesma forma quando brigava com o pai dele. Ela batia uma porta, e eles a ouviam resmungar baixinho: *Mané*. Ou então, fechava totalmente a cara, o que queria dizer: *Por que tenho que viver com este idiota?* Mas, naquele momento, Jess parecia uma pessoa a quem tinham dado seis meses de vida.

— Você está bem?

Ela piscou e pousou a mão na testa, como se estivesse verificando a temperatura.

— Hum. Nicky. Preciso... preciso me deitar. Será... será que você pode se virar sozinho? Tem umas coisas.

Comida. No freezer.

Em todos os anos que Nicky morava com ela, Jess nunca lhe pedira para se virar. Nem quando passou duas semanas gripada. Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, ela lhe deu as costas e subiu mancando, muito devagar.

A princípio, Nicky achou que Jess só estivesse sendo melodramática. Mas, vinte e quatro horas depois, ela continuava no quarto. Ele e Tanzie rondavam em frente à porta, conversando aos sussurros. Então lhe levaram um chá com torradas, porém ela se limitava a olhar fixo para a parede. A janela ainda estava aberta, e esfriava lá fora. Nicky fechou-a e saiu para guardar a escada e a furadeira na garagem, que parecia enorme sem o Rolls-Royce lá.

Quando voltou umas duas horas depois para recolher a bandeja, o chá e as torradas continuavam ali, frios, em cima da mesa de cabeceira.

— Ela deve estar exausta da viagem toda — disse Tanzie, como uma velhinha.

Porém, no dia seguinte Jess não saiu da cama. Quando Nicky entrou no quarto, as cobertas quase não estavam amassadas e ela continuava vestindo as mesmas roupas com as quais se deitara.

— Você está doente? — perguntou ele, abrindo as cortinas. — Quer que eu chame um médico?

— Só estou precisando de um dia na cama, Nicky — murmurou.

— Nathalie esteve aqui. Eu disse que você ligaria para ela. Tinha alguma coisa a ver com faxina.

— Diga a ela que estou doente.

— Mas você não está doente. E telefonaram do depósito da polícia perguntando quando você vai buscar o carro. E o Sr. Tsvangarai ligou, mas eu não sabia o que dizer a ele, então só pedi que deixasse recado na secretária eletrônica.

— Nicky. Por favor?

Ela estava com uma expressão tão triste que ele se sentiu mal por ter dito alguma coisa. Jess esperou por um instante, depois puxou o edredom até o queixo e se virou para o lado.

Ele preparou o café da manhã para Tanzie. Estava se sentindo estranhamente útil de manhã. Nem sentia falta da sua parada. Deixava Norman ir para o jardim e limpava a sua sujeira. O Sr. Nicholls largara a lâmpada de segurança do lado de fora junto à janela. Ainda estava na caixa,

que ficara úmida com a chuva, mas ninguém a roubara. Nicky a pegou, levou-a para dentro de casa e ficou ali sentado, olhando para ela.

Pensou em ligar para o Sr. Nicholls, contudo não saberia o que dizer. E se sentiria meio estranho se telefonasse pela segunda vez pedindo para o Sr. Nicholls voltar. Afinal, se uma pessoa quisesse estar com você, ela simplesmente faria isso acontecer. Nicky sabia disso melhor do que ninguém. O que quer que tivesse acontecido entre o Sr. Nicholls e sua mãe fora sério o suficiente para ele não voltar para buscar o laptop. Sério o suficiente para Nicky não saber se deveria interferir.

Ele limpou o próprio quarto.

Caminhou pela orla e tirou algumas fotos com o celular do Sr. Nicholls.

Entrou na internet, mas logo se cansou dos jogos. Olhou pela janela para os telhados da rua principal e para os tijolos laranja do centro de lazer e percebeu que não queria mais ser um *droid* com armadura que alvejava alienígenas no espaço. Não queria ficar enfurnado no quarto. Lembrou-se da estrada aberta e da sensação do carro do Sr. Nicholls conduzindo-os por grandes distâncias, daquele tempo sem fim quando eles nem sabiam onde seria a próxima parada, e se deu conta de que, acima de tudo, queria sair daquela cidadezinha.

Queria encontrar a sua tribo.

Nicky refletira bastante sobre isso e concluía que, na tarde do segundo dia, tinha o direito de se sentir um pouco apavorado. As aulas voltariam em breve, e ele não sabia de que modo deveria tomar conta de Jess, de Pinguinho, do cachorro e de tudo o mais.

Passou aspirador na casa e tornou a lavar as roupas úmidas que encontrou dentro da máquina de lavar, que já começavam a cheirar a mofo. Foi a pé com Tanzie até a loja e compraram pão, leite e ração. Tentou não demonstrar, mas ficou bastante aliviado por não haver ninguém rondando do lado de fora para chamá-lo de bicha, de bizarro nem de qualquer outra coisa. E pensou que talvez, apenas talvez, Jessica tivesse razão e as coisas mudassem mesmo. E talvez um novo estágio da sua vida estivesse começando afinal.

Pouco depois, quando estava verificando a correspondência, Tanzie chegou à cozinha.

— Podemos voltar à loja?

Ele não ergueu os olhos. Perguntava a si mesmo se deveria abrir a carta oficial endereçada à Sra. J. Thomas.

— Acabamos de ir lá.

— Então posso ir sozinha?

Ele ergueu o olhar e se sobressaltou um pouco. Ela havia feito um penteado estranho, prendendo o cabelo para cima e para um lado com um monte de presilhas brilhantes. Não parecia Tanzie.

— Quero comprar um cartão para mamãe — disse a menina. — Para animá-la um pouco.

Nicky tinha certeza de que um cartão não conseguiria isso.

— Por que você não faz um para ela, Pinguinho? Poupe o seu dinheiro.

— Sempre faço. E às vezes é bom receber um cartão de loja.

Ele estudou o seu rosto.

— Você se maquiou?

— Só passei batom.

— Jess não deixaria você usar batom.

Pode tirar.

— Suze usa.

— Acho que essa desculpa não vai deixar Jess mais feliz, Pinguinho. Olhe, pode tirar, e eu lhe dou uma boa aula de maquiagem quando você voltar.

Ela puxou a jaqueta do cabide.

— Tiro no caminho — gritou, por cima do ombro.

— Leve Norman com você — gritou ele, porque era o que Jess teria dito.

Então, fez uma xícara de café e levou-a para cima. Estava na hora de dar um jeito em Jess.

O quarto estava escuro. Eram quinze para as três da tarde.

— Deixe aí do lado — murmurou ela.

Dava para sentir o ar viciado de corpo sem banho no ambiente sem ventilação.

— Parou de chover.

— Ótimo.

— Jess, você precisa se levantar.

Ela não disse nada.

— De verdade. Você precisa se levantar. Está começando a feder aqui.

— Estou cansada, Nicky. Só preciso...
descansar.

— Você não precisa descansar. Você é... você é tipo o nosso Tigrão doméstico.

— Por favor, querido.

— Não estou entendendo, Jess. O que está acontecendo?

Ela se virou bem devagar, depois se apoiou em um cotovelo. Lá embaixo, o cachorro começara a latir para alguma coisa, insistente, errático. Jess esfregou os olhos.

— Cadê Tanzie?

— Foi à loja.

— Ela já comeu?

— Já. Mas quase que só cereal. Não sei fazer nada além de iscas de peixe, e ela já enjoou disso.

Jess olhou para Nicky, depois na direção da janela, como se avaliasse alguma coisa. E então disse: — Ele não vai voltar.

E seu rosto meio que se contorceu.

O cachorro estava latindo muito lá fora, aquele idiota. Nicky tentou se concentrar no que Jess dizia.

— É mesmo? Nunca?

Uma lágrima bem grande escorreu pelo rosto de Jess. Ela a enxugou com a palma da mão e balançou a cabeça.

— Sabe qual foi a grande burrice, Nicky? Eu esqueci mesmo. Esqueci que tinha feito aquilo. Eu me sentia tão feliz enquanto estávamos viajando que era como se tudo antes tivesse acontecido com outra pessoa. Ah, esse cachorro maldito.

As coisas que ela dizia não faziam muito sentido. Nicky se perguntou se Jess não estaria mesmo doente.

— Você podia ligar para ele.

— Tentei. Ele não atende.

— Quer que eu vá até lá?

Mesmo enquanto fazia aquela pergunta ele se arrependeu um pouquinho.

Porque, apesar de gostar muito do Sr. Nicholls, Nicky sabia melhor do que ninguém que não se pode fazer uma pessoa ficar conosco. Não adianta tentarmos nos agarrar a quem não nos quer.

É possível que ela tivesse lhe contado por não ter mais ninguém a quem

contar.

— Eu o amava, Nicky. Sei que parece uma idiotice, após tão pouco tempo, mas eu o amava.

Foi um choque ouvi-la dizer aquilo.

Toda aquela emoção ali simplesmente dita por impulso. Mas isso não o fez querer sair correndo. Nicky sentou-se na cama, debruçou-se e, embora se sentisse meio sem jeito em relação a um contato físico real, abraçou-a. E Jess se sentiu muito pequenina, embora sempre tivesse pensado que era maior do que ele. E ela encostou a cabeça em Nicky, que ficou triste porque finalmente queria, sim, dizer alguma coisa, só não sabia o quê.

Nesse momento os latidos de Norman ficaram histéricos. Da mesma forma de quando ele viu as vacas na Escócia.

Nicky recuou, distraído.

— Parece que ele está enlouquecendo — disse o garoto.

— Que cachorro maldito. Deve ser aquele chihuahua do cinquenta e seis.

— Jess fungou e enxugou os olhos. — Posso jurar que ele atormenta Norman de propósito.

Nicky desceu da cama e foi até a janela. Norman estava no jardim, latindo histericamente, a cabeça enfiada no vão da cerca onde a madeira estava podre e havia dois painéis meio quebrados. O garoto demorou alguns segundos para perceber que o cachorro não se parecia com Norman. Aquele cão estava rigidamente de pé, o pelo eriçado. Nicky abriu mais a cortina, e foi quando viu Tanzie do outro lado da rua. Havia dois Fisher e um garoto que ele não reconhecia, e eles a haviam colocado contra a parede. Enquanto Nicky observava, um deles agarrou a jaqueta da menina e ela bateu na mão do garoto tentando afastá-la.

— Ei! Ei! — gritou ele, mas os garotos não o ouviram. Com o coração acelerado, Nicky tentou abrir a janela de guilhotina, porém ela não se mexeu. Ele bateu no vidro, tentando fazê-los parar.

— Ei! Merda. Ei!

— O que foi? — perguntou Jess virando-se na cama.

— Os Fisher.

Eles ouviram o grito estridente de Tanzie e Jess pulou da cama. Norman ficou quieto por uma fração de segundo, depois se atirou na direção da parte mais fraca da cerca. Atravessou-a como um aríete canino, mandando pedaços de madeira para todo lado, seguindo diretamente na direção do som da voz de

Tanzie. Nicky viu os Fisher se virarem e ficarem boquiabertos ao darem de cara com aquele enorme míssil negro partindo para cima deles. Em seguida, ele ouviu uma freada, um ruído surpreendentemente alto, o *Ai, meu Deus! Ai, meu Deus!* de Jess e, depois, um silêncio que pareceu não acabar mais.

TANZIE

Tanzie passara quase uma hora sentada no seu quarto tentando desenhar um cartão para a mãe. Mas não conseguia pensar no que escrever. Sua mãe parecia doente, embora Nicky tivesse dito que ela não estava doente de fato, não como o Sr. Nicholls havia estado, portanto não parecia certo escrever um cartão de Melhoras. Ela pensou em escrever “Seja Feliz!”, mas isso parecia uma ordem. Ou mesmo uma acusação. Então pensou em escrever apenas “Eu te amo”, mas queria escrever em vermelho e todas as suas canetas hidrográficas dessa cor haviam secado. Por isso decidiu que iria comprar um cartão, porque a mãe sempre disse que o pai nunca lhe dera um sequer, a não ser um cartão estofado de quinta categoria no Dia dos Namorados quando eles estavam namorando. E ela caía na gargalhada diante da palavra “namorando”.

Acima de tudo, Tanzie só queria que a mãe se animasse. Uma mãe deve estar no comando, tomando conta das coisas, andando de um lado para outro lá embaixo, e não deitada ali no escuro como se estivesse a um milhão de quilômetros de distância. Isso assustava Tanzie. Desde que o Sr. Nicholls fora embora, a casa parecia muito sossegada, e ela sentia um frio na barriga, como se algo ruim estivesse prestes a acontecer.

Quando acordou naquela manhã, Tanzie entrou de mansinho no quarto da mãe e se enfiou na cama com ela para um chamego, e Jess a abraçara e lhe dera um beijo no topo da cabeça.

— Você está doente, mamãe?

— Só estou cansada, Tanzie. — A voz da mãe soava, sim, como a coisa mais triste e cansada do mundo. — Vou me levantar em breve, prometo.

— Isso... é por minha causa?

— O quê?

— Porque não quero mais fazer matemática. É isso que a está deixando triste?

Os olhos da mãe se encheram d’água, e a menina teve a sensação de ter piorado ainda mais as coisas.

— Não, Tanzie — disse ela, puxando-a para perto. — Não, querida. Isso não tem absolutamente nada a ver com você e a matemática. Essa é a última

coisa que você deveria pensar.

Mas a mãe não se levantou.

Então, Tanzie estava andando pela rua levando no bolso as duas libras e quinze centavos que Nicky lhe dera, embora pudesse dizer que o irmão achava o cartão uma ideia idiota, e se perguntando se seria melhor comprar um cartão mais barato e uns chocolates ou se um cartão barato estragaria todo o sentido do cartão. Foi quando um carro parou ao seu lado. Ela achou que fosse alguém querendo informações para chegar ao Beachfront (as pessoas viviam pedindo informações para chegar lá), mas era Jason Fisher.

— Oi, Aberração — disse o garoto, e ela continuou andando.

Ele tinha o cabelo espetado com gel e os olhos cerrados, como se passasse a vida franzindo os olhos para aquilo de que não gostava.

— Eu disse oi, Aberração.

Tanzie tentou não olhar para ele. Seu coração começou a palpitar. Ela acelerou o passo.

Jason avançou e Tanzie achou que talvez ele fosse embora. Mas ele parou o carro, saltou e bamboleou até ela, parou à sua frente, e ela não tinha como seguir adiante sem forçar a passagem.

Ele se inclinou para um lado, como se estivesse explicando algo a uma pessoa idiota.

— É falta de educação não responder quando falam com você. Sua mãe nunca lhe disse isso?

Tanzie estava tão apavorada que não conseguia falar.

— Cadê o seu irmão?

— Não sei. — Sua voz saiu num sussurro.

— Sabe, sim, sua aberraçãozinha de quatro olhos. Seu irmão acha que foi espertinho se metendo com o meu Facebook.

— Ele não fez isso — retrucou ela.

Mas a menina era mesmo uma péssima mentirosa, e percebeu tão logo falara aquilo que Jason sabia que ela estava mentindo.

Ele deu dois passos em sua direção.

— Diga ao Nicky que vou pegar ele, aquele merdinha metido. Ele se acha muito esperto. Diga a ele que vou sacanear o perfil dele para valer.

O outro Fisher, o primo de cujo nome ela nunca se lembrava, murmurou alguma coisa para ele que Tanzie não ouviu. Todos tinham saído do carro e andavam devagar na direção dela.

— É — disse Jason. — O seu irmão tem que entender uma coisa. Ele se

mete com o que é meu, a gente se mete com o que é dele.

Empinou o queixo e cuspiu ruidosamente na calçada. A cusparada ficou ali na frente dela, uma grande ostra verde.

Tanzie se perguntou se eles conseguiam notar como ela estava respirando com dificuldade.

— Entre no carro.

— O quê?

— Entre na porra do carro.

— Não.

Ela começou a recuar, afastando-se deles. Olhou em volta, tentando ver se vinha alguém pela rua. Seu coração batia nas costelas como um passarinho dentro de uma gaiola.

— Entre na porra do carro, Costanza.

Ele falou aquilo como se o nome dela fosse algo nojento. Tanzie quis correr, mas era péssima nisso e sabia que a alcançariam. Quis atravessar a rua e virar na direção de casa, porém era muito longe. Foi quando uma mão pousou em seu ombro.

— Olhe o cabelo dela.

— Você entende de garotos, Quatro Olhos?

— É claro que ela não entende. Olhe o estado dela.

— Está usando batom, a vadiazinha.

Mesmo assim, é feia para caramba.

— É, mas não precisa olhar para a cara dela, precisa?

Eles começaram a rir. A voz de Tanzie saiu parecendo ser de outra pessoa: — Me deixem em paz. Nicky não fez nada. Só queremos que nos deixem em paz.

— Só queremos que nos deixem em paz. — O tom das vozes dos garotos era zombeteiro.

Fisher chegou mais perto dela. Baixou a voz.

— Entre na porra do carro, Costanza.

— Me deixe em paz!

Ele então começou a agarrá-la, as mãos puxando suas roupas. Uma onda gelada de pânico a invadiu, apertando-lhe a garganta. Tanzie tentou empurrá-lo.

Talvez já estivesse gritando, porém ninguém aparecia. Os dois agarraram seus braços e a puxavam para o carro.

Ela ouvia seus grunhidos de esforço, sentia o cheiro do desodorante

deles enquanto tentava firmar os pés na calçada. E sabia melhor do que qualquer outra coisa que não devia entrar no carro. Porque, quando a porta se abriu à sua frente, como se fosse a mandíbula de um animal enorme, ela se lembrou de repente de uma estatística americana de meninas que entravam em carros de homens desconhecidos. As chances de sobrevivência da garota caíam para setenta e dois por cento assim que ela pisava no estribo. Essa estatística virou algo concreto na sua frente. Tanzie agarrou-a, bateu, chutou, mordeu e ouviu alguém xingar quando seu pé colidiu com uma pele macia, e foi quando levou uma pancada na lateral da cabeça, cambaleou e rodopiou, e deu para ouvir um barulho quando ela caiu no chão.

Tudo se tornou secundário. Houve tumulto, um grito a distância. Ela levantou a cabeça e sua visão estava toda embaçada, mesmo assim pensou ter visto Norman atravessar a rua na sua direção a uma velocidade que ela nunca vira, a boca arreganhada, os dentes à mostra, os olhos negros, sem parecer em nada com Norman, e sim com uma espécie de demônio. Houve um clarão vermelho e o cantar de freios, e tudo o que Tanzie viu foi algo preto voando no ar como uma bola de roupa suja. E tudo o que ela ouviu foi o grito, o grito que não parava, o som do fim do mundo, o pior que já se ouviu, e se deu conta de que era ela mesma, era o som da sua voz.

JESS

Ele estava no chão. Jess correu, sem ar, descalça, para a rua, e o homem estava parado ali, com ambas as mãos na cabeça, balançando-se nos pés e dizendo: — Eu não vi. Não vi. Ele simplesmente correu direto para a rua.

Nicky estava ao lado de Norman, segurando-lhe a cabeça, branco como papel e murmurando: — Vamos, amigo. Vamos.

Tanzie, em choque, tinha os olhos esbugalhados e os braços rígidos ao longo do corpo.

Jess se ajoelhou. Os olhos de Norman eram bolas de gude. O sangue escorria de sua boca e de suas orelhas.

— Ah, não, seu velho idiota. Ah, Norman. Ah, não.

Ela encostou o ouvido no peito do cão.

Nada. Um grande soluço lhe subiu pela garganta.

Sentiu a mão de Tanzie em seu ombro, agarrando a sua camiseta e puxando sem parar.

— Mamãe, faz tudo ficar bem. Mamãe, faz tudo ficar bem. — Tanzie se ajoelhou e escondeu o rosto na pelagem do cão.

— Norman. Norman.

E então ela começou a gemer. Por baixo de seus gritos agudos, as palavras de Nicky emergiram distorcidas e confusas.

— Eles estavam tentando forçar Tanzie a entrar no carro. Eu estava tentando chamar você, mas não consegui abrir a janela. Não consegui abrir e gritei, e então Norman atravessou a cerca. Ele sabia. Estava tentando ajudar Tanzie.

Nathalie veio correndo pela rua, a blusa abotoada nas casas erradas, com bobes no cabelo. Passou os braços em volta de Tanzie e apertou-a, embalando-a, tentando fazer o barulho parar.

Os olhos de Norman tinham se aquietado. Jess aproximou a cabeça da dele e ficou desolada.

— Já chamei o médico da emergência veterinária — disse alguém.

Ela afagou a orelha grande e macia do animal.

— Obrigada — murmurou.

— Temos que fazer alguma coisa, Jess — falou Nicky de novo, com

mais urgência. — Agora mesmo.

Ela colocou a mão trêmula no ombro do garoto.

— Acho que ele se foi, querido.

— Não. Não diga isso. Foi você que disse que não se fala isso. Nós não desistimos. Você é que diz que tudo vai dar certo. Não fale isso.

E quando Tanzie voltou a gemer, o rosto de Nicky se contorceu. Em seguida, ele soluçou, o braço dobrado na frente do rosto, os soluços eram enormes, ofegantes, como se uma barragem tivesse afinal se rompido.

Jess ficou sentada no meio da rua enquanto os carros passavam devagar à sua volta e os vizinhos curiosos rondavam nos degraus da frente de suas casas. Ela segurava a enorme cabeça ensanguentada de seu velho cachorro no colo, então levantou o rosto para o céu e disse baixinho:

E agora? Que inferno, e agora?

TANZIE

A mãe a levou para dentro de casa.

Tanzie não queria deixá-lo. Não queria que Norman morresse lá fora no meio do asfalto, sozinho, com estranhos olhando para ele de boca aberta e aos sussurros, mas sua mãe não ouviu seu pedido.

Nigel, que morava na casa vizinha, apareceu ali correndo e disse que assumiria o controle da situação, e em seguida a mãe abraçou Tanzie com força. E enquanto a menina esperneava e gritava por Norman, havia a voz da mãe pertinho de seu ouvido: — Querida, está tudo bem, querida, vamos lá para dentro, não olhe, vai dar tudo certo.

Mas enquanto a mãe fechava a porta da frente, a cabeça encostada na sua, puxando-a para junto de si, com os olhos cegos de lágrimas, Tanzie ouviu Nicky soluçando às suas costas no corredor, estranhos soluços entrecortados, como se soluçar fosse algo que ele nem soubesse fazer. E a mãe estava, sim, mentindo para ela, porque não iria ficar tudo bem, nunca ficaria, pois aquilo era mesmo o fim de tudo.

ED

— Às vezes — disse Gemma, olhando às suas costas para a criança vermelha de tanto gritar, arqueando o corpo na mesa ao lado —, acho que quem vê o pior tipo de pais não são as assistentes sociais, e sim quem trabalha nos bares.

Ela mexia energicamente seu café, como se contivesse um impulso natural de dizer algo.

A mãe, com o cabelo louro encaracolado cascadeando estilosamente nas costas, continuava pedindo à criança em tons tranquilizadores que parasse e tomasse o seu cappuccino infantil. Mas era ignorada.

— Não vejo por que não podemos ir ao pub — disse Ed.

— Às onze e quinze da manhã? Nossa, por que ela não manda o garoto parar?

Ou o leva para fora? Será que ninguém mais sabe distrair uma criança?

O garoto gritava mais alto. A cabeça de Ed começara a doer.

— Poderíamos ir.

— Ir aonde?

— Ao pub. Seria mais tranquilo.

Ela olhou fixo para o irmão e correu um dedo especulativo pelo queixo dele.

— Ed, quanto você bebeu ontem à noite?

Ele saíra da delegacia esgotado.

Haviam se reunido depois com o seu advogado, de cujo nome Ed já se esquecera, com Paul Wilkes e dois outros advogados consultivos, sendo que um deles era especializado em casos de uso de informações privilegiadas.

Sentaram-se a uma mesa de mogno e falaram como se estivessem coreografados, expondo o processo abertamente de modo que Ed não teve dúvidas do que o esperava. Contra ele: os e-mails rastreados, o depoimento de Deanna Lewis, os telefonemas do irmão dela, a nova determinação da SFA de conter à força quem praticasse uso de informações privilegiadas. Seu próprio cheque, com assinatura e tudo.

Deanna jurou não saber que o que fizera era errado. Afirmou que Ed insistira para que ela ganhasse o dinheiro. Disse que nunca teria feito aquilo,

caso soubesse que o que ele sugeria era ilegal. Nem teria contado ao irmão.

A prova a favor dele: o fato de, claramente, não ter ganhado um centavo sequer com a transação. Seus advogados disseram — na sua opinião, um pouquinho alegres demais — que enfatizariam a sua ignorância, a sua inépcia, que ele ainda estava começando a ter experiência com dinheiro e com as ramificações e responsabilidades da função de diretor. Afirmariam que Deanna Lewis sabia muito bem o que estava fazendo; que o breve relacionamento de Ed com ela era, na verdade, uma prova da armação dela e do irmão. A equipe de investigação examinara todas as contas de Ed e as considerara razoavelmente rentáveis.

Ele pagava os impostos todos os anos.

Não tinha investimentos. Sempre gostara das coisas simples.

E o cheque não fora emitido em nome de Deanna. Estava em sua posse, porém o nome fora preenchido com a letra dela. Disseram que declarariam que ela pegara um cheque em branco da casa dele em algum momento durante o relacionamento dos dois.

— Mas ela não pegou — afirmou Ed.

Ninguém pareceu ouvir.

Qualquer resultado seria possível com a sentença de condenação, disseram-lhe.

Mas, acontecesse o que fosse, Ed, sem dúvida, encararia uma multa substancial.

E, obviamente, o fim de sua participação na Mayfly. Seria proibido de exercer funções de diretoria, possivelmente por um bom tempo. Ele precisava estar preparado para todas essas coisas.

Começaram a debater entre si.

Então ele anunciou: — Quero me declarar culpado.

— O quê?

A sala ficou em silêncio.

— Eu disse a Deanna que fizesse isso, sim. Não me toquei que era ilegal. Só queria que ela saísse da minha vida, então expliquei como ela podia ganhar algum dinheiro.

Eles se entreolharam.

— Ed... — começou sua irmã.

— Quero dizer a verdade.

Um dos advogados consultivos inclinou-se à frente.

— Na verdade temos uma defesa muito boa, Sr. Nicholls. Acredito que,

dada a ausência de sua letra no cheque, que é a única prova substancial que eles têm, podemos afirmar com sucesso que a Sra. Lewis usou a conta do senhor para os próprios fins.

— Mas eu lhe dei o cheque, sim.

Paul Wilkes jogou o corpo para a frente.

— Ed, você precisa estar ciente disso.

Declarar-se culpado aumentará substancialmente sua chance de receber uma pena de reclusão.

— Não me importo.

— Você vai se importar com a sua própria segurança quando estiver cumprindo pena de vinte e três horas na solitária em Winchester — observou Gemma.

Ele mal a ouviu.

— Só quero dizer a verdade. É isso.

— Ed — a irmã agarrou o seu braço —, a verdade não tem lugar num tribunal. Você vai piorar as coisas.

Mas ele negou com a cabeça e se recostou na cadeira. E depois não falou mais nada.

Sabia que eles achavam que ele estava louco, mas não ligava. Não conseguia se forçar a parecer preocupado com nada daquilo. Ficou ali sentado, paralisado, a irmã fazendo a maioria das perguntas.

Ele ouviu *Lei de Serviços e Mercados Financeiros de 2000 blá-blá-blá*. Ouviu *regime semiaberto e multas punitivas* e *Lei da Justiça Penal de 1933 blá-blá-*

blá. Sinceramente, não conseguia dar a mínima para nada daquilo. Então passaria um tempo na cadeia? E daí?

Ele perdera tudo, afinal de contas, duas vezes.

— Ed? Você ouviu o que eu disse?

— Desculpe.

Desculpe. Era tudo o que ele parecia dizer ultimamente. Desculpe, não escutei você. Desculpe, eu não estava ouvindo.

Desculpe, estraguei tudo. Desculpe, fui burro o suficiente para me apaixonar por uma pessoa que achava que eu era um idiota.

E lá estava: o aperto, agora familiar, ao pensar nela. Como ela pôde ter mentido para ele? Como puderam passar quase uma semana sentados lado a lado dentro de um carro e ela nem sequer ter começado a contar o que havia feito?

Como Jess fora capaz de conversar com ele sobre seus medos financeiros?

Como pudera ter falado com ele sobre confiança, ter caído em seus braços sabendo o tempo todo que havia roubado dinheiro do seu bolso?

Ela não precisara dizer nada no fim.

Foi o seu silêncio que lhe contou. A fração de segundo entre ela registrar a visão do crachá que ele, incrédulo, segurava na mão e o seu gaguejar ao tentar explicar aquilo.

Eu ia lhe contar.

Não é o que você está pensando. Ela levou a mão à boca.

Eu não estava raciocinando.

Ai, meu Deus. Não é...

Jess era pior do que Lara. Pelo menos, Lara havia sido honesta, à sua maneira, sobre os atrativos dele. Ela gostava do dinheiro. Gostava da aparência dele, uma vez que o moldara de acordo com o que queria. Ed achava que, no fundo, ambos haviam entendido que o casamento deles era uma espécie de acordo. Dissera a si mesmo que o casamento de todo mundo, de uma maneira ou de outra, era um acordo.

Mas Jess? Jess agira como se ele fosse o único homem que ela já tivesse desejado de verdade. Deixara-o pensar que era do Ed real de que ela gostava, mesmo quando ele estava vomitando, mesmo com aquele rosto machucado e com medo de encontrar os próprios pais.

Ela o deixara pensar que se tratava dele.

— Ed?

— Desculpe.

Ele levantou a cabeça das mãos.

— Sei que é difícil. Mas você vai sobreviver a isso.

A irmã estendeu o braço e apertou sua mão. Em algum lugar atrás dela, a criança gritava. A cabeça de Ed latejava.

— É claro — disse.

No instante em que ela saiu, ele foi para o pub.

Após a sua confissão de culpa, eles apressaram a audiência, e Ed passou com o pai os poucos dias que a precederam. Resolveu ir para lá em parte por escolha, em parte por já não ter mais nenhum móvel no apartamento de

Londres; estava tudo num depósito, pronto para a consumação da venda.

O apartamento fora vendido pelo preço pedido, sem qualquer visita. O corretor não pareceu achar aquilo surpreendente.

— Temos uma lista de espera para este prédio — disse, quando Ed lhe entregou as cópias das chaves. — Investidores querendo uma aplicação segura para o seu dinheiro. Para ser sincero, o apartamento simplesmente vai continuar vazio por alguns anos até eles sentirem vontade de vendê-lo.

Ed ficou três noites na casa dos pais, dormindo em seu quarto de infância, acordando de madrugada e passando os dedos pelo papel de parede texturizado atrás da cabeceira, lembrando-se da irmã adolescente subindo as escadas com passos barulhentos, batendo a porta do quarto ao digerir qualquer que tenha sido o insulto que tivesse ouvido do pai ao passar. De manhã, ele tomava café com a mãe e, aos poucos, compreendia que o pai nunca mais voltaria para casa.

Que eles nunca mais o veriam ali, batendo no jornal com irritação para dobrá-lo nos cantos retos, estendendo o braço sem olhar para pegar a caneca de café preto forte (sem açúcar). Às vezes, ela caía em prantos, desculpando-se e pedindo com um aceno de mão que Ed saísse enquanto pressionava um guardanapo nos olhos. *Estou bem, estou bem. De verdade, meu querido, não ligue para mim.*

Internado no superaquecido quarto três da Enfermaria Victoria, Bob Nicholls falava menos, comia menos, fazia menos. Ed não precisou falar com um médico para ver o que estava acontecendo.

A carne parecia desaparecer de seu corpo, derretendo-se, deixando seu crânio encostado num véu translúcido e as grandes órbitas dos seus olhos contundidas.

Eles jogavam xadrez. Mas o pai com frequência adormecia no meio da partida, durante um movimento, e Ed ficava à cabeceira aguardando com paciência até ele acordar. E quando o pai abria os olhos e custava um pouco a entender onde estava, fechando a boca e baixando as sobrancelhas, Ed movia uma peça e agia como se estivesse esperando há um minuto, e não há uma hora, para que ele voltasse ao jogo.

Eles conversavam. Não sobre assuntos importantes. Ed não sabia se algum dos dois era daquele feitio. Falavam sobre críquete e o clima. O pai comentava sobre a enfermeira de covinhas que sempre inventava algo engraçado para lhe contar. Ele pedia a Ed que cuidasse da mãe. Receava que ela estivesse se esforçando demais. Temia que o homem que limpava as

calhas cobrasse a mais se ele não estivesse presente. Estava aborrecido por ter gastado muito dinheiro no outono para mandar capinar a grama e porque não conseguiria ver o resultado. Ed não tentava argumentar.

Isso pareceria uma atitude condescendente.

— Então cadê o fogo de artifício? — perguntou-lhe Bob certa noite.

Ed estava a dois movimentos do xeque-mate. Tentava decidir como bloquear o pai.

— O quê?

— A sua garota.

— Lara? Papai, você sabe que nós...

— Ela, não. A outra.

Ed respirou fundo.

— Jess? Ela está... hã... está em casa, eu acho.

— Gostei dela. Ela o olhava de um jeito... — Ele empurrou lentamente a torre para uma casa preta adiante. — Estou feliz por você estar com ela. — Fez um pequeno gesto de cabeça positivo. — Encrenca — murmurou, quase que para si mesmo, e sorriu.

A estratégia de Ed desmoronou. O pai derrotou-o em três movimentos.

JESS

O homem barbado surgiu das portas de vaivém enxugando as mãos no casaco branco.

— Norman Thomas?

Jess nunca considerara que seu cão poderia ter sobrenome.

— Norman Thomas? Porte grande, raça indeterminada — disse ele abaixando o queixo e olhando direto para ela.

Ela se pôs de pé atabalhoadamente na frente das cadeiras de plástico.

— Ele sofreu grandes lesões internas — disse sem preâmbulos. — Está com um quadril quebrado e várias costelas e uma perna dianteira fraturada, e não temos como saber o que está acontecendo internamente até o edema ter diminuído. E acho que ele perdeu definitivamente a visão do olho direito.

Ela reparou que havia manchas de sangue resplandecente nos sapatos de plástico azuis do homem. Sentiu a mão de Tanzie crispar-se na sua.

— Mas ele ainda está vivo?

— Não quero lhe dar falsas esperanças. As próximas quarenta e oito horas serão críticas.

Ao lado dela, Tanzie deu um gemido surdo que poderia ter sido de alegria ou de agonia, era difícil dizer.

— Venha comigo. — Ele pegou no braço de Jess, virando as costas para as crianças, e baixou a voz. — Tenho que dizer que não sei, dada a extensão dos ferimentos de Norman, se a decisão mais generosa não seria deixá-lo morrer.

— Mas e se ele sobreviver às quarenta e oito horas?

— Nesse caso, talvez tenha alguma chance de recuperação. Mas, como falei, Sra. Thomas, não quero lhe dar falsas esperanças. Ele, de fato, não está bem.

Em volta deles os clientes aguardando observavam em silêncio, seus gatos em caixas de transporte aconchegadas no colo, seus cãezinhos arfando baixinho sob as cadeiras. Nicky olhava para o veterinário, o maxilar contraído numa linha tensa. Seu rímel estava borrado em volta dos olhos.

— Se dermos procedência, não será barato. Ele pode ter que passar por mais de uma cirurgia. Possivelmente até várias. Ele tem seguro?

Jess fez que não com a cabeça.

O veterinário ficou sem jeito.

— Preciso avisá-la de que ir em frente com esse tratamento custará, provavelmente, uma quantia significativa. E não há nenhuma garantia de recuperação. É muito importante a senhora entender isso antes de irmos adiante.

Foi o seu vizinho Nigel que o salvou, ela ouviu depois. Ele saía correndo de casa com dois cobertores, um para enrolar a trêmula Tanzie, o outro para cobrir o corpo do cão. Saía da rua, dissera ele a Jess. Leve as crianças para dentro de casa. Mas, enquanto cobria delicadamente a cabeça de Norman com o tapete xadrez, ele havia parado e perguntado a Nathalie: “Viu isso?”

Jess não o ouviu a princípio, pois havia o barulho daquele monte de gente, dos lamentos abafados de Tanzie e do choro das crianças ali perto, porque, embora elas não conhecessem Norman, entendiam a profunda tristeza de ver um cão caído imóvel na rua.

“Nathalie! A língua dele. Olhe. Acho que está arfando. Aqui. Vamos pegá-lo.

Vamos colocá-lo no carro. Depressa!”

Foram necessários três vizinhos de Jess para levantar o cachorro. Eles o colocaram com cuidado no banco de trás e seguiram a toda para a grande clínica veterinária na periferia da cidade. Jess adorava Nigel por ele não ter mencionado nem sequer uma vez o sangue que deve ter sujado todo o estofamento do seu carro. Telefonaram para ela do veterinário e disseram-lhe que fosse para lá o mais rápido possível. Por baixo da jaqueta, Jess ainda estava de pijama.

— Então, o que quer fazer?

Lisa Ritter certa vez contara a Jess sobre o enorme negócio que o marido dela fizera e que dera errado. “Você pega cinco mil emprestados e não pode pagar, o problema é seu”, disse, citando o marido. “Pega cinco milhões, o problema é do banco.”

Jess olhou para o rosto suplicante da filha. Viu a expressão sem disfarce de Nicky: a dor, o amor e o medo que ele, finalmente, era capaz de expressar. Ela era a única pessoa que poderia resolver a situação. Era a única que algum dia poderia solucionar aquilo.

— Faça o que for preciso — disse ela.

— Vou conseguir o dinheiro. Pode fazer.

A breve pausa lhe disse que o veterinário a considerava uma tola. Mas de um tipo com quem estava acostumado a lidar.

— Venha por aqui, então — disse ele.

— Preciso que a senhora assine uns papéis.

Nigel os levou de carro para casa. Ela tentou lhe dar algum dinheiro, mas ele fez um gesto rechaçando-a secamente e disse: — Os vizinhos servem para quê?

Belinda chorava quando saiu para recebê-los.

— Estamos bem — murmurou Jess apaticamente, o braço em volta de Tanzie, que ainda tremia de vez em quando. — Estamos bem, obrigada.

Eles ligariam, assegurou o veterinário, se houvesse alguma novidade.

Jess não mandou as crianças irem se deitar. Não tinha certeza se queria que elas ficassem sozinhas em seus quartos.

Por isso, trancou a porta, fechou os dois trincos e colocou um filme antigo para passar. Depois fez três canecas de chocolate, levou o edredom para o andar de baixo e sentou-se embaixo dele, com uma criança de cada lado, assistindo à televisão que não viam, cada qual sozinho com os próprios pensamentos.

Rezando, rezando para o telefone não tocar.

NICKY

Esta é a história de uma família desajustada. Uma garotinha que era meio nerd e gostava mais de matemática do que de maquiagem. E um garoto que gostava de maquiagem e não se encaixava em nenhuma tribo. E isso é o que acontece com famílias desajustadas: elas acabam arruinadas, falidas e tristes. Nada de final feliz aqui, pessoal.

Minha mãe não fica mais na cama, mas eu a pego enxugando os olhos enquanto ela lava a louça ou olha para a cesta do Norman. Está sempre ocupada, trabalhando, limpando, arrumando a casa. Faz isso de cabeça baixa e com o maxilar contraído. Encheu três caixas com seus livros e as levou para o bazar beneficente porque disse que nunca teria tempo de lê-los e, além do mais, é inútil acreditar em ficção.

Sinto saudade do Norman. É estranho como sentimos saudade de algo de que sempre só nos queixamos. Nossa casa está sossegada sem ele. Mas, desde que se passaram as primeiras quarenta e oito horas, e o veterinário disse que ele tinha alguma chance e todos nós comemoramos no

telefone, comecei a me preocupar com outras coisas. Ficamos sentados no sofá ontem à noite, depois de Tanzie ter ido para a cama sem que o telefone tivesse tocado, e eu disse à minha mãe: — Então, o que vamos fazer?

Ela tirou os olhos da televisão.

— Quer dizer, se ele viver.

Ela deu um longo suspiro, como se aquilo fosse algo que já tivesse lhe ocorrido. E depois respondeu: — Sabe de uma coisa, Nicky?

Não tínhamos opção. Ele é o cachorro da Tanzie, e a salvou.

Quando não temos opção, fica realmente bem simples.

Eu via que, embora ela acreditasse nisso, sim, e a coisa pudesse de fato ser bem simples, a nova dívida era como mais um peso se assentando sobre ela.

Que, a cada problema novo, ela parecia um pouco mais velha, mais desanimada e mais cansada.

Ela não fala sobre o Sr. Nicholls.

Eu não conseguia acreditar, depois de tudo que passaram juntos, que

isso pudesse terminar assim. Como num minuto a pessoa pode parecer muito feliz e, depois, nada? Pensei que as pessoas resolvessem todas essas coisas quando ficassem mais velhas, porém, obviamente não resolvem. Então isso é mais uma coisa para desejarmos que aconteça.

Cheguei perto dela depois e lhe dei um abraço. E esse gesto talvez não seja nada de mais na sua família, mas posso dizer que na minha é. É mais ou menos a única diferença idiota que posso fazer.

Portanto, é isso que não entendo. Não entendo como a nossa família pode basicamente fazer a coisa certa e sempre acabar na merda. Não entendo como a minha irmãzinha pode ser brilhante, meiga e um verdadeiro gênio e, ainda assim, agora acordar chorando e ter pesadelos, e preciso ficar acordado na cama ouvindo a minha mãe atravessar o patamar da escada às quatro da manhã para tentar acalmá-la. E como minha irmã fica dentro de casa durante o dia, mesmo que o tempo esteja finalmente quente e ensolarado, porque tem muito medo de sair e os Fisher voltarem para pegá-la. E como, daqui a seis meses, ela estará numa escola cuja principal mensagem é que deve ser igual a todo mundo, do contrário chutarão a sua cabeça como fizeram com a aberração do seu irmão. Penso na Tanzie sem a matemática e parece que o universo inteiro enlouqueceu. É como... cheeseburger sem queijo ou uma manchete sobre Jennifer Aniston sem a palavra “desilusão”. Simplesmente não consigo imaginar quem Tanzie vai ser se largar a matemática.

Não entendo por que eu tinha acabado de me acostumar a dormir e agora fico acordado ouvindo barulhos inexistentes lá embaixo, e quando quero ir à loja comprar um jornal ou uns doces, passo mal mais uma vez e tenho que me conter para não olhar para trás.

Não entendo como um cachorro bobalhão, sentimental e imprestável que basicamente nunca fez nada além de babar em cima de todo mundo teve que perder um olho e ter as entranhas rearrumadas só porque tentou proteger a pessoa que ele ama.

Sobretudo, não entendo como os praticantes de bullying, os ladrões e as pessoas que se limitam a destruir tudo — os babacas — se safam. Os garotos que lhe dão um soco nos rins para pegar o dinheiro do seu jantar, a polícia que acha engraçado nos tratar como idiotas e os garotos que tiram sarro de qualquer um que não seja igual a eles. Ou os pais que largam a família e simplesmente recomeçam do zero em outro canto, numa casa nova que recende a aromatizador de ambiente, com uma mulher que dirige o próprio Toyota e tem um sofá sem nenhuma marca de sujeira e ri de todas as piadas

idiotas dele como se aquele homem fosse um presente de Deus, e não um cara verdadeiramente desprezível que passou dois anos mentindo para todas as pessoas que o amavam.

Dois anos inteiros.

Sinto muito se este blog acaba de ficar muito deprimente, mas é assim que a nossa vida está no momento. Minha família, os eternos fracassados. Isso não é uma grande história, é?

Minha mãe sempre nos disse que coisas boas acontecem a pessoas boas. Adivinhe só? Ela não diz mais isso.

JESS

A polícia apareceu no quarto dia após o acidente de Norman. Jess observou da janela da sala a policial subindo o caminho do jardim e, por um minuto idiota, achou que ela tivesse vindo para lhe contar que Norman havia morrido.

Uma jovem com o cabelo ruivo preso num rabo de cavalo bem-feito. Jess nunca a tinha visto.

Ela estava ali em busca de informações sobre um acidente de trânsito, disse, quando Jess abriu a porta.

— Não me diga — falou Jess, voltando para a cozinha. — O motorista vai mover uma ação contra nós por estragarmos o carro dele.

Nigel foi quem avisou que isso poderia acontecer. Ela de fato começara a rir quando ele disse isso.

A policial olhou para o seu bloco de anotação.

— Bem, não no momento, pelo menos.

O dano no carro dele parece ter sido mínimo.

E houve declarações conflitantes sobre ele estar acima do limite de velocidade. Mas já recebemos várias informações sobre o que aconteceu no momento que antecedeu o acidente, e queria saber se a senhora poderia esclarecer alguns detalhes.

— Para quê? — perguntou Jess voltando a lavar a louça. — Vocês nunca tomam conhecimento.

Ela sabia como soava: como metade dos moradores da vizinhança — hostil, preparada para o confronto, injustiçada.

Já não ligava mais. Mas aquela policial era muito nova na área, muito interessada, para entrar naquele jogo.

— Bem, acha que podia me dizer o que aconteceu, afinal? Só vou tomar cinco minutos do seu tempo.

Então Jess lhe contou, naquele tom de quem não espera que acreditem no que diz. Contou-lhe sobre os Fisher, a história deles com sua família e o fato de agora ela ter uma filha com medo de brincar no próprio jardim. Contou-lhe sobre o cachorro bobalhão deles do tamanho de uma vaca que

estava acumulando contas no veterinário que, grosso modo, equivaliam ao custo de mantê-lo numa suíte de um hotel de luxo.

Contou-lhe que o único objetivo de seu filho era se afastar o máximo possível daquela cidade, e como, graças ao fato de os Fisher o terem atormentado durante todo o período escolar que antecedia os exames finais, era improvável que isso acontecesse.

A policial não pareceu entediada.

Ficou de pé, encostada nos armários da cozinha, fazendo anotações. Depois pediu a Jess que lhe mostrasse a cerca.

— Ali — disse Jess, apontando pela janela. — Dá para ver onde eu a consertei, pela madeira mais clara. E o acidente, se é assim que estamos chamando, aconteceu uns cinquenta metros acima, à direita.

Ela observou a policial sair da casa.

Aileen Trent, empurrando seu carrinho de compras, fez um aceno alegre para Jess por sobre a cerca viva. Mas, quando notou quem mais estava no jardim, abaixou a cabeça e foi andando depressa para o outro lado.

A policial Kenworthy ficou do lado de fora por quase dez minutos. Jess estava tirando a roupa da máquina de lavar quando ela entrou de novo na casa.

— Posso lhe fazer uma pergunta, Sra. Thomas? — disse ela, fechando a porta dos fundos ao entrar.

— É o seu trabalho.

— A senhora provavelmente já passou por isso dezenas de vezes. Mas a sua câmara de circuito interno... Há algum filme nela?

Jess assistiu às imagens três vezes depois que a policial Kenworthy chamou-a à delegacia, onde fez isso sentada ao lado dela numa cadeira de plástico no conjunto de salas de entrevista número três. Todas as vezes lhe dava calafrio: a figura miudinha, aquelas mangas de lantejoulas faiscando ao sol, andando devagar ao longo da borda da tela, parando para endireitar os óculos no nariz. O carro que diminui a velocidade, a porta que se abre, um, dois, três deles. O pequeno recuo de Tanzie, o olhar nervoso para trás na rua.

As mãos levantadas. E aí eles estão em cima dela, e Jess não consegue assistir.

— Eu diria que esta é uma prova bastante conclusiva, Sra. Thomas. E

com boa qualidade de imagem. O Ministério Público da Coroa ficará encantado — anunciou ela alegremente, e Jess custou um pouco a entender o que a policial queria dizer. Que alguém os estava, de fato, levando a sério.

A princípio, Fisher negara, é claro.

Disse que só estavam “brincando” com Tanzie.

— Mas temos o depoimento dela. E de duas testemunhas que se apresentaram. E temos imagens da tela do Facebook de Jason Fisher discutindo como ele iria fazer aquilo.

— Fazer o quê?

O sorriso dela desapareceu por um instante.

— Algo não muito bom com a sua filha.

Jess não perguntou mais nada.

Haviam recebido uma denúncia anônima de que ele usava o próprio nome como senha. Aquele idiota, disse a policial Kenworthy. Ela disse mesmo “idiota”.

— Cá entre nós — falou, ao deixar Jess sair —, essa prova hackeada pode não ser estritamente admissível no tribunal. Mas vamos dizer apenas que nos deu uma mãozinha.

O caso foi noticiado a princípio em termos vagos. “Alguns jovens locais”, diziam os jornais da região, “foram presos por agressão a uma menor e tentativa de sequestro.” Mas eles apareceram nos jornais de novo na semana seguinte, e identificados pelo nome dessa vez. Aparentemente, a família Fisher havia sido instruída a se mudar da casa que ocupavam. Os Thomas não eram as únicas pessoas que eles vinham assediando. A associação daquelas moradias sociais, citada na matéria, informou que a família havia muito recebera uma notificação final.

Nicky ergueu o jornal local por cima do chá e leu a reportagem em voz alta.

Todos ficaram calados por um momento, incapazes de acreditar no que tinham ouvido.

— Aí diz mesmo que os Fisher têm que se mudar para outro lugar? — perguntou Jess, com o garfo parado no ar, a caminho da boca.

— É o que diz — respondeu Nicky.

— Mas o que vai acontecer com eles?

— Bem, aqui diz que eles vão ter que se mudar para a casa de uns parentes no Surrey.

— Surrey? Mas...

— Eles não são mais responsabilidade da associação habitacional. Nenhum deles. Jason Fisher. O primo dele e a família. — Nicky deu uma olhada na página. — Estão se mudando para a casa de um tio. Melhor ainda, há uma medida cautelar proibindo-os de voltar para o bairro. Olhem, há duas fotos da mãe dele chorando, dizendo que foram incompreendidos e que Jason não faria mal a uma mosca.

Ele empurrou o jornal na mesa para ela. Jess leu a matéria duas vezes, só para conferir se ele a havia entendido direito. E se ela a havia entendido direito.

— Eles realmente serão detidos se voltarem?

— Viu, mãe — disse ele, comendo um pedaço de pão. — Você tinha razão. As coisas podem mudar.

Jess ficou sentada sem se mexer.

Olhou para o jornal e depois de volta para Nicky, até ele perceber como a havia chamado, e ela o viu corar, torcendo para que Jess não desse muita importância àquilo. Então ela engoliu em seco e depois enxugou ambos os olhos com a parte inferior da palma da mão e ficou um minuto olhando para o prato antes de recomeçar a comer.

— Certo — disse, com a voz embargada. — Bem. Essa é uma notícia boa. Muito boa.

— Acha mesmo que as coisas podem mudar? — perguntou Tanzie, os olhos grandes e escuros preocupados.

Jess pousou o garfo e a faca.

— Acho que sim, meu amor. Quer dizer, todos nós temos nossos momentos difíceis. Mas sim, acho que sim.

E Tanzie olhou para Nicky e de volta para Jess, e depois continuou comendo.

A vida seguiu em frente. Jess foi a pé ao Feathers num sábado na hora do almoço, disfarçando o manquejar nos últimos vinte metros, e pleiteou seu emprego de volta. Des lhe disse que havia chamado uma garota do City of Paris.

— Será que ela sabe desmontar as bombas quando elas dão defeito? — perguntou Jess. — Será que vai consertar a cisterna no banheiro masculino?

Des inclinou-se no bar.

— Provavelmente não, Jess. — Passou a mão rechonchuda pelo cabelo com corte *mullet*. — Mas preciso de alguém confiável. Você não é confiável.

— Qual é, Des? Uma semana de falta em dois anos. Por favor, preciso desse emprego. Preciso mesmo.

Ele disse que ia pensar no assunto.

As crianças voltaram para a escola.

Tanzie queria que Jess fosse buscá-la todas as tardes. Nicky se levantava sem que ela precisasse entrar no quarto seis vezes para acordá-lo. Ele já estava até tomando café quando ela saiu do banho.

Não lhe pediu que renovasse a sua receita para os ansiolíticos. O traço de seu delineador estava perfeito.

— Eu andei pensando... Pode ser que eu não abandone a escola. Talvez eu queira continuar e terminar o ensino médio. E aí, sabe, vou estar por perto quando Tanzie começar o sexto ano.

Jess piscou.

— É uma ótima ideia.

Ela fazia faxina ao lado de Nathalie, ouvindo-a fofocar sobre os últimos dias dos Fisher — como eles haviam arrancado todas as tomadas das paredes e esburacado o gesso da cozinha a pontapés antes de deixarem a casa em Pleasant View. Alguém — ela fez uma careta — incendiara um colchão na frente do escritório da associação habitacional no domingo à noite.

— Mas você deve estar aliviada, hein?

— É claro — disse Jess.

— Então não vai me contar sobre a viagem? — Nathalie se endireitou e coçou as costas. — Quero dizer, como foi ir à Escócia com o Sr. Nicholls?

Deve ter sido estranho.

Jess debruçou-se sobre a pia e parou, olhando pela janela para a meia-lua infinita do mar.

— Foi boa.

— Não ficou sem assunto para falar com ele, presa naquele carro? Sei que eu ficaria.

Os olhos de Jess se encheram d'água e ela teve que fingir estar esfregando uma marca invisível no aço inoxidável.

— Não — disse. — Por incrível que pareça, não fiquei.

A verdade era esta: Jess sentia a ausência de Ed como um cobertor grosso abafando tudo. Sentia falta de seu sorriso, de seus lábios, de sua pele, daquele pedacinho em que um vestígio de penugem macia subia na direção do seu umbigo. De se sentir como se sentia na presença dele, como se ela fosse de alguma forma mais atraente, mais sexy, mais tudo. E de sentir como se qualquer coisa fosse possível.

Não podia acreditar que perder alguém que conhecia há tão pouco tempo pudesse ser como perder uma parte de si mesma, que isso pudesse fazer a comida ter um gosto estranho e as cores parecerem sem graça.

Jess finalmente percebeu que, no momento em que Marty saíra de casa, tudo o que sentira estava ligado a questões práticas. Preocupara-se com o efeito que sua ausência causaria às crianças. Preocupara-se com dinheiro, com quem tomaria conta de Tanzie e Nicky se ela tivesse que trabalhar à noite no pub, com quem levaria o lixo para fora numa quinta-feira. Mas o que sentira de fato, acima de tudo, fora um vago alívio.

Ed era diferente. A sua ausência era como um soco no estômago logo de manhã, um buraco negro no meio da noite. Ed era uma conversa constante no fundo de sua mente: “Desculpe, não tive intenção, eu amo você.”

Mais do que qualquer coisa, Jess odiava o fato de que um homem que só vira o melhor nela agora pensava o pior a seu respeito. Para Ed, ela não era melhor do que nenhuma das outras pessoas que o haviam decepcionado ou sacaneado. Na verdade, provavelmente era pior.

E era tudo culpa dela mesma. Era disso que ela nunca poderia escapar. A culpa era toda dela.

Jess pensou sobre isso durante três noites, depois lhe escreveu uma carta.

As últimas linhas eram as seguintes:

Então, num momento de insensatez, virei a pessoa que sempre ensinei meus filhos a não serem. No fim, somos todos testados, e eu falhei.

Sinto muito.

Saudades.

PS: Sei que você nunca vai acreditar em mim. Mas eu ia lhe devolver o dinheiro.

Ela anotou o seu número de telefone na carta e colocou vinte libras em um envelope com a inscrição PRIMEIRA PRESTAÇÃO. E entregou o envelope a Nathalie, pedindo-lhe que o juntasse à correspondência de Ed na Recepção do Beachfront. No dia seguinte, Nathalie disse que um cartaz de vende-se fora erguido na frente do número dois. Olhou para Jess de soslaio e depois parou de fazer perguntas sobre o Sr. Nicholls.

Ao cabo de cinco dias, quando se deu conta de que ele não responderia, Jess passou a noite toda em claro, e depois disse a si mesma com firmeza que não podia mais ficar largada pelos cantos sentindo-se infeliz. Era hora de seguir em frente. Desilusão amorosa era um luxo muito caro para uma mãe que criava os filhos sozinha.

Na segunda-feira, ela preparou para si uma xícara de chá, sentou-se à mesa da cozinha e telefonou para a empresa do cartão de crédito. Foi informada de que precisava aumentar o pagamento mínimo mensal. Abriu uma carta da polícia que dizia que ela receberia uma multa de mil libras por dirigir sem o imposto e o seguro pagos e que, se quisesse recorrer da penalidade, deveria solicitar uma audiência no tribunal das seguintes maneiras. Abriu a carta do depósito de automóveis, que dizia que ela devia cento e vinte libras até a quinta-feira anterior pela guarda do Rolls-Royce.

Abriu a primeira conta do veterinário e a enfiou de volta no envelope. Recebeu uma mensagem de texto de Marty, que queria saber se poderia ir visitar as crianças nas férias escolares.

— O que vocês acham? — perguntou-lhes Jess no café da manhã.

Eles encolheram os ombros.

Após o seu turno de faxina na terça-feira, ela foi a pé à cidade encontrar-se com advogados de baixo custo e lhes pagou vinte e cinco libras pela minuta de uma carta para Marty pedindo o divórcio e solicitando o pagamento das pensões atrasadas.

— Há quanto tempo? — perguntou a mulher.

— Dois anos.

A advogada nem ergueu os olhos, e Jess ficou imaginando quantas histórias ela ouvia todos os dias. A mulher digitou alguns números, depois virou a tela de frente para Jess na mesa.

— É quanto soma. Uma boa quantia.

Ele vai pedir para pagar em prestações.

Geralmente pedem.

— Ótimo. — Jess esticou o braço para pegar a bolsa. — Faça o que tem que ser feito.

Ela seguiu metodicamente a lista de coisas que precisava resolver e tentou ampliar a sua perspectiva para além daquela cidadezinha. Para além de uma pequena família com problemas financeiros e de uma breve história de amor que se desfez antes mesmo de ter começado para valer. Às vezes, dizia a si mesma, a vida era uma série de obstáculos que tinham de ser contornados possivelmente por um mero ato de vontade. Ficou olhando para o azul turvo do mar sem fim, sorveu o ar, empinou o queixo e decidiu que poderia sobreviver àquilo. Poderia sobreviver a quase tudo. Ser feliz não era direito de ninguém, afinal de contas.

Jess caminhou pela praia pedregosa, os pés afundando e depois passando por cima dos diques, e contou as coisas boas que tinha em três dedos, como se estivesse tocando um piano no bolso.

Tanzie estava segura. Nicky estava seguro. Norman estava melhorando. Era a isso que tudo se resumia, não era? O resto não passava de detalhe.

Duas noites depois, eles estavam sentados nas velhas cadeiras de plástico do jardim. Tanzie lavara a cabeça e estava no colo de Jess enquanto ela a penteava para desfazer os nós de seu cabelo molhado. Jess explicou-lhes por que o Sr. Nicholls não voltaria.

Nicky olhou para ela.

— Do bolso dele?

— Não. Caiu do bolso dele. Estava dentro de um táxi. Mas eu sabia de quem era.

Houve um silêncio causado pelo choque. Jess não conseguia olhar para o rosto de Tanzie. Não sabia ao certo se queria olhar para o de Nicky. Continuou penteando com delicadeza o cabelo da filha, a voz calma e racional, como se aquilo pudesse justificar o que havia feito.

— O que você fez com o dinheiro? — perguntou a menina, cuja cabeça ficara surpreendentemente parada.

Jess engoliu em seco.

— Já não me lembro.

— Você usou para me matricular?

Jess continuou a penteá-la. Alisando e penteando. Puxando, puxando, soltando.

— Para ser sincera, não consigo lembrar, Tanzie. Enfim, o que fiz com ele é irrelevante.

Durante todo o tempo em que falava, Jess sentia o olhar de Nicky fixo nela.

— Então por que você está nos contando isso agora?

Puxando, alisando, soltando.

— Porque... porque quero que vocês saibam que cometi um erro terrível e que sinto muito. Mesmo que tenha planejado devolver, eu nunca deveria ter pego aquele dinheiro. Isso é imperdoável. E Ed, o Sr. Nicholls, estava no direito dele de ir embora quando descobriu, porque, bem, a coisa mais importante que uma pessoa tem com outra é a confiança. — Ela tentava manter a voz equilibrada e impassível.

Estava começando a ficar mais difícil.

— Por isso quero que saibam que sinto muito por ter decepcionado vocês dois.

Sei que sempre lhes disse como agir e, depois, fiz o oposto. Estou contando isso porque, se não contasse, eu seria uma hipócrita. Mas estou contando também porque quero que vocês vejam que fazer uma coisa errada tem consequências. No meu caso, perdi uma pessoa de quem eu gostava. Muito.

Ambos ficaram calados.

Passado um minuto, Tanzie esticou a mão. Seus dedos procuraram os de Jess e se fecharam por um instante em volta deles.

— Tudo bem, mamãe — disse ela. — Todo mundo erra.

Jess fechou os olhos.

Quando tornou a abri-los, Nicky havia levantado a cabeça.

Parecia genuinamente desconcertado.

— Ele teria lhe dado — disse, e havia um leve, mas inconfundível vestígio de raiva em sua voz.

Jess o encarou.

— Ele teria lhe dado. Se você tivesse pedido.

— Teria — concordou ela, e suas mãos ficaram imóveis no cabelo de Tanzie. — Sim, essa é a pior parte.

Acho que ele provavelmente teria dado.

NICKY

Uma semana se passou. Eles pegavam um ônibus para visitar Norman todos os dias. O veterinário suturara a órbita de seu olho, e não havia um buraco exatamente, mas ainda estava bem asqueroso. A primeira vez que viu a cara do cachorro, Tanzie desatou a chorar. Disseram que, assim que ele se recuperasse e começasse a andar, poderia ficar esbarrando nas coisas durante um tempo. Explicaram que passaria a maior parte do tempo dormindo. Nicky não comentou duvidar que alguém conseguiria notar a diferença. Jess afagou a cabeça de Norman e lhe disse que ele era um garoto corajoso e incrível, e, quando o rabo dele bateu suavemente no fundo da caixa de transporte, ela piscou um bocado e se afastou.

Na sexta-feira, Jess pediu a Nicky que aguardasse na sala de espera com Tanzie e foi à Recepção conversar com a mulher sobre a conta. Nicky achou que fosse mesmo sobre esse assunto.

Imprimiram uma folha, depois uma segunda e, por incrível que pareça, uma terceira, e Jess correu o dedo de cima a baixo em cada página e fez um pequeno ruído de sufocamento quando chegou ao fim. Eles voltaram a pé para casa naquele dia, embora Jess continuasse mancando.

A cidade começava a ficar mais movimentada à medida que o mar passava de cinza turvo a azul límpido. A princípio foi estranho os Fisher terem ido embora. Era como se ninguém conseguisse acreditar naquilo. Ninguém tinha os pneus cortados. A Sra. Worboys voltou a ir a pé ao bingo à noite. Nicky se acostumou a poder ir andando à loja e voltar, e se deu conta de que a aflição que sentia na barriga não precisava existir. Disse isso a si mesmo repetidas vezes, mas não adiantou. Tanzie não saía de casa de jeito nenhum, a não ser que Jess estivesse com ela.

Nicky ficou uns dez dias sem olhar para o próprio blog. Escrevera o seu post “Minha família de fracassados” quando Norman estava ferido e ele se sentira tão furioso que precisou desabafar em algum lugar. Nunca na vida sentira raiva, raiva de verdade, a ponto de ter vontade de quebrar coisas e bater nas pessoas, mas, depois do que os Fisher fizeram, ele passou dias com esse sentimento. A raiva fervia em seu sangue como veneno. Dava-lhe vontade de gritar. Pelo menos, durante aqueles poucos dias terríveis, pôr

aquilo por escrito e desabafar tinha ajudado de verdade. Era como se estivesse contando a alguém, ainda que essa pessoa não soubesse de fato quem ele era e, provavelmente, não se interessasse. Ele só esperava que alguém ouvisse o que havia acontecido, visse a injustiça que era.

Então, depois que seu sangue esfriou, e eles ficaram sabendo que os Fisher teriam que pagar, Nicky sentiu-se meio como um idiota. Era como aquela situação quando alguém se abre um pouquinho demais com outra pessoa e, em seguida, se sente exposto e passa as semanas seguintes rezando para esquecerem o que contou, receando que suas palavras possam ser usadas contra si mesmo. E qual era o sentido de publicar tudo aquilo, afinal? As únicas pessoas que poderiam querer olhar para toda aquela bobajada sentimental seriam do tipo que diminui a velocidade para ver um acidente de carro.

Ele abriu o blog a princípio porque iria apagá-lo. E depois pensou: *Não, as pessoas devem ter visto. Vou parecer mais idiota ainda se apagar.* Então, decidiu fazer um breve relato sobre a expulsão dos Fisher e isso seria o fim do blog. Não citaria o nome deles, mas queria postar uma mensagem boa para que se alguém, algum dia, se deparasse com o que ele havia escrito, não achasse que sua família era inteiramente trágica.

Leu o que postara na semana anterior — a emoção e a crueza do texto —, e os dedos do seu pé chegaram a se encolher de vergonha. Ele se perguntou quem no ciberespaço havia lido aquilo. Ficou imaginando quantas pessoas agora no mundo achavam que ele era um tolo completo e uma aberração.

Depois chegou ao final. E viu os comentários.

Força aí, Garoto Gótico. Gente assim me deixa enjoado.

Um amigo me enviou o endereço do seu blog, que me fez chorar. Espero que o seu cachorro esteja bem. Por favor, poste e nos dê notícias quando puder.

Oi, Nicky. Sou Viktor, de Portugal.

Não conheço você, mas meu amigo compartilhou o link do seu blog no Facebook, e eu só queria lhe dizer que um ano atrás me sentia como você e as coisas melhoraram, sim.

Não se preocupe. Paz!

Ele rolou a tela mais um pouco. Havia uma mensagem após a outra. Digitou o próprio nome no Google: aquilo fora copiado e enviado como link centenas, depois milhares de vezes. Nicky viu as estatísticas, em seguida se

recostou na cadeira e ficou olhando sem acreditar.

Duas mil oitocentas e setenta e seis pessoas haviam lido o post . Numa única semana. Quase três mil pessoas tinham lido suas palavras. Mais de quatrocentas delas se deram o trabalho de lhe escrever um comentário sobre aquilo. E só duas o chamaram de babaca.

Mas aquilo não era tudo. Algumas pessoas chegaram a lhe enviar dinheiro.

Dinheiro de verdade. Alguém abriu uma conta de doação on-line para ajudar com os custos do veterinário e deixou uma mensagem dizendo-lhe como poderia acessá-la usando uma conta PayPal.

Ei, Garoto Gótico (esse é o seu nome verdadeiro??), já pensou num cão de resgate? Assim uma coisa boa poderia sair disso. Estou mandando uma contribuição! Os centros de resgate sempre precisam de doações ;-) Uma coisinha para ajudar com as contas do veterinário. Dê um abraço na sua irmã por mim. Estou muito irritado com o que aconteceu com todos vocês.

Meu cachorro foi atropelado por um carro e foi salvo por uma instituição de proteção dos animais. Imagino que não tenha uma perto de você.

Achei que seria legal, já que fui ajudado, lhe dar uma ajudinha. Por favor, aceite as minhas dez libras para a recuperação dele.

De uma colega nerd de matemática.

Por favor, diga à sua irmãzinha para seguir em frente. Não deixem eles vencerem.

Houve quatrocentos e cinquenta e nove compartilhamentos. Nicky contou cento e trinta nomes na página de doações, sendo duas libras o menor donativo, e duzentas e cinquenta, o maior. Um completo estranho mandara duzentas e cinquenta libras. A soma final estava em novecentas e trinta e duas libras e cinquenta centavos, e a última doação chegara uma hora antes. Ele ficou atualizando a página e olhando o número, se perguntando se eles haviam colocado a vírgula no lugar errado.

Seu coração estava fazendo uma coisa estranha. Nicky colocou a mão no peito, imaginando se era aquilo que se sentia ao ter um ataque cardíaco. Perguntou a si mesmo se ia morrer. Ele descobriu que o que queria fazer, no entanto, era rir. Desejava rir diante da grande generosidade de completos estranhos.

De sua amabilidade, bondade e do fato de que no mundo havia pessoas sendo boas e simpáticas de verdade e dando dinheiro para quem nunca

tinham visto nem nunca veriam. E porque, o mais louco de tudo, é que toda aquela amabilidade, toda aquela generosidade, se manifestara ali somente por causa das suas palavras.

Jess estava parada ao lado do armário segurando um embrulho de papel cor-de-rosa quando ele entrou disparado na sala.

— Aqui — disse. — Olhe.

Puxou o seu braço, arrastando-a até o sofá.

— O que é?

— Largue isto.

Nicky abriu o laptop e acomodou-o no colo de Jess. Ela quase estremeceu, como se fosse mesmo doloroso para ela estar tão perto de algo que pertencia ao Sr. Nicholls.

— Olhe. — Ele apontou para a página de doações. — Olhe isto. As pessoas mandaram dinheiro. Para Norman.

— Como assim?

— Olhe aí, Jess.

Ela franziu os olhos para a tela, movendo a página para cima e para baixo enquanto lia e depois relia.

— Mas... não podemos aceitar isso.

— Não é para nós. É para Tanzie. E Norman.

— Não entendo. Por que pessoas que não conhecemos nos enviariam dinheiro?

— Porque elas estão irritadas com o que aconteceu. Porque entendem que isso não é justo. Porque querem ajudar.

Não sei.

— Mas como elas souberam?

— Escrevi sobre o que aconteceu no blog.

— Você fez o quê?

— Uma coisa que o Sr. Nicholls me disse. Eu... simplesmente coloquei lá. O que estava acontecendo com a gente.

— Me mostre.

Nicky mudou a página e lhe mostrou o blog. Ela leu devagar, franzindo o cenho, concentrada, e ele ficou sem graça de repente, como se estivesse lhe revelando uma parte sua que não mostrava a ninguém. De alguma forma, era

mais difícil mostrar toda aquela coisa sentimental a uma pessoa conhecida.

— Então, quanto é o veterinário? — perguntou ele ao ver que Jess terminara de ler.

Ela falou como se estivesse aturdida.

— Oitocentas e setenta e oito libras. E quarenta e dois centavos. Até agora.

Nicky levantou as mãos para o céu.

— Então estamos bem, não é? Veja o total. Estamos bem!

Ela olhou para Nicky, e o menino viu em seu semblante a expressão exata que ele certamente exibira meia hora antes.

— É uma notícia boa, Jess! Fique contente!

E por um minuto ela ficou com os olhos marejados. Depois pareceu tão confusa que ele se inclinou à frente e a abraçou. Era o seu terceiro abraço voluntário em três anos.

— Rímel — disse ela, quando se soltou.

— Ah! — exclamou ele, esfregando embaixo dos olhos.

Jess enxugou os próprios olhos.

— Está bom? — perguntou ela.

— Ótimo. E eu?

Ela se inclinou à frente e passou o polegar embaixo da borda externa do olho dele. Depois suspirou e, de repente, era um pouquinho como a antiga Jess de novo. Levantou-se e passou as mãos pela calça jeans.

— Teremos que devolver o dinheiro dessas pessoas, é claro.

— A maioria dos donativos é de, sei lá, três libras. Boa sorte com o trabalho de calcular isso.

— Tanzie pode cuidar disso. — Jess pegou o pacote cor-de-rosa e, então, quase como se uma ideia lhe tivesse ocorrido, enfiou-o num armário. Afastou o cabelo do rosto. — E você tem que mostrar a ela as mensagens sobre matemática. É muito importante que Tanzie veja isso.

Nicky olhou para o quarto da irmã lá em cima.

— Vou mostrar — disse, e só por um instante ficou desanimado. — Mas não sei bem se vai fazer alguma diferença.

JESS

Norman foi para casa.

— Está na hora de nos despedirmos do nosso velho herói, não é, meu chapa? — disse o veterinário, dando tapinhas no flanco do cachorro.

O modo como falou com Norman e o jeito como o animal se deitou imediatamente no chão para receber uma coçadinha na barriga fez Jess pensar que não era a primeira vez que o homem fazia aquilo. Quando ele se abaixou até o chão, ela captou um vislumbre do ser humano para além da sua atitude profissional cuidadosa. Seu sorriso largo, a maneira como os olhos se franziam quando ele olhava para o cão.

E ela ouviu a frase de Nicky em sua cabeça, como vinha acontecendo havia dias: a bondade de estranhos.

— Fico feliz pela decisão que tomou, Sra. Thomas — disse o veterinário, pondo-se de pé de novo enquanto eles ignoravam diplomaticamente o estalo de seus joelhos. Norman continuou deitado de costas, a língua pendendo, todo otimista. Ou talvez estivesse apenas gordo demais para se levantar. — Ele mereceu a chance que teve. Se eu soubesse como ele se feriu, teria sido um pouco menos reticente em relação a prosseguir com o tratamento.

Tanzie permaneceu grudada no corpanzil negro de Norman enquanto eles caminhavam pesadamente para casa, a coleira do cachorro enrolada com duas voltas no punho. Era a primeira vez que ela saía em três semanas sem ter insistido para segurar a mão de Jess.

A mãe torcia para que a volta do cão animasse a filha. Tanzie, contudo, ainda era uma pequena sombra, seguindo Jess em silêncio pela casa, espiando pelos cantos, aguardando com ansiedade ao lado da professora a chegada da mãe no portão da escola no fim do dia. Em casa, lia no quarto ou ficava deitada em silêncio no sofá assistindo a desenhos animados, com uma das mãos pousada no cachorro ao seu lado. O Sr. Tsvangarai estivera ausente desde o início do trimestre — uma emergência de família —, e Jess se entristecia quando o imaginava sabendo da determinação de Tanzie de tirar a matemática da sua vida, o desaparecimento da garotinha singular e peculiar que ela fora. Às vezes, sentia que havia apenas trocado uma criança infeliz e

calada por outra.

Ligaram da St. Anne's para discutir o dia de orientação de Tanzie na escola, e Jess teve que dizer a eles que a filha não iria. As palavras eram como brasa em sua garganta.

— Bem, nós recomendamos isso, Sra. Thomas. Achamos que as crianças se adaptam muito melhor quando se familiarizam um pouco. É bom também para que ela conheça alguns dos novos colegas. Vocês estão tendo problema em arranjar um tempinho para isso por causa do horário da escola atual dela?

— Não. Quero dizer que ela... ela não vai.

— De jeito nenhum?

— Não.

Um breve silêncio.

— Ah — disse a secretária. Jess a ouviu folheando papéis. — Mas essa é a garotinha com bolsa de noventa por cento, não é? Costanza?

Ela se sentiu corar.

— É.

— Ela vai para a Academia Petersfield em vez de vir para cá? Eles também lhe ofereceram uma bolsa?

— Não. Não é isso — retrucou Jess, fechando os olhos enquanto falava. — Olhe, acho que não... será que existe alguma maneira de vocês conseguirem...

aumentar mais a bolsa?

— Aumentar? — Ela soou perplexa.

— Sra. Thomas, essa foi a bolsa mais generosa que já oferecemos. Sinto muito, mas isso está fora de cogitação.

Jess seguiu em frente, feliz por ninguém estar vendo a sua vergonha.

— Se eu pudesse arranjar o dinheiro na semana que vem, a senhora consideraria guardar o lugar dela?

— Não sei se isso seria possível. Ou mesmo se seria justo com os outros candidatos. — Ela hesitou, talvez ficando subitamente consciente do silêncio de Jess. — Mas é claro que olharíamos a favor de Costanza se algum dia ela quiser se reinscrever.

Jess fitou a mancha no tapete causada pelo vazamento de óleo de uma moto que Marty havia levado para a sala. Já sentia um nó na garganta.

— Bem, obrigada pela informação.

— Olhe, Sra. Thomas — disse a mulher, a voz passando para um tom

conciliador —, ainda falta uma semana para terminar o prazo de preenchimento da vaga. Nós a guardaremos para a senhora até o último instante possível.

— Obrigada. É muita gentileza sua.

Mas, realmente, não adianta.

Jess sabia e a mulher também. Não ia dar para elas. Alguns saltos eram muito grandes para serem dados.

A secretária pediu para Jess transmitir a Tanzie os seus melhores votos para a nova escola. Enquanto desligava o telefone, Jess a imaginou já examinando as listas para a próxima candidata adequada.

Ela não contou a Tanzie. Duas noites antes, ela descobrira que a menina havia retirado todos os livros de matemática da estante e os guardara com os livros remanescentes de Jess no patamar da escada, enfiando-os entre *thrillers* e um romance histórico, para que a mãe não notasse. Jess empilhou-os com cuidado em seu armário, onde ninguém os veria.

Não sabia se isso estava poupando os sentimentos de Tanzie ou os seus.

Marty recebeu a carta do advogado e ligou, protestando e vociferando os motivos pelos quais não podia pagar.

Ela respondeu que o caso não estava em suas mãos. Disse que esperava que eles pudessem ser civilizados em relação àquilo. Contou-lhe que os seus filhos precisavam de sapatos. Marty não mencionou ir até lá nas férias escolares.

Jess conseguiu de volta o emprego no pub. A garota do City of Paris aparentemente fora para o Texas Rib Shack três turnos depois de ter começado. Lá as gorjetas eram melhores e não havia nenhum Stewart Pringle passando a mão boba no traseiro de ninguém.

— Não perdemos nada. Ela não sabia ficar calada durante o solo de guitarra de “Layla” — refletiu Des. — Que tipo de *barwoman* não sabe ficar calada durante o solo de guitarra de “Layla”?

Ela fazia faxina quatro vezes por semana com Nathalie e evitava o número dois do Beachfront. Preferia trabalhos como limpeza de fornos, pois assim seria improvável olhar sem querer pela janela e ver a casa, com aquele vistoso cartaz azul e amarelo de vende-se. Se achou que ela estava agindo de modo meio estranho, Nathalie não disse nada.

Jess afixou um anúncio na banca de jornais local oferecendo seus serviços como faz-tudo. Nenhum Trabalho é Pequeno Demais. Seu primeiro serviço surgiu menos de vinte e quatro horas depois: instalar um armário de banheiro para uma pensionista em Aden Crescent.

A idosa ficou tão feliz com o resultado que deu a Jess uma gorjeta de cinco libras. Disse que não gostava de homens dentro de sua casa e que nos quarenta e dois anos que passou casada com o marido, ele sempre a via vestida com o seu bom colete de lã. Recomendou Jess a uma amiga que administrava um lar de idosos onde era necessário trocar a máquina de lavar e instalar prendedores de tapete. Seguiram-se dois outros trabalhos, também para pensionistas.

Jess enviou uma segunda prestação para o número dois do Beachfront. Nathalie deixou o envelope na casa. O cartaz de vende-se continuava ali.

Nicky era o único da família que parecia genuinamente alegre. Era como se o blog tivesse lhe dado um novo objetivo. Escrevia nele quase todas as noites — postava mensagens sobre o progresso de Norman, fotos de sua vida, e conversava com amigos novos.

Encontrou-se com dois deles NVR, disse, traduzindo isso para Jess: “Na Vida Real.” Estava bem, garantiu. E não, não daquele jeito. Queria ir a duas faculdades diferentes nos dias abertos à visitação pública. Vinha conversando com o professor de sua turma sobre como se candidatar a uma bolsa destinada a alunos de baixa renda. Ele iria se informar. Sorria, quase sempre muitas vezes por dia e espontaneamente, ajoelhava-se com prazer quando via Norman entrar na cozinha abanando o rabo, acenava sem constrangimento para Lila, a garota do número quarenta e sete (que, notou Jess, havia pintado o cabelo da mesma cor do dele), e tocava um solo de guitarra imaginária na sala. Ia a pé à cidade com frequência, as pernas magrinhas parecendo adquirir um andar de passadas mais largas, os ombros não exatamente para trás, porém não tão caídos, derrotados, como no passado.

Certa vez ele até usou uma camiseta amarela.

— Onde foi parar o laptop? — perguntou Jess quando entrou no quarto dele uma tarde e o encontrou trabalhando no velho computador da casa.

— Eu o devolvi. — Ele encolheu os ombros. — Nathalie me deixou entrar lá.

— Você o viu? — perguntou ela, antes de conseguir se conter.

Nicky desviou o olhar.

— Sinto muito. As coisas dele estão lá, mas está tudo encaixotado. Não

sei se ele ainda fica naquela casa.

Não deveria ter sido uma surpresa, mas, quando desceu, Jess se viu com ambas as mãos na barriga, como se tivesse levado um soco.

ED

A irmã o acompanhou ao tribunal muitas semanas depois, num dia que começou sossegado e quente. Ed dissera à mãe para não ir. Àquela altura, eles nunca tinham certeza se era uma boa ideia deixar o pai sozinho por qualquer período de tempo.

Enquanto atravessavam Londres lentamente, a irmã se inclinou à frente no banco do táxi, os dedos tamborilando com impaciência no joelho, a boca contraída numa linha fina. Ed sentia-se perversamente relaxado.

O tribunal estava quase vazio. Graças à espantosa combinação de um assassinato horripilante no Old Bailey, um escândalo político amoroso e o colapso público de uma jovem atriz britânica, o julgamento de dois dias não fora pautado como uma grande matéria jornalística, apenas o suficiente para um taquígrafo contratado de uma agência e um estagiário do *Financial Times*. E Ed já se declarara culpado, indo contra o conselho de sua equipe jurídica.

As afirmações de inocência de Deanna Lewis foram um tanto minadas pelo testemunho de uma amiga, uma banqueira, que aparentemente a avisara em termos bem claros de que o que ela estava prestes a fazer era, de fato, uso de informações privilegiadas. A amiga conseguiu apresentar um e-mail que enviara a Deanna a esse respeito, além de uma resposta de Deanna acusando-a de ser “escrupulosa”, “chata” e de estar “francamente, metendo demais o nariz nos meus negócios. Não quer que eu tenha uma chance de progredir?”.

Ed se levantou e observou o taquígrafo fazer os registros apressadamente, os advogados se inclinando na direção uns dos outros e apontando para pedaços de papel, e aquilo tudo pareceu um grande anticlímax.

— Estou ciente de que o senhor confessou ser culpado e que, no que diz respeito à Srta. Lewis e ao senhor, isso parece ser um comportamento criminal isolado, motivado por fatores que vão além do dinheiro. Mas o mesmo não se pode dizer de Michael Lewis.

A SFA, revelou-se, identificara outras negociações “suspeitas” que o irmão de Deanna havia feito, apostas com derivativos e opções.

— É necessário, no entanto, enfatizarmos que esse tipo de

comportamento é completamente inaceitável, não importa o que o tenha motivado. Ele destrói a confiança dos investidores no movimento honesto dos mercados e enfraquece toda a estrutura do nosso sistema financeiro. Por isso, sou obrigado a garantir que o nível de punição seja ainda um claro elemento de dissuasão para qualquer pessoa que possa considerar este um “crime sem vítimas”.

Ed estava de pé no banco dos réus, tentando resolver onde enfiar a cara, e recebeu uma multa de setecentas e cinquenta mil libras mais custas e foi condenado a seis meses de prisão com suspensão condicional da pena por doze meses.

Acabara.

Gemma deu um longo suspiro trêmulo e deixou a cabeça pender nas mãos. Ed sentia-se curiosamente anestesiado.

— É isso? — murmurou, e ela olhou para ele incrédula.

Um meirinho abriu a porta do banco dos réus e o conduziu para a saída. Paul Wilkes lhe deu um tapinha nas costas quando chegaram ao corredor.

— Obrigado — afirmou Ed. Pareceu a coisa certa a dizer.

Avistou Deanna Lewis no corredor conversando animadamente com um ruivo que parecia tentar lhe explicar algo enquanto ela fazia um aceno de cabeça negativo, cortando-o. Ed ficou olhando por um instante e, então, quase sem pensar, passou em meio à aglomeração de pessoas e foi direto até ela.

— Quero dizer que sinto muito — desculpou-se. — Se eu tivesse pensado por um minuto...

Ela girou nos calcanhares, arregalando os olhos.

— Ah, vá se foder — disse, possessa, saindo dali. — Seu fracassado de merda.

As pessoas se voltaram ao ouvir a voz de Deanna, percebeu Ed, depois se viraram para o outro lado, constrangidas. Alguém deu uma risadinha. Enquanto estava ali parado, a mão ainda meio erguida como se para defender uma ideia, Ed ouviu uma voz em seu ouvido.

— Ela não é burra. Sabia que não deveria ter contado ao irmão.

Ed se virou, e ali, atrás dele, estava Ronan. Ele viu a camisa xadrez e os óculos escuros de aros grossos do amigo, a bolsa do laptop pendurada no ombro, e algo dentro dele relaxou de alívio.

— Você... você estava aqui a manhã inteira?

— Fiquei meio entediado no escritório. Achei que deveria ver como é

um julgamento na vida real. — Ed não conseguia parar de olhar para ele. — Supervalorizado.

— É. Foi o que achei.

Sua irmã tinha ido cumprimentar Paul Wilkes. Já de volta, apareceu ao seu lado endireitando o blazer.

— Certo. Vamos sair daqui e ligar para dar a boa notícia à mamãe? Ela disse que deixaria o celular ligado. Se tivermos sorte, terá se lembrado de carregá-lo. Oi, Ronan.

Ele se inclinou à frente e lhe deu um beijo na bochecha.

— Que bom ver você, Gemma. Quanto tempo.

— Muito tempo mesmo! Vamos para minha casa — disse, virando-se para Ed. — Há séculos você não vê as crianças. Tenho espaguete à bolonhesa no freezer que podemos comer hoje à noite. Ei, Ronan. Você pode vir também, se quiser. Com certeza podemos botar mais macarrão na panela.

Ronan desviou os olhos, como fazia quando ele e Ed tinham dezoito anos.

Chutou algo no chão. Ed virou-se para a irmã.

— Hã... Gem... você se importaria se eu não fosse? Só dessa vez? — Tentou não notar como o sorriso da irmã murchou. — Definitivamente irei em outra hora. Eu só... tem umas coisas sobre as quais eu realmente gostaria de falar com Ronan. Já faz...

Ela olhava de um para o outro.

— É claro — disse, animada, afastando a franja dos olhos. — Bem.

Me ligue.

Ela puxou a bolsa para o ombro e foi andando até a escada. Ed gritou no corredor movimentado, e várias pessoas ergueram os olhos dos jornais.

— Ei, Gem!

Ela se virou, a bolsa embaixo do braço.

— Obrigado. Por tudo.

Ela ficou ali parada, quase de frente para ele.

— Mesmo. Eu agradeço.

Ela fez um gesto de cabeça afirmativo, a sombra de um sorriso. Depois sumiu entre as pessoas no vão da escada.

— E aí? Hum... Está a fim de beber alguma coisa? — Ed tentou não passar a impressão de estar implorando. Não sabia se estava tendo sucesso. — Estou convidando.

Ronan fez suspense. Só por um segundo. Aquele filho da mãe.

— Bem, nesse caso...

Foi a mãe de Ed que uma vez lhe dissera que os verdadeiros amigos eram aqueles com quem a gente podia sempre retomar a conversa do ponto em que havia parado, mesmo depois de uma semana ou dois anos. Ed nunca tivera amigos suficientes para testar essa afirmação.

Ele e Ronan bebericavam uma cerveja sentados frente a frente a uma mesa bamba no pub movimentado, meio sem jeito a princípio e, depois, cada vez mais à vontade, as piadas familiares pipocando entre eles como alvos a serem acertados com um prazer discreto.

Ed sentiu-se como se tivesse, por fim, sido puxado para a terra depois de meses à deriva. Viu-se observando disfarçadamente o amigo: a sua risada, os seus pés enormes, o jeito como curvava as costas, mesmo a uma mesa de pub, como se estivesse olhando para uma tela. E aquelas coisas que não vira nele antes: como Ronan ria com mais facilidade, os seus óculos novos com armação de grife, a sua segurança tranquila. Quando ele abriu a carteira para pegar um pouco de dinheiro, Ed viu de relance, em meio aos seus cartões de crédito, a radiante fotografia de uma garota.

— Então... como vai a Garota da Sopa?

— Karen? Está boa. — Ele sorriu. — Está boa. Na verdade, estamos indo morar juntos.

— Caramba! Já?

Ele ergueu os olhos quase que de um jeito desafiador.

— Já faz seis meses. E com esses preços dos aluguéis em Londres... as ações de caridade de distribuição de sopa não obtêm exatamente uma fortuna.

— Que ótimo — gaguejou Ed. — Notícia fantástica.

— É. Bem. Está bom. Ela é maravilhosa. Estou muito feliz.

Eles ficaram ali sentados, calados por um instante. Ronan havia cortado o cabelo, Ed notou. E aquele paletó era novo.

— Estou muito feliz por você, Ronan.

Sempre achei que vocês dois formavam um belo par.

— Obrigado.

Ed sorriu para o amigo, que retribuiu o sorriso, fazendo uma careta, como se toda aquela história de felicidade fosse meio embaraçosa.

Ed fitava a sua cerveja, tentando não sentir que havia ficado para trás

enquanto seu amigo mais antigo partia para um futuro mais feliz e alegre. Ao seu redor, o pub se enchia com funcionários saídos de escritórios no fim do expediente. Ele sentiu de repente o limite do tempo, a importância de expor os fatos de forma clara à sua frente.

— Desculpe — disse Ed.

— Por quê?

— Por tudo. Por Deanna Lewis. Não sei por que fiz isso. — Sua voz saiu como um grasnado. — Odeio como meti os pés pelas mãos. Quer dizer, estou triste por causa do trabalho, sim, mas estou arrasado principalmente por ter metido os pés pelas mãos.

Ele não conseguia olhar para Ronan, no entanto sentia-se mais leve por ter falado. O amigo tomou um gole da cerveja.

— Não se preocupe. Já pensei muito sobre isso nos últimos meses e, embora eu meio que não queira admitir, se Deanna Lewis tivesse tentado me seduzir, tenho quase certeza de que teria feito o mesmo. — Um sorriso pesaroso.

— Era Deanna Lewis.

Eles ficaram calados. Ronan recostou-se na cadeira. Dobrou o descanso do copo de cerveja ao meio e, depois, em quatro partes.

— Sabe... não ter mais você lá está sendo interessante — disse, por fim. — Isso me fez entender uma coisa. Não gosto muito de trabalhar na Mayfly. Eu gostava mais quando éramos só você e eu. Todos aqueles Ternos, a coisa de lucros e perdas, os acionistas, isso não tem a ver comigo. Não é do que eu gostava na empresa. Não foi por isso que nós a fundamos.

— Concordo.

— Quer dizer, as reuniões intermináveis... tendo que fazer as ideias passarem pelo pessoal de marketing antes mesmo de avançar com o código básico. Tendo que justificar cada hora de atividade. Sabia que eles querem introduzir gráficos de horas de trabalho para todo mundo? Gráficos de horas de trabalho de verdade! — Ed esperou, então Ronan prosseguiu: — Você não está perdendo muito, pode acreditar — confessou, balançando a cabeça, como se tivesse mais uma coisa a dizer, porém achasse que não devia.

— Ronan?

— Sim?

— Tive uma ideia. Nestas últimas duas semanas. Sobre um novo software.

Andei brincando, trabalhando num software de prognóstico, algo muito

simples que ajudaria as pessoas a planejarem as finanças. Uma espécie de planilha para quem não gosta de planilhas. Para quem não sabe lidar com dinheiro. Alertas apareceriam sempre que o usuário estivesse prestes a ficar sujeito a ser tarifado pelo banco. Teria um cálculo de opção para mostrar quanto somariam diferentes taxas de juros em determinado período. Nada muito complicado. Andei pensando que é o tipo de coisa que poderiam distribuir no Centro de Aconselhamento ao Cidadão.

— Interessante.

— Precisaria ser capaz de se adequar a computadores baratos. A programas que poderiam já ter alguns anos. E a celulares de baixo custo. Não sei se ganharíamos muito dinheiro, em todo caso é algo em que venho pensando. Já fiz uns rascunhos. Mas...

Ronan estava refletindo. Ed via a sua mente funcionar. Já ruminando os parâmetros.

— O lance é que precisaríamos de alguém muito bom em codificação. Para fazer isso.

Ronan estava com os olhos fixos no copo, a expressão neutra.

— Você sabe que não pode voltar para a Mayfly, não sabe?

Ed confirmou com a cabeça. Seu melhor amigo desde a faculdade.

— É. Eu sei.

Os olhos de Ronan encontraram os dele, e de repente os dois estavam sorrindo.

ED

Todos aqueles anos, e ele não sabia de cor o número do telefone da irmã. Ela morava na mesma casa havia doze anos, e ele ainda precisava procurar o seu endereço. Ed parecia ter uma lista cada vez maior de motivos para se sentir mal consigo mesmo.

Ficara parado na frente do King's Head enquanto Ronan ia para a estação de metrô ao encontro de uma garota simpática que fazia sopa, cuja presença em sua vida lhe dera outra dimensão. Ed sabia que não podia voltar para um apartamento vazio, cercado de caixas.

Foram precisos seis toques até ela atender o telefone. E então ele ouviu alguém gritando ao fundo antes de ela atender de fato.

— Gem?

— Sim — respondeu, ofegante. — Leo, não jogue isto pela escada!

— Aquela oferta de espaguete à bolonhesa continua de pé?

Eles estavam constrangedoramente satisfeitos em vê-lo. A porta da pequena casa no Finsbury Park se abriu e ele entrou, passando por bicicletas, pilhas de sapatos e um

cabideiro supercarregado que parecia se estender pelo corredor inteiro. Lá em cima, a batida incessante de música pop repercutia através das paredes conectadas. Competia com os barulhos cinemáticos de um jogo de guerra em alguma espécie de console.

— Ei, você! — A irmã o puxou e lhe deu um abraço apertado. Tirara o *tailleur* e estava de calça jeans e suéter.

— Nem consigo me lembrar da última vez em que você veio aqui. Quando foi a última vez em que ele esteve aqui, Phil?

— Com Lara — disse a voz vindo do corredor.

— Dois anos atrás.

— Cadê o saca-rolhas, amor?

A cozinha estava cheia de vapor e cheirando a alho. No fundo, dois varais cediam sob o peso da roupa pendurada.

Todas as superfícies, na maioria de pinho natural, estavam cobertas de livros, pilhas de papel ou desenhos de crianças. Phil se levantou e apertou a mão de Ed, depois pediu licença.

— Tenho uns e-mails para responder antes do jantar. Você não se importa, não é?— Você deve estar horrorizado — disse a irmã, colocando um copo na frente dele. — Terá que desculpar a bagunça. Ando trabalhando nos turnos da noite, pois Phil tem estado ocupadíssimo e não temos faxineira desde que Rosario foi embora. Todas as outras são meio caras.

Ele sentira falta daquele caos. Sentia falta da sensação de estar incluído num coração barulhento, palpitante.

— Adoro isto — falou, e os olhos dela examinaram os dele rapidamente procurando o sarcasmo. — Não. É

sério. Adoro isto. Dá a sensação de...

— Bagunça.

— Isso também. Mas é bom.

Ele se recostou na cadeira à mesa da cozinha e deu um longo suspiro.

— Oi, tio Ed.

Ele piscou.

— Quem é você?

Uma adolescente de cabelo dourado muito brilhante e com várias camadas de rímel em cada olho sorria para ele.

— Engraçadinho.

Ele olhou para a irmã em busca de ajuda. Ela levantou as mãos.

— Faz tempo, Ed. Eles crescem. Leo!

Venha falar com o tio Ed.

— Pensei que o tio Ed estivesse indo para a cadeia — gritou o menino do outro cômodo.

— Dá licença um instante.

Sua irmã deixou a panela de molho e desapareceu no corredor. Ed tentou não ouvir o gemido ao longe.

— Minha mãe falou que você perdeu todo o seu dinheiro — começou Justine, sentando-se à sua frente e tirando a casca de um pedaço de pão francês.

O cérebro de Ed estava desesperadamente tentando casar a criança magricela e sem jeito que ele vira da última vez com aquele milagre castanho-dourado que o fitava achando certa graça, como se ele fosse uma curiosidade de museu.

— Praticamente.

— Você perdeu seu apartamento sofisticado?

— Vou perder a qualquer momento.

— Droga. Eu ia perguntar se podia fazer minha festa de dezesesseis anos lá.

— Bem, você me poupou o problema de uma recusa.

— Exatamente o que papai disse.

Então, você ficou feliz por não ter sido preso?

— Ah, acho que vou continuar sendo a história que servirá de lição à família por um bom tempo.

Ela sorriu.

— Não seja maldoso, tio Edward.

— É assim que estou sendo apresentado?

— Ah, você conhece a mamãe.

Nenhuma lição de moral é deixada de lado nesta casa. “Está vendo como é fácil acabar no mau caminho? Ele tinha absolutamente tudo e agora...”

— Estou implorando por uma refeição e dirigindo um carro de sete anos.

— Boa tentativa. Mas o nosso ainda ganha do seu por três anos. — Ela olhou para o corredor, onde a mãe falava com o seu irmão em voz baixa. — Na verdade, você não deve ser malvado com a mamãe. Sabia que ontem ela passou o dia no telefone se esforçando para conseguir que você cumprisse a pena em regime aberto?

— É mesmo?

— Ela ficou muito estressada com isso. Eu a ouvi dizendo a alguém que você não duraria cinco minutos em Pentonville.

Ele sentiu uma pontada de alguma coisa que não conseguiu identificar bem.

Estivera tão mergulhado no sentimento de autopiedade que nem considerara como os outros seriam afetados se ele fosse mandado para a cadeia.

— Provavelmente ela tem razão.

Justine puxou uma mecha de cabelo para dentro da boca. Parecia estar se divertindo.

— E o que vai fazer agora que é a vergonha da família, sem trabalho e possivelmente sem casa?

— Não tenho ideia. Será que devo me viciar em drogas? Só para arrematar?

— Eca, não. Viciados são muito chatos. — Ela ergueu as pernas compridas da cadeira. — E minha mãe já está bastante ocupada. Embora, na verdade, eu devesse dizer sim. Porque você tirou completamente a pressão de

cima de mim e do Leo. Agora as expectativas a que temos que corresponder são muito baixas.

— Que bom que fui útil.

— É sério. Mas é bom ver você. — A garota se inclinou para a frente e murmurou: — Você, na verdade, fez a mamãe ganhar o dia. Ela até limpou o banheiro lá de baixo para o caso de você aparecer.

— É. Bem. Vou fazer isso com mais frequência.

Justine semicerrou os olhos como se estivesse tentando descobrir se ele estava falando sério, depois virou as costas e desapareceu escada acima.

— Então o que está acontecendo? — Gemma se serviu de salada verde.
— O que houve com a garota do hospital?

Joss? Jess? Achei que ela estaria aqui hoje.

Era a primeira refeição caseira que ele comia em séculos, e estava deliciosa.

Os outros tinham terminado e saído da mesa, mas Ed estava no terceiro prato, tendo de repente recuperado o apetite que desaparecera nas últimas semanas.

Sua última garfada acabou sendo um pouco exagerada, e ele ficou ali sentado mastigando um bom tempo até conseguir responder.

— Não quero falar sobre isso.

— Você nunca quer falar sobre nada.

Fala sério, vai. É o preço de uma refeição caseira.

— A gente se separou.

— O quê? Por quê?

Três taças de vinho haviam deixado Gemma falante, dogmática.

— Você parecia muito feliz. Mais feliz do que quando estava com Lara, pelo menos.

— Eu estava.

— Então? Nossa, às vezes você é um idiota, Ed. Quando aparece uma mulher que de fato parece normal, que dá a impressão de saber lidar com você, você foge.

— Realmente não quero falar sobre isso, Gem.

— O que foi? Está morrendo de medo de se comprometer? Foi muito perto do divórcio? Você continua querendo Lara, é isso?

Ele pegou um pedaço de pão e passou no molho em volta do prato. Mastigou por mais tempo do que precisava.

— Ela me roubou.

— Ela o quê?

Parecia uma carta de trunfo, colocar aquilo assim. Lá em cima, as crianças discutiam. Ed se viu pensando em Nicky e Tanzie fazendo apostas no banco de trás. Se não contasse a verdade a alguém, poderia explodir. Então lhe contou.

A irmã de Ed empurrou o prato na mesa. Inclinou-se à frente, apoiou o queixo na mão para ouvir, a testa cortada por uma leve ruga. Ele lhe contou a história da câmera de segurança, que retirara as gavetas da cômoda para arrastá-la pelo quarto e que lá estava, em cima de umas meias azuis dobradas com capricho, o seu próprio rosto plastificado.

Eu ia lhe contar.

Não é o que parece. Ela leva a mão à boca.

Quer dizer, é o que parece, mas... Ai, meu Deus, ai, meu Deus...

— Pensei que ela fosse diferente.

Pensei que fosse o máximo, corajosa, cheia de princípios, incrível... Mas, porra, ela era igualzinha à Lara.

Igualzinha à Deanna. Só estava interessada no que podia tirar de mim.

Como ela pôde fazer isso, Gem? Por que não consigo identificar essas mulheres de longe? — Ele terminou, encostou-se na cadeira e esperou. Ela ficou calada.

— O quê? Você não vai falar nada?

Sobre a minha incapacidade de avaliar o caráter das pessoas? Sobre eu ter mais uma vez deixado uma mulher me tirar o que é meu? Sobre como sou um idiota em mais uma coisa?

— Eu com certeza não ia dizer isso.

— O que você ia dizer?

— Não sei. — Ela olhava para o prato. Não demonstrava surpresa de modo algum. Ele se perguntou se dez anos de serviço social haviam feito aquilo, se agora estava inculcado em Gemma parecer neutra qualquer que fosse o fato chocante que ouvisse. — Que já vi coisa pior?

Ele olhou para a irmã.

— Do que me roubar?

— Ah, Ed. Você não faz ideia de como é estar desesperado de verdade.

— Isso não torna aceitável roubar.

— Não, não torna. Mas... hã... um de nós acabou de passar o dia no tribunal se declarando culpado de uso de informações privilegiadas. Não sei bem se você é o melhor árbitro moral por aqui. Coisas acontecem. As pessoas erram. — A irmã se levantou e começou a retirar os pratos. — Café? — Ed continuava olhando para ela. — Vou interpretar isso como um sim. E enquanto eu tiro a mesa, você pode me contar um pouco mais sobre ela.

Gemma se movimentava pela cozinha com graça e discrição enquanto o irmão falava, nunca cruzando o olhar com o dele. Quando Ed finalmente acabou de contar, ela lhe empurrou um pano de prato.

— Então é assim que eu vejo as coisas. Ela está em apuros, não é? Os filhos estão sofrendo bullying. O menino leva chutes na cabeça. Ela tem medo de que isso vá acontecer com a garotinha também. Então acha um maço de dinheiro no pub ou onde quer que tenha sido. Pega o dinheiro.

— Mas ela sabia que era meu, Gem.

— Mas não conhecia você.

— E isso faz diferença?

A irmã deu de ombros.

— Uma nação de fraudadores de seguro diria que sim. — Antes que ele pudesse tornar a protestar, ela prosseguiu: — Honestamente? Não posso lhe dizer o que ela pensou. Mas posso lhe dizer que pessoas em situações de aperto fazem coisas que são idiotas, impulsivas e insensatas. Vejo isso todos os dias. As pessoas fazem loucuras pelo que julgam ser os motivos certos, e umas se safam, outras, não. — Como ele não respondeu, ela acrescentou: — Tudo bem, então você nunca levou para casa uma caneta esferográfica do trabalho?

— Foram quinhentas libras.

— Você nunca se “esqueceu” de pagar um parquímetro e comemorou quando não aconteceu nada?

— Isso não é a mesma coisa.

— Você nunca ultrapassou o limite de velocidade? Nunca fez um trabalho só por dinheiro? Nunca se conectou no Wi-Fi de outra pessoa? — Ela se inclinou à frente. — Nunca exagerou as suas despesas para o fisco?

— Isso não é nem de longe a mesma coisa, Gem.

— Só estou ressaltando que, muitas vezes, a maneira como vemos um crime depende da posição em que estamos. E você, meu irmãozinho, foi um

bom exemplo disso hoje. Não estou dizendo que ela não tenha errado ao pegar o dinheiro. Só estou dizendo que talvez aquele único momento não deva definir quem ela é. Ou o seu relacionamento com ela.

Gem terminou de lavar a louça, tirou as luvas de borracha e as estendeu com cuidado ao lado do escorredor. Então serviu uma caneca de café para cada um deles e ficou ali parada, encostada na pia.

— Não sei. Pode ser que eu apenas acredite em segundas chances. Talvez, se passasse o dia inteiro ouvindo a ladainha da miséria humana como eu ouço no trabalho, você também acreditasse. — Ela se endireitou e olhou para ele. — Talvez, no seu lugar, eu pelo menos ouvisse o que ela tem a dizer. — Gemma lhe entregou uma caneca. — Você sente falta dela?

Se ele sentia falta de Jess? Sentia falta dela como de um braço ou de uma perna.

Passava todos os dias tentando não pensar nela, fugindo do rumo de seus próprios pensamentos. Tentando se esquivar do fato de que tudo o que aparecia à sua frente — comida, carros, cama — lhe lembrava Jess. Tinha uma dúzia de discussões com ela antes do café da manhã, e mil reconciliações apaixonadas antes de ir se deitar.

Lá em cima, num quarto, uma batida forte quebrou o silêncio.

— Não sei se posso confiar nela — disse.

Gemma lançou-lhe o mesmo olhar que sempre lhe lançava quando ele lhe dizia que não podia fazer alguma coisa.

— Acho que você pode, Ed. De algum modo. Acho que provavelmente pode.

Ed terminou o resto do vinho sozinho, depois bebeu a garrafa que ele mesmo trouxera, se jogando no sofá da irmã.

Acordou suado e desganhado às cinco e quinze da manhã, deixou um bilhete de agradecimento para Gemma, saiu, pegou o carro e foi para o Beachfront acertar tudo com a agência administradora.

Mandara o Audi para um negociante na semana anterior, com a BMW, que ficava em Londres, e agora dirigia um Mini de terceira mão com uma moessa no para-choque traseiro. Achara que se importaria mais com aquilo do que estava se importando.

Era uma manhã agradável, sem congestionamento nas ruas, e, mesmo às dez e meia, quando ele chegou, o parque de veraneio fervilhava de visitantes,

o trecho principal de bares e restaurantes cheio de pessoas aproveitando ao máximo o sol raro, andando para a praia carregadas de bolsas com toalhas e guarda-sóis. Ele dirigia devagar, sentindo-se irracionalmente furioso com aquele arremedo estéril de comunidade onde todos estavam na mesma faixa de renda e algo complicado como a vida real não ultrapassava as bordas floridas e perfeitamente alinhadas dos canteiros.

Estacionou na impecável entrada de veículos do número dois, fazendo uma pausa para ouvir o barulho das ondas ao saltar do carro. Entrou em casa e percebeu que não se importava que aquela fosse a última vez que ia lá.

Faltava somente uma semana para a conclusão da venda do seu apartamento de Londres. Sua ideia era passar o tempo restante com o pai. Não tinha outros planos.

Havia fileiras de caixas dos dois lados do corredor com o nome da empresa de armazenagem que as embalara. Ele fechou a porta ao entrar, ouvindo seus passos ecoarem pela casa vazia. Subiu a escada devagar, passando pelos quartos vazios. Na terça-feira seguinte, a van retiraria as caixas e as levaria para o depósito até que Ed resolvesse o que fazer com tudo.

Até então, ele acreditava, enfrentara com determinação aquelas que haviam sido as piores semanas de sua vida. Para quem via de fora, ele parecia uma pessoa decidida, resignada com sua punição. Erguera a cabeça e seguira em frente. Talvez bebendo um pouquinho demais, mas, considerando que perdera o emprego, o lar, a esposa e estava prestes a perder o pai, tudo em pouco menos de doze meses, ele poderia argumentar que estava indo bem.

Foi quando viu quatro envelopes pardos apoiados na superfície de trabalho da cozinha, o seu nome escrito a caneta. A princípio presumiu que fossem cartas comerciais, deixadas pelos agentes da administradora, mas depois abriu uma delas e deparou com as letras roxas filigranadas de uma nota de vinte libras. Pegou o dinheiro e em seguida puxou o bilhete anexo, que dizia somente TERCEIRA PRESTAÇÃO.

Abriu as outras cartas, rasgando com cuidado o envelope da primeira. Lendo o que Jess escrevera, pensou nela sem querer e ficou chocado ao ver que não a tirara da cabeça, que ela estivera ali esperando o tempo todo. Imaginou-a escrevendo com uma expressão tensa e constrangida, talvez riscando as palavras e reformulando-as. Nesse momento, desfaria o rabo de cavalo e tornaria a prendê-lo.

Desculpe.

A voz dela em sua cabeça. *Desculpe.*

E foi então que algo começou a rachar.

Ed segurava o dinheiro na mão e não sabia o que fazer com ele. Não queria as desculpas de Jess. Não queria nada daquilo.

Saiu da cozinha e voltou pelo corredor, apertando as notas amassadas na mão. Sentia vontade de jogar tudo fora. Não queria deixar que aquilo passasse jamais. Ficou andando de uma ponta à outra da casa, para trás e para a frente. Olhava em volta para as paredes que nunca tivera a chance de arranhar e para a vista do mar que nenhum convidado aproveitara. A ideia de que talvez jamais se sentisse à vontade nem integrado em lugar algum era devastadora.

Tornou a andar até o fim do corredor, exausto e irrequieto. Abriu uma janela, esperando se acalmar com o barulho do mar, mas os gritos das famílias felizes lá fora pareciam uma recriminação.

Sobre uma das caixas, havia um jornal de distribuição gratuita que fora colocado em cima de alguma outra coisa. Exausto pelo implacável movimento circular de seus pensamentos, parou e distraidamente ergueu o jornal. Embaixo, encontrou um laptop e um celular. Ele precisou pensar por um segundo para entender por que aqueles objetos estavam ali. Hesitou, depois pegou o telefone, virando-o. Era o aparelho que dera a Nicky em Aberdeen, escondido com cuidado para não dar na vista de quem passasse.

Ele passara semanas sendo alimentado pela raiva e pela traição. Dissipado esse calor inicial, todo um lado seu simplesmente enregelara-se. Em sua indignação, Ed se sentira seguro; em seu sentimento de injustiça, estivera a salvo.

Agora segurava um celular que um adolescente que não tinha quase nada sentira-se na obrigação de lhe devolver.

Ouviu as palavras da irmã e algo começou a desabrochar dentro dele. Que diabo ele sabia sobre qualquer coisa?

Quem era ele para julgar alguém?

Foda-se, disse a si mesmo. *Não posso ir falar com ela, simplesmente não posso.*

Por que deveria?

O que eu diria?

Andou de uma ponta a outra da casa vazia, os passos ecoando no assoalho de madeira, o punho cerrado em volta das notas.

Olhou para o mar e desejou, de repente, que tivesse ido para a cadeia.

Ansiou estar com a cabeça cheia dos problemas físicos imediatos de segurança, logística, sobrevivência.

Não queria pensar nela.

Não queria ver o seu rosto toda vez que fechava os olhos.

Iria embora. Deixaria aquela casa e arranjaría outra, e um emprego novo. E recomeçaria. E largaria tudo aquilo para trás. E as coisas seriam mais fáceis.

Um som estridente — um toque que ele não reconheceu — rompeu o silêncio.

Seu antigo celular, reconfigurado com as preferências de Nicky. Ele olhou para o telefone, para a tela piscando ritmadamente. Número da chamada desconhecido. Após cinco toques, quando o barulho ficou insuportável, ele finalmente atendeu.

— A Sra. Thomas está?

Ed segurou o telefone a distância por um instante, como se o aparelho fosse radioativo.

— Isso é uma brincadeira?

Uma voz fanhosa, espirrando.

— Desculpe. Febre do feno, uma alergia horrível. Será que liguei para o número certo? Para os pais de Costanza Thomas?

— O quê... Quem está falando?

— Meu nome é Andrew Prentiss.

Estou ligando sobre a Olimpíada.

Ele levou um instante para conseguir raciocinar. Sentou-se nos degraus.

— Sobre a Olimpíada? Desculpe...

Como conseguiu este número?

— Estava na nossa lista de contatos.

Deixaram durante a competição. Liguei para o número certo?

Ed lembrou que o telefone de Jess estava sem crédito. Ela devia ter dado o número do celular que ele emprestara a Nicky, e não o dela.

Deixou a cabeça pender na mão livre.

Alguém lá no céu tinha bastante senso de humor.

— Sim.

— Ah, ainda bem. Estamos tentando achar vocês há dias. Não receberam nenhuma das minhas mensagens? Estou ligando para falar sobre a prova... O problema é que descobrimos uma anomalia quando estávamos corrigindo os testes. Na primeira questão havia um erro de impressão, o que

tornou o algoritmo impossível de resolver.

— O quê?

O homem falou como se estivesse proferindo uma série de afirmações batidas.

— Constatamos isso após compararmos os resultados finais. O fato de todos os estudantes terem errado a primeira questão foi um sinal. Não o detectamos inicialmente, pois havia várias pessoas corrigindo as provas.

Enfim, sentimos muito e gostaríamos de oferecer à sua filha a chance de refazer o teste. Estamos fazendo tudo de novo.

— Refazer a Olimpíada? Quando?

— Bem, aí é que está. Será hoje à tarde. Tinha que ser num fim de semana, pois não podíamos esperar que os alunos faltassem aula para fazer a prova.

Na verdade, passamos a semana inteira tentando entrar em contato com vocês por este número, mas ninguém atendia.

Só tentei uma última vez porque ainda havia uma chance remota.

— O senhor espera que ela chegue à Escócia em... quatro horas?

Sr. Prentiss parou para espirrar de novo.

— Não, à Escócia desta vez, não.

Temos que aceitar o espaço que temos disponível. Mas, olhando os seus dados, vejo que vai acabar sendo melhor para vocês, uma vez que moram na costa sul.

O evento está programado para acontecer em Basingstoke. O senhor faria a gentileza de transmitir o recado a Costanza?

— Hã...

— Muitíssimo obrigado. Acho que coisas desse tipo só devem acontecer no nosso primeiro ano. Bem, uma pessoa a menos! Agora só falta eu falar com mais um candidato! O restante das informações está no site, se o senhor precisar.

Um espirro poderoso. E depois o celular desligou.

E Ed ficou na casa vazia, olhando para o telefone.

JESS

Jess vinha tentando persuadir Tanzie a atender à porta. A orientadora da escola lhe dissera que uma boa maneira de começar a recuperar a confiança da menina no mundo externo seria enquanto estivesse em casa. Ela abriria a porta sentindo-se segura por saber que a mãe também estava ali. Essa segurança aos poucos se estenderia a outras pessoas, a ficar no jardim. Seria um ponto de partida. Essas coisas eram progressivas.

Era uma bela teoria. Se Tanzie concordasse com ela.

— A porta. Mamãe.

Sua voz se elevou por cima do som dos desenhos animados. Jess se perguntava quando deveria pegar mais pesado com ela quanto ao hábito de assistir à televisão. Ela calculara na semana anterior que Tanzie estava passando mais de cinco horas por dia deitada no sofá.

— Ela teve um choque — disse-lhe a orientadora. — Mas acho que se sentirá melhor mais rápido se fizer algo um pouquinho mais construtivo.

— Não posso atender, Tanzie — gritou Jess do andar de cima. — Estou aqui com as mãos dentro de uma vasilha de água sanitária.

A voz da filha era um gemido, um novo progresso naqueles últimos dias.

— Não pode mandar Nicky abrir?

— Ele foi à loja.

Silêncio.

O som de risadas da televisão ecoou escada acima. Jess podia sentir, se não ver, a presença de quem esperava à porta, a sombra atrás do vidro. Ela se perguntou se era Aileen Trent. Aileen aparecera quatro vezes sem ser convidada nas últimas duas semanas com “pechinchas imperdíveis” para as crianças. Jess ficou imaginando se a mulher ouvira falar no dinheiro do blog de Nicky. Todos na vizinhança pareciam saber disso.

Jess gritou: — Olhe, vou ficar aqui no alto da escada. Tudo o que você tem que fazer é abrir a porta.

A campainha tocou de novo, duas vezes.

— Vamos, Tanzie. Não vai ser nada ruim. Olhe, coloque a coleira no Norman e leve ele com você.

Silêncio.

Fora do campo de visão, ela baixou a cabeça e enxugou os olhos na dobra do braço. Não podia ignorar aquilo: Tanzie estava piorando em vez de melhorar.

Nos últimos quinze dias ela pegara a mania de dormir na cama de Jess. Já não acordava chorando, mas vinha de mansinho pelo corredor de madrugada e simplesmente entrava na cama da mãe, que acordava ao seu lado sem saber quanto tempo fazia que a menina estava ali. Jess não tinha coragem de lhe dizer para não ir para a sua cama, no entanto a orientadora deixou bem claro que Tanzie já estava muito grandinha para fazer aquilo indefinidamente.

— Tanzie?

Nada.

A campainha tocou uma terceira vez, já estava impaciente.

Jess aguardou. Teria que descer e abrir ela mesma a porta.

— Espere aí — gritou ela, cansada.

Começou a tirar as luvas, mas depois parou ao ouvir os passos no vestíbulo. O chiado pesado de Norman sendo arrastado. A voz doce de Tanzie pedindo que ele fosse com ela, um tom que a menina usava apenas com o cão ultimamente.

E, então, ouviu a porta da frente se abrindo. Sua satisfação ao escutar aquele ruído diminuiu quando ela se deu conta de que deveria ter dito a Tanzie para mandar Aileen embora. Era mais do que certo que a mulher iria entrar na casa, passar reto pela menina, instalar-se no sofá e estender no chão da sala as “pechinchas” de paetê, feitas sob medida para o fraco de Tanzie, de forma que seria impossível para Jess dizer não.

Mas não foi a voz de Aileen que ela ouviu.

— Oi, Norman. — Jess ficou paralisada. — Nossa! O que aconteceu com a cara dele?

— Ele agora só tem um olho. — A voz de Tanzie.

Jess foi na ponta dos pés para o alto da escada. Dali podia ver os pés dele.

Seus tênis Converse. O coração dela disparou.

— Ele sofreu algum tipo de acidente?

— Ele me salvou. Dos Fisher.

— Ele o quê?

Em seguida, veio a voz de Tanzie, sua boca se abrindo e as palavras

saindo apressadas.

— Os Fisher tentaram me fazer entrar num carro e Norman atravessou a cerca para me salvar, mas foi atropelado por um carro e a gente não tinha dinheiro e aí...

Sua filha. Falando como se não fosse capaz de parar. Jess desceu um degrau, e depois outro.

— Ele quase morreu — contou Tanzie.

— Quase morreu, e o veterinário não queria fazer a operação porque Norman estava muito mal com lesões internas, e achou que a gente devia simplesmente deixar ele morrer. Mas minha mãe disse que não queria e que a gente devia dar uma chance a ele. E aí Nicky escreveu um blog contando como tudo tinha dado errado, e algumas pessoas simplesmente mandaram dinheiro para ele. E conseguimos o suficiente para salvar Norman. Então ele me salvou e pessoas que a gente nem conhece salvaram ele, o que é bem legal. Mas agora ele só tem um olho e se cansa muito porque ainda está em recuperação e não faz muita coisa.

Jess conseguia vê-lo agora. Ele se agachara e afagava a cabeça de Norman.

E ela não conseguia desviar os olhos — o cabelo escuro, o modo como a camiseta assentava em seus ombros.

Aquela camiseta cinza. Algo subiu dentro dela e saiu como um meio soluço abafado, e Jess teve que pressionar o braço na boca. Foi quando Ed, naquela posição abaixada, ergueu os olhos para a sua filha com uma expressão seriíssima.

— Você está bem, Tanzie?

Ela levantou a mão e torceu uma mecha do cabelo, como se decidindo quanto lhe contar.

— Mais ou menos.

— Ah, querida.

Tanzie hesitou, rodando o dedo do pé no chão às suas costas, e depois simplesmente deu um passo à frente e foi para os braços dele. Ed os fechou em volta da menina como se estivesse esperando justo por aquilo, deixando-a encostar a cabeça em seu ombro, e eles se limitaram a ficar ali. Jess viu-o fechar os olhos e precisou recuar até um local em que não pudesse ser vista porque temia que, se ele a visse, ela não conseguiria parar de chorar.

— Bem, eu sabia — disse Ed, por fim, quando se separou da menina, e sua voz estava estranhamente determinada. — Eu sabia que este cachorro

tinha algo especial. Dava para ver.

— É mesmo?

— Ah, sim. Você e ele. Um time.

Qualquer pessoa com bom senso via isso. E sabe de uma coisa? Ele ficou bem legal com um olho só. Está meio com cara de brabo. Ninguém vai se meter com Norman.

Jess não sabia o que fazer. Não queria descer porque não conseguiria suportar que ele a olhasse como antes. Não era capaz de se mexer. Não conseguia descer nem se mexer.

— Mamãe nos contou por que você não vem mais aqui em casa.

— Contou?

— É porque ela pegou o seu dinheiro.

— Um silêncio dolorosamente longo. — Ela disse que cometeu um grande erro e não queria que fizéssemos a mesma coisa. — Outro silêncio. — Você veio para pegar o dinheiro de volta?

— Não. Não foi por isso que vim, de jeito nenhum. — Ele olhou para trás. — Sua mãe está aqui?

Não havia como evitar. Jess desceu um degrau. Depois outro, a mão no corrimão. Ficou parada na escada usando as luvas de borracha e esperou os olhos dele se erguerem para os seus.

E o que ele disse em seguida foi a última coisa que ela esperava que ele dissesse: — Precisamos levar Tanzie para Basingstoke.

— O quê?

— A Olimpíada. Houve um erro com a prova da última vez. E estão repetindo tudo. Hoje.

Tanzie virou-se e olhou para a mãe na escada, franzindo o cenho, tão confusa quanto Jess estava. E então, como se tivesse tido uma luz, disse: — Era a primeira questão?

Ele assentiu.

— Eu sabia! — E ela abriu um sorriso, um sorriso súbito, radiante. — Eu sabia que tinha alguma coisa errada com o enunciado!

— Eles querem que ela refaça a prova inteira?

— Hoje à tarde.

— Mas isso é impossível.

— Não vai ser na Escócia. Em Basingstoke. É viável.

Jess não sabia o que dizer. Pensou em todas as maneiras pelas quais havia destruído a confiança da filha empurrando-a para a Olimpíada na

primeira vez. Pensou em seus planos malucos, em quanto sofrimento e prejuízo a viagem causara.

— Não sei...

Ele continuava de cócoras. Esticou a mão e tocou o braço de Tanzie.

— Quer fazer uma tentativa?

Jess via a insegurança da filha. Tanzie agarrava a coleira de Norman com mais força. Cada hora a menina colocava todo o seu peso em um pé diferente.

— Você não precisa, Tanzie — disse Jess. — Não tem a menor importância se preferir não fazer isso.

— Mas você tem que saber que ninguém acertou a questão. — A voz de Ed era calma e segura. — O homem me disse que era impossível. Nenhuma pessoa na sala de exame acertou a primeira questão.

Nicky aparecera atrás dele, segurando um saco plástico cheio de coisas da sua última ida às compras. Era difícil dizer há quanto tempo estava ali.

— Então, sim, sua mãe tem razão, e de jeito nenhum você precisa ir — prosseguiu Ed. — Mas tenho que confessar que, pessoalmente, eu gostaria muito de ver você derrotar aqueles garotos na matemática. E sei que você consegue.

— Vai, Pinguinho — disse Nicky. — Mostre a eles quem você realmente é.

Ela olhou para trás, até Jess. E depois se virou e empurrou os óculos consertados para o alto do nariz.

É possível que todas as quatro pessoas tenham prendido a respiração.

— Está bem — concordou a menina.

— Mas só se pudermos levar o Norman.

A mão de Jess foi parar na boca.

— Você quer mesmo fazer isso?

— Sim. Consegui fazer todas as outras questões, mamãe. Só entrei em pânico quando não fui capaz de resolver a primeira. E a partir dali, tudo deu meio errado.

Jess desceu mais dois degraus, o coração acelerado. Suas mãos haviam começado a suar dentro das luvas de borracha.

— Mas como vamos chegar lá a tempo?

Ed Nicholls se endireitou e olhou-a nos olhos.

— Eu levo vocês.

Não é fácil levar quatro pessoas e um cachorro grande num Mini, sobretudo num dia quente e num carro sem ar-condicionado. Ainda mais se o sistema digestivo do cachorro estiver mais desafiador do que antes, e você tiver que ir a mais de sessenta por hora com todas as inevitáveis consequências decorrentes disso tudo. Eles viajavam com as janelas abertas, quase em silêncio, Tanzie murmurando para si mesma enquanto tentava se lembrar de todas as coisas de que se convencera ter esquecido, e de vez em quando fazia uma pausa para enfiar o rosto num saco estrategicamente posicionado.

Jess lia o mapa, pois o carro novo de Ed não tinha GPS, e usava o celular dele, tentando escolher uma rota longe de engarrafamentos de rodovias e de centros comerciais entupidos. Em uma hora e quarenta e cinco minutos, toda ela transcorrida num quase silêncio estranho, eles chegaram: um prédio de vidro e concreto dos anos 1970 onde um pedaço de papel com a inscrição OLIMPÍADA ondulava ao vento, colado numa placa que dizia NÃO PISE NA GRAMA.

Desta vez, estavam preparados. Jess inscreveu Tanzie, entregou-lhe um par de óculos sobressalentes (“Agora ela não vai a lugar algum sem um par sobressalente”, disse Nicky a Ed), uma caneta, um lápis e uma borracha. Então, todos eles a abraçaram e a tranquilizaram, garantindo que a prova não tinha importância nenhuma, e ficaram em silêncio enquanto Tanzie entrava para enfrentar um monte de números abstratos, e possivelmente os demônios em sua própria cabeça.

Jess rondou a recepção e terminou de assinar a papelada, inteiramente consciente de que Nicky e Ed conversavam no acostamento de grama do lado de fora. Ela os observava com olhares furtivos. Nicky mostrava ao Sr. Nicholls algo no seu antigo telefone. De vez em quando, Ed fazia um aceno de cabeça. Ela se perguntava se era o blog.

— Tanzie vai ficar tranquila, mãe — disse Nicky, alegremente, quando Jess apareceu. — Não se estresse.

Ele segurava a coleira de Norman.

Prometera à irmã que não se afastariam mais de cento e cinquenta metros do prédio para que ela pudesse sentir sua ligação especial com o cachorro mesmo através das paredes da sala.

— É. Ela vai se dar muito bem — assegurou Ed, as mãos enfiadas nos bolsos.

Nicky olhou rapidamente de um para o outro, depois para o cão.

— Bem. Vamos fazer uma pausa para ir ao banheiro. Norman. Não eu — disse o garoto. — Já volto.

Jess observou-o passear devagar pelo quadrante e conteve o desejo de dizer que iria com ele.

E assim restaram somente Jess e Ed.

— Então — disse ela.

Jess cutucou um pingo de tinta na calça jeans. Desejou ter tido a oportunidade de trocar de roupa para vestir algo mais elegante.

— Então.

— Você nos salvou mais uma vez.

— Você parece ter feito um ótimo trabalho salvando todos vocês.

Eles ficaram em silêncio. Do outro lado do estacionamento, um carro entrou derrapando, um menino e a mãe se precipitando do banco de trás e correndo para a porta.

— Como vai o pé?

— Indo.

— Nada de sandália de dedo?

Ela olhou para os tênis brancos.

— Não. Não mais.

Ele passou a mão na cabeça e olhou para o céu.

— Recebi seus envelopes. — Ela não conseguiu falar. — Recebi hoje de manhã. Eu não estava ignorando você.

Se tivesse ficado sabendo... de tudo... eu não teria deixado você lidar com toda a situação sozinha.

— Tudo bem — disse ela bruscamente. — Você fez o bastante. — Havia um pedaço grande de sílex incrustado no chão em frente a Jess. Ela chutou a terra com o pé bom, tentando deslocar a pedra. — E foi muita bondade sua nos trazer para a Olimpíada. Aconteça o que acontecer, vou ser...

— Quer parar?

— O quê?

— Parar de chutar coisas. E parar de falar como... — Ele se virou para ela. — Venha. Vamos nos sentar no carro.

— O quê?

— E conversar.

— Não... obrigada.

— Como assim?

- Eu só... Não podemos conversar aqui fora?
- Por que não podemos nos sentar no carro?
- Prefiro não ir.
- Não entendo. Por que não podemos nos sentar no carro?
- Não finja que não sabe.

Lágrimas brotaram dos seus olhos. E ela as enxugou furiosamente com a palma da mão.

- Eu não sei, Jess.
- Então não posso dizer.
- Ah, isso é ridículo. Venha se sentar no carro.
- Não.
- Por quê? Não vou ficar aqui em pé a menos que você me dê uma boa razão.

— Porque... — Sua voz ficou embargada. — Porque foi onde nós fomos felizes. Foi onde eu fui feliz.

Mais feliz do que fui em muitos anos. E não posso fazer isso. Não posso ficar sentada lá dentro, só nós dois, agora que...

Sua voz falhou. Ela se afastou de Ed, sem querer que ele visse o que sentia.

Sem querer que visse suas lágrimas.

Jess o ouviu chegando perto e parando atrás dela. Quanto mais ele se aproximava, menos ela conseguia respirar. Queria lhe dizer para ir embora, mas sabia que não conseguiria suportar se ele fosse.

A voz dele era um murmúrio em seu ouvido.

— Estou tentando lhe dizer uma coisa.

Ela olhava para o chão.

— Quero ficar com você. Sei que metemos os pés pelas mãos nisso, mesmo assim me sinto mais certo errando com você do que normalmente me sinto quando, em tese, está tudo certo e estou sem você. — Uma pausa. — Porra, não sou bom nisso.

Jess se virou lentamente. Ed olhava para os próprios pés, mas ergueu os olhos de repente.

— Eles me disseram qual foi a questão errada da Tanzie.

— Qual foi? — perguntou ela.

— Era sobre a teoria da emergência. A emergência forte diz que a soma de um número pode ser mais do que suas partes constitutivas. Entende o que estou dizendo?

— Não. Sou uma merda em matemática.

— Significa que não quero repassar tudo aquilo. O que você fez. O que nós dois fizemos. Mas eu só... quero tentar.

Você e eu. Pode acabar sendo uma grande besteira. Mas vou correr esse risco.

Ele estendeu o braço e, com delicadeza, segurou o passador de cinto da calça jeans dela. Puxou-a para si.

Jess não conseguia tirar os olhos das mãos dele. E depois, quando finalmente ergueu o rosto para o dele, Ed olhava direto para ela, e Jess percebeu que estava chorando e sorrindo.

— Quero ver o que podemos somar, Jessica Rae Thomas. Todos nós. O que você diz?

TANZIE

O uniforme da St. Anne's é azul-cobalto debruado de amarelo. E ninguém consegue se esconder vestindo um blazer da St. Anne's.

Algumas garotas da minha turma tiram o blazer quando vão para casa, mas ele não me incomoda.

Quando a pessoa dá duro para chegar a um lugar, é muito bom mostrar aos outros de onde ela é.

O engraçado é que, quando vemos outro aluno da St. Anne's fora da escola, é costume um acenar para o outro. Às vezes é um aceno grande, como o da Sriti. Ela é minha melhor amiga, e sempre dá a impressão de estar numa ilha deserta tentando atrair um avião que passa. Outras vezes, a pessoa faz só um movimentozinho com os dedos ao lado da mochila da escola, como Dylan Carter, que fica envergonhado ao falar com qualquer um, até com o próprio irmão. Mas todo mundo faz isso.

Podemos até não conhecer quem está acenando, mas sempre acenamos para quem está de uniforme. É o que a escola sempre faz. Mostra que somos todos uma família, aparentemente.

Eu sempre aceno, sobretudo se estou no ônibus.

Ed me busca às terças e quintas, porque é quando tenho clube de matemática, e minha mãe trabalha até tarde na firma de faz-tudo que ela abriu. Há três pessoas trabalhando para ela agora. Minha mãe diz que trabalham “com” ela, mas está sempre lhes mostrando como fazer as coisas e lhes dizendo a que lugares ir, e Ed explica que a minha mãe ainda está pouco à vontade com a ideia de ser chefe.

Ele diz que ela está se acostumando com isso. Faz uma careta quando fala isso, como se minha mãe fosse a chefe dele, mas dá para ver que ele gosta.

Desde o início do ano letivo, em setembro, mamãe tira as tardes de sexta-feira de folga, me busca na escola e nós fazemos biscoitos juntas, só eu e ela. Tem sido bom, porém vou ter que dizer a ela que prefiro ficar até tarde na St. Anne's, especialmente agora que vou cursar o Nível A na primavera.

Papai ainda não teve chance de vir aqui, mas nos falamos pelo Skype toda semana e ele diz que virá, sim. Ele vendeu o Rolls-Royce para um

homem do depósito da polícia. Tem duas entrevistas de emprego na semana que vem e está envolvido com muitos projetos.

Nicky está estudando para entrar na faculdade em Southampton. Ele quer ir para a escola de arte. Tem uma namorada chamada Lila, e mamãe disse que isso foi uma surpresa em todos os aspectos. Ele ainda passa bastante delineador, mas está deixando o cabelo ficar da cor natural, que é meio castanho-escuro. Nicky agora está uma cabeça mais alto do que a mamãe e, às vezes, quando estamos na cozinha, ele acha engraçado descansar o cotovelo no ombro dela, como se ela fosse um balcão ou coisa assim. Ainda escreve no blog de vez em quando, só que em geral diz que está muito ocupado e prefere o Twitter hoje em dia, então seria bom eu assumir o blog por uns tempos. Na semana que vem serão menos assuntos pessoais e mais sobre matemática. Estou torcendo para que muitos de vocês gostem de matemática.

Devolvemos o dinheiro a setenta e sete por cento das pessoas que nos mandaram alguma quantia para Norman.

Quatorze por cento preferiram doar o dinheiro para caridade, e nunca conseguimos localizar os outros nove por cento. Minha mãe afirma que está tudo bem, porque o importante é que tentamos, e às vezes não tem problema simplesmente aceitar a generosidade dos outros desde que a gente agradeça. Ela mandou agradecer a você, se você for um desses, e disse que nunca vai se esquecer da bondade de estranhos.

Ed está aqui literalmente o tempo *todo*. Vendeu a casa do Beachfront e agora tem um apartamento minúsculo em Londres, onde Nicky e eu temos que dormir em camas de armar quando estamos lá, mas em geral Ed fica com a gente. Ele trabalha na cozinha usando o laptop, fala com os amigos em Londres com uns fones de ouvido muito legais e usa o Mini para ir a reuniões em toda parte. Continua pretendendo comprar um carro novo, porque é muito difícil cabermos todos lá dentro quando queremos ir a algum lugar, porém o estranho é que nenhum de nós quer mesmo que ele compre. É legal naquele carrinho, com todo mundo espremido, e, nele, eu não me sinto tão culpada com a baba.

Norman está feliz. Faz todas as coisas que o veterinário disse que ele seria capaz de fazer, e a minha mãe diz que isso basta para nós. A lei da probabilidade combinada com a lei dos grandes números estabelece que, para vencer as dificuldades, de vez em quando temos que repetir algumas vezes um acontecimento para conseguir o resultado almejado. Quanto mais se faz,

mais perto se chega. Ou, como explico para minha mãe, às vezes, basicamente, só precisamos insistir.

Já levei Norman para o jardim e joguei uma bola para ele oitenta e seis vezes nesta semana. Ele ainda não traz a bola de volta.

Mas acho que vamos chegar lá.

Fim

Sobre a autora



© Phylis Christopher

JOJO MOYES nasceu em 1969 e cresceu em Londres. Estudou jornalismo e foi correspondente do *The Independent* por dez anos. Publicou

seu primeiro livro em 2002 e, desde então, dedica-se integralmente à carreira de escritora. É autora de *Como eu era antes de você*, *A garota que você deixou para trás* e *A última carta de amor*, também publicados pela Intrínseca. Vive com o marido e os três filhos em Essex, Inglaterra.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA AUTORA





Table of Contents

	Rosto
	Agradecimientos
	Prólogo
	ED
1	JESS
2	TANZIE
3	ED
4	JESS
5	NICKY
6	JESS
7	JESS
8	ED
9	TANZIE
10	JESS
11	ED
12	JESS
13	ED
14	TANZIE
15	

16 NICKY
17 TANZIE
18 JESS
19 ED
20 JESS
21 ED
22 NICKY
23 JESS
24 ED
25 NICKY
26 JESS
27 TANZIE
28 JESS
29 NICKY
30 TANZIE
31 JESS
32 TANZIE
33 ED
 JESS

<u>34</u>	<u>NICKY</u>
<u>35</u>	<u>JESS</u>
<u>36</u>	<u>NICKY</u>
<u>37</u>	<u>JESS</u>
<u>38</u>	<u>ED</u>
<u>39</u>	<u>ED</u>
<u>40</u>	<u>JESS</u>
<u>41</u>	<u>TANZIE</u>
<u>Sobre a autora</u>	